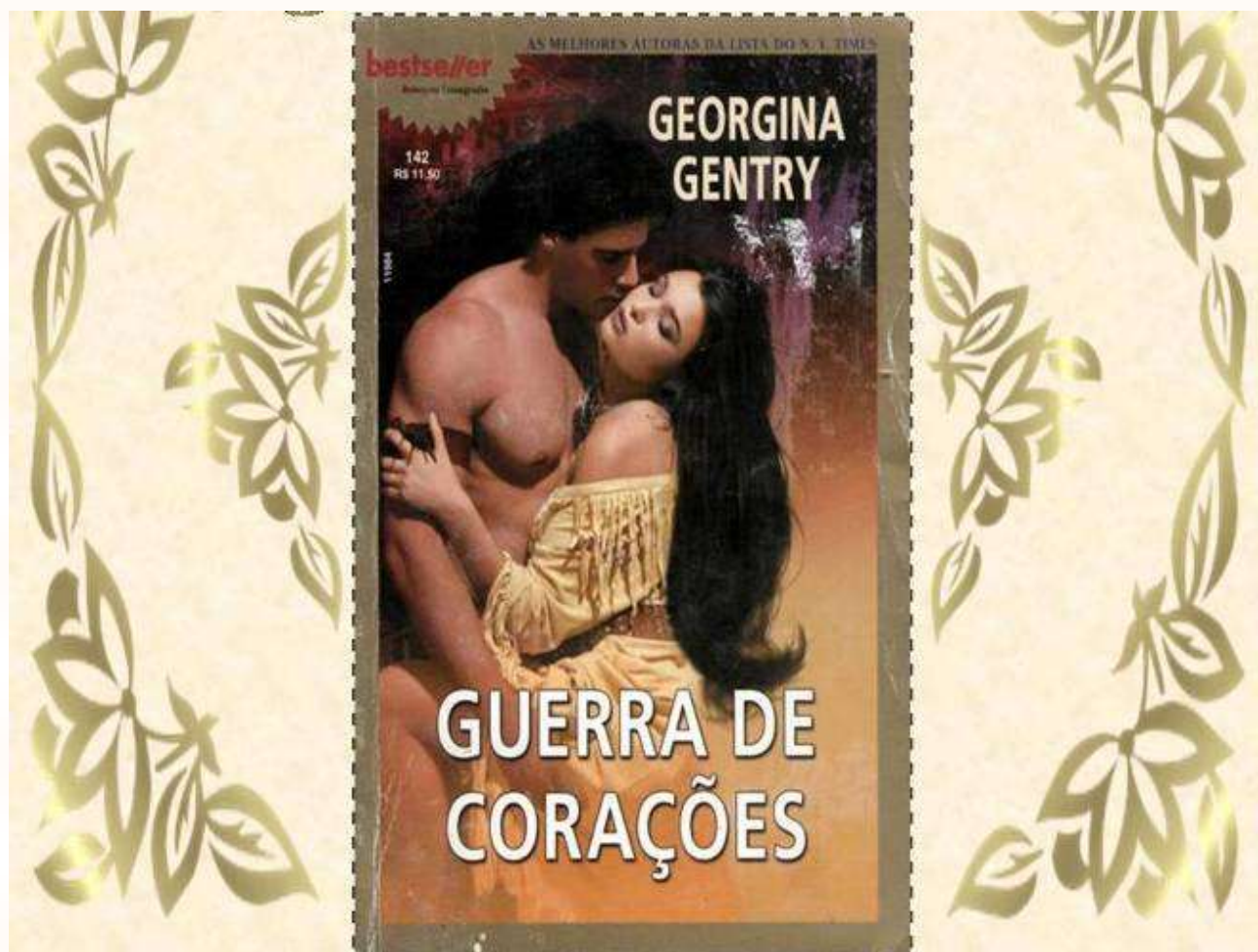


GUERRA DE CORAÇÕES

To Tame a Rebel

Georgina Gentry



Estados Unidos, 1861

Dois homens tomam partidos na guerra, mas não podem escolher seus destinos...

Para manter em segredo o plano de unir-se a seu povo na guerra declarada contra os inimigos, Yellow Jacket é forçado a aprisionar, uma enfermeira como refém.

Ele não tem nada a temer quanto a encantadora Twilight Dumont, exceto a paixão inesperada que poderá derrubar as barreiras existentes entre ambos... ou separá-los para sempre...

Depois de capturar um barco de suprimentos da União, Jim Eagle fica chocado ao descobrir que um dos jovens soldados é, na realidade, uma linda mulher, e espiã.

Agora, Jim se dividido entre um desejo arrebatador pela corajosa e linda April Grant, e seu dever para com a causa rebelde...

Num país devastado por lutas, os caminhos desses dois homens se cruzarão, suas lealdades serão postas à prova, e o amor por duas mulheres extraordinárias fará seus corações bater mais forte do que os tambores de guerra!

Digitalização e Revisão : Marina Campos

Formatação: Jen





Adoro Romances em Ebook

Prólogo

— Você disse que nenhum homem branco no mundo deveria nos molestar... e que se fôssemos feridos, você viria com seus soldados para punir nosso agressor.

Mas agora o lobo veio, homens estranhos ocupam nosso solo, nossas crianças estão assustadas e as mães não conseguem dormir porque sentem medo... Queremos que nos envie uma mensagem e nos diga o que fazer... Meus ouvidos estão abertos e minha memória é boa.

Palavras do chefe do povo Creek, Opothleyahola, a Abraham Lincoln, verão de 1861.

Infelizmente, o presidente está ocupado, no leste, com assuntos mais prementes, com a Guerra Civil. Ninguém responde ao chefe do povo Creek.

Não há soldados a caminho para ajudar a tribo a lutar contra seus invasores.

Os lobos estão chegando, e apenas alguns bravos guerreiros se colocam entre os atacantes e suas presas indefesas.

Um desses guerreiros é Yellow Jacket. Houve um tempo em que esse grande guerreiro e o índio Cherokee Jim Eagle foram amigos; agora devem se enfrentar e matar ou serem mortos.

Duas mulheres muito diferentes amam esses dois bravos, o que complica ainda mais esta saga no território indígena.

Procure uma cadeira confortável e fuja comigo de volta àquele tempo em que o oeste não era civilizado e estava em chamas com a Guerra Civil se espalhando como rastilho de pólvora pelas terras dos índios...

Capítulo Um

A História de Yellow Jacket (Matt Folane)

Virgínia, começo de outubro de 1861

Twilight Dumont estava desesperada e assustada, mas pelo menos, agora não teria de tomar uma decisão. Alguém a estava tomando em seu lugar.

Segurava a carta de Harvey e olhava pela janela tosca para as ruínas de sua fazenda na Virgínia. Malditos renegados ianques que tinham queimado tudo havia dois dias enquanto ela

se escondia, apavorada. Os escravos tinham fugido duas semanas atrás e seguido rumo ao norte.

Twilight passou a mão pelos cabelos abundantes, de tom castanho, e suspirou, sentindo-se culpada por realmente não gostar de seu irmão de criação, Harvey, muito embora tivessem crescido juntos. Leu mais uma vez a carta que ele enviara:

Querida Twilight,

Sei que as coisas devem estar horríveis por aí, já que seu caro esposo faleceu na guerra...

"Caro esposo." Fora um casamento desastroso, mas Pierre era amigo de seu irmão, e Harvey encorajara a união. Com certeza, ele imaginara que o dinheiro de Pierre garantiria a ela uma vida confortável e Twilight não discutira o assunto. As doces moças do sul geralmente faziam o que lhes era ordenado.

Twilight venha para cá, para território indígena, comigo. Tenho uma loja que está indo muito bem, perto do forte, e há uma boa chance de se poder recomendar aqui. Estou lhe enviando dinheiro para pagar a passagem da diligência.

Lembranças carinhosas,

Harvey.

Território indígena... Twilight sentiu seu corpo pequeno estremecer só em pensar nos índios. Todos sabiam que aquele lugar distante era selvagem e sem civilização alguma. Mas, pelo menos, não havia guerra por lá. Ela suspirou mais uma vez e tornou a olhar para fora. Sim, já havia tomado sua decisão. Colocaria seus poucos pertences numa mala e seguiria para o território indígena.

Território indígena, meados de outubro de 1861

Yellow Jacket fechou o cenho, vendo sua sobrinha pentear os cabelos.

— Heruse, onde pensa que vai? — perguntou.

Ela parou com a canção que murmurava e o encarou. Seu nome significava "bonita" no idioma Muskogee e caía-lhe bem.

— Tio, precisa questionar todos os meus movimentos?

Ele cocou o queixo e tornou a fazer uma carranca. A filha de seu falecido irmão era tão linda e ingênua!

— Você tem apenas dezesseis anos e sinto-me responsável em nome de seu pai.

O rosto lindo se entristeceu, mas ela deu de ombros antes de responder:

— Posso tomar conta de mim mesma.

— Fique longe dos soldados. São capazes de dizer qualquer coisa a uma garota índia para atraí-la para debaixo de seus cobertores. Lembre-se: eles mataram seu pai.

Heruse brincou com o bracelete de contas azuis que fora presente do tio, mas não o olhou.

— Juro que não vou ver nenhum deles. Vou apenas visitar uma amiga.

Yellow Jacket meneou a cabeça, insistindo:

— Acho melhor que fique aqui. Logo vai escurecer e, com esses soldados rebeldes acampados por toda parte, não gosto de saber que está sozinha.

Os olhos muito escuros da garota faiscaram.

— Não sou mais criança! Não pode me dizer o que fazer!

— Posso, sim. Devo isso a meu irmão. Heruse aproximou-se.

— Foi um acidente! No forte, dizem que o confundiram com um índio hostil, porque estava escuro!

— Seu pai estava caçando para todos nós — Yellow

Jacket lembrou, paciente. — Agora, fique aqui e prepare-se para dormir; tenho uma reunião com o conselho.

— Tudo o que os homens do conselho fazem é falar, falar, falar... — ela reclamou, fazendo um bico.

— Porque precisam tomar decisões. Os líderes vão se encontrar com Opothleyahola esta noite, para decidirem o que fazer. Estão dizendo que nosso povo poderá ir para o Kansas para juntar-se às forças da União, lá.

— Kansas? Mas isso é loucura! Prefiro ficar aqui!

— Não é uma decisão sua Heruse. Agora, faça o que eu disse. Vou voltar tarde.

— Detesto você! — a garota gritou quando viu que ele lhe deu as costas.

Mas Yellow Jacket nem se importou em responder. Saiu, fechando a porta atrás de si. A morte do irmão pesava em sua alma e odiava os soldados rebeldes pelo que acontecera. Se soubesse qual deles havia sido o responsável, ele o mataria bem devagar. Mas não tinha tempo agora para vinganças pessoais. Os eventos estavam se impondo a todas as cinco tribos civilizadas do território indígena do leste por causa da Guerra Civil dos homens brancos que acontecia bem distante dali.

Ao entrar na escuridão da noite, seguindo para o local da reunião, sentiu o cabo da faca que trazia à cintura. Era perigoso estar assim, sozinho, no meio da noite, mas ele era um guerreiro que nada temia, a não ser desapontar o falecido irmão na criação de Heruse.

Estava um tanto frio. O inverno que se aproximava, talvez fosse bem rigoroso nesse ano, com neve e rajadas de vento gelado. Isso seria ruim para as tribos abrigadas em barracas temporárias, em torno de seu velho chefe, Opothleyahola.

Seguiu por entre as árvores; seus mocassins eram silenciosos como os passos de um felino. Viu a silhueta de uma sentinela e parou, nas sombras, mal respirando.

— Alto! Quem está aí? — perguntou o jovem soldado, parecendo assustado.

Yellow Jacket não respondeu, nem se moveu; poderia pular sobre o jovem e cortar-lhe a garganta, mas isso apenas traria problemas para sua gente quando o corpo fosse encontrado no dia seguinte.

Após alguns segundos, o soldado retomou sua guarda e Yellow Jacket pôde continuar o caminho pela mata, até chegar a uma cabana imersa na escuridão entre as árvores. Do lado de fora, Smoke, o Muskogee negro de sangue mestiço, antigo escravo, montava guarda.

— Yellow Jacket?

— Sim, Ekkuce. — Ele se aproximou do homenzarrão e sorriu. Os negros tinham sido escravos e depois companheiros. Havia muitos deles com sangue mestiço em sua tribo.

— Estão todos aqui?

— Sim. A sua espera.

Sem esperar, Yellow Jacket entrou e saudou a todos os chefes com um movimento de

cabeça. Sentavam-se todos ao redor de uma pequena fogueira.

— Eu estava falando com minha sobrinha — desculpou-se. — As vezes, lidar com as mulheres é mais difícil do que enfrentar dez guerreiros.

Os outros riram enquanto ele se sentava de pernas cruzadas.

— Ela não está satisfeita em ser uma garota Muskogee? — perguntou Alligator, chefe dos Seminoles.

Yellow Jacket negou com a cabeça e explicou:

— Agora que viemos para cá e estamos em lugar fixo, ela vê a vida fácil das garotas brancas e sente inveja.

O velho Opothleyahola respirou fundo e interferiu:

— Já fomos um povo orgulhoso, mas agora que nos forçaram a vir a esta terra, não somos muito mais do que pedintes.

Frágil em sua idade avançada, o líder dos Creeks tinha lutado ao lado dos britânicos na guerra de 1812, e todos sabiam disso. Com extrema educação, Yellow Jacket dirigiu-se a ele:

— Grande chefe, vamos domar esta terra e prosperar nela, assim que os casacos-azuis pararem de lutar uns contra os outros e forem embora.

Alligator tornou a falar:

— Vamos todos agora tomar nossa bebida escura, *usseppassv*, e eliminar as impurezas de nossos corpos antes de nos encontrarmos em conselho.

Todos saíram da cabana e passaram a bebida cerimonial de um a outro. O poderoso composto vegetal logo os fez vomitarem e agora que estavam limpos e prontos podiam tomar as decisões mais importantes do momento.

Voltaram à tenda rota e alguém acendeu um cachimbo, que começou a ser passado para todos. O chefe dos Seminoles, Billy Bowlegs, soltou uma baforada e disse:

— Acho que eles jamais irão embora. Os brancos não ficarão satisfeitos até terem cada pedaço de terra.

E era verdade. Yellow Jacket estava certo disso.

— Diga-nos, grande líder, se já chegou a alguma decisão — pediu, aceitando o cachimbo e tirando uma baforada do fumo perfumado.

Os olhos sem brilho do maior dos chefes passou por todos os presentes.

— Yellow Jacket, você é um dos líderes de meu povo, o guerreiro que os outros seguirão.

Inclinando a cabeça, em sinal de respeito, Yellow Jacket respondeu apenas:

— Nosso povo o segue, grande líder.

O velho índio olhou para as chamas do fogo sagrado que trouxera de sua antiga terra, no sul. As cinzas originais tinham sido enterradas com grande cerimônia ali, na cidade de Tulsey.

— Estou velho e fraco. Logo este território se tornará um campo de batalha quando os casacos-cinza do Texas lutarem contra os casacos-azuis do Kansas. E temos o azar de estar no meio da terra que ambos querem.

Os outros se entreolharam. Um dos bravos de sangue mestiço disse:

— Com quem devemos seguir, grande líder? O velho meneou a cabeça branca.

— Não sei se, no fim das contas, isso vai importar. Seja o lado que for que escolhermos, será um desastre para nossa tribo e nossos parentes, os Seminoles.

Todos consideraram suas palavras com atenção. Yellow Jacket passou os olhos ao redor, vendo os líderes de quase vinte tribos ali sentados em volta do fogo. Um deles opinou:

— Os dois lados nos prometem muito se nos juntarmos a eles.

— E ambos os lados mentem — Yellow Jacket rebateu de imediato. — Não podemos ignorar a guerra dos homens brancos e ficarmos neutros?

Opothleyahola pensou por segundos.

— As tribos do oeste como os Comanches e os

Kiowas estão fazendo isso, mas aqui, na parte leste das nações, os brancos vão nos empurrar para dentro de sua guerra quer queiramos, ou não. Temos de ficar do lado vencedor para que nosso povo se beneficie. Yellow Jacket assentiu e comentou:

— Digo que os casacos-azuis vencerão.

— Talvez não. Os casacos-cinza venceram muitas batalhas ultimamente, no leste, se é que podemos acreditar no que ouvimos. E eles nos oferecem muito: rifles e comida, além de cobertores. Isso, se ficarmos a seu lado. Dizem que vão vencer e que farão do território indígena um estado separado, e que nenhum homem branco poderá ultrapassar nossos limites novamente.

Yellow Jacket não pôde evitar uma expressão de descrença.

— São os homens brancos do sul que nos tiraram do Alabama e da Geórgia, que roubaram nossas terras de lá. Vocês já se esqueceram de quantos dos nossos morreram na Trilha das Lágrimas? Não há um só homem sentado aqui que não tenha perdido muitos de seus antepassados naquela longa marcha forçada. Só estou aqui porque meu irmão mais velho me carregou nas costas na maior parte do caminho.

— Todos sentimos a morte de seu irmão nas mãos dos soldados rebeldes.

— Opothleyahola tomou o cachimbo e puxou a fumaça com prazer; por segundos, não houve som algum dentro da cabana a não ser o estalar do fogo e o murmúrio do vento que soprava lá fora.

— Sim, Yellow Jacket, odiamos os sulistas tanto quanto você e nos lembramos de como roubaram nossas terras e nos enviaram para este lugar hostil.

— E estaremos melhor unidos aos nortistas? — Alligator insistiu.

O líder dos Muskogees assentiu e explicou:

— Recebi uma mensagem do grande chefe branco, Abraham Lincoln, no verão passado. Ele promete nos fornecer suprimentos e nos proteger se ficarmos leais aos casacos-azuis.

— Não confio neles mais do que nos casacos-cinza — Yellow Jacket observou.

Smoke tomou o cachimbo e indagou:

— Então, grande chefe, o que quer que façamos? O velho ponderou por alguns momentos.

— Tenho deixado os rebeldes esperando em suas indagações quanto a nos unirmos a sua causa, mas estão ficando impacientes e insistem numa resposta.

— Talvez possamos permanecer neutros — Smoke sugeriu. — Afinal, essa guerra é dos

homens brancos, não nossa.

O Seminole Billy Bowlegs meneou a cabeça e opinou: Não permitirão que ninguém fique neutro. E, como

meu amigo Yellow Jacket, confio menos nos sulistas

do que nos nortistas.

Opothleyahola assentiu.

— Concordo. Precisamos reunir nosso povo e seguir para o norte. Se pudermos chegar a esse local chamado Kansas, os casacos-azuis protegerão nossas mulheres e crianças.

— Kansas? — A pergunta ficava no ar, vinda de várias bocas enquanto os guerreiros se entreolhavam, interrogativos.

— Grande chefe — Yellow Jacket tomou a palavra pelos demais —, Kansas fica a centenas de milhas de distância e as neves já estão vindo.

— Acha que devemos ficar aqui sentados, pressionados pelos casacos-cinza ou sermos mortos em meio às batalhas do homem branco?

Outro guerreiro pigarreou, dando ensejo a sua opinião:

— Mas temos milhares de pessoas reunidas aqui; velhos, mulheres, crianças. Há, inclusive, alguns das outras tribos da União que estão chegando, isso para não falar em nossos animais.

— Sei muito bem disso — disse o velho chefe. — O livro da bondade do homem branco não fala no povo escolhido por Deus que escapa de seus inimigos e segue para a terra prometida com velhos, mulheres e crianças, além de seus animais?

Alligator mordeu o lábio inferior, pensativo, e comentou:

— Estamos cercados pelos casacos-cinza e eles vão tentar deter nossa partida.

— Então, vamos lutar por nosso direito de seguir! — Yellow Jacket respondeu por seu chefe.

— Mas vamos perder muitos homens! — alguém opinou ao que Yellow Jacket rebateu:

— É melhor morrer tentando juntar-nos às forças da União do que permanecer aqui e sermos mortos pelos casacos-cinza, nos quais sabemos que não podemos confiar.

— Sábias palavras — Opothleyahola apoiou. — Tenho pedido ao Grande Espírito, mas sinto não haver resposta...

Os olhos estavam todos voltados agora para Yellow Jacket. Ele pensava, temendo que estivessem diante de outra Trilha das Lágrimas, fazendo milhares de pessoas marcharem no inverno, sem nem mesmo terem tempo para enterrar seus mortos quando estes caíam pelo caminho... Por fim, decidiu:

— Precisamos ir embora logo para evitar as piores neves.

— Não podemos partir de imediato — opôs-se o grande chefe.

— Há ainda membros de várias tribos chegando de todo o território indígena e trazendo seus animais consigo. Vamos precisar de um bom planejamento e também de um elemento surpresa. Se pudermos estar a caminho alguns dias antes dos casacos-cinza saberem que partimos, teremos melhor oportunidade de escapar.

— Então, devemos jurar segredo — Yellow Jacket propôs.

— E esperamos por seu sinal, grande chefe.

— Talvez o Grande Espírito esteja ao nosso lado — murmurou o velho.

— Seguiremos para noroeste e recrutaremos reforços ao longo da nação Cherokee, depois voltaremos rumo norte. Agora, vamos terminar nossa reunião com cuidado. Não queremos que o coronel dos casacos-cinza, ou seu ajudante, capitão Wellsley, suspeitem de alguma coisa.

O conselho durou horas. Agora todos saíam de volta à noite, assentindo para o gigante negro que ficaria de guarda, para manter a segurança do velho líder indígena.

Heruse já estava com seu plano pronto, enquanto observava o tio saindo para a reunião. Ele até podia ser um grande guerreiro, respeitado por todos, mas por adorá-la, sabia que poderia dobrá-lo à sua vontade. Nessa noite, porém, tinha planos para se encontrar com seu amor.

Esperou durante alguns minutos, após a saída do tio, e depois enfiou alguns travesseiros sob as cobertas de sua cama, para fazer parecer que estava ali, dormindo. Lançou uma última olhada ao espelho, ajeitou o bracelete azul no pulso e saiu, seguindo em direção ao armazém. Seu amor estaria lá, à sua espera e ela tinha algo muito importante a lhe dizer: tinha certeza de estar carregando um filho dele.

Harvey Leland ergueu os olhos do livro-caixa e franziu o cenho ao ver Heruse entrar.

— Não mandei chamá-la — disse logo.

— Querido, não me mandou nem uma palavra já faz algum tempo...

— Alguns dias apenas. — Fechou o livro com estupidez. Na verdade, estava farto da tola garota Injun. Além do mais, estava agora com medo. — Por que não me disse que Matt Folane é seu tio?

Matt Folane era o nome branco de Yellow Jacket. Heruse caminhou devagar pela loja, passando os dedos delicados por fitas e tecidos, fazendo com que as contas de seu bracelete brilhassem suavemente à luz do lampião de querosene.

— Nem me lembrei — explicou.

— Mentira! Escondeu isso de propósito. — Ele se levantou e deu passos mancados pela loja, até a garota. — Sabia muito bem que eu pensaria melhor antes de...

— Pensaria mesmo? — Heruse passou os braços pelo pescoço de Harvey, olhando-o intensamente.

Com o corpo reagindo de imediato ao calor das curvas dela, Harvey tentou manter-se sob controle e a afastou.

— Qualquer um com juízo saberia manter-se a boa distância daquele guerreiro. Dizem que ele foi da Cavalaria Ligeira e que matou muitos homens.

— Pode ser. — Ela riu. — Sabe o que Folane significa em seu idioma? É a mesma coisa que Yellow Jacket. Uma vespa perigosa, cuja picada é muito dolorida.

Harvey estremeceu.

— Sabe muito bem o que seu tio pensa dos brancos, em especial dos sulistas. Devia ter me avisado. Aliás, onde está ele agora?

— Foi a uma reunião sem importância e não vai voltar tão cedo. — Heruse colocou-se nas pontas dos pés para beijá-lo.

Harvey a queria demais, mesmo sabendo do perigo que corria. Correspondeu ao beijo com ardor e murmurou em sua boca:

— Se ele não vai perceber sua ausência... poderíamos. ..

— Sim, podemos. — Heruse tomou-o pela mão e puxou-o para o cômodo que havia nos fundos da loja.

— Espere! Deixe-me apagar o lampião e trancar a porta. E bom termos cuidado.

Após fazer isso, Harvey a seguiu até seu quarto. Ali, outro lampião lançava uma claridade difusa ao ambiente. Heruse logo se acomodou na cama estreita. Mas antes de começar a se despir, disse:

— Precisamos conversar.

— Agora, não. — As palavras não eram mais do que um sussurro rouco, enquanto Harvey tirava a camisa, apressado. Ficaria com ela mais uma vez e depois a dispensaria. Sua meia-irmã chegaria em breve, na diligência, e não queria ter de explicar a ela a presença da garota índia.

— Agora, sim — Heruse insistiu, mesmo quando ele se deitou e começou a abrir a parte de cima de seu vestido. — Preciso lhe dizer uma coisa.

Mas Harvey não queria ouvi-la. Beijou-a alucinadamente, com a mesma paixão com que a tomara naquela primeira noite, em julho, e percebera que era seu primeiro homem.

— Depois — gemeu. — Vamos fazer amor primeiro. Heruse, porém, empurrou-o, saindo de baixo de seu corpo.

— Não! Agora!

Ele estava respirando com dificuldade, e sua expressão era zangada.

— Menina má! Me provoca, me deixa neste estado e depois...

— Lembra-se da nossa primeira noite? — Ela sorria.

— Claro. Vamos repeti-la, certo?

— Lembra que prometeu se casar comigo?

Prometera? E o que isso importava agora? Prometeria qualquer coisa só para ter a deliciosa indiazinha sob seu corpo.

— Talvez, um dia — rebateu, tentando puxá-la para si, mas ela o evitou.

— Não, Harvey. Precisamos falar sobre isso agora.

— Oh, mas que inferno! Está bem! Eu me caso com você. Agora, vamos fazer amor. — Mais uma vez, ele tentou enlaçá-la, e mais uma vez foi empurrado.

— Harvey, acho que vou ter um bebê.

— O quê?! — A paixão desapareceu por completo. Harvey sentou-se na cama e passou a soltar imprecações. À suas costas, Heruse começou a chorar.

— Achei que ficaria feliz...

— Feliz?! Não quero um mestiço!

— Mas podemos nos casar e posso ajudá-lo a cuidar do armazém.

— Olhe aqui, sua índia Injun! Já há alguém vindo para cá, para me ajudar na loja. Ela vem na próxima diligência e...

— Uma mulher branca? — Heruse parecia enciumada e brava. — Você tem uma mulher branca?

Harvey suspirou, sem vontade de explicar.

— Vai ter que encontrar algum guerreiro Injun para desposá-la, se está grávida.

— Mas, Harvey, nunca houve outro homem para mim sem ser você!

Uma idéia terrível ocorreu a ele.

— Já falou sobre essa criança com alguém? Heruse escondeu o rosto nas mãos, chorando, e respondeu:

— Não. Você disse para não dizer a ninguém sobre nós.

Aliviado, Harvey imaginou que não teria de enfrentar a vingança furiosa de Folane. Todos diziam que o guerreiro podia cortar a garganta de um homem ou quebrar-lhe a espinha sem dificuldade.

— Mas se não manter sua promessa de se casar comigo, vou contar a meu tio.

— Ouviu Heruse ameaçar e sentiu um frio nas veias.

— Não pode fazer isso — disse, encarando-a. — Vai cair em desgraça se a novidade se espalhar.

— Não me importo! — Ela se ajoelhou na cama e passou a gritar:

— Meu tio vai obrigá-lo a se casar comigo! Vou contar a ele! Juro que vou!

— Estava histérica agora, soluçando e batendo contra o peito de Harvey.

— Pare! Alguém pode ouvir!

— E daí? Não me importo que todos saibam.

— Cale a boca! Pare de gritar desse jeito! — Ele estava apavorado. Algum soldado confederado acampado por perto ou algum dos índios Injuns poderiam ouvi-la. Não queria que encontrassem a garota seminua em sua cama. Teria de acalmá-la de alguma forma. Colocou a mão sobre sua boca, mas ela não parou de se mover, e teve de pôr mais força em seu gesto. — Fique quieta, sua vadiazinha! Pare de gritar agora mesmo!

Lutaram por alguns minutos na cama, porém Heruse não era páreo para a força dos braços de ele. Tentou abafar os gritos dela, e sentiu ela cravando os dentes em seus dedos. Afastou a mão com um palavrão, ouvindo-a gritar novamente. Tinha de fazê-la parar. Agarrou-a pelo pescoço, sentindo as unhas no rosto, ferindo-o. O bracelete de contas azuis se partiu, espalhando-as por toda parte.

— Cale-se! — gritou já em pânico. Apertou os dedos em torno do pescoço da garota, e os dela agarraram suas as mãos, desesperados. E se alguém tivesse ouvido os gritos? Podia até ver o guerreiro enorme entrando, arremessando-o contra a parede e tirando a faca afiada e imensa da cintura...

Precisava apertar o pescoço até que Heruse se calasse e então pudessem conversar. Prometeria casamento para ganhar tempo; precisava pensar no que fazer a seguir. Seu desejo lhe tirara o bom senso e agora estava numa encrenca sem tamanho.

Já não ouvia os gritos. Os olhos de Heruse estavam arregalados e ela lutava para respirar. As mãos frágeis ainda apertavam as dele, mas não tinha como se defender de sua força. Ele estava muito além de qualquer pensamento sensato; suava frio e parecia cego de pavor e raiva. Matt Folane não podia descobrir. Não podia!

Heruse já não gritava e pouco se debatia. Finalmente poderia fazê-la entender. Encontraria um jeito de se livrar da situação sem ter de se casar com ela.

Precisava salvar sua pele; fora esse, afinal, o motivo que o fizera seguir para território indígena a fim de fugir da guerra.

— Por favor, cale-se — murmurou ainda.

Os olhos de Heruse, agora, estavam revirados nas órbitas. Harvey sentia o suor escorrendo pelas grandes entradas que tinha nas têmporas e algumas gotas chegaram a pingar no rosto moreno da indiazinha. Olhou-a com atenção. O que fizera?!

Lentamente, retirou as mãos que seguravam o pescoço delicado. Por que ela estava tão calada? Havia marcas escuras onde seus dedos a tinham apertado.

— Heruse?...

Não houve resposta. E o silêncio foi ainda mais aterrador do que os gritos de antes.

— Desculpe. Eu não pretendia apertar com tanta força. Mas é que entrei em pânico quando você ameaçou contar a seu tio... Todo mundo tem medo dele.

O silêncio prosseguia. Harvey sacudiu-a de leve.

— Olhe, estou cansado dessas encenações, sabia? Agora, abra os olhos e vamos conversar!

Imóvel, Heruse era ainda mais linda deitada nas cobertas claras. Uma sensação de terror começou a invadir o coração de Harvey. Uma sensação muito pior do que o medo de enfrentar a fúria vingativa de Matt Folane.

— Heruse, abra os olhos agora mesmo!

— Passou a sacudi-la com força.

— Pare de fingir!

Mas a cabeça de Heruse tombava de um lado para outro, seus olhos meio abertos estavam parados.

— Oh, meu Deus!...

— Harvey começou a chorar. Não pela garota, mas por si mesmo. Era um homem marcado agora. Não podia sequer imaginar a maneira terrível como aquele guerreiro colossal se vingaria pela morte da sobrinha. Ou, talvez, o exército confederado o enforcasse. E tudo isso enquanto Twilight estava vindo, e seu futuro, tão bem planejado...

Talvez não fosse tarde demais, avaliou. Podia esconder o corpo ou, pelo menos, retirá-lo do armazém. Era o que faria! Qualquer coisa para guardar segredo. As marcas no pescoço de Heruse mostrariam a todos que ela fora sufocada. Quanto tempo levaria para que desconfiassem? Desconfiariam que tinham sido amantes? E se alguém a tivesse visto entrando na loja? Não importava. Tudo o que precisava fazer era livrar-se do cadáver.

Vestiu-se depressa. As bolinhas que mantinha dentro da bota para dar-lhe aparência de manco rolaram para fora e não se importou em juntá-las. Ninguém o veria na escuridão da noite, então não descobririam que sua deficiência era falsa.

Abriu a porta para a brisa gelada da noite. Correu a pegar seu casaco e, enquanto o vestia, olhou para o chão. As contas azuis estavam por toda parte; precisava recolhê-las.

Ajoelhou-se, passando a pegá-las, sem ousar olhar para Heruse em sua imobilidade mórbida. Era difícil enxergar, mas colheu todas as contas que conseguiu. Ouviu um ruído lá fora. Seria uma sentinela ou Matt Folane que já estava a sua procura?

Enfiou as contas no bolso do casaco e voltou-se para a garota morta. Tinha de tirá-la de sua cama. Talvez pudesse fazer parecer que fora um acidente... Sim! E ninguém nunca descobriria.

Não queria tocar o corpo, mas tinha de fazê-lo. Já surrara muitos escravos, matara galinhas e chutara alguns cachorros e gatos em seus quarenta anos de vida, mas jamais matara um ser humano. Não tinha coragem para tanto. Respirou fundo e tomou o corpo sem vida nos braços. A cabeça tombou para trás, expondo as marcas ainda mais escuras agora. Os longos cabelos negros chegaram a tocar o piso. Para onde ir? O que fazer? Estava apavorado e trêmulo. Pegou um rolo de corda de um prego na parede. Saiu pela porta dos fundos, seguindo para a escuridão da mata. O chão estava escorregadio, molhado, sob seus passos. Seu coração batia com tanta força, que tinha certeza de que acordaria todos no acampamento indígena e nas tendas dos confederados.

E se encontrasse alguém? Como explicar que estava carregando uma índia seminua e morta? Sentiu vontade de vomitar só em imaginar a situação. Mas não podia deixar que isso acontecesse agora. Deixaria para tremer e sentir receio depois, quando estivesse de volta ao armazém, tomando uma bebida. O que precisava fazer era garantir que ninguém ligasse o cadáver de Heruse a sua pessoa. Twilight chegaria dentro de alguns dias e já tinha planos para sua meia-irmã viúva. Só precisava de um pouco de sorte e então tudo ficaria bem, mas no momento, precisava livrar-se do corpo daquela indiazinha vadia.

Já era bem tarde e a noite estava gelada quando Yellow Jacket entrou em sua cabana de madeira. Não acendeu o lampião para não acordar a sobrinha; podia ver o formato de seu corpo sob as cobertas. Queria muito que seu irmão estivesse vivo, pois sentia não ter habilidade suficiente para dominar a bela e teimosa garota.

Contudo, tinha preocupações maiores do que essa, agora que Opothleyahola e o conselho haviam decidido levar centenas de pessoas e animais através de forças hostis e um clima terrível até o Kansas. O povo queria ir? Teriam de querer, ou seriam mortos pelo número crescente de soldados rebeldes.

Fez uma prece para o Grande Espírito e deitou-se.

Era quase alvorecida quando acordou. Sentou e espreguiçou-se, respirando fundo, para sentir o aroma agradável de café. Heruse, porém, ainda não devia ter acordado. Levantou-se e, pegando a camisa, seguiu até o quarto dela. Viu-a ainda sob as cobertas. Que dormisse. Haveria tantas atribulações e cansaço para sua tribo no futuro próximo, que era melhor poupá-la disso por enquanto.

Seguiu para a cozinha, atizou o fogo na lareira de pedras, avaliando que precisava buscar um pouco de lenha. Vestiu um casaco de pele de veado e calçou seus mocassins, seguindo para a mata. A geada deixara desenhos delicados sobre o chão e as plantas. Sorriu e respirou fundo, sentindo o cheiro da manhã que se abria. A vida tinha sido boa até o momento em que os Muskogees foram forçados a deixar o Alabama pelos odiados soldados sulistas, mas ele e seu irmão tinham vivido bem na nova terra, com um bom gado e boas colheitas. Pegou um machado e embrenhou-se na mata. A manhã surgia na paisagem de outono enquanto dedicava-se a cortar a lenha, exercitando os músculos dos braços e costas.

— Yellow Jacket! Yellow Jacket!

Os gritos o fizeram voltar-se. Amole corria em sua direção.

— Venha depressa! Algo terrível aconteceu!

Ele deixou o machado de lado, ainda calmo.

— Smoke, o que pode ser tão...

— Heruse!

— Ora, não seja tolo. Ela está dormindo.

O mestiço negou com a cabeça, respirando com dificuldade.

— Não, amigo. Oh... é terrível!

À distância, gritos e lamentos começaram a ecoar. Yellow Jacket saiu correndo e, voltando para a cabana, afastou as cobertas, vendo os travesseiros. Seu coração passou a bater descompassado, e voltou-se para encarar o amigo, que o seguira.

— O que?... — começou a perguntar, mas o mestiço puxou-o consigo.

— Venha! Eu mesmo a encontrei. Sinto muito. Muito, mesmo.

Ele mal ouvia as palavras do amigo; segurou-o pelos braços, aflito:

— Diga-me o que aconteceu!

— Por aqui.

Yellow Jacket tinha o coração na boca. Os gritos e lamentos ficavam a cada passo mais altos e tristes. Seguiu às cegas, pela mata, até passarem por curiosos que se juntavam à comoção. Parou, de repente, diante da cena que os aguardava. Por frações de segundo, seu cérebro recusou-se a reconhecer o que via. Piscou várias vezes, na esperança de que a imagem desaparecesse, mas isso não aconteceu. Sua preciosa sobrinha ali estava, pendurada no galho de uma árvore, com uma corda ao pescoço, e seu corpo balançava de forma grotesca ao sabor da brisa.

— Não! — murmurou, para depois erguer a voz: — Não! Vamos baixá-la para que ela possa respirar!

Vários homens apressaram-se a ajudá-lo; alguém cortou a corda e Yellow Jacket amparou o corpo nos braços, depositando-o gentilmente sobre o solo.

— Heruse! Heruse, fale comigo!

Os membros da tribo que ali se reuniam mantinham um silêncio espectral. Os lamentos cessaram. Yellow Jacket trouxe o rosto pálido da sobrinha para junto do seu e sentiu as lágrimas correrem. Não, não podia chorar! Era um guerreiro e suportara o sofrimento e a fome em muitas ocasiões. Mas nada comparado ao que sentia agora... O velho chefe Opothleyahola abriu caminho por entre os que ali estavam; todos se afastavam em respeito, para deixá-lo passar.

— Oh, meu filho, seu sofrimento é meu também — disse o velho.

— Sua sobrinha teve algum motivo para por fim à vida?

Ele não sabia. Meneou a cabeça, ainda em choque.

— Não posso crer que ela tenha feito isto — murmurou.

— Não... Foi alguém. Alguém matou minha sobrinha!

Houve murmúrios, comentários, e olhares trocados. Ninguém ali acreditava num crime. Yellow Jacket ninava a sobrinha como se acreditasse que, assim, poderia trazer calor e vida a seu corpo. Queria gritar, chorar e bater em alguém. Jurara a seu irmão às portas da morte, que cuidaria de Heruse, e falhara. Alguém tinha de ser o responsável pela morte dela. Perdera toda sua família. Toda ela...

O velho chefe tocou-o no ombro.

— Deixe as mulheres levarem-na e prepararem-na para o funeral.

Yellow Jacket negou com a cabeça e abraçou-a com mais força.

— Talvez, se o curandeiro ou o médico dos brancos...

— Heruse está morta, meu filho — Opothleyahola sussurrou-lhe ao ouvido.

O grande guerreiro ergueu mais uma vez os olhos para seu chefe. Neles, havia lágrimas que lhe dificultavam a visão, mas que não deveria derramar. Depois tornou a olhar para o rosto de sua sobrinha; ele estava contorcido, como se a morte tivesse sido difícil. Pegou a faca e cortou a corda que pressionava a pele tenra. Por baixo dela, as marcas eram quase negras.

— Vou levá-la às mulheres — disse, levantando-se com a garota nos braços. Ela era tão leve para a força de seus músculos.

Com um gesto de Smoke, um caminho se abriu entre os curiosos. Por ele, Yellow Jacket seguiu de volta à sua cabana, onde sabia que as mulheres da tribo se reuniriam para cuidar do corpo. Ao chegar, elas já estavam ali. Colocou-a sobre a mesa tosca e somente então percebeu que Heruse não estava usando seu bracelete de contas. Sabia o quanto ela gostava do ornamento. Tinha de encontrá-lo para que a sobrinha fosse enterrada com ele.

— Cuidem dela — disse antes de sair. Smoke estava lá fora e tocou-lhe o ombro.

— Sinto muito, meu amigo. Há algo que eu possa fazer por você?

— Não. Quero ficar sozinho. Diga aos outros.

O mestiço assentiu, compreensivo, enquanto o via caminhar para onde o cadáver fora encontrado. Ali, Yellow Jacket ficou por algum tempo, olhando para os altos galhos sem folhas. Heruse parecera-lhe feliz, na noite anterior, enquanto escovava os cabelos. Talvez estivesse esperando que ele sáísse para se encontrar com alguém, mas... Quem? Uma amiga? Um jovem guerreiro? Algum soldado branco? Tal idéia o fez cerrar os dentes.

Passou a olhar em torno da árvore, à procura do bracelete. Mas nada encontrou. Teria Heruse encontrado alguém ali, embaixo da árvore? Ele era um excelente rastreador, mas muitas pessoas haviam pisado o solo úmido daquele espaço nas primeiras horas do dia. Prestou atenção, notando, pela primeira vez, as marcas de botas de um homem branco; marcas pequenas; tentou segui-las, mas pouco adiante elas desapareciam numa parte seca e coberta de grama.

Yellow Jacket decidiu falar com as garotas amigas de Heruse. Nenhuma delas, porém, disseram algo de interessante sobre o fato. Uma delas lembrou-se de que Heruse falara num namorado, mas não fazia idéia de quem poderia ser. Yellow Jacket sabia que devia ser um homem branco. Se fosse um rapaz Muskogee, sua sobrinha não teria mantido segredo. Então, se era um homem branco, quem poderia ser entre os muitos soldados sulistas que ali estavam? E que responsabilidade ele teria na morte de Heruse? Quando descobrisse, mataria o infeliz bem devagar, com muita dor, como apenas um guerreiro índio sabia fazer.

Enterraram Heruse naquela mesma tarde, junto ao túmulo de seu pai, enrolada nas mantas cerimoniais, e de frente para o nascer do sol. Yellow Jacket fez um juramento silencioso então: encontraria e mataria o homem que fizera aquilo à sua sobrinha.

A tribo estava rodeada por soldados confederados, e um deles, vestido num uniforme com botões brilhantes, poderia virar a cabeça de uma garota inocente com facilidade.

Conforme a terra era jogada sobre o corpo de Heruse, Yellow Jacket sentiu seu ódio pelos soldados sulistas aumentar mais do que nunca. Eles tinham roubado as terras de sua gente, forçado as cinco tribos rumar por um caminho horrível; um deles havia matado seu irmão querido e agora, outro decerto tinha matado sua sobrinha adorada.

Queria vingança, mas ela teria de esperar. Agora não tinha tempo para sofrer; havia

muito a ser feito para tirar sua gente do território índio e levá-los em segurança para o Kansas antes que os rebeldes descobrissem seus planos.

Os Muskogees, seguindo ordens de Opothleyahola, começaram a se preparar para a partida. Seria complicado levar seis mil pessoas para o norte. O Kansas seria sua terra prometida, bem longe dos detestados sulistas que, devagar, estavam cercando e dizimando todas as tribos da união indígena.

Twilight Dumont respirou fundo quando a diligência parou e o cocheiro saltou da boleia para vir abrir a porta. Aceitou a mão que ele ofereceu e ergueu a barra da saia para poder descer os dois degraus até o chão. Passou os olhos ao redor, notando detalhes. O forte, com suas poucas cabanas de madeira pareceu-lhe bem mais pobre do que esperava e havia índios por toda a parte, observando-a em silêncio. De repente, sentiu vontade de voltar para dentro da diligência e pedir ao cocheiro que saísse dali depressa, mas em seguida seu meio-irmão apareceu, saindo da cabana maior, na qual havia o mastro do regimento, e desceu os degraus, mancando, e vindo em sua direção.

Em seu rosto, havia um sorriso largo e seus braços estavam abertos para recebê-la.

— Minha querida, que bom que chegou! Como foi sua viagem?

Harvey estava mais gordo e mais calvo do que ela se lembrava.

— Sem problemas — respondeu, aceitando o abraço. Sentia-se um tanto culpada por nunca ter gostado dele de verdade. — Foi muita bondade sua mandar me buscar.

— De jeito nenhum! — Ele tentou beijá-la na boca, mas encontrou apenas seu rosto.

— Preciso, mesmo, de ajuda, no armazém. Trouxe sua sacola de remédios?

Twilight assentiu, porém logo sentiu-se gelar, ao ver, por trás de Harvey, o maior índio que jamais imaginara. Ele tinha cabelos longos e usava calças de pele de cervo; tinha um aspecto viril e selvagem e havia tamanho ódio em sua expressão, que a deixou assustada.

— Quem... quem é aquele?

Harvey voltou-se para ver. O rosto mudou de expressão; parecia haver medo em seus olhos.

— Vamos entrar e eu lhe explico quem é ele. Houve uma tragédia aqui há alguns dias; uma garota Creek cometeu suicídio.

— Que horror! — Ela estremeceu diante da forma como o índio a olhava; então tomou o braço que o irmão lhe oferecia e entrou com ele no armazém.

Yellow Jacket permaneceu parado, olhando para a moça branca. Era a mais linda que já vira; pequena, com corpo curvilíneo, escondido naquelas estranhas roupas apertadas que as mulheres brancas gostavam de usar, apesar de estar usando preto, o que indicava estar de luto. Notou que por baixo do chapéu elegante, de abas largas, seus cabelos eram de um castanho-claro, e sua pele, de um tom suave; mas foram os olhos que mais o impressionaram; tinham uma cor diferente, cinzenta, como a do céu pouco antes do anoitecer; o momento que os brancos costumavam chamar de crepúsculo.

Era uma mulher sulista, sem sombra de dúvida. Ele percebeu logo o sotaque característico quando ela trocou algumas palavras com o comerciante avaren-to que devia ser seu parente. E, quando olhara em sua direção, ficara óbvio que sentira repulsa, pois logo desviara os olhos, como se a visão de um índio a fizesse sentir nojo ou medo.

Yellow Jacket cerrou os dentes e se afastou, com uma impressão ruim da mulher. O que mais o repug-nava era a forma familiar com que o comerciante a saudara. Ele não gostava de

Harvey Leland. O sujeito enganava os índios em seu estabelecimento sempre que podia. Com certeza, aquela devia ser sua mulher, que chegava para partilhar com ele os ganhos desonestos de sua loja.

A dor pela perda da sobrinha ainda era intensa; não conseguia acreditar que ela tivesse tirado a própria vida. Não sabia por que, mas tinha a impressão de que isso fora obra de algum namorado branco que ela deveria ter.

Brancos... Todos eles, em especial os do sul, pareciam ser a fonte de todos os problemas dos índios. Mais soldados rebeldes estavam chegando e em breve haveria muitos deles ali. Seu povo precisava deixar a região o quanto antes, ou seria tarde demais. Deixou de pensar na bela mulher branca que acabara de chegar e seguiu em busca de seu velho chefe para discutir problemas mais urgentes.

Na loja, Twilight passou os olhos ao redor; notou tudo o que havia para vender: equipamentos agrícolas, ferramentas, rolos de tecido barato, fitas, e pequenos objetos. Uma mistura de cheiros chegou em suas narinas: pickles, folhas de fumo...

— Bem, Harvey, isto é bem melhor do que eu tinha lá na Virginia.

Ele sorriu e tomou-lhe a mala.

— Acho que será muito feliz aqui. Mais cedo ou mais tarde, estas terras estarão abertas à colonização e saiba que são terras muito férteis, com excelentes oportunidades para todos.

Twilight tirou o chapéu e suspirou.

— Há tantos índios... Aquele, lá fora, que ficou me olhando... me fez estremecer.

— Ah, trata-se de Matt Folane. Ultimamente, quer que o chamem de Yellow Jacket. É um grande guerreiro dos Creeks. Anda carrancudo, depois que a sobrinha morreu.

— Mesmo?

— Nada importante. — Harvey dispensou o assunto com um movimento de mão, estendendo-a depois para a irmã. — Estou feliz com sua vinda. Sinto saber que passou por tantos problemas.

Twilight não se sentiu bem ao ter a mão segura; soltou-se e deu alguns passos pela loja. Era estranho, mas sempre tivera uma estranha sensação de que Harvey queria levá-la para a cama. No entanto, se fosse verdade, por que ele a teria apresentado a Pierre Dumont e arranjado para que se casassem?

— Sua oferta caiu do céu, Harvey — disse, afastando os pensamentos ruins. — Já não tinha mais esperanças e não sabia o que fazer.

— Ora... O que uma bela mulher deve fazer a não ser depender de homens que queiram ajudá-la? Ainda mais uma viúva, cujo marido morreu lutando por uma boa causa?

Mais uma vez desconfortável, Twilight respondeu:

— Francamente, detesto admitir, mas não me pareceu ser do feitio de Pierre sair assim, disposto a lutar e tornar-se um herói. Nunca me pareceu ser tão corajoso.

— Mas tenho certeza de que era. — Harvey encarou-a, tentando parecer compreensivo. Na verdade, achava que Pierre Dumont era o homem mais covarde que já conhecera; devia ter havido algum interesse financeiro por trás de sua vontade de lutar na guerra. Mas agora, não adiantavam conjecturas. Twilight estava a seu lado e sob seu controle.

— Sabe, sinto-me uma hipócrita por estar usando preto — ela lhe confessou.

— Meu casamento não foi dos melhores. Nem sei por que você insistiu em que eu me casasse com Pierre.

O fato era que Harvey devia a Pierre uma boa quantia, em dívidas de jogo, perdoadas com o casamento... Fingiu uma expressão de tristeza.

— Sinto ouvir isso. Achei que ele poderia ser um bom marido para você. Com a liberdade que nosso pai deu aos escravos e a partida deles para cuidarem dos feridos, nós dois ficamos sem dinheiro, não é mesmo?

Os olhos de Twilight encheram-se de lágrimas.

— Sinto tanta falta de papai...

Harvey, no entanto, nutria um ódio profundo pelo velho, ainda mais por ele ter libertado os negros. Se tivesse vinte e cinco escravos, ele poderia ter-se livrado do exército confederado. Mas tivera de fingir-se de coxo e fugir para território indígena a fim de evitar engajar-se nas tropas. E agora a maldita guerra parecia tê-lo alcançado até mesmo ali.

— Querido Barton — murmurou. — Era como um pai de verdade para mim... Bem, mas... Pierre não lhe deixou nada?

Twilight negou com a cabeça e virou-se para olhar pela janela, de onde podia ver as árvores que tingiam-se de amarelo e marrom.

— Descobri que o banco já estava prestes a nos tomar o rancho quando ele morreu. Pierre tinha dívidas. — Voltou-se, perguntando com certa veemência: — Sabia que Pierre era um jogador, Harvey?

Mais uma vez ele fingiu, agora parecendo chocado:

— Ora, mas que terrível! Não, não sabia disso! Bem, mas agora tudo isso é passado. Vamos cuidar de sua acomodação. Vou levar sua bagagem para o quarto dos fundos.

Ele se moveu, chamando a atenção de Twilight.

— Oh, não tinha percebido que está mancando... O que houve?

Com a expressão mais consternada possível, Harvey explicou:

— Fiquei algum tempo com os voluntários do Alabama, depois que você se mudou para a Virgínia. Um ferimento, numa batalha, acabou me tirando da luta por nossa gloriosa causa.

— Oh, posso cuidar de você e ajudá-lo a tocar a loja.

— Eu estava mesmo contando com isso, querida.

— Estava?

— E que... sendo boa como é... Sabia que seria um grande conforto para mim.

— Se pudesse levá-la para sua cama, o conforto estaria completo, imaginou.

— Vou ficar com a parte de cima da loja, e você com o quartinho, está bem?

— Detesto deslocá-lo, Harvey. Talvez eu possa achar um quarto para alugar e...

— Bobagem! Somos parentes, esqueceu? Aliás, a esposa do major nos convidou para o chá amanhã.

Twilight estranhou:

— Devemos ir?

— Claro que devemos! A mãe do jovem capitão Wellsley está aqui, em visita, vinda do

Texas; são muito ricos; têm terras e muito gado!

— Está bem, como quiser, então.

— Ótimo. — Ela era fácil de manobrar, Harvey analisou; faria qualquer coisa que dissesse. Mesmo querendo dormir com sua bela meia-irmã, tinha outros planos para ela, bem melhores. Adoraria pôr as mãos na riqueza do capitão Wellsley. — Agora vá descansar um pouco.

Levou-a até o quartinho dos fundos, onde havia uma cômoda e uma cama.

— Sinto se aqui as coisas não são tão bonitas quanto em sua casa, mas tudo na fronteira é um tanto rude. E as garotas índias não sabem ser boas empregadas.

— Não se preocupe, está tudo bem. Mais tarde, vou fazer uma limpeza e ajudá-lo na loja.

— Minha querida, não espero que trabalhe como uma criada; afinal, é uma moça sulista bem-nascida.

— Mas devo começar a aprender a viver sozinha e a tomar minhas próprias decisões.

— Damas sulistas não devem fazer tal coisa. Deixe tudo comigo, certo? Vou cuidar de você. Não preocupe essa sua linda cabecinha.

O pequeno sino do balcão soou, avisando que havia algum freguês na loja.

Harvey colocou a mala sobre a cama e sorriu.

— Parece que temos visitas. Vou fechar a porta para que você possa descansar. Depois vamos comer alguma coisa e vou levá-la para conhecer o forte.

Twilight assentiu, vendo-o deixar o quarto. Então deixou-se cair na cama, analisando sua situação. O que fizera? As terras em que se encontrava eram selvagens e cheias de índios. Queria voltar à segurança de sua casa, na fazenda no Alabama em que fora criada, onde seu pai sempre cuidara de seu bem-estar depois que sua mãe morrera. Jamais dissera isso abertamente, mas nunca havia gostado da madrastra, que lhe parecia interessada demais no que seu pai possuía. Ele, no entanto, sobrevivera à megera avarenta e depois fora morto, num campo de batalha enquanto atendia os soldados feridos, nas primeiras semanas da guerra.

No dia seguinte, por insistência de Harvey, ela se aprontou para ir tomar chá na casa do capitão. Ao ajudá-la a acomodar-se na charrete, ele lhe disse:

— Você está linda, querida! Tenho certeza de que qualquer jovem oficial vai ficar louco por conhecê-la.

Twilight franziu a testa enquanto o meio-irmão tocava os cavalos.

— Não pretendo me casar novamente — comentou para si mesma.

— Mas vai querida. Claro que vai ter que passar pelo seu período de luto primeiro. Muitos dos oficiais daqui são pessoas de posses.

Mesmo calada, Twilight sentiu-se desconfortável. Talvez a oferta de Harvey não tivesse sido tão generosa, então. Talvez ele pensasse em se beneficiar arranjando-lhe um bom marido... Não... Não devia pensar coisas tão horríveis sobre seu meio-irmão.

Seguiam pela rua quando ouviu um ruído que a fez voltar-se. Saindo da mata logo ao lado, montado num belo cavalo malhado, estava o índio que a assustara ao chegar.

E agora ele os observava, com a mesma raiva no olhar.

— Deus... — Twilight murmurou. — Lá está àquele selvagem novamente, Harvey.

— Eu sei. Finja que não o viu. — Ele parecia apreensivo. Havia gotas de suor em sua testa alta.

O selvagem era impressionante demais para ser ignorado. Twilight virou-se no assento e olhou para trás.

— Estamos correndo perigo? — perguntou, aflita. O índio continuava olhando-a como se quisesse arrancar-lhe as roupas e estuprá-la, ou então simplesmente matá-la e a seu irmão.

Harvey instigou o cavalo a seguir mais depressa.

— Acho que não, mas... Com esse homem, nunca se sabe. Dizem que ele detesta os brancos, em especial os do sul.

Twilight tornou a olhar para trás, desejando que o cavalo seguisse bem mais depressa.

— Por que ele odeia sulistas? — quis saber.

— Porque é Creek, uma das tribos que foi expulsa de suas terras há alguns anos para que gente civilizada pudesse viver lá.

— Eu me lembro de ler algo a respeito... Por que, mesmo, os chamavam de Creek?

— Não sei. Eles se chamam de Muskogee e parecem ser parentes distantes dos Seminole. Chega de falar sobre índios. Sabe que eu conheci um capitão muito agradável que...

— Os Creeks habitavam nosso estado, não? — Twilight mal ouvira o irmão, sentindo ainda o olhar do selvagem em suas costas conforme se afastavam.

— É. O Alabama e a Geórgia — Harvey confirmou. — E é melhor que não saibam que você é do Alabama. Podemos falar sobre outra coisa, sem ser esses índios?

— Sinto muito, mas aquele índio me deixa preocupada. E não tema, pois não pretendo me aproximar de nenhum deles. Tenho pavor de selvagens.

— Sei...

Seguiram o restante do caminho em silêncio, em meio às folhas amarelas e marrons do outono. A beleza da estação ali fazia Twilight esquecer dos olhos do índio. Logo estavam no forte e Harvey parou a charrete diante de uma das construções do pátio central. Quando veio para ajudá-la a descer, avisou:

— Devemos ser bastante cordiais com os oficiais. Isso é bom para os meus negócios e, além disso, vou precisar de bons relacionamentos quando começarem a dividir as terras indígenas.

— E vão fazê-lo? — Twilight aceitou a ajuda, achando, porém, que as mãos suadas de Harvey permaneciam em sua cintura mais do que deveriam.

— Claro. São terras boas demais para ficarem nas mãos de selvagens. Os brancos vão tomá-las mais cedo ou mais tarde e quero minha parte.

Não parecia justo, mas Twilight não ousou contestar. Afinal, de que importava um bando de índios que só matavam e escarpelavam pessoas?

Subiram os dois degraus do alpendre e foram recebidos por uma garota índia que ofereceu-se para segurar seus casacos. Duas mulheres mais velhas estavam sentadas em sofás de estilo e tecido vitoriano; uma vestia-se de verde-claro e levantou-se para recebê-los com

um sorriso:

— Ah, Sr. Leland! Esta deve ser sua irmã. Harvey tomou a mão da mulher e levou-a aos lábios.

— Sinto-me honrado por ter sido convidado, senhora. Gostaria de lhe apresentar a sra. Dumont, minha irmã.

Twilight fez uma breve mesura, murmurando:

— É um prazer conhecê-la, senhora.

— Mas que moça corajosa! — A mulher tomou-lhe a mão com carinho. — Seu irmão nos contou como seu marido tombou com valentia por nossa causa. Venha conhecer a sra. Wellsley.

A senhora de idade que continuava no sofá estava vestida em tons muito suaves de cinza, o que significava resquícios de luto. Assentiu diante da mesura de Twilight e comentou:

— Sinto por saber que está viúva, minha cara, mas, afinal, foi pelo bem da causa.

— Tem sido difícil, contudo ela tem suportado o sofrimento com bravura — Harvey observou.

Ambos se acomodaram no sofá ao lado; Twilight sentia-se pouco à vontade com os próprios sentimentos, pois não sentira tanto assim a morte de Pierre. Por isso comentou apenas:

— Todos nós estamos fazendo sacrifícios... As duas mulheres assentiram.

— Ouvi dizer que é da Virgínia — disse a Sra. Wellsley, enquanto a amiga sentava-se a seu lado. — Meu filho, Franklin, esteve lá por algum tempo antes de ser transferido para este lugar horrível. Sei que está aborrecido por estar longe da frente de batalha; teria sido tão importante para meu falecido marido que ele estivesse lá! Franklin sente-se inútil em território indígena, sem oportunidades de subir de posto por sua ação em batalhas.

A esposa do major franziu a testa ao comentar:

— Meu marido diz que os ianques vão tentar tomar estas terras, então deve haver uma boa batalha por aqui, mais cedo ou mais tarde.

Harvey sorriu.

— Wellsley poderá ter a chance de receber muitas medalhas sob a liderança do major

— opinou.

As duas senhoras sorriram, lisonjeadas, diante de tais palavras, e Twilight tentou interessar-se pelo assunto. Estava cansada da guerra e imaginava que medalhas nada poderiam significar para um homem morto. Mas, claro, nem ousou dizer o que pensava. Preferiu passar os olhos pela sala e elogiar:

— Tudo aqui é tão lindo! — Talvez assim mudassem de assunto e deixassem a guerra de lado.

— Não chega aos pés do que eu tinha em Charleston

— observou a esposa do major, e, parecendo incomodada, indagou: — Mas onde está a garota com o chá? Esses selvagens não aprendem nada, mesmo!

— Ah, isso é verdade! — concordou a Sra. Wellsley.

— Nós, texanos, lidamos com essa gente há anos! Aniquilá-los por completo parece-

me ser a única solução possível. Não podem ser civilizados!

— Isso não seria muito drástico? — Twilight indagou, sem pensar, arrependendo-se em seguida, diante do olhar do irmão. Moças do sul não deviam opinar, muito menos em ocasiões sociais.

— Bem, não estamos, de fato, lidando com gente de verdade — comentou a mãe do capitão, parecendo um tanto chocada com a interferência de Twilight.

— São quase tão primitivos quanto os escravos que tínhamos — acrescentou a esposa do major. — Não percebem que estariam bem melhor ao nosso lado.

— Estamos tentando agregar selvagens à causa?

— Twilight estranhou.

— Claro que sim, querida! Podem ser primitivos e incivilizados, mas são bravos guerreiros!

A garota índia apareceu, com o chá e biscoitos, retirando-se logo em seguida.

Experimentando um dos quitutes, Twilight viu nova oportunidade de mudar de assunto:

— Mas que delícia!

— São deliciosos, mesmo — a esposa do major concordou e sorriu para Harvey, acrescentando: — Seu irmão é tão gentil em nos trazer coisas que são raras por aqui! Como farinha de trigo, por exemplo.

Harvey inclinou a cabeça calva ligeiramente, dizendo:

— Há maneiras de se conseguir qualquer coisa.

— E havia, de fato. Como suborno.

Twilight pensou a mesma coisa e logo os biscoitos deixaram de parecer tão saborosos. Ao erguer os olhos, viu que a Sra. Wellsley a observava com atenção.

— Eu gostaria que você e meu Franklin se conhecessem. Temos sido tão criteriosos para escolher uma esposa para ele...

— Ele não pode fazer essa seleção sozinho? — Twilight perguntou, mais uma vez sem pensar.

A mulher parou a xícara de chá no ar enquanto Harvey fuzilava a irmã com os olhos.

— Claro que não — esclareceu ele. — Franklin está à espera da aprovação de sua mãe.

— Exatamente — apoiou a anfitriã.

Mesmo querendo dizer algo, Twilight percebeu que seria melhor ficar quieta. Comentou apenas:

— Eu também gostaria de conhecer o capitão. — E tomou um gole de chá, com os olhos apropriadamente baixos.

— Tenho certeza de que ele vai gostar de conhecê-la, minha querida. Uma jovem viúva que perdeu o marido de forma tão memorável...

— Com certeza — Harvey disse ainda. — O capitão Wellsley é, realmente, um cavalheiro de muitos méritos.

Twilight já não duvidava de que seu irmão a convidara a vir para aquela região com um propósito definido. Não houvera generosidade em seu gesto. Queria casá-la com alguém de

posses, como já fizera antes.

— Sra. Dumont, receamos que alguns desses índios passem para o lado ianque — disse a esposa do major.

— O que seria uma grande estupidez — acrescentou a mãe do capitão. — Afinal, prometemos transformar o território indígena em um estado índio quando a guerra terminar.

— Talvez eles não acreditem nisso. — Mais uma vez, Twilight falava sem pensar, recebendo outro olhar duro de Harvey. — Quero dizer... — Mas nada disse.

— É aí que você aparece, querida — alertou a esposa do major.

— Eu?

— Sim. Estamos sem muita ajuda médica na fronteira e parece-nos que teve algum treino...

— Ah, mas não sou médica. Apenas ajudava meu pai...

— Talvez seja suficiente para agradar aos selvagens.

— Os... selvagens?

— Oh, Harvey, seu maroto, então não disse nada a ela?

— É que ela acabou de chegar e ainda não tivemos tempo para tocar nesse assunto — ele se desculpou.

Twilight tremia tanto, de repente, que teve de baixar a xícara.

— Não estou entendendo.

— Twilight, querida, os selvagens têm muitas doenças em suas tribos e achamos que, se lhes oferecêssemos algum tipo de ajuda, poderiam decidir-se por ficar ao nosso lado — Harvey explicou, com um sorriso falso nos lábios.

— Querem que eu cuide deles? Oh, não, eu... não...

— Mas seria pela causa! — A mãe do capitão parecia chocada pela quase recusa.

Havia três pares de olhos fitando-a, com ansiedade. Twilight não sabia o que dizer. Sentiu gotas de suor escorrerem por entre seus seios, apesar do frescor do dia. Como uma moça obediente e prestimosa poderia se recusar? Desejou estar de volta a sua fazenda. Lidar com índios selvagens era seu maior pesadelo.

— Não... não sei o que dizer — Twilight murmurou. — Acho que deve ter sido a mudança de ares... Minha cabeça está explodindo...

— Então, vou levá-la para casa, querida — Harvey ofereceu de pronto, mas seus olhos estavam frios.

As duas senhoras pareciam compadecidas com o mal-estar da moça. Ela se levantou, aceitando o braço que o irmão lhe oferecia.

— Tenho certeza de que minha irmã irá pensar melhor após ter descansado e então sentirá prazer em poder servir a causa cuidando dos selvagens.

— Claro — responderam as mulheres em uníssono. Twilight, porém, cerrou os dentes, imaginando se alguém ali se importaria com sua opinião a respeito do caso; contudo lembrou-se de que era uma dama sulista e que devia sempre concordar.

— O chá foi muito agradável — disse. — Espero que possamos nos ver novamente.

— Vou voltar a Austin em breve, mas se você e meu Franklin gostarem um do outro...

— finalizou a sra. Wellsley.

Que sogra terrível ela seria, Twilight ponderou, encaminhando-se para a porta, onde a garota índia, sempre em silêncio, aguardava com os casacos. Pouco atrás, vinham as duas senhoras.

— Espero que se recupere da dor de cabeça em breve — disse a esposa do major.

— Meu Franklin ficará triste por não ter podido conhecê-la — comentou a mãe do capitão.

— Quem sabe, numa outra ocasião. — Twilight acenou e seguiu para a charrete, ao lado de Harvey. Ele a ajudou a subir para a boleia e depois fez uma saudação às senhoras que estavam à porta.

O caminho de volta foi feito quase que em total silêncio; pouco antes de chegarem, Harvey comentou:

— Você foi bastante rude.

— Não foi minha intenção. Mas acho que você poderia ter sido mais franco sobre o real motivo de minha vinda para cá, não acha?

— Imaginei estar sendo generoso ao oferecer minha proteção, minha casa, a uma parenta viúva e sem rumo na vida. Não sei o que você teria feito sem mim.

Teria tomado decisões, com certeza, Twilight ponderou; e sozinha. Nunca antes tivera de ser independente e estava assustada.

— Tem razão, fui um tanto rude. Mas achei que queria apenas que eu o ajudasse na loja...

— Poderá fazer isso também. A propósito, eu já lhe disse que o capitão é um homem bastante bonito?

— Quem?

— Pelo amor de Deus, Twilight! Acabamos de tomar chá com a mãe dele! E é solteiro.

Com certeza, ela avaliou, lembrando-se da mãe do infeliz. Mas nada disse para não aborrecer o irmão. Seguiu olhando para a mata enquanto a tarde caía; tinha medo de que o guerreiro índio aparecesse e lhes bloqueasse o caminho.

— Não devíamos pedir uma escolta de soldados? — perguntou, quase sem sentir.

— Duvido que a tivéssemos — Harvey respondeu, contrariado. — O exército parece já ter muito em que pensar ultimamente. Mas sempre levo uma pistola e você está segura a meu lado.

Twilight preferiu não dizer nada; não se sentia segura. Nem mesmo uma escolta armada seria capaz de deter aquele guerreiro se ele decidisse atacar e escalpelá-los. Só de imaginar seu olhar a fez estremecer.

— Yellow Jacket — murmurou. Harvey a olhou de esguelha.

—É, ele assusta não? Sabia que seu nome indígena refere-se a uma vespa de picada muito dolorida?

— Já ouvi dizer. E aposto que o nome faz jus ao significado...

— E, ele anda enfurecido desde que o irmão foi morto acidentalmente por um soldado confederado.

— Oh, que horrível!

— O índio estava andando por aí, à noite, e a sentinela achou que ele poderia ser perigoso.

— E não investigou antes de puxar o gatilho? — Twilight estava pasma diante da morte sem propósito, mesmo sendo a de um selvagem.

— Não se pode hesitar quando se lida com essa gente. Os índios disseram que ele estava apenas caçando, mas quem pode dizer quais eram, de fato, suas intenções? Não se pode confiar neles! E agora a filha se enforcou, acredita? Yellow Jacket deve achar que as duas mortes foram obra de brancos, embora estejamos inocentes.

Twilight sentiu um calafrio.

— E você quer que eu pegue minha maleta de remédios e vá cuidar dessa gente?

— Tenho certeza de que o major vai lhe providenciar um acompanhante. Talvez o próprio capitão Wellsley.

— Harvey, eu realmente não quero ter de ficar perto dos selvagens...

Ele tornou a olhá-la por segundos.

— Mas é o que precisa fazer — insistiu. — Precisamos muito influenciar os índios para impedir que se juntem às forças da União.

— Seriam muito estúpidos se não percebessem essa armação.

— E são. Agora, por favor, comporte-se, Twilight. Você nunca foi desobediente. Ela suspirou.

— Sinto muito — murmurou. Harvey sorriu.

— Assim está bem melhor. O major vai enviá-la ao acampamento Creek amanhã.

Ela nada mais disse até chegarem, contudo teve pesadelos terríveis naquela noite, nos quais o enorme selvagem chamado Yellow Jacket a perseguia, rasgava seu vestido e a violentava, mordendo seus seios, apertando seu corpo com mãos fortes. Num momento, chegou a acordar, banhada em suor, apesar do frescor da noite. E não mais conseguiu dormir, sempre se lembrando do jeito como aquele guerreiro a olhara ao sair da mata em seu garanhão malhado.

A manhã seguinte estava mais agradável, embora ainda fria. Twilight vestiu suas roupas negras e, com mãos trêmulas, verificou o conteúdo de sua maleta médica. Às nove horas, o capitão Wellsley entrou na loja, tirou o chapéu e inclinou-se ao ser apresentado.

— Tenho muito prazer em conhecê-la, Sra. Dumont — disse.

Ela assentiu e tentou sorrir. O capitão era realmente um homem bonito, loiro, com intensos olhos azuis e um sotaque texano bem forte.

— Dumont. Parece-me familiar. — Ouviu-o acrescentar, com vago ar de riso.

— Talvez tenha conhecido meu marido, Pierre. Ele serviu na Virginia e foi morto em ação, lá.

— Bem... talvez não. Mesmo assim, queira aceitar minhas condolências.

O capitão passou a língua pelos lábios e desviou o olhar; algo não parecia certo nele, mas Twilight não sabia dizer o quê. De repente, ocorreu-lhe que seu falecido marido podia ter ganhado um jogo de forma desonesta, levando o dinheiro do capitão e que este devia ser um cavalheiro para não comentar o fato. Notava-o tenso; viu-o retirar um lenço do bolso e secar o

rosto úmido. Por isso apressou-se em dizer:

— Não estou muito animada para ir até os selvagens.

A expressão no rosto dele traía o fato de também não estar.

— Vamos levar um grupo de soldados conosco. Harvey aproximou-se para dizer:

— O jovem Wellsley, aqui, é ambicioso. Pretende ser general.

Franklin Wellsley brincou com a aba do chapéu antes de comentar:

— Na verdade, isso agradaria muito minha mãe. Ela tem grandes planos para o único filho. Mas eu estaria bem vivendo em Austin.

— E a Sra. Wellsley pensa que, depois da guerra, o território índio será aberto aos brancos; haverá muitas oportunidades para quem tiver ambição — Harvey observou, sem dar muito crédito ao que o rapaz dissera.

— Mas... estas terras não foram prometidas aos índios enquanto os rios correrem e a grama crescer? — Twilight indagou, lembrando-se das palavras célebres do tratado.

Harvey e o oficial trocaram um olhar.

— O que um bando de selvagens vai fazer com terras tão boas, minha irmã? Eles não ligam para terras férteis, enquanto para um homem branco e sua família elas seriam promessa de uma vida de conforto e prosperidade.

— Concordo, embora não seja casado — disse o capitão, sereno.

— Não se casou ainda porque não encontrou a mulher certa — Harvey insistiu.

— Minha mãe diz que trinta anos é uma idade boa para que eu escolha uma esposa.

Twilight olhou-o, imaginando se seria uma boa idade para a mãe escolher a tal esposa para ele. O que mais a revoltava eram os planos de seu irmão para pôr as mãos no dinheiro daqueles texanos. Isso era óbvio agora.

— Não vai ao acampamento índio conosco? — perguntou-lhe.

— Não. Tenho muito a fazer esta manhã. — Ele evitava fitá-la.

— Preciso fazer o balanço das vendas da semana.

Twilight sempre considerara o meio-irmão um covarde, mas ele tinha uma perna atingida numa batalha quando servira com os Voluntários do Alabama...

— Então vamos, capitão — convidou.

Ele se inclinou, mostrando o caminho da porta com o chapéu e seguiu-a.

— Posso carregar sua maleta, senhora?

— Claro...

Lá fora, junto à charrete, um grupo de soldados os esperava, em seus uniformes cinzentos. Todos a cumprimentaram discretamente enquanto Twilight se acomodava na boleia e depois o capitão instigava o cavalo com um leve sacudir das rédeas.

Seguiram num silêncio confuso; ela mal sabia o que dizer ao jovem oficial, mas sua curiosidade foi mais forte.

— Capitão, tem certeza de que não conheceu meu marido?

Houve um longo silêncio, no qual apenas o ruído dos cascos dos cavalos se fez ouvir.

— Acho que não — ele disse, por fim, mas sua afirmação não pareceu muito segura.

— Se conheceu, não precisa me poupar. Sei que Pierre era um cafajeste.

Mais silêncio. O capitão pigarreou, o que pareceu alto na falta de palavras.

— O que seu irmão fazia no exército, então? Todos sabem que, como grande proprietário de escravos, ele não precisaria se alistar.

— Eu deveria estar embaraçada por dizer isto, mas... Pierre era tão cruel com nossos escravos que todos fugiram quando a guerra começou e nossa propriedade ficou às moscas.

— Entendo. E não tem outros parentes além do Sr. Leland?

— Meu pai era cirurgião e estava servindo quando foi morto. Harvey nunca teve muito jeito com a terra...

— Pena. Pode achar precipitado de minha parte, já que está viúva há menos de um ano, mas seu irmão tem razão: a senhora é muito bonita.

Twilight sentiu-se corar.

— Oh... Obrigada... Mas como sabe há quanto tempo estou viúva?

— Seu irmão me disse.

Ele estava escondendo algo, com certeza, Twilight avaliou. Talvez Harvey tivesse lhe dito o quanto Pierre não prestava, mas isso não importava agora. Nem mesmo ele devia saber disso quando arranjara o casamento de ambos.

— Minha mãe gostou muito de conhecê-la — o capitão afirmou, corando um pouco.

— Disse que a considera uma perfeita senhora sulista.

— E muita gentileza dela. A opinião de sua mãe é muito importante para o senhor, não?

— De fato. Todo sulista se preocupa com o que a mãe pensa.

Ela assentiu, mas nada comentou; não estava interessada num segundo casamento depois do desastre do primeiro, contudo era óbvio que o capitão estava fazendo sua parte nos planos de Harvey. Decidiu mudar de assunto:

— O médico do forte não pode cuidar dos índios?

— Há muitos. — O oficial baixou a voz para segredar-lhe: — Além disso, ele... ele bebe.

— Entendo. E como estão as relações entre nossas tropas e os índios?

— Depende dos índios, senhora. Os Choctaws e os Chickasaws estão, em sua maioria, do nosso lado. As outras três tribos civilizadas estão divididas entre o apoio ao norte e ao sul.

— E suas tropas estão nesse meio também?

— Na verdade, estamos em menor número, mas há tropas novas chegando dia após dia. E pretendemos trazer mais índios para nosso lado.

— E é aí que faço minha parte, certo? Ele assentiu.

— Há muitas doenças agora que o inverno se aproxima. Se pudermos tratá-los bem e convencê-los de que têm um futuro melhor conosco...

— E têm?

— Não sei ao certo, senhora. Há boatos de que os estados confederados poderão destinar este território aos índios e proteger as tribos da ganância desmedida dos brancos.

— Isso pode acontecer?

— Duvido. Mas, se não conseguirmos trazer os indecisos para o nosso lado, devemos

impedir que sigam para o outro lado. Alguns desses índios são guerreiros excelentes e eu não gostaria de ter de enfrentá-los em batalha.

— Alguns como... Yellow Jacket?

O rapaz empalideceu visivelmente.

— Esse é um dos mais difíceis e não confia em ninguém.

— E podemos culpá-lo?

Houve mais momentos de silêncio, nos quais o capitão pensou para depois murmurar:

— Não, acho que não.

De repente, um guerreiro índio surgiu da mata que seguia ao longo da estrada e colocou-se diante da charrete, fazendo com que o capitão puxasse as rédeas e os soldados, logo atrás, parassem. Era Yellow Jacket. Ele usava apenas sua calça de pele de cervo; nada disse, ficando ali, parado, em seu garanhão malhado, como se ele e o animal fossem uma única criatura. Seus olhos estavam em Twilight e faziam-na arrepiar-se de medo.

— Para onde vão? — indagou.

— Estamos trazendo medicamentos para seu povo — respondeu o oficial.

Yellow Jacket olhou-os com desdém e ironizou:

— Com uma escolta de soldados?

— Achei que a senhora se sentiria mais segura assim.

Twilight não se sentia mais segura. Não, quando a voz do capitão parecia falhar; não, quando aquele guerreiro a olhava daquela maneira, deixando-a fraca, vulnerável. Nem mesmo um regimento inteiro da Cavalaria poderia protegê-la daquele selvagem.

— Segura? — ele continuava desdenhando. E com um breve movimento de mão, uma dúzia de guerreiros bem armados apareceu por entre as árvores. Logo atrás, as armas dos soldados foram engatilhadas quase que de imediato.

— Esperem! — gritou o capitão. Horrorizada, Twilight imaginou que estavam prestes a ser dizimados.

— Tenho certeza de que Yellow Jacket trouxe seus homens para nos escoltar até o acampamento — precipitou-se, sem sequer perceber que estava falando.

Um sorriso muito lento surgiu os lábios do índio.

— A mulher de olhos cinzentos tem mais fibra do que demonstrou a princípio — observou.

— Agrada-me ter a mulher médica em meu acampamento.

— Não sou médica. Sou apenas enfermeira. — Ela mal podia acreditar que tivera coragem para corrigi-lo.

Agora, ele não mais sorria.

— Vou acompanhá-la, mesmo assim — disse, voltando seu cavalo e seguindo, como se desafiasse os soldados a atirarem em suas costas.

— Mas esse arrogante... — começou o sargento que vinha logo atrás.

— Calado, O'Brien — aconselhou o capitão. — Não vamos criar problemas.

— E sacudiu as rédeas, colocando a charrete em movimento outra vez.

Twilight virou-se para ver os guerreiros colocados atrás dos soldados; estes pareciam pouco à vontade com a mudança de situação. Estava tão assustada quanto o oficial a seu lado; podia ver o rosto dele suado e amaldiçoava seu meio-irmão por tê-la colocado em tal encrenca.

Seguiram pela mata e pararam numa clareira onde fora montado o acampamento. Muitos índios saíram de suas cabanas e aproximaram-se para vê-los. Twilight estava assustada e viu quando Yellow Jacket a olhou e sorriu, percebendo seu receio.

— Não tema. Meu povo não vai devorá-la, nem escarpelá-la, apesar do que ouviu falar sobre os "selvagens".

O capitão pigarreou e desceu da charrete.

— Nada de gracinhas para com a senhora. Ela veio para ajudar.

— Mesmo? — Yellow Jacket inclinou-se sobre o pescoço do cavalo, olhando-a com maior desdém.

Twilight passou a língua pelos lábios secos.

— Vim para ver o que posso fazer — esclareceu. Nesse meio tempo, o oficial deu a volta no veículo

para ajudá-la a descer.

— Temos permissão de nosso líder para estarmos aqui — disse incerto e receoso.

Yellow Jacket apeou e, muito sério, aproximou-se, dizendo apenas:

— Vou acompanhar a moça para ver nossos piores casos.

Twilight olhou para Wellsley, na esperança de que ele fizesse alguma objeção. Talvez ele até quisesse, mas devia estar com medo do guerreiro. Os soldados estavam inquietos em suas montarias e encaravam os índios que os cercavam; depois olharam para seu superior, como se esperassem algum tipo de atitude, que não veio. Houve um longo momento de silêncio. Ouvia-se apenas o estalar da madeira da fogueira que ardia no centro do acampamento e, à distância, um latido de cachorro e um choro de criança.

Ela levou a mão até sua valise, mas Yellow Jacket foi mais rápido e pegou-a primeiro. Ao toque de seus dedos, ela afastou a mão como se tivesse levado um choque.

A expressão do guerreiro se intensificou.

— Não tema, Sra. Dumont. Minhas mãos estão limpas.

Havia sarcasmo em seu tom e o capitão reagiu:

— Olhe aqui, seu...

— Por favor... — Ela ergueu a mão, para evitar um confronto. — Está tudo bem.

Sabia que se o oficial e seus homens reagissem, poderia haver um confronto que seria danoso para os homens brancos que ali estavam. Voltou-se para seguir Yellow Jacket e sentiu-se surpresa consigo mesma. Sempre fora insegura e sempre sentira medo de tudo, no entanto, naquele momento estava calma diante de uma situação tão tensa.

O índio lhe sorria e seus dentes, em contraste com a pele bronzeada, eram ainda mais brancos e regulares. Indicava-lhe o caminho num gesto largo e exagerado.

Twilight começou a caminhar por entre as cabanas, sabendo que ele a seguia de perto, obviamente notando como sua saia longa arrastava-se sobre a terra, ficando a cada passo com a barra mais suja. Mesmo caminhando sem olhá-lo, imaginava por que aquele guerreiro a

odiaria tanto; estaria tão insultado assim por perceber o medo que ela sentia dos selvagens?

— Aqui. — Ouviu-o dizer e encaminhou-se para a cabana que apontava.

— Muitos de nosso povo estão doentes e nossos homens sagrados nada puderam fazer para curá-los.

Twilight encontrou forças para encará-lo.

— Acha que também não vou conseguir, não é? Yellow Jacket fez um gesto negativo com a cabeça, fazendo-a insistir:

— Então, por que fui chamada?

Um sorriso arrogante apareceu nos lábios dele.

— Porque nosso chefe tem mais fé nos brancos do que eu. Percebo seu sotaque, sra. Dumont. Sei que é do sul, mas de onde?

— Bem, eu... sou do Alabama. Agora, o sorriso dele era de desprezo.

— Foi o que imaginei. O estado que nos expulsou para que os brancos pudessem roubar nossas terras.

— Não sei de nada disso. — Twilight deu um passo para trás.

— Claro que não. Todos os brancos são inocentes, mas todos estão com o que era nosso.

Ela sabia que estava distante demais para que a escolta de soldados a visse agora.

— Não estou aqui por motivos políticos. Vim para ajudar. — Estendeu a mão para pegar a maleta das mãos dele, mas Yellow Jacket não a soltou e, por segundos, seus dedos se tocaram e ela sentiu-se tola por estar puxando a alça em vão.

Yellow Jacket abriu os dedos de repente e a fez cambalear para trás, reagindo de pronto para segurá-la e impedir que caísse.

— Solte-me antes que eu grite. — Ouviu-a ameaçar enquanto se afastava.

Uma risada veio aos lábios do guerreiro.

— Não sei de que adiantaria, pois o capitão está tão amedrontado quanto você.

— Não, eu não estou! — ela mentiu.

— Está, sim. — Com um passo à frente, ele apreciou seu desconforto.

— Os brancos não se importam se minha gente está doente ou se vai morrer de fome; querem apenas que fiquemos a seu lado, contra os casacos-azuis.

Twilight sentiu-se corar, subitamente envergonhada dos seus.

— Pode ser que alguns pensem assim, mas eu vim apenas com o objetivo de curar.

— Então, vai ter muito trabalho. — Havia mágoa e desconfiança em cada palavra de Yellow Jacket. — Nesta cabana e naquela. E também na outra, além.

Sem mais uma palavra, ele a deixou ali, no frio, e se foi. Estava sozinha e não sabia se aqueles que a olhavam de dentro das cabanas sabiam ou não falar seu idioma. Respirou fundo e, passando pela abertura da primeira cabana, tentou sorrir. Lá dentro estavam uma mulher e uma menina; as duas estavam deitadas, tossindo, e a olhavam. Magras, pareciam muito indefesas. Twilight sentiu o coração se apertar. Tomou a mão da mulher e murmurou:

— Vim para ajudá-las.

Não sabia se estava sendo entendida, mas seu tom suave fez com que a mulher sorrisse. Abriu sua maleta; havia pouco ali; um xarope caseiro e álcool canforado para passar-lhes na fronte e baixar a febre.

— Vocês vão melhorar — prometeu, após ministrar o pouco que trouxera. Não tinha certeza se estava mentindo ou não.

Seguiu então para a segunda cabana, onde uma mulher idosa estava deitada sobre um cobertor e tremia de frio.

— Vou pedir que avivem este fogo — disse, ajoelhando-se ao lado da mulher e olhando fixamente para a fogueira já quase extinta que ardia no centro da tenda.

A índia negou com a cabeça.

— Não gaste remédios ou lenha com os velhos. — Seu inglês era péssimo, mas compreensível. — Salve os jovens; eles são a esperança de nossa tribo.

— Bobagem. Todos precisam melhorar. — Twilight ofereceu-lhe um gole de conhaque, que trouxera na maleta.

A índia tornou a se deitar e suspirou, dizendo:

— Todos irão logo e os velhos terão de morrer. Não podemos atrasá-los.

— Não. Ninguém irá à parte alguma.

— Os casacos-azuis vão nos salvar. Talvez...

A pobre mulher devia estar delirando, Twilight avaliou. Deixou a cabana e viu-se frente a frente com Yellow Jacket.

— Achei que tivesse ido embora — comentou.

— Fui, mas achei que poderia estar em perigo e voltei.

A forma como ele a olhava a deixava tensa.

— Essa senhora precisa de mais lenha para sua fogueira e também de algo para comer.

— Posso providenciar gravetos, mas ela não vai comer.

— Por que não?

— Muitos dos velhos recusam-se a comer; receiam que não haja alimentos para todos.

— Oh, isso é ridículo! O agente do exército não lhes dá mantimentos?

— Ele é seu irmão. Por que não lhe pergunta diretamente?

Twilight arregalou os olhos.

— É o que vou fazer! Agora, afaste-se e deixe-me cuidar dos outros. — Mesmo surpresa pela audácia de enfrentá-lo, seguiu para a outra cabana sem erguer os olhos.

Ali, três menininhos estavam com crupe e ela orientou a mãe para que colocasse água para ferver, sabendo que o vapor aliviaria a respiração aflita das crianças.

Ao sair, lá estava o guerreiro novamente.

— Vou ter de ir embora. Não tenho mais remédios.

— É o que o médico branco sempre diz. Twilight não conseguia acreditar no que ouvia.

— Não estão recebendo suprimentos médicos?

— Pouca coisa. Ultimamente tem melhorado, já que os rebeldes temem que passemos

para o lado dos casacos-azuis.

Uma imagem repentina de todos aqueles guerreiros musculosos lutando contra os sulistas passou pela mente de Twilight. Seriam adversários terríveis.

— Tenho certeza de que seu povo não quer apoiar os ianques.

— E por que deveríamos ficar ao lado dos que tiraram nossas terras?

A resposta dura era verdadeira. Twilight ergueu as saias e começou a voltar para onde ficara a charrete, sabendo que o guerreiro a seguia. Quando a viu, o capitão sorriu.

— Já ia à sua procura, Sra. Dumont.

— Ela estava em segurança — Yellow Jacket observou.

— Não houve problemas, capitão — ela explicou. — A não ser que esta gente precisa de suprimentos. Espero que consiga fazer algo a respeito.

— Vou tentar, senhora.

— Duvido — rebateu o guerreiro.

Twilight colocou a mão no braço do oficial, dizendo:

— Vamos embora.

Aceitou a ajuda que ele lhe oferecia para subir na boleia. Muitos índios estavam por ali, de cenho fechado, hostis. Mas, a um leve sinal de Yellow Jacket, todos se afastaram, permitindo que o veículo passasse. Atrás dele, seguiram os soldados. E Twilight ainda sentiu o olhar do índio em suas costas por um bom tempo.

Ele a observou se afastar, zangado consigo mesmo pela atração que sentia por ela. Naqueles olhos cinzentos, percebia um fogo e uma paixão que estavam sendo controlados, à espera que o homem certo os soltasse. Cem anos antes, um guerreiro poderia tomar uma mulher como prisioneira e ficar com ela. Agora, mulheres como Twilight pertenciam a homens brancos, ricos, como o capitão. Mesmo assim, percebia que a moça miúda e delicada era mulher demais para aquele oficial.

Smoke aproximou-se e ficou observando a seu lado, até que a charrete desaparecesse de vista.

— Esqueça a moça, meu amigo. Eu via mulheres assim nas fazendas. E, se alguém olhasse para elas, o chefe do eito enviava o infeliz para a chibata até que o pobre desmaiasse.

— Ela é irmã do dono do entreposto. Isso não lhe diz o que penso a seu respeito?

Smoke assentiu, mas analisou:

— Mas ela é bonita.

— Não importa. É do Alabama e sua fazenda deve ter sido construída sobre terras que eram nossas.

— Nosso chefe quer nos ver. Yellow Jacket encarou o amigo.

— Para quê?

— Você sabe. Apenas três ou quatro de nós irão e poderão não voltar.

— Quer dizer...

— Sim. Temos de seguir para o norte e ver se conseguimos trazer os casacos-azuis para nos ajudar.

— Mas não teremos chance de passar pelas linhas rebeldes!

— Devemos tentar. Nossa gente será massacrada aqui se não o fizermos.

Estariam seguindo para a morte ao tentar atravessar as linhas rebeldes, porém Smoke tinha razão; precisavam tentar. E ambos já haviam enfrentado a morte antes.

— Que o Grande Espírito nos proteja, então — Yellow Jacket murmurou, voltando-se para ir falar com seu líder.

Aborrecido e tenso, Yellow Jacket seguia com Smoke para a cabana de Opothleyahola. Ainda não havia se casado, apesar dos trinta invernos que já vivera. Muitas garotas Muskogees já tinham dado sinais de que gostariam de partilhar seu cobertor, mas ele nunca se sentira tentado a tomar qualquer uma delas por esposa. E agora se zangava por notar que a única mulher que conseguira fazer seu sangue correr mais rápido e mais quente nas veias, fora uma inimiga branca que estava tão longe de seu alcance quanto as estrelas no céu. Detestava a jovem sulista porque ela estava ocupando seus pensamentos mais do que devia e por causar-lhe emoções que, até o momento, nunca experimentara com tanta força. Na verdade, de via estar se concentrando na dor pela perda da sobrinha e na vingança tanto por ela quanto por seu irmão. Smoke colocou a mão em seu ombro conforme caminhavam, para dizer:

— Você precisa de uma mulher, meu amigo. Uma garota Muskogee, como a minha. Essa mulher branca só vai lhe trazer problemas.

— E acha que não sei disso? — Ao falar, Yellow Jacket arrependeu-se do tom brusco. Mas não dormira bem na noite anterior, sonhando com a jovem viúva em seus braços, pedindo-lhe para que a tomasse, desejando seus carinhos... — Desculpe. As mortes em minha família quase me deixaram louco de tanto ódio.

— Isso não leva a nada. Seria bem melhor se tomasse uma mulher por esposa, mesmo sem paixão, e formasse uma família.

O bom senso dizia a Yellow Jacket que o amigo estava certo, mas sua mente via apenas os lábios rosados de Twilight Dumont. Lábios que poderiam acariciar-lhe o corpo... Sua única vontade era fazer amor com ela e plantar sua semente no ventre da sulista. No entanto tinha de esquecê-la; havia coisas muito mais importantes a resolver com sua gente. Seguiu seu amigo mestiço até a cabana do velho chefe, onde encontrou outros dois guerreiros sentados junto ao fogo. Após cumprimentarem-se, também os dois se sentaram para ouvir Opothleyahola.

— Não podemos esperar muito mais — começou o líder em tom ameno. — Venho enganando os soldados sulistas, fazendo-os crer que estamos a seu lado, para que não se voltem contra nós, mas começo a duvidar de que os casacos-azuis que o chefe Lincoln prometeu cheguem até aqui.

— O que deseja que façamos? — Yellow Jacket perguntou, preocupado.

— Vai ser algo perigoso — avisou Opothleyahola.

— A vida é perigosa, Grande Chefe. O Grande Espírito assim nos diz.

Os outros índios teceram comentários, concordando.

— Se seu irmão estivesse aqui para ajudar... Yellow Jacket sentiu o peito se apertar ao se lembrar dele.

— Com ele em meus pensamentos, farei o que for necessário para nos proteger dos rebeldes.

— Ótimo. Estamos cercados pelos casacos-cinza. Mais cedo ou mais tarde, vão nos atacar e muitas mulheres e crianças vão morrer.

Todos ouviam com atenção. Dos quatro, apenas Smoke tinha entes queridos no acampamento. O velho chefe chamara todos aqueles que não tinham laços de família, pois devia estar pensando em uma tarefa realmente difícil.

— Alguém deve ir até esse lugar chamado Kansas para alertar os casacos-azuis sobre o que está se passando aqui — Opothleyahola explicou.

— O chefe Lincoln prometeu que se formos leais à União, enviará soldados para nos ajudar e proteger.

— E o chefe Lincoln encontra-se nesse lugar chamado Kansas?

— Yellow Jacket quis saber.

— Acho que não. Mas tem homens num forte no Kansas. Eles podem enviar-lhe mensagens pelos fios que cantam, lembrando-o de sua promessa.

— É um caminho longo até o Kansas e teremos de evitar que os casacos-cinza nos persigam.

O velho chefe assentiu.

— Talvez alguns de vocês não voltem. Talvez nenhum. Portanto, aquele que não quiser ir, não será castigado.

Lá fora, o vento soprava, lembrando-os de que, além dos sulistas, o clima rigoroso também seria um obstáculo a sua missão. Entretanto ninguém se pronunciou dizendo não querer ir.

— Não há ninguém que chore por mim se eu não voltar — Yellow Jacket afirmou.

— Eu irei.

Smoke levantou-se também. Era tão alto que sua cabeça quase roçava o topo da cabana.

— Tenho mulher e filhos, mas se os casacos-azuis não vencerem, seremos lançados à escravidão e prefiro morrer a ver minha família como escravos.

Os outros dois guerreiros também se ergueram.

— Nós também iremos — afirmou um deles.

— Muito bem, então — Opothleyahola confirmou. — Eu mesmo iria se fosse mais jovem. Essa mensagem precisa chegar ao Kansas.

— Sei escrever — Yellow Jacket propôs. — Se quiser que...

— Não. Não deve haver nada em um papel que possa ser usado contra nós. Eu lhe direi o que falar ao chefe dos casacos-azuis, meu filho.

— Está certo. Partiremos à noite para que não nos percebam.

— Pode nevar em breve e assim será mais fácil para que nos sigam — Smoke observou.

— Não, se a neve continuar a cair. Agora vamos nos preparar e fazer uma prece Grande Espírito. Sairemos quando a noite vier.

Os quatro partiram na escuridão, cientes da importância de sua missão. Podiam não voltar, mas entregariam a mensagem que levavam. O vento soprava do norte, prometendo neve; o chão gelado parecia mais duro e os cascos dos cavalos produziam um som muito

peculiar. Não havia lua, Yellow Jacket notou, ajeitando seu rifle na sela. De repente, ao passarem perto do acampamento rebelde, alguém gritou:

— Quem vai lá?

Ele pediu silêncio aos demais. Todos desmontaram, sabendo que não poderiam atirar para não acordar os outros soldados. A sentinela se aproximou, tentando enxergar na escuridão.

Tensos, os índios aguardavam. Temiam pelo fracasso de sua missão muito mais do que por suas vidas. E depois do que lhes pareceu uma eternidade, a sentinela se encolheu de frio e retornou a seu posto. Somente então os índios se afastaram, com extremo cuidado. Podiam ser alvejados pelas costas, mas apenas o vento passava no silêncio, chorando como uma mulher que lamenta uma perda. Depois de algum tempo caminhando, todos voltaram a montar e se afastaram em segurança.

Seguiram rumo norte, pela noite sem fim. Pensaram em parar apenas quando os primeiros raios de sol começaram a surgir no horizonte. Estavam sonolentos e cansados. Não podiam arriscar seguir durante o dia e serem vistos por alguma patrulha.

Yellow Jacket conhecia bem o território. Muito antes da chegada dos brancos, cavalgara com a Cavalaria Ligeira de sua tribo. Todas as tribos civilizadas tinham uma, que mantinha a paz e punia os que infringiam a lei. Era irônico saber que alguns de seus antigos companheiros agora cavalgavam junto aos confederados e poderiam matá-lo se o encontrassem. Wohali, dos Cherokees, estava com os rebeldes; chamavam-no agora de Jim Eagle. Quanto a seu velho amigo Talako, não sabia qual tinha sido seu destino. Ao encontrarem um local abrigado do vento, apearam, tiraram as selas dos animais e deixaram-nos onde pudessem pastar. Começava a nevar. Um dos guerreiros mais jovens indagou:

— Podemos acender uma fogueira?

Yellow Jacket ia negar, mas o frio estava intenso; se alguém ficasse doente ou tivesse queimaduras de neve, a missão estaria em risco. Por isso pediu a seu amigo:

— Smoke, faça uma fogueira pequena para que possamos fazer café e nos aquecer. Vamos descansar até anoitecer novamente e podermos seguir em segurança.

Nem ele mesmo notara o frio que estava sentindo até segurar a pequena caneca de lata nas mãos e tomar alguns goles de café. Os outros já tinham se agasalhado com peles de búfalo, encolhidos junto ao fogo.

Alguém tinha de ficar acordado, alerta, e Yellow Jacket ficou com o primeiro turno. Nunca antes se sentira tão solitário e triste como agora, ao olhar para a paisagem coberta de neve. Estava gelado, mas isso não importava. Muitas vezes passara fome e frio, porém nada o impedira de cumprir com seu dever de guerreiro. Cerrou os olhos e a primeira imagem que viu foi a da viúva branca de olhos cinzentos. Ela era tão suave, seus olhos eram firmes quando o fitavam.

Se pudesse tê-la sob seu cobertor, estariam ambos aquecidos e poderiam dormir partilhando o calor de seus corpos. Um sorriso amargo veio-lhe aos lábios. A irmã de Harvey Leland jamais iria querer estar deitada a seu lado, sob um cobertor, partilhando carinho e calor. Sentiu o desejo intensificar-se ao imaginar como seria bom fazer amor com ela, tocá-la nos seios, experimentar o prazer em seus braços.

Acordou de repente, percebendo que cochilara. Precisava manter-se acordado e parar

de pensar nela. Pouco depois, Smoke acordou e rendeu sua vigilância. Yellow Jacket ajeitou-se sob a pele de búfalo e adormeceu e, em seus sonhos, a garota branca vinha novamente, de braços estendidos para recebê-lo.

Retomaram o caminho ao anoitecer. Apesar do frio e do vento, que trazia flocos de neve consigo, os quatro guerreiros seguiram seu caminho. Pouco depois, o cheiro de fumaça os fez deter-se para averiguar o terreno; de cima de uma colina, avistaram uma cabana de madeira; da chaminé, saía fumaça e o aroma característico de comida sendo preparada. Deviam ser colonos brancos. Muitos deles estavam invadindo os limites do território indígena. Devia ser um sinal do que ainda estava por vir, Yellow Jacket pensou com amargura. Se atacasse a cabana, matasse seus ocupantes e lhes roubasse a comida...

Agachou-se e prestou mais atenção. Aproximou-se do lugar e, com extremo cuidado, observou pela janela. Uma mulher e algumas crianças estavam lá dentro. Não era tão bonita quanto Twilight Dumont. Tal pensamento o fez ficar com raiva por não conseguir parar de pensar nela.

Voltou para junto de seus companheiros.

— Colonos brancos — informou.

— Homens? — perguntou um dos guerreiros.

— Não vi. Há apenas uma mulher e crianças lá dentro.

— Podemos atacar, matar todos e pegar comida e munição — disse o outro jovem.

— Guerreiros não matam mulheres e crianças — Yellow Jacket o repreendeu.

— Os brancos o fazem.

Era verdade e Yellow Jacket lembrava-se muito bem disso, da Trilha das Lágrimas, na qual seguira ainda criança.

— Se atacarmos e um deles conseguir fugir, poderão avisar os soldados rebeldes e eles nos seguirão — continuou argumentando. — Nossa missão é chegar aos chefes brancos no Kansas. Não podemos pensar em mais nada.

Por fim, os outros concordaram e o caminho foi retomado. Não sabiam onde ficava exatamente o tal lugar chamado Kansas, nem a que distância. Por isso, decidiram seguir até encontrarem soldados de casaco azul.

Os dias que se seguiram não tiveram novidades. Houve apenas cansaço, frio e determinação. A neve estava cada vez mais espessa; os cavalos estavam ficando magros. Yellow Jacket recostou o rosto junto ao ouvido de seu garanhão, dizendo-lhe:

— Prometo, rapaz, que quando chegarmos ao forte, você vai ganhar feno e grãos.

O animal moveu a cabeça como se o entendesse.

Dias depois, quando já se imaginavam em segurança, avistaram uma patrulha rebelde. Estavam cansados, pois na noite anterior, não tinham conseguido um bom lugar para dormir.

O grupo de soldados estava a pouca distância e mal houve tempo para que se desse o alarme; logo, estavam sendo perseguidos. Na cavalgada, Yellow Jacket gritou para os demais:

— Há uma floresta à frente e talvez possamos despistá-los!

Enquanto falava, um tiro ecoou e um dos guerreiros mais jovens caiu de sua sela, com um gemido. Não havia como parar para socorrê-lo. Separaram-se, então, sabendo que pelo menos um deveria chegar ao final de sua missão.

Sozinho, Yellow Jacket imaginou se teria chegado sua hora. Os soldados rebeldes

atiravam sem parar. Fez uma prece ao Grande Espírito, murmurando:

— Não importa se irei me juntar a meus ancestrais hoje. Importa apenas que um de nós sobreviva para entregar a mensagem ao chefe Lincoln.

Nesse exato momento, outro disparo acertou o índio que seguira pela direita, fazendo-o cair de seu cavalo. E, na sequência da corrida, o próprio Yellow Jacket sentiu um solavanco e seu cavalo perdeu o equilíbrio, precipitando-se numa depressão do terreno. Ao atingir o solo, o guerreiro sentiu que sua cabeça batia contra uma pedra e perdeu os sentidos.

Não soube precisar quanto tempo se passara quando abriu os olhos novamente. Uma dor aguda atormentava-lhe o cérebro. Seu cavalo estava ali perto. Seu rifle, porém, tinha desaparecido. À certa distância, podia ouvir vozes de homens, um tanto alteradas, enquanto seguiam na busca.

Ele tentou raciocinar. Smoke teria escapado? Levantou-se e olhou para seus dedos, que acabara de levar à cabeça; estavam sujos de sangue. Como sair dali a cavalo sem ser visto pela patrulha rebelde?

Podia se esconder e esperar que não o vissem.

Percebeu que um cavalo se aproximava, pela mata. Um homem branco gritou:

— Jim, vá por aquela depressão e veja se encontra algo!

— Sim, senhor. — O homem veio na direção de Yellow Jacket, em seu cavalo.

Mesmo sabendo que estava em desvantagem diante do rifle de seu perseguidor, ele pôs a mão na faca que trazia à cintura. Deitou-se, mantendo-se imóvel. De onde estava, podia ver o que se passava.

Um índio alto, usando o uniforme cinzento dos rebeldes, vinha num cavalo pardo. Ele apeou a pouca distância; numa das mãos trazia um rifle e, na outra, uma pistola. Andava com cuidado, como se soubesse muito bem espreitar uma presa humana.

Yellow Jacket o reconheceu e seu coração bateu mais depressa. Era Wohali. Jim Eagle! Era uma grande ironia do destino que tivesse de se atracar numa luta de morte com um antigo amigo. Mal respirava, vendo que ele se aproximava.

Nesse instante, Jim Eagle pareceu ver Yellow Jacket pela primeira vez. Estacou, como se não pudesse acreditar no que via. Yellow Jacket encarava-o, esperando o tiro que acabaria com sua vida. De longe, um oficial chamou:

— Jim, está vendo alguma coisa?

Por um lapso de tempo, Jim Eagle apenas olhou, vendo que o homem à sua frente, machucado e com roupas rasgadas, prendia a respiração. Tinham sido amigos no passado e agora eram inimigos por causa de uma guerra de homens brancos.

— Jim Eagle! — chamou o oficial mais uma vez.

— Está vendo algo? Precisa de ajuda?

O Cherokee ainda encarou Yellow Jacket por segundos; não erraria um tiro de onde estava. Então respondeu, em voz alta:

— Não, tenente! Não há ninguém por aqui! Devem ter escapado por outra trilha!

O oficial soltou uma imprecisão e ordenou que o índio voltasse. Jim, então, sorriu de leve e fez uma breve saudação, a qual Yellow Jacket respondeu, murmurando:

— Obrigado, amigo.

Jim assentiu, voltou a seu cavalo e, com ele, voltou por onde viera.

O barulho dos cavalos se afastando, foi ficando cada vez mais distante. Yellow Jacket respirou, aliviado. A amizade podia ser mais importante do que a guerra, analisou.

Saiu do esconderijo e foi até seu cavalo. A neve recomeçava a cair. Passou os olhos ao redor e avistou seu rifle a pouca distância. Foi buscá-lo e então soltou um grito, como o de um lince. Instantes depois, Smoke apareceu, saindo de uma elevação.

— É você, Yellow Jacket? — perguntou, antes de avistá-lo.

— Sim, estou vivo, mas em farrapos e com alguns arranhões.

Os dois se encontraram a meio caminho.

— E os outros?

Smoke negou com a cabeça.

— Mortos, eu acho. Mas vamos verificar. Achei que você não teria chance quando vi o Cherokee seguir pela trilha.

Yellow Jacket sorriu.

— Fomos amigos há muito tempo. E ele não me entregou.

— Sua amizade persiste, então. Certas coisas, a guerra não consegue mudar.

Encontraram os dois jovens índios mortos a poucos metros dali.

— Devíamos fazer uma cerimônia — Yellow Jacket murmurou.

— Não temos tempo. Temos de levar a mensagem.

— Mas não me parece certo deixá-los aqui, para os lobos.

— Eles entenderiam.

Smoke tinha razão. Milhares de outros índios estavam à espera das forças da União. E dependia deles trazer tal ajuda.

A neve se intensificou. Em breve os dois corpos estariam cobertos de branco pelo Grande Espírito. Yellow Jacket voltou a seu cavalo e montou. Outra patrulha poderia aparecer. E logo retomaram seu caminho.

Já haviam perdido a noção do tempo quando, por fim, encontraram uma patrulha de soldados de casaco azul. Estes engatilharam as armas ao vê-los.

— Quem são vocês? — um deles exigiu saber. Yellow Jacket estava com tanto frio que mal conseguiu falar:

— Somos... Muskogees leais, da tribo que os brancos chamam de Creek. Viemos de longe; levem-nos a seu comandante.

Em menos de uma hora, estavam diante do coronel que chefiava a região, levados por um sargento de aspecto rústico.

— O que é isto, sargento? — O oficial estranhou, levantando-se, atrás de sua escrivaninha.

— Fomos enviados pelo chefe Opothleyahola. — Yellow Jacket segurou-se à ponta da mesa para não cair, tão exausto estava. — Viemos pedir reforços.

— Sargento, depressa, arranje cadeiras para estes homens, e também um pouco de café quente.

Yellow Jacket negou com a cabeça, mesmo estando a ponto de desmaiar:

— Precisamos entregar nossa mensagem primeiro, senhor — explicou sua missão em minutos, enquanto as canecas de café eram trazidas.

O coronel, já de certa idade, cocou a barba e olhou-os, por trás dos óculos.

— Quantos índios leais estão lá? — quis saber.

— Não há como saber com certeza; talvez seis ou nove mil, de muitas tribos.

— Yellow Jacket apertou os dedos em torno da caneca quente.

— E quantos guerreiros?

— Não muitos. Talvez dois mil. — O café que bebeu pareceu uma benção dos céus.

— E vocês dois vieram cruzando linhas inimigas? Isso é impossível!

Smoke interferiu então:

— Éramos quatro. Os outros dois não conseguiram.

— Insisto que descansem por uns dias e depois...

— Não! — Yellow Jacket foi enfático ao interromper o coronel.

— Temos de retornar com sua resposta a nosso líder. O que devo dizer a ele? Vai enviar soldados para nos ajudar, como o chefe Lincoln prometeu?

O oficial levantou-se e deu alguns passos pela sala, parando diante da janela fechada, por cujos vidros podia-se ver a neve caindo lá fora.

— Vou... ver o que posso fazer.

— Ótimo. Agora, senhor, se puder nos dar alguma comida, e também a nossos animais, temos de voltar o quanto antes.

O coronel voltou-se, surpreso:

— Mas é uma distância enorme! Podem ficar aqui e...

— Nosso chefe nos espera com sua resposta, senhor. E ele precisa decidir o que fazer, já que se encontra pressionado pelos rebeldes.

O oficial assentiu, sem encará-lo. E ordenou:

— Sargento, providencie os suprimentos que estes homens necessitam e deixe-os partir.

Yellow Jacket e Smoke se entreolharam e sorriram. Tudo estaria bem agora. Seu povo receberia a ajuda prometida pelo chefe Lincoln. Saudaram o coronel e retiraram-se.

Pouco depois, o oficial tornava a se aproximar da janela, vendo os dois índios seguir seu caminho de volta. O sargento reapareceu e ouviu-o murmurar:

— Pobres-coitados.

— Como, senhor?

Os dois eram apenas pontos mais escuros em meio ao branco da neve que a tudo envolvia.

— Não pude contar-lhes a verdade.

— E não deve se culpar por isso, senhor.

— Mas menti, sabendo que com os rebeldes ameaçando invadir o Kansas e o Missouri, não tenho tropas extras para enviar ao território indígena e ajudar esses pobres selvagens leais... Mesmo com as promessas que nosso presidente lhes fez.

— Senhor, talvez, se telegrafasse ao presidente...

— Não. Do jeito que a guerra está na parte leste, nem ele teria tais tropas. Receio que alguns milhares de índios leais tentando escapar dos rebeldes seja uma prioridade bem menor agora... O sargento meneou a cabeça.

— Bem, esses dois talvez nem consigam passar pelas linhas inimigas de volta para seu povo.

— São homens de valor. Vieram de tão longe e será um grande desperdício. Vão esperar por uma ajuda que não chegará. Os rebeldes, provavelmente, vão massacrar a todos.
— O coronel voltou a se sentar atrás de sua escrivaninha.

— Pobres-coitados. Pobres-coitados!

Twilight entrara na rotina da loja desde sua chegada. Atendia no balcão e ajudava Harvey com o livro-caixa. Naquela manhã, duas menininhas entraram um tanto hesitantes; pareciam ser mestiças de negro e índia. Twilight adorava crianças; sorriu para elas e fez-lhes um sinal para que se aproximassem, mas Harvey, que estava no topo de uma escada, junto às prateleiras, gritou para elas:

— Saiam já daqui, malditas sejam! Estou farto de dar esmolas!

As duas se voltaram e saíram correndo. Twilight foi até junto da escada e ergueu os olhos para o meio-irmão:

— Isso foi, mesmo, necessário? Eram, crianças e pareciam famintas!

Ele desceu, bufando.

— Você não entende Twilight. Esses selvagens entram aqui apenas para roubar...

— E por que têm que roubar? Você não está encarregado de fornecer-lhes suprimentos?

— Não preocupe essa sua linda cabecinha com isso, sim? O tom que ele usava a deixava irritada. Queria fazer perguntas, mas não seria apropriado mostrar-se desconfiada do próprio irmão.

— Achei que... se lhes desse alguns doces, os adultos pudessem ficar mais animados a comprar... — sugeriu.

— Ora, eles não têm dinheiro.

Twilight percebeu, de repente, que ao descer da escada e caminhar pela loja, Harvey não mancara.

— Sua perna está melhor? — interessou-se. Ele se voltou, parecendo surpreso.

— Ah... tem dias que ela fica bem melhor, sim... Uma idéia passou pela mente de Twilight, todavia

era tão terrível que não conseguiu colocá-la em palavras. Claro que jamais ousaria perguntar a Harvey se sua claudicação era fingida.

— Que bom que esteja melhorando... — comentou apenas.

— É. Aquela maldita bala ianque... Se minha perna estivesse boa, ainda estaria na linha de frente, junto a nossos valorosos rapazes.

Não, Harvey não era corajoso, ela sabia. Contudo nada comentou. Voltou ao assunto das crianças:

— Eu só achei que não haveria mal em dar uma barra de doce às meninas.

— Eu sei, mas não tenho uma instituição de caridade, você sabe. Lembre-se, minha irmã, de que esta loja agora sustenta duas pessoas.

A insinuação poderia ser vista como afronta e ela foi obrigada a engolir uma resposta mais dura.

— Sinto muito, Harvey. Não quero parecer ingrata com sua generosidade.

Tais palavras pareceram amolecê-lo. Ele sorriu e tocou-lhe os ombros, dizendo:

— Não pense nisso. Estou feliz por tê-la aqui. Sou seu irmão mais velho e sinto-me feliz por oferecer-lhe casa e comida. Claro que, se você voltar a fazer um bom casamento, sei que não vai se esquecer de quem a ajudou quando mais precisou.

Twilight detestava aceitar a caridade de Harvey e, mais ainda, ser lembrada disso a cada instante.

— Claro — respondeu submissa, engolindo o orgulho. Sua mente voltou às meninas.

— Aquelas crianças não me pareceram realmente índias.

Harvey voltou a claudicar e tornou a subir a escada.

— São filhas de Smoke. São mestiças.

— E quem é Smoke?

— Amigo de Matt Folane. Essa tribo se misturou aos negros que foram antigos escravos, como muitas das outras tribos civilizadas.

— Matt Folane?

— Você sabe... Yellow Jacket, o tal índio perigoso.

— Ah, sim. Nem sei por que ele tem um nome branco, já que é tão... Incivilizado.

— Tem razão. Mas ele foi da Cavalaria Ligeira antes da guerra; ele e o irmão.

Twilight começou a arrumar um rolo de tecido.

— E o que a Cavalaria Ligeira?

— As cinco tribos civilizadas têm sua própria força para manutenção da lei e da ordem.

E acredite, ninguém gostaria de se ver frente a frente com eles. São juízes, júri e executores dos índios que infringem as leis.

— E não cuidam dos brancos infratores também? — Twilight tentava imaginar Yellow Jacket como homem da lei.

— Não. Os brancos do território devem ser levados à justiça no Forte Smith. Isso torna o território um ótimo lugar para criminosos brancos se esconderem. Delegados brancos não querem vir procurá-los por aqui. E, se vêm, a maior parte nunca mais é vista. Claro que tudo isso vai mudar quando o território índio se transformar num estado.

— E alguém já perguntou aos índios o que acham disso?

— É óbvio que não! Por que o fariam? A propósito, amanhã, tenho de pegar uma carroça e ir buscar mais suprimentos. Acho que vou ficar fora uns dez dias.

— Quer que o acompanhe? — Twilight estava dividida; não queria ficar em território selvagem sozinha, mas tampouco apreciava a companhia de Harvey.

— Não. Se você fosse, eu teria de fechar a loja e estaríamos perdendo dinheiro. Não se preocupe, vou pedir ao capitão que venha cuidar de você.

— Vou ficar bem. — Ela percebia que o irmão a empurrava novamente para um casamento, mas não estava nada interessada no capitão. Que mulher estaria? E, de repente, a imagem do selvagem, alto, forte, apareceu em sua mente, apavorando-a e fazendo seu coração acelerar. Meneou a cabeça; na verdade, ficaria feliz com a partida de Harvey.

— Acho que vou fazer uma faxina geral enquanto você estiver fora.

— Isso seria bom. As coisas estão meio sujas por aqui, mesmo.

— Ele riu, satisfeito. — Ah, o capitão Wellsley me perguntou se poderia visitá-la e eu concordei — comentou, casualmente.

— Podia ter me consultado antes, não?

— E dizer "não" a ele? Você já está viúva há meses. Está preocupada com o que as pessoas possam dizer?

— Bem, não sei... — Ela pegou um espanador de pó. Sempre se preocupara com o que as pessoas pudessem pensar a seu respeito. — O fato é que não estou realmente interessada no capitão.

— Não está?! — Harvey ergueu o tom de voz. — Esqueceu que está sem um centavo no bolso, dependendo de minha generosidade e...

— Sei que acha que estou sendo indelicada, mas ele é muito mais jovem do que eu!

— E daí? Está à espera de algum cavaleiro em armadura brilhante que venha arrebatá-la em seu cavalo branco? Vocês, mulheres, e suas fantasias tolas! O casamento é um acordo de negócios, Twilight, e devia ter percebido isso quando arranjei para que se casasse com Pierre.

— Achei que, quando me apresentou a Pierre, estivesse pensando em meu bem-estar

— Twilight murmurou, chocada.

— E estava. Como estou agora... — Harvey tentou sorrir.

Ela preferiu nada dizer. Damas sulistas não contradiziam os homens. Engoliu as palavras duras que lhe vieram à mente. Seu pai poderia não aprovar tamanha demonstração de independência e sua madrastra lhe ensinara a se portar bem.

— Você deve estar certo. — Voltou a espanar as prateleiras. E, quando foi arrumar o balcão, fez uma promessa a si mesma. Se, quando Harvey estivesse fora, crianças famintas batessem à porta da loja, iria lhes oferecer doces e comida. Harvey reclamava de não estar lucrando, mas ao verificar os livros, percebera que ele estava desviando o que recebia de suprimentos do governo e ficando com a diferença no preço. Ela podia ter medo de índios, mas acreditava na justiça. Era certo que não tinha muita iniciativa, mas saberia encontrá-la quando se tratasse de alimentar crianças com fome.

No dia seguinte, Harvey se foi, na carroça. Foi um dia tranquilo e não houve muitos fregueses na loja. Por isso sobrou tempo para que Twilight arrumasse a gaveta que ficava logo abaixo do caixa. Aos poucos, foi se apercebendo do que havia ali. Harvey estava endividado

devido ao jogo com soldados e colonos. Sempre suspeitara de que ele jogasse, mas nunca imaginou que fosse algo tão grave. Lembrou-se de como ele ficara ansioso por seu casamento com Pierre, que também era um jogador contumaz. Harvey estaria devendo dinheiro a Pierre naquela ocasião? Não... ele não teria descido tão baixo...

E se estivesse pensando em usá-la novamente, para pôr as mãos no dinheiro do capitão Wellsley? Harvey, afinal, não lhe parecia mais tão generoso por acolhê-la em sua casa... O que fazer? Não dispunha de dinheiro e estaria à sua própria sorte se decidisse sair dali. Detestava-se por não ter coragem suficiente para ir embora. Pelo menos, dispunha de alguns dias para se decidir.

Seus pensamentos foram interrompidos pela sineta da porta. Um rostinho miúdo e escuro colocou-se no vão aberto, depois outro. Twilight sorriu para as meninas.

— Venham!

As crianças se entreolharam, depois voltaram a encará-la.

— Venham! O Sr. Leland não está.

As meninas estavam praticamente em farrapos e descalças, naquele frio.

— Onde está seu pai? — Twilight lhes oferecia duas barras de doce.

— Smoke não voltou — disse a menorzinha. A outra a cutucou, para que se calasse.

— Não se conta nada aos brancos, lembra?

— Podem falar comigo. Seu pai sabe que estão aqui?

— Twilight insistiu.

A pequena ia falar, mas o olhar da outra a fez se calar.

— Não devemos falar com você. Você é inimiga.

— Eu? — Twilight tocou o peito.

— Não...

— Você é rebelde. — A menininha lambia o doce ao falar, quase se atrapalhando:

— Quando papai e Yellow Jacket voltarem...

— Fique quieta! — A maior tomou a irmã pela mão e num segundo ambas estavam fora da loja, correndo para longe.

Twilight fechou a porta e voltou a sevir afazeres. O que os índios estariam planejando? Talvez devesse comentar com o capitão... Não. Não queria criar problemas, ainda mais porque nada sabia de concreto. E não queria colocar as crianças em perigo... Jamais admitiria que não queria causar problemas para o grande e viril índio com olhar selvagem...

O frio se intensificara. Houve poucos fregueses naquele dia e menos ainda no dia seguinte, por isso Twilight decidiu limpar o quarto que ficava nos fundos da loja. Olhou com desgosto para as teias de aranha nas paredes e teto e as janelas imundas. Respirou fundo e, determinada, começou a faxina.

Varreu o chão e inclinou-se para olhar debaixo da cama, onde viu grumos de poeira por toda a parte.

Passou a vassoura pelo que lhe pareceu ser mais um gruminho teimoso e trouxe para junto de si uma conta azul. Harvey vendia contas, mas como aquela fora parar embaixo da cama? Ergueu as sobranceiras e enfiou o pequeno objeto no bolso do avental. Foi, então, arrumar o par de botas sobressalentes de Harvey e, ao soltar sem querer uma delas,

pedrinhas redondas rolaram para fora do cano. Por que ele guardaria aquilo numa das botas? Lembrou-se de quando ele parará de claudicar e arrepiou-se.

A porta da frente se abriu, pois a sineta tocou. Um freguês. Passou as mãos pelos cabelos e pelo avental e já seguia para fora do quarto quando ouviu os passos pesados nas tábuas da loja. E antes que pudesse fazer qualquer coisa, Yellow Jacket estava diante dela, à porta de ligação entre a loja e o cômodo dos fundos.

— O que está fazendo? E uma espiã?

— Como?

— Não se faça de inocente! — Com raiva, ele lhe lançou duas barras de doce comidas pela metade. — Quer descobrir coisas por meio das crianças?

— Eu só dei os doces a elas...

— Minha gente não é um bando de pedintes! Ele se aproximou, fazendo ela recuar até a cama.

— As crianças não pediram nada... — conseguiu murmurar. — Fui eu quem lhes deu os doces...

— E tentou tirar informações com isso! Não é melhor do que o ladrão do seu irmão!

— Ele não está aqui e... — Twilight parou, percebendo a bobagem que fizera ao revelar-se sozinha.

— Sei que não está. Acha que os brancos são os únicos que têm espiões?

Ela mal conseguia respirar, tamanho era seu medo.

Podia sentir o calor do corpo dele, agora muito próximo, e sentir o cheiro de couro que vinha de sua pele.

— Não sei do que está falando... — disse sincera.

— Mentira! — Yellow Jacket estendeu o braço e tomou-a pelo ombro. Sua mão era tão forte que a fez ter um sobressalto. Mas ele olhava por cima de sua cabeça, para a cama.

Apavorada, Twilight imaginava que ele devia estar pensando em jogá-la ali e...

— Solte-me! Ou vou gritar e os soldados vão vir! Um leve sorriso apareceu nos lábios dele.

— Quase acho que valeria a pena — disse, mas afastou-se. — Tenho ordens para levá-la até meu líder. Ele não está bem.

Ela respirou fundo, aliviada, e afastou uma onda de cabelos do rosto.

— Farei o que puder. Vou buscar alguns medicamentos.

— Ótimo. — Dessa vez, o sorriso de Yellow Jacket não foi mau e ele chegou a parecer bonito. — Vou preparar sua charrete.

— Não sei se há uma patrulha disponível para me acompanhar...

Ele se encostou ao batente da porta, obviamente gostando do desconforto que via em Twilight.

— Não precisa de soldados, Sra. Dumont. Eu mesmo a levo.

— Mas eu...

— Está com medo? Acha que o grande selvagem vai escalpelá-la no meio do caminho?

— Não! — Mas ela não o encarava. Tinha medo do jeito como era olhada. Era como se o guerreiro quisesse tomá-la nos braços... Pensar naquilo a horrorizava e excitava ao mesmo tempo. Imaginá-lo beijando-a, rompendo os laços de seu decote...

— Qual é o problema, sra. Dumont? Está corada...

— Nada... — Twilight esbarrou nele ao passar e sentiu os músculos rijos, fortes. Sem querer, pensou em como seria vê-lo nu. Tal idéia embaraçou-a ainda mais. Mas era-lhe impossível não comparar Pierre com aquele guerreiro. Seu falecido marido era tão branco, e seu jeito de fazer amor era rápido e insatisfatório...

— Está ainda mais corada — Yellow Jacket comentou, seguindo-a até a loja.

— Vá buscar a charrete enquanto pego os medicamentos, sim?

Sem uma palavra, ele assim fez. Twilight ficou no meio da loja sem saber como agir. Podia avisar o capitão para que ele providenciasse uma patrulha, mas Yellow Jacket a consideraria uma covarde se agisse assim. E por que se importar com o que ele poderia pensar? Era melhor parar de pensar e se apressar a ajudar o velho doente que estava no acampamento índio.

Juntou comida e suprimentos médicos e saiu pela porta dos fundos. Yellow Jacket a esperava, com a charrete pronta. Tinha amarrado seu cavalo malhado na parte de trás dela e estava sentado na boleia.

— Vai me conduzir?

Ele assentiu. Twilight vacilava, pensando que teria de seguir ao lado dele, tão próxima, por tanto tempo...

— Separei... alguns mantimentos...

— Por que não disse logo? — Ele saltou e foi pegar a saca que ela apontara.

— Meu irmão dispõe de bastante. Vou colocar nos livros.

— Harvey Leland nos engana com frequência —

Yellow Jacket comentou, enquanto levava a saca para a charrete.

— Portanto, imagino que não seja caridade levar isto.

Surpreendia-a que um índio pudesse ser tão orgulhoso; ergueu a saia e pegou a maleta, seguindo em direção ao veículo. Mas o chão estava molhado e escorregadio e, antes que pudesse pensar, Yellow Jacket já a tomava nos braços para carregá-la até lá.

Por um instante seus olhares se cruzaram e ela pôde sentir que havia algo entre seus corpos, ligando-os, tornando-os mais vivos.

— Ponha-me no chão! — ordenou. — Se o capitão o visse...

— Vai contar a ele? — Yellow Jacket a carregou até a boleia com facilidade.

Não houve resposta, apenas um esclarecimento:

— Não gosto desta familiaridade. — Mantinha a voz fria, tentando não pensar no calor que a invadia.

— Muito bem, moça branca. — Também ele falava com frieza agora, ao subir para a charrete e tocar as rédeas. — Na próxima vez, vou deixar que estrague seus sapatos na lama.

Seguiram pela rua; não havia ninguém por ali. O dia estava escuro e frio e Twilight achou que seria melhor se alguém soubesse para onde estava indo. Passou os olhos ao redor, um tanto aflita.

— O que houve?

— Nada... Apenas achei que alguém deveria saber... Uma risada amarga surgiu na boca de Yellow

Jacket.

— Está em segurança. Garanto que os selvagens não irão queimá-la numa fogueira.

Embaraçada, Twilight se calou. Sentia-se tola; os índios estavam famintos, mereciam compaixão e estavam oprimidos por um batalhão confederado. Nada poderiam fazer contra ela. Lembrou-se de que, quando lhe tocara o ombro, a mão de Yellow Jacket estremecera. Ou teria sido sua imaginação? Naquele momento, quis que ele a tomasse nos braços e talvez ele tivesse querido também...

Seguiram em silêncio e logo chegaram ao acampamento. Yellow Jacket saltou e voltou-se para ajudá-la, mas Twilight recusou-lhe a mão. Ao descer, enroscou o pé na barra da saia e quase caiu. Ele a amparou e, sem uma palavra, colocou-a no chão.

Twilight foi levada até a cabana em que o ancião estava. Alguns guerreiros com rostos sisudos aguardavam na porta.

— Vim ajudar — disse a eles, que olharam para Yellow Jacket e só então lhe deram passagem.

O velho índio estava deitado e imóvel. Ela não sabia se o que trouxera poderia reanimá-lo, entretanto não dispunha de mais nada. Deu-lhe um pouco do remédio amargo e aconselhou:

— Coma melhor e fique longe do frio. — Viu-o assentir, mas não teve certeza se a tinha ouvido.

Quando saiu da cabana, acompanhada por Yellow Jacket, ele a segurou por um braço.

— É fácil para você dizer que ele deve comer melhor. Sabe como são ruins as rações que seu irmão nos traz?

— Eu... tenho certeza de que Harvey está fazendo o melhor que pode sob... as circunstâncias em que vivemos...

— O melhor para ele próprio. E é impossível ficar longe do frio nestas cabanas velhas e rasgadas.

Irritada, ela o encarou:

— Vocês não têm casas permanentes em algum lugar deste território?

— Temos... Mas elas nos foram tomadas pelas tropas rebeldes. Agora, são seus oficiais que vivem em nossas aconchegantes cabanas de madeira e comem nossa carne.

Twilight não tinha motivos para duvidar de tais palavras.

— O que quer de mim? — perguntou, frustrada.

— O homem que acaba de atender é nosso líder e, se morrer, nossa gente vai se separar, sem saber o que fazer. Ele deve viver para nos guiar... — Yellow Jacket interrompeu-se de repente, percebendo que havia falado mais do que deveria.

— Guiar seu povo? Para onde? — Twilight interessou-se.

— Esqueça. Venha, vou levá-la de volta.

Dessa vez, ela não protestou quando as mãos dele a tomaram pela cintura para colocá-la na boleia. Os outros índios ainda a olhavam, calados, mas hostis e ela chegou a sentir-se

segura ao lado do guerreiro. Teve a impressão de que nenhum daqueles selvagens ousaria fazer-lhe qualquer coisa se estivesse sob a proteção de Yellow Jacket.

De volta ao forte, Yellow Jacket ajudou-a a descer da charrete.

— Obrigado por ter ido — disse, e seu tom foi quase cordial.

— Sinto por não poder ajudar mais — Twilight respondeu, olhando-o.

— Vou colocar sua charrete no lugar e alimentar o cavalo. — Ele hesitou, para então acrescentar: — A senhora é mais gentil do que a maioria dos sulistas e... Muito diferente de seu irmão.

— Você não entende Harvey... — A frase foi mais de efeito do que de sentido, já que Twilight não sabia ao certo o que dizer.

— A senhora é muito ingênua — Yellow Jacket retrucou, antes de voltar à charrete e levá-la ao celeiro.

Twilight continuou ali, parada, no frio, observando ele guardar o veículo, e depois montar seu próprio cavalo e se afastar. Só então entrou e, assim que o fez, ouviu a sineta da porta. Era o capitão, que logo tirou o chapéu, parecendo um tanto embaraçado, enquanto caminhava para junto do balcão.

— Sra. Dumont, será que posso confiar em meus olhos? Acabei de vê-la chegando, acompanhada daquele selvagem?

Ela vacilou diante de tal palavra; de certa forma, Yellow Jacket já não lhe parecia o guerreiro de cara pintada, sedento por sangue e escalpos que vira retratado em livros de gravuras.

— Não houve outro jeito. O velho chefe está doente e, como o senhor deve saber, meu irmão está fora.

— Podia ter me pedido ajuda.

A vontade de Twilight era dizer que suas idas e vindas não eram do interesse dele, porém hesitou.

— Sinto se ficou preocupado. Na próxima vez, terei mais cuidado.

— Eu é que me desculpo se pareci irritado. Mas o fato é que... acho que acabei me interessando mais do que deveria pela senhora desde que chegou.

Twilight não soube como responder.

Tentou ver-se como a Sra. Wellsley, rica, confortável e obediente à mãe do capitão; não era uma boa visão. Por outro lado, via-se em débito com Harvey por este tê-la acolhido num momento de precisão. E ele queria muito que ela se casasse com o jovem oficial.

— É muita gentileza sua. Agora, se me der licença, capitão, tenho muito a fazer.

— Claro... — Ele se afastou em direção à porta, mas voltou-se ainda: — Talvez nos próximos dias, antes de seu irmão voltar, pudéssemos tomar uma xícara de chá juntos... Minha mãe irá partir em breve.

Twilight avaliou passar outra tarde na companhia da mulher e respirou fundo.

— Seria um prazer — mentiu. — Verei se consigo encontrar um momento oportuno.

— Ah, sinto muito. Acabo de me lembrar que vamos partir em patrulha amanhã...

— Então, talvez possamos tomar chá quando retornar.

— Vamos ficar fora vários dias. Acha que ficará bem durante esse tempo?

— Vou me arranjar até que o senhor ou Harvey voltem.

Ele sorriu.

— Minha mãe gostou da senhora. E a primeira mulher que ela acha... apropriada.

Twilight ergueu as sobrancelhas. O que dizer? Com certeza, a mãe do capitão gostara de seu jeito tímido e obediente.

— É muito gentil da parte dela. Sua mãe é... uma senhora adorável.

— Ela tem certeza de que a senhora se adaptaria muito bem em nossa casa, no Texas. Ela é uma Forester, uma das famílias mais importantes de lá.

Claro que, sendo do sul, entende como isso é valioso.

— Claro... — Twilight via a estrutura social da aristocracia sulista como uma carga pesada demais para se carregar; e isso desde que era uma adolescente, no Alabama.

— Agora, se me der licença...

— Oh, sinto muito! Estou deixando o frio entrar. — Ele se afastou, recolocando o chapéu e acenando de leve.

Twilight avaliava que aquele capitão não devia tomar uma atitude sequer sem o conselho de sua mãe e que a mulher devia ter gostado de conhecê-la por imaginar que seria a nora ideal: fácil de manusear e intimidar. Gostaria de ser diferente, do tipo forte que toma suas próprias decisões na vida, mas fora educada para ser quieta e obediente. Esse era o tipo de mulher preferido pelos cavalheiros do sul.

A noite começava a cair e ela decidiu que já era hora de passar a tranca na porta e colocar a placa de "Fechado" nela. Poderia preparar uma sopa para seu jantar e aquecer-se um pouco.

Enquanto fazia tudo isso, pensava. Seria uma dama respeitada se fosse esposa do capitão. Também teria um marido fraco e uma sogra monstruosa e mandona. Colocou um bule para fazer café sobre a grelha da lareira, pensando na parte mais íntima do casamento. Pierre fora insensível e mecânico na cama. Lembrava-se de como se sentira decepcionada em sua primeira noite com ele, imaginando se não haveria mais do que aquilo entre um casal. Pensou em partilhar uma cama com o capitão Wellsley e estremeceu. Provavelmente não seria melhor do que fora com Pierre. Sem perceber, seus pensamentos desviaram-se para Yellow Jacket e a forma como ele a carregara para a charrete. Havia uma força interior e viril, nele. Sentiu seu rosto queimar ante tais pensamentos.

Naquela noite, sonhou que Yellow Jacket aparecia, tomava-a nos braços e a amava com paixão. A boca ardente sugava seus seios e ela se entregava sem reservas. Ele a penetrava profundamente enquanto a apertava contra si, querendo mais, muito mais...

Acordou de repente, sentando-se na cama, respirando com dificuldade e sentindo-se suada. Estava scandalizada com o sonho. Jamais tivera sonhos como aquele. Também nunca antes encontrara um homem como Yellow Jacket. Ele era perigoso e proibido. Seria como brincar com fogo, avaliou. As obedientes e discretas damas do sul jamais faziam algo como aquilo... ou fariam?

CAPÍTULO II

Era metade de Ehole, o mês em que os brancos chamavam de novembro. O inverno seria rigoroso naquele ano, avaliou Yellow Jacket ao sentar-se diante do conselho, em torno da fogueira da cabana de seu chefe. Os rebeldes os pressionavam cada dia mais, e já temiam reunir-se abertamente, por medo de uma retaliação.

Vendo as chamas diante de si, mais uma vez o guerreiro pensou na moça branca de olhos cinzentos como o fim da madrugada. Podia sentir sua boca sobre a dela, ousando, querendo mais, e seus dedos acariciando-lhe a pele macia, buscando soltar as tiras do corpete...

— Então, qual é sua opinião, filho? — A voz de Opothleyahola, de repente, ficou muito alta em sua mente e o fez ter um sobressalto.

— O quê? — Voltou à realidade num tranco, envergonhado por ter-se deixado levar pelos pensamentos.

O velho chefe encarou-o por segundos, depois tossiu e disse:

— Já quase perdi as esperanças de que o grande chefe Lincoln nos envie alguma ajuda.

O homem com quem falou no Kansas disse que enviaria a mensagem pelos fios que cantam?

Yellow Jacket assentiu e respondeu com tristeza:

— Já não espero nada dos brancos, estejam eles de qualquer lado nesta guerra.

Smoke e outros guerreiros ali reunidos assentiram em silêncio.

— Nesse caso, teremos de agir sozinhos — concluiu Opothleyahola. — Centenas de pessoas estão se reunindo aqui e não temos como alimentá-los nem a seus animais. Além disso, haverá tempestades de neve e os rebeldes estão cansados por estarmos ganhando tempo. O major confederado está impaciente por uma resposta e pode decidir atacar.

— Temos poucas armas e suprimentos — Yellow Jacket observou, antes de tirar uma baforada do cachimbo que circulava entre os presentes. — Se ficarmos sentados, esperando, seremos todos mortos.

— Exato. Por isso reuni todos os chefes de tribos. Vamos fazer o inesperado e partir esta noite.

— Esta noite? — Smoke exclamou, colocando numa palavra a surpresa dos demais.

— Não podemos reunir seis ou sete mil pessoas para partirmos esta noite!

— E estarão mais prontos amanhã ou depois? — Yellow Jacket analisou.

— Concordo — disse Billy Bowlegs. — Será como mover o povo de Moisés no grande livro sagrado dos brancos.

Opothleyahola assentiu e tossiu mais uma vez.

— Estamos esperando há dias, e nenhum mensageiro chegou, nem soldados.

Talvez seja melhor irmos ao encontro das tropas da união que estão vindo nos socorrer.

— Com certeza os rebeldes vão tentar nos deter — Yellow Jacket considerou.

— Não até perceberem que fomos embora — rebateu um outro chefe de tribo.

— Com sorte, levarão dias para saberem.

— Não gosto de contar com a sorte. Vamos perder muita gente se seguirmos até o Kansas no inverno.

O velho chefe assentiu diante das palavras de Yellow Jacket.

— Também era inverno na Trilha das Lágrimas — lembrou-se.

— Quando os brancos nos forçaram a caminhar centenas de milhas para chegarmos aqui. Muitos morreram, mas somos fortes; alguns sobreviverão.

Um murmúrio de concordância passou entre todos e, lá fora, o vento soprou mais forte, como se também desse sua opinião favorável.

— É. Como dizem os brancos, estamos entre o diabo e o mar azul — Yellow Jacket ponderou.

— E o que isso quer dizer? — indagou outro dos chefes.

— Que, se ficarmos, muita gente irá morrer e, se formos, também.

Opothleyahola respirou fundo.

— Se partirmos esta noite, talvez o Grande Espírito nos guie em segurança até a terra prometida chamada Kansas — observou, parecendo cansado.

Yellow Jacket olhou-o com atenção. A moça branca tinha razão: seu chefe estava fraco e abatido demais; poderia morrer a qualquer momento e então seu povo estaria sem um chefe que os unisse.

Alligator, o chefe dos Seminole, protestou:

— Talvez fosse melhor esperarmos até que as forças da União venham em nosso auxílio.

O velho chefe olhou para Yellow Jacket e todos fizeram o mesmo; era evidente que Opothleyahola respeitava muito sua opinião.

— E você, filho, o que tem a dizer?

— Está ficando mais e mais frio com o passar dos dias e logo não haverá grama para alimentar os animais. São mais de trezentas milhas até o Kansas.

— E há gente chegando a cada dia, à espera de que lhes digamos o que fazer — ponderou outro guerreiro.

— E os rebeldes que nos cercam estão também ficando mais fortes.

— Se vamos ter o elemento-surpresa ao nosso lado

— interferiu o velho chefe, tossindo muito —, teremos de partir o quanto antes. Yellow Jacket, você freqüentou a escola dos brancos e sabe como eles pensam. O que devemos fazer?

Yellow Jacket sabia das péssimas condições de saúde de seu chefe. Opothleyahola estava exausto demais para montar. Se tivessem uma charrete... Harvey Leland tinha uma, e era boa, mas a garota branca não a daria, ainda mais sabendo que os índios pensavam em sair

dali. Se pudesse roubá-la... Não. Seu povo não roubava, embora os brancos achassem que sim. Além do mais, se o fizesse, logo haveria uma patrulha de soldados atrás deles. O que responder, então?

— O que nossos curandeiros dizem sobre o tempo?

— indagou.

Foi o velho chefe quem respondeu:

— Acham que logo virá uma tempestade, talvez amanhã à noite, com neve e ventos e que ela manterá os soldados em suas cabanas, junto das fogueiras.

— Muito bem, então, amanhã à noite faremos nossa tentativa.

— Certo. O Grande Espírito estará conosco. Espero morrer num lugar livre onde até nossos guerreiros negros estejam em segurança.

— Eu mesmo mataria minhas filhas para não deixá-las seguirem para alguma fazenda de algodão no Tennessee ou na Louisiana — Smoke considerou.

— Então, está decidido — Opothleyahola declarou, levantando-se com esforço.

— Amanhã à noite, se a tempestade vier, partiremos cobertos pela escuridão. Avisem para que seu povo esteja preparado.

Todos se levantaram e deixaram a cabana em silêncio. Do lado de fora, Yellow Jacket e Smoke observaram seus companheiros se afastando e pararam para conversar:

— Não vamos conseguir levar seis mil pessoas através das linhas rebeldes até o Kansas

— Smoke observou, preocupado.

— Mas, se ficarmos, os rebeldes vão perceber que não estaremos do lado deles e matarão a todos. É melhor ficar e morrer como cachorros indefesos ou tentar ganhar a liberdade?

O índio negro sorriu.

— Não me fale em liberdade. Tenho marcas em minhas costas, que ganhei antes de fugir e me unir a uma das mulheres de seu povo. De certa forma, amigo, você tem sorte. Não tem mulher e nem filhos com que se preocupar nessa jornada.

— Sim, mas todas as mulheres e crianças deste acampamento estão sob minha responsabilidade. — Yellow Jacket pensava na moça branca; jamais se sentira tão solitário quanto agora.

— Acho que ela tem o coração melhor do que a maioria deles — Smoke observou como se conseguisse ler os pensamentos do amigo. — Mesmo sendo do sul que roubou nossas terras e escravizou tanta gente.

Yellow Jacket não queria mais pensar na garota. Toda a sua atenção deveria estar voltada para seu povo na terrível marcha que empreenderiam rumo à fronteira.

— É melhor avisar nossa gente, pois amanhã à noite, nossa viagem vai começar.

O dia seguinte foi escuro e gelado e houve pouco movimento na loja. Twilight procurou arrumar e organizar tudo que podia. Numa sala ao lado, encontrou caixas de comida e suprimentos onde se lia: "Governo dos Estados Unidos da América. Para distribuição entre as tribos indígenas". Por que aquelas caixas estavam ali quando vira que os índios precisavam tanto de comida? Harvey pretendia vender tudo aquilo aos brancos e ficar com o dinheiro? Não podia ser tão insensível e ganancioso! Perguntaria a ele quando voltasse, pois devia haver

uma explicação.

Quanto mais pensava, mais irritada ficava. Iria confrontá-lo quando regressasse e exigir que aquelas mercadorias fossem distribuídas entre os índios. Pensou no velho chefe, tão debilitado. Havia tocinho, café, chá, milho, cobertores, açúcar... tudo ali. O velho índio precisava de alimentos fortes e calor. Podia levar tudo aquilo para o acampamento...

Se Yellow Jacket a ajudasse a voltar com a charrete e depois levar mais outro tanto...

Harvey ficaria furioso, contudo a idéia a agradava. Percebeu que algo dentro de seu coração estava mudando. Um casamento ruim, uma guerra e a viuvez a tinham transformado. Ao mesmo tempo, estava assustada diante da possibilidade de enfrentar Harvey.

Pelo menos com ele tinha onde morar... Tremeu ao pensar que poderia ficar sozinha, no frio, passando fome.

Entretanto, podia fazer algo de bom. Vestiu o casaco e passou um cachecol pelo pescoço; depois colocou na porta a placa indicando que a loja estava fechada e foi pegar o cavalo. Levou-o para a parte de trás da loja e começou a carregar a charrete como podia. Não queria que a vissem, com receio de amedrontar-se e desistir de seu intento. Contudo, não havia ninguém por ali; todos estavam recolhidos devido ao frio intenso.

Terminou de carregar a charrete, colocando sua maleta médica sobre os cobertores e sacos de provisões. Estava exausta. Olhou para o céu e viu que logo seria noite. Não poderia voltar do acampamento índio antes de escurecer por completo. Porém poderia pedir a Yellow Jacket que a acompanhasse na volta. Ninguém ousaria enfrentá-lo, fosse branco ou índio. Harvey e o capitão ficariam furiosos, mas com sorte, nenhum dos dois tomaria conhecimento. Pelo menos até que Harvey desse pela falta dos mantimentos e mercadorias. E o que ele poderia fazer além de gritar com ela? Sorriu ao pensar nisso. Ela, sempre tão tímida e obediente, estava se tornando ousada em nome da justiça.

O caminho pareceu-lhe mais longo do que da outra vez; sentiu-se tentada a voltar inúmeras vezes, mas imaginou os olhinhos famintos das crianças indígenas, e continuou em sua determinação.

Quando chegou, notou um movimento diferente entre os índios. O que estaria acontecendo? Desceu da carroça, amarrôu o cavalo a uma árvore próxima e, por trás de um tronco, espiou. No meio do acampamento, estava Opothleyahola, sentado perto de uma fogueira. Junto dele estavam Yellow Jacket, o negro que chamavam de Smoke e alguns outros guerreiros e chefes. Não havia mulheres com eles, e estavam passando um cachimbo de um para o outro. Deviam estar decidindo sobre coisas importantes para o povo. Twilight sentiu que não deveria estar ali, mas sua curiosidade foi maior e permaneceu. Eles falavam em sua língua, e de vez em quando, em inglês. Assim, ela pôde compreender algumas palavras.

Yellow Jacket parou de falar. Tinha olhos muito bons e um leve movimento na mata chamou sua atenção.

— Não digam mais nada — alertou. — Acho que há um espião por perto. Continuem enquanto vou averiguar. — E, em voz mais alta, disse: — Vou ver se meu cavalo está melhor.

— Afastando-se em seguida.

Os outros continuaram, como se falassem de assuntos triviais, enquanto ele seguia pela mata e, fazendo um círculo, chegou por trás de quem os espionava.

Cerrando os dentes, aproximou-se mais da garota. O irmão ou o capitão deviam tê-la enviado, imaginando que os Muskogees fossem tolos a ponto de não suspeitarem de uma mulher. Não havia como saber o quanto ela já ouvira. Hesitou. Não podiam deixá-la voltar para os brancos com a informação de que eles estavam se preparando para partir naquela

noite. Respirou fundo, sabendo que devia silenciá-la. Baixou os olhos para as próprias mãos. Poderia matá-la num segundo. E teria de fazê-lo para salvar as vidas de milhares de pessoas de seu povo.

Twilight tinha a impressão de que o que eles falavam agora não era tão importante quanto antes. E Yellow Jacket se afastara. Talvez pudesse ir embora, deixando os suprimentos ali, para que os índios os encontrassem. Temia voltar sozinha, porém não tinha outra opção.

Ouviu algo atrás de si, mas não teve tempo sequer para se voltar; alguém caiu sobre seu corpo e ambos rolaram pelo chão gelado. Apavorada, ia gritar quando uma mão forte a impediu. O pavor deu-lhe forças para lutar como podia. Sentia o peso do homem que tentava mantê-la presa ao chão; uma das mãos estava apertando seu pescoço, sufocando-a.

— Por favor... — murmurou desesperada.

— Droga, não posso fazer isto! — Yellow Jacket levantou-se de um salto e puxou-a consigo, fazendo-a ficar em pé.

Os olhos de Twilight arregalaram-se, num misto de surpresa e alívio.

— Você...

— Cale-se! Por que estava nos espionando?

— Eu não estava... Vim para trazer...

— Vi você! Estava ouvindo o que dizíamos no conselho! O que ouviu?

Ela tentou soltar o braço que ele apertava com os dedos fortes.

— Pouca coisa. Algo sobre partirem, mas...

— Mentira! Todos os brancos mentem! — Furioso, ele a puxou sobre si e a carregou de volta ao conselho.

— Ponha-me no chão! — ela gritou. — O capitão virá e...

Com brutalidade, ele a lançou ao chão, junto à fogueira no centro do acampamento.

Twilight passou os olhos pelos rostos sérios que a olhavam. Tinha certeza de que pretendiam matá-la.

— Quando meu irmão... souber como me trataram... ele e o capitão virão com os soldados e vocês vão se arrepender de...

— Cale-se! — Yellow Jacket gritou, colocando um dos pés sobre seu corpo para mantê-la no chão.

Os olhos dos demais índios pareciam já ter selado qual seria seu destino e Twilight engoliu em seco.

Ele passou a falar em sua língua com os outros homens:

— Esta é a espiã que nos observava. — Baixou os olhos para a garota, cujos cabelos tinham se soltado e o vestido preto estava rasgado no ombro, revelando parte das curvas dos seios. Seus olhos eram uma mistura de aflição e medo, e sua boca, entreaberta, parecia estar a ponto de gritar. Nunca vira uma mulher tão desejável. Sentia o sangue correr rápido em suas veias, num desejo intenso de levá-la para sua tenda e possuí-la com violência. E, se o fizesse, poderia matá-la depois?

Opothleyahola olhou para a mulher e indagou:

— Quanto ela ouviu?

— Não há como saber.

— Você devia tê-la matado para que nosso segredo fosse guardado — disse Billy Bowlegs.

Yellow Jacket tornou a olhá-la e concordou:

— É, devia. Não... não sei por que não o fiz. — Estava irritado com sua própria falta de determinação, embora soubesse que não podiam confiar naquela mulher.

— Não podemos soltá-la — Smoke opinou. — Embora ela tenha sido boa com minhas filhas.

— Mesmo assim, não podemos permitir que ela alerte os brancos — avaliou um dos outros chefes.

— Ela é sua prisioneira — Opothleyahola concluiu, para Yellow Jacket.

— Cabe a você silenciá-la para sempre.

— Se seu coração for fraco para fazê-lo, pode deixar comigo — sugeriu outro guerreiro.

Um silêncio terrível se seguiu. Yellow Jacket sabia que aquele guerreiro já havia matado muitos brancos. Se ele não desse fim naquela espiã, o que fariam com ela?

— Como minha prisioneira, acho que poderia transformá-la numa refém de qualidade.

Os soldados não nos atacariam se temessem feri-la.

As cabeças assentiram em torno da fogueira, concordando.

— Boa idéia — Billy Bowlegs comentou, pelos demais.

Outro chefe guerreiro franziu o cenho.

— Ainda acho que devemos matá-la e enterrá-la logo para que os brancos nunca saibam o que lhe aconteceu.

— Essa idéia também é boa — disse outro.

— Não — Yellow Jacket se opôs. — Os brancos seguiriam as marcas das rodas da charrete em que ela veio, e se não a encontrassem, nos atacariam. Mas, se a mantivermos como refém, não farão nada contra nós.

Outro silêncio se seguiu. Ele sabia que os chefes e guerreiros avaliavam a situação. Se lhe ordenassem que a matasse, não conseguiria fazê-lo. Estava numa encruzilhada. Por fim, Opothleyahola deu a palavra final:

— Como refém, ela poderá nos proteger. Agora, vamos cuidar para que nossa gente termine de se preparar. Yellow Jacket, cuide da mulher. Ela vai conosco para o Kansas, querendo ou não.

Twilight estava apavorada demais para reagir enquanto era amarrada e erguida do chão pelo enorme índio. E, na proximidade que tiveram de partilhar enquanto ele passava as cordas por seus pulsos, ouviu-o murmurar, em voz rouca e baixa:

— Maldita seja! Por que tem de complicar minha vida quando não tenho tempo para pensar em você?

Ergueu-a nos braços, e Twilight pôde sentir toda a força de seus músculos, e sentir mais uma vez o cheiro de couro cru que dele emanava. Levou-a até a charrete e colocou-a no assento. Amordaçada, Twilight não podia gritar e isso de nada adiantaria, pois não havia ninguém ali que pudesse ajudá-la.

Por que não se comportara como uma dama e permanecera sossegada onde devia ficar?

Passou os olhos a sua volta, vendo os índios desmontando tendas, arrumando carroças, selando cavalos. Três guerreiros tiraram os suprimentos que ela trouxera na charrete e dividiram tudo em partes iguais. Houve sorrisos e gritos de alegria de quem recebia mantimentos e cobertores. Muitos, porém, ficaram sem nada, pois as provisões que ela trouxera eram poucas para tanta gente. A sua volta, o burburinho dos índios que se preparavam para ir embora a alertou. O que poderia fazer?

Não queria ficar ali, esperando para ser trucidada. Poderia chorar, como uma dedicada e sofredora dama, mas queria agir. Tentou soltar as cordas que a prendiam, no entanto, Yellow Jacket fizera um bom trabalho ao amarrá-la. Só lhe restava rezar para que os selvagens não a matassem antes que Harvey ou o capitão dessem por sua falta. Ambos estavam fora e demorariam a regressar... E, enquanto não soubessem de seu paradeiro, poderia ser torturada e morta. Com certeza, seria um peso para os índios que rumavam para o norte. Quase uma hora depois, Yellow Jacket voltou, amarrando seu garanhão à charrete e tomando as rédeas ao lado dela. O calor de seu corpo a fez afastar-se um pouco e ele a olhou, sério.

— Não se engane, Sra. Dumont. Não tenho tempo para isso agora.

Mas, quem sabe, mais tarde, ele teria Twilight analisou, com um calafrio.

— Está com frio? — Ele a notava trêmula. — De nada nos adiantaria ter uma refém congelada. — E, alcançando uma pele de búfalo que jogara na parte de trás da charrete, passou-a pelos ombros de Twilight. Por uma fração de segundo, ela teve a impressão de que, assim tão próximo, Yellow Jacket poderia beijá-la. Chegou a sentir-se excitada com a idéia, o que a horrorizou. Mas ele se voltou no assento, instigando o cavalo a andar. Passaram a seguir a enorme fileira de carroças e cavalos que os índios formavam ao deixar o local. Yellow Jacket voltou-se para ela, avisando:

— É melhor se comportar, ou não viverá o bastante para ser trocada por alguma coisa. Alguns dos outros querem vê-la morta o quanto antes.

Twilight procurou não chorar, embora estivesse desesperada. Poderia ser morta, sim, quando estivessem mais distantes. Antes, porém, alguns daqueles selvagens poderiam... nem quis completar o pensamento. Tentou equilibrar-se no assento da charrete, mas quando esta passava por alguma pedra ou elevação do terreno, ela via-se empurrada contra o corpo de Yellow Jacket. Ele parecia nem notar, atento ao caminho. De repente, ouviu-o comentar:

— Não vamos conseguir levar toda essa gente até o Kansas neste frio. Mesmo que os rebeldes não nos persigam, o que farão, assim que notarem que partimos.

A jornada, então, fora planejada, Twilight concluiu. Por que aquelas tribos não aceitavam seu destino? Seria uma loucura tentar fugir. Até mesmo ela via o quanto precisavam de armas e provisões. Seriam atrasados pelo caminhar lento dos animais, das mulheres e crianças, e também dos muitos velhos. Não teriam chance contra as tropas bem armadas e alimentadas dos confederados que logo estariam em sua perseguição.

A noite gelada não tinha fim. Twilight sentia a boca seca por estar amordaçada e seus braços começaram a doer e a adormecer. Ouvia o gado lamentando-se, crianças pequenas chorando e cachorros latindo, mas a caravana em marcha não parou até os primeiros sinais da manhã. Então, Yellow Jacket e outros guerreiros foram fazer uma verificação geral. Ela os ouviu falar em sua língua nativa. Pouco depois, ele voltou.

— Vamos parar um pouco para comer e aliviar os cavalos; depois seguiremos outra

vez.

Exausta devido às cordas, Twilight tentou comunicar-se, pedindo-lhe, com o olhar, que a livrasse da mordaca. Yellow Jacket assim o fez.

— Obrigada.

— Não estou lhe fazendo um favor. Ninguém mais pode resgatá-la aqui, portanto, pode ficar sem a mordaca e gritar, se quiser.

— Preciso... Preciso... — Envergonhada, ela não terminou a frase.

— Claro. — Ele a ergueu nos braços, removeu a pele de búfalo de seus ombros e a colocou no chão. Depois soltou suas mãos. — Pode ir atrás daqueles arbustos. Mas não tente fugir. Não conseguirá escapar a pé.

— Eu sei. Tem... um pouco de água aí?

Ele assentiu e entregou-lhe um cantil, alertando:

— Não gaste muita. Podemos demorar a encontrar outro riacho.

Ignorando o aviso, ela abriu o cantil e tomou grandes goles.

— Eu lhe disse para não gastar muita! — Yellow Jacket tomou o cantil de suas mãos com brutalidade.

— Precisa manter sua refém viva, não? — Ela encontrava em si mesma, uma rebeldia que desconhecia até então. Estava cansada, irritada e humilhada.

— Não vá longe — Yellow Jacket tornou a avisar. Com um suspiro, ela se encaminhou para a mata, onde outras mulheres já estavam. Dali, podia ver Yellow Jacket caminhando para junto do homem a quem chamavam de Smoke. Talvez pudesse fugir, imaginou. Se ficasse escondida, os índios não perderiam tempo em encontrá-la porque tinham pressa de sair dali o quanto antes. E quando fossem embora, tudo o que ela precisaria fazer seria seguir as marcas deixadas no chão e voltar. Não pensou mais. Voltou-se e começou a correr mata adentro. Pouco depois, ouviu atrás de si:

— Onde você está?

Ela não respondeu. A raiva que percebia na voz de Yellow Jacket a fez tremer. Correu ainda mais. Pouco depois, já não o ouviu mais. Encontrou um abrigo entre a folhagem e ali ficou, sentindo o frio congelar seu corpo. Ele desistira com muita facilidade, ponderou. Uma refém deveria significar mais problemas do que soluções, afinal. Ficaria ali até sentir que podia seguir adiante sem perigo. Era melhor passar frio e fome a ser torturada e morta pelos selvagens.

Não soube ao certo por quanto tempo permaneceu ali. Os ruídos da caravana se perderam na distância, e ela ainda esperou um pouco mais até se sentir segura para sair. Notou as marcas no chão úmido e começou a segui-las. Descansaria apenas à noite, e tinha esperança de chegar ao povoado antes de escurecer. Ouviu um coite uivar na distância e arrepiou-se. De repente, ser prisioneira de Yellow Jacket não lhe pareceu tão ruim assim...

Twilight jamais sentira tanto frio. Com a luz do dia, a temperatura subiu pouca coisa, e havia a promessa de uma nevasca no ar. Precisava abrigar-se, mas tinha medo de congelar se parasse de andar. Se morresse ali, seu irmão e o capitão jamais saberiam o que tinha lhe acontecido. Tinha a impressão de estar pisando com tijolos, tão endurecidos estavam seus pés. Caiu, levantou-se e continuou seguindo adiante. Pelo menos, seus passos mantinham-na aquecida. Se, ao menos, tivesse algo para comer, ou um pouco de água para beber... Harvey ficaria furioso pela perda da charrete. Mesmo apavorada, sentiu prazer naquilo.

Continuou andando, seguindo as marcas no chão. Caiu mais uma vez, sujando-se de lama.

E a umidade que veio com a queda tornou-a ainda mais gelada.

Precisava continuar, ou morreria ali mesmo e os soldados a encontrariam morta, congelada, na trilha deixada pelos selvagens.

A antiga Twilight teria feito exatamente isso: desistido no meio do caminho. Mesmo assustada, tal idéia deu-lhe forças para prosseguir. Não morreria antes de se vingar do índio que a raptara.

Levantou-se, passou a mão no tronco de uma árvore, tirando a fina camada de gelo que ali havia e comeu-a. Sua boca doeu de tanto frio, mas matou a sede. Continuou, sabendo, pela posição do sol, que já era fim de tarde. Não sabia quanto ainda faltava para chegar ao povoado.

Já era noite quando percebeu que não conseguiria dar nem mais um passo. Parou, exausta. Talvez conseguisse abrigar-se do vento na mata. Estava com muita sede. Comeu um pouco de neve e depois seguiu para as árvores, entre as quais caiu, incapaz de se levantar novamente.

Se ficasse ali, morreria de frio. Já não parecia tão importante viver, porém. Queria apenas fechar os olhos e dormir. Tentou mais uma vez, levantando-se, e foi quase se arrastando que conseguiu chegar a um abrigo entre a folhagem de uma árvore baixa. Ali ficou, abatida, até que ouviu o som de um cavalo. Não... devia estar imaginando coisas. Ouviu novamente. O animal resfolegava. Talvez fosse uma patrulha, animou-se. Ergueu a cabeça e foi como se recebesse uma pancada sobre ela. Yellow Jacket aproximava-se em seu cavalo malhado.

— Twilight? — chamou. — Onde está você?

Sem saber o que poderia ser pior, ela se levantou e se embrenhou para dentro da mata.

— Ei! Volte aqui! — Yellow Jacket chamou, instigando o cavalo atrás dela. Pouco depois, como o animal não conseguisse passar pelos arbustos, saltou e continuou a perseguição a pé.

— Pare! Mas que droga, pare!

Ela tropeçava, caía, levantava e continuava correndo. No entanto, aos poucos, seu perseguidor estava mais e mais perto. Nem mesmo arriscava olhar para trás, quando de repente, uma enorme mão segurou-a pelo ombro, rasgando seu vestido.

— Eu disse para parar! — Yellow Jacket a fez voltar-se.

Twilight lutava com todas as forças que lhe restavam; era melhor congelar até a morte a ser escrava de um selvagem. E, em seu esforço por se soltar, fez com que Yellow Jacket perdesse o equilíbrio, caindo os dois sobre o chão gelado.

— Pare! — ele ordenou. — Não vê que já está congelando?

— Graças a você! — ela rebateu.

Com gestos imperativos, ele a agarrou pelos pulsos e a fez levantar consigo.

— Tem sorte por eu tê-la encontrado! Não sobreviveria a esta noite.

— Seria melhor do que ser sua prisioneira! — Twilight lutava para controlar as lágrimas.

— Pare com isso, mulher. — Segurando-a, Yellow Jacket assobiou, chamando seu cavalo, que logo se aproximou. — Tenho fósforos e cobertores na sela. Vamos passar esta

noite aqui e amanhã seguiremos com os outros.

Mesmo sabendo que teria de passar a noite com aquele selvagem, Twilight deixou-se levar até um abrigo entre as pedras, onde ele acendeu uma pequena fogueira.

— Não pode ser maior — explicou —, ou os rebeldes vão nos encontrar.

— Colocou um cobertor sobre ela e a fez aproximar-se das chamas. Notava que ela tentava enxugar as lágrimas.

— Trouxe comida também? — ela pediu.

— Não devia lhe dar nada, considerando todos os problemas que me causou.

— Como quiser.

Yellow Jacket meneou a cabeça e lhe deu o cantil e um pacote pequeno onde havia um pedaço de carne seca.

Sem pensar no gosto, Twilight comeu e bebeu *com* avidez.

Calado, Yellow Jacket colocou um pouco de neve num bule, para fazer um café.

— Devia tê-la deixado para trás — resmungou, acorocado junto ao fogo.

— Os outros queriam que eu o fizesse. Disseram que você morreria antes de chegar ao povoado.

— Talvez. Mas... por que veio atrás de mim?

— Não sei.

Passaram-se alguns minutos de silêncio, até que o cheiro do café penetrou as narinas de ambos, animando-os. Yellow Jacket serviu-a primeiro.

— Obrigada por ter voltado — Twilight murmurou, antes de beber.

— Vamos deixar algo bem claro, está bem? Você é apenas minha refém, e se voltar a ser inconveniente, os outros vão querer matá-la. Assim, de agora em diante, comporte-se.

Ela o encarou. Estaria blefando?

Terminaram a parca refeição, e em seguida Yellow

Jacket colocou seu cavalo ao abrigo do vento e da neve, entre os arbustos, retirando-lhe a sela e deixando-o perto de onde ainda havia grama no chão.

— Temos um cobertor cada um e vou colocar a pele de búfalo sobre nós dois.

— Vamos... ter que dormir juntos?

— Teme por sua virtude? É bem típico de uma mulher pensar em algo tão tolo diante de uma situação como esta. Não se preocupe Sra. Dumont; tenho muitas outras coisas com que me preocupar além de tirar suas roupas e violentá-la como acha que qualquer selvagem faria.

Twilight desviou o olhar, sentindo-se tola. Talvez ele a achasse tão desinteressante que nem pensaria em possuí-la. Viu ele pegar a pele de búfalo e deitar-se a seu lado. Cerrou os olhos para não vê-lo enquanto ajeitava os cobertores e a pele. E, quando se deitou, sentiu de imediato o calor de seu corpo. Chegou a pensar que se ele tivesse sono pesado poderia roubar o cavalo e fugir.

Esperou alguns minutos, até sentir que a respiração de Yellow Jacket se tornava ritmada e lenta. Então, com extremo cuidado, saiu de baixo dos cobertores.

— Onde, diabo, pensa que está indo? — A voz trovejou atrás dela, fazendo-a parar.

— Ia... até aquela moita... Você sabe...

— Vá. Mas devo lembrá-la de que um guerreiro tem bons ouvidos. Estaria perdendo tempo se tentasse fugir de mim outra vez. Não vou confiar novamente, pode estar certa. Se tentar fugir, vou amarrá-la de forma que fique imóvel e desconfortável a noite toda!

Twilight podia vê-lo por trás da moita onde estava. Sabia que ele tinha razão, não conseguiria escapar numa noite como aquela. Assim, com um suspiro, voltou para baixo dos cobertores. Sua única chance de sobreviver seria ficando ao lado dele.

Percebeu quando ele adormeceu. Continuava com muito frio. Aproximou-se de seu corpo, sabendo que Yellow Jacket nem notaria e em poucos minutos, também adormeceu.

Ao acordar, em plena madrugada, viu-se praticamente entre os braços do guerreiro. Seu primeiro instinto foi se afastar, mas teve medo de acordá-lo. Cerrou os olhos e fingiu dormir. Sentiu quando ele despertou e a afastou, levantando-se em seguida.

Ela permaneceu de olhos fechados e ouviu-o preparar o café. Depois sentiu que ele tocava seu braço com a ponta do sapato.

— Ei, acorde. Já está na hora de seguirmos. Haveria alguma forma de atrasá-lo para que os rebeldes os alcançassem?

Twilight sentou-se e se pôs a espreguiçar.

— Você poderia matar uma lebre... Assim teríamos comida — sugeriu.

— É. E o som poderia trazer uma patrulha até nós. — Ele entregou-lhe um pedaço de carne seca e uma xícara de café. — Coma e beba enquanto apronto o cavalo.

— Não vai tomar seu café?

— Não estou com fome.

Twilight olhou para o pequeno pedaço de carne; não havia o suficiente para dois e ele estava lhe dando sua parte, compreendeu. Sentiu-se tocada pela generosidade, porém logo se lembrou de que valia mais viva do que morta para ele.

— Vai pedir resgate a meu irmão por mim? — perguntou, enquanto o via selar o animal.

— Cale-se e venha logo. Duvido que Leland tenha muito além do que roubou dos índios e não vai querer gastá-lo para tê-la de volta.

— Acho que o capitão Wellsley, sim.

— Claro. Não foi por isso que veio? Para se casar com ele e seu irmão poder colocar as mãos na fortuna dele?

Twilight sentiu-se corar.

— Isso não é da sua conta!

Yellow Jacket cobriu a fogueira com terra e juntou suas coisas; depois montou.

— Venha. Dê-me sua mão. Ela vacilava.

— Prefere andar?

Twilight aceitou a mão que lhe era estendida, sendo erguida para a sela com facilidade. Yellow Jacket passou a pele de búfalo em torno de ambos e começaram a seguir.

Ela o ouviu murmurar uma impreciação antes de dizer:

— Maldita seja por me causar tantos problemas.

— Não vou fugir outra vez.

Ele a apertou contra o corpo, fazendo-a sentir que a desejava.

— Não foi a isso que me referi e sabe muito bem. Envergonhada demais para responder, Twilight se calou, sabendo, pela forma como ele a abraçava, o que lhe passava pela cabeça.

Harvey estava irritado quando parou a carroça diante da loja. Estranhou o aviso de "Fechado". Sua irmã não sabia que queria cada centavo que pudesse pegar dos soldados e dos índios? Com suas próprias chaves, abriu a porta e entrou. Notou que tudo estava em ordem.

— Twilight?... Voltei e trouxe mais suprimentos. Twilight?...

Andou por tudo, chamando por ela. Procurou-a até no estábulo, atrás da casa.

E, notando a falta do cavalo e da charrete, murmurou:

— Mas onde ela teria ido com um tempo destes? Ouviu ruídos e imaginou que ela tivesse voltado. Ia

repreendê-la por ter fechado a loja.

No entanto, quando voltou à loja, notou que era uma patrulha que vinha pela rua, e saiu ao alpendre, para ver o capitão à frente dela. Os soldados pareciam exaustos e os cavalos estavam cabisbaixos. Pararam todos diante da loja.

— Capitão... vejo que saiu em patrulha...

O oficial assentiu e voltou-se na sela para dar ordens a seus subordinados:

— Dispensados. Sigam para os estábulos. Estarei com vocês em seguida.

Eles obedeceram, enquanto o capitão desmontava.

— Pela carroça, parece que também acabou de chegar — observou.

— Imaginei que depois de um banho pudesse vir fazer uma visita a Sra. Dumont...

— Então, também não a tem visto? Wellsley ergueu o chapéu na testa.

— Como assim? Ela não está aqui?

— Deve ter saído com a charrete.

— Com o tempo assim? Há quanto tempo ela saiu?

— Na verdade, não sei. Acabei de chegar.

— Uma dama não sai sozinha — observou o oficial. — Talvez esteja visitando alguém.

— Twilight não conhece ninguém por aqui... — Harvey começava a ficar irritado com a meia-irmã.

O capitão, por sua vez, se preocupava:

— Vou mandar alguns homens procurarem por ela.

— E se afastou. Estava realmente atraído pela bela viúva. Ou, talvez, pensou consigo mesmo, fosse seu sentimento de culpa falando mais alto.

Sabia de algo que nem ela, nem seu questionável irmão sabiam: Pierre Dumont fora um covarde e um traidor. Tinha certeza, porém, de que para poupá-la, deviam ter-lhe dito que ele morrera como herói. Na verdade, tinha sido morto por deserção. E fora ele próprio, capitão Franklin Wellsley, o encarregado de por fim à vida do safado.

Harvey procurou e, em menos de meia hora, descobriu que ninguém vira sua irmã já havia dias. A esposa do major até achava que ela o tivesse acompanhado na busca dos suprimentos. Nesse meio tempo, Harvey também notou a falta dos mantimentos e mercadorias no outro cômodo da loja.

— Mas o que, diabos, ela poderia estar planejando?

— disse consigo mesmo.

Pouco depois, o capitão retornou.

— Ninguém a viu — informou. — Acha que os índios possam tê-la levado?

— Estava horrorizado diante da possibilidade.

Harvey tentou parecer preocupado.

— Estão faltando alguns suprimentos. Twilight tem coração mole. Estou quase apostando que os levou para aqueles malditos selvagens.

— Um coração mole é uma qualidade numa dama... Mas ela é ingênua demais para perceber o quanto os índios são perigosos.

Harvey sentiu vontade de sorrir diante da preocupação que notava no oficial. Talvez ainda houvesse uma chance de casar Twilight com uma boa fortuna.

— Imagino que a pobrezinha esteja desesperada e querendo muito que o senhor vá em seu socorro...

O jovem oficial hesitou por alguns momentos.

— Vou juntar alguns homens e seguir até o acampamento índio para verificar — disse por fim.

— Irei com vocês, então. Acha que seria bom levar uma arma?

— Claro que sim! Nunca se sabe do que esses selvagens são capazes!

A patrulha seguiu até o acampamento indígena. E ficaram todos atônitos diante do que viram. Tendas velhas abandonadas, ferramentas sem uso espalhadas aqui e ali, e mais alguns objetos largados pelo chão.

— Droga, eles se foram! — Harvey murmurou, passando os olhos em torno do acampamento. Pensava em todas as vendas que deixaria de fazer sem todos aqueles índios para comprarem em sua loja.

— Não há sinal de que a sra. Dumont tenha estado aqui — disse o capitão.

— O major vai ficar muito aborrecido com o desaparecimento dos índios. Não podemos deixar que se juntem aos ianques em hipótese alguma.

Harvey não se importava com os índios ou com o destino da guerra. Desmontou e olhou com mais afinco.

— Há sinais de rodas de charrete aqui. Acho que Twilight esteve no acampamento.

O oficial também desmontou, acorrendo-se para verificar melhor o solo. Ergueu os olhos e viu um pedaço de tecido preto preso ao galho de um arbusto. Foi até ele e tomou-o entre os dedos.

— Meu Deus, isto poderia ser... Harvey tomou o farrapo e exclamou:

— Mãe de Deus! É parte do vestido que ela usava! Estão com ela! Aqueles selvagens estão com minha irmã!

Yellow Jacket seguiu pela trilha; seu corpo forte bloqueava o vento frio para Twilight. Com a pele de búfalo ao seu redor e o calor do corpo masculino, ela se sentia aquecida. Quando alcançaram a multidão de índios que seguia rumo norte, ele voltou a colocá-la no assento da charrete, que já estava cheia de crianças exaustas. Twilight, então, colocou a pele sobre elas.

— Vai ficar gelada sem ela — Yellow Jacket avisou.

— Não posso deixar que as crianças passem frio. Sem uma palavra, ele lhe jogou seu cobertor. Olhou-a e então disse:

— Fique com o grupo, Sra. Dumont. Tenho muito a fazer e não posso ficar atrás de você o tempo todo.

— Quando o capitão Wellsley nos alcançar, cuidarei para que o faça pagar por meu seqüestro.

Yellow Jacket não esperava tal ameaça. Olhou-a, sisudo, e aconselhou:

— É melhor não esperar que ele venha. O capitão nada sabe sobre combater índios e vai acabar morrendo ao bancar o herói para uma dama.

Twilight viu-o se afastar e, com mãos geladas, segurou as rédeas da charrete. As horas foram passando, as crianças, caladas, olhavam-na com grandes e tristes olhos negros.

Pareciam famintas e amedrontadas, mas não choravam. Apesar de seus próprios receios, o coração de Twilight apertava-se por elas. Começou a cantar uma suave canção de ninar enquanto dirigia a charrete e, ao olhar para trás, minutos depois, viu que a maioria dos pequenos estava dormindo.

Pouco depois, Yellow Jacket tornou a aproximar seu cavalo e observou:

— Pelo que vejo, tem jeito com crianças.

— Todas as crianças são iguais, não importa que cor tenham. Acho um crime arrastar toda essa gente por tantas milhas, neste tempo. Se vocês se rendessem, os confederados os ajudariam.

— Mesmo? Ou nos matariam? É melhor morrermos tentando chegar ao Kansas e à liberdade, a sermos prisioneiros dos rebeldes.

Uma mulher grávida, levando duas crianças pelas mãos, passou pela charrete. Twilight reconheceu as duas meninas, filhas de Smoke.

— Venham para a charrete! — chamou. — Há espaço aqui para vocês!

A mulher parou, olhando com desconfiança para Twilight; depois desviou os olhos para Yellow Jacket. Ele lhe falou em Muskogee, fazendo-a sorrir de pronto e aproximar-se, para colocar as crianças na charrete e depois subir também.

— Esta mulher vai dar à luz em breve. Merece algo melhor do que isto, não acha?

Yellow Jacket não se deixou dominar pela repreensão, rebatendo:

— Diga isso aos rebeldes que nos tiraram a liberdade. Ela entende muito bem o que está passando. E, se sua hora chegar, você fará o parto.

— Aqui? Neste frio?! Sem um médico?!

— Vai ter de fazê-lo. Não há tempo para perdermos com detalhes assim. Estamos próximos do rio que os brancos chamam de Arkansas e nossos batedores acabam de avisar

que o coronel Cooper e suas tropas já estão atrás de nós. Se formos alcançados antes de cruzarmos o rio, seremos massacrados.

Twilight ia responder, mas ele se afastou, apressado. Então, estava prestes a ficar em meio a uma batalha sangrenta. Olhou para a mulher sentada a seu lado e tentou sorrir, instigando o cavalo para que seguisse mais depressa.

Viajaram por todo o dia; os índios que iam caminhando seguiam devagar, tocando suas cabras e bois. Avançavam bem pouco, mas todos os rostos estavam determinados, voltados para o norte, mesmo contra o vento gelado. A tarde já caía, quando Twilight notou que a mulher grávida não estava bem e puxou as rédeas assim que viu Yellow Jacket passar por perto.

— Por que está parando? — ele indagou, de cenho franzido. — Temos de cruzar o rio antes de escurecer! Seremos todos mortos se os rebeldes nos alcançarem!

— Acho que ela está entrando em trabalho de parto. Onde está Smoke?

— Mas que hora de isso acontecer! Vamos ter que deixá-la à própria sorte.

— O quê?! Você está louco! Não vou fazer isso!

— Mostra-se bem mais determinada do que pareceu a princípio. — Ele quase sorriu.

— Mas os rebeldes que nos seguem matariam qualquer um, mulher ou não.

— Vamos ter que arriscar. Onde está Smoke?

— Lá atrás, pronto para dar a própria vida para impedir que os rebeldes cheguem até nós. Vou ficar com ele.

— Pode pedir que alguém cuide das crianças enquanto fico com ela?

Ele respirou fundo e gritou, chamando uma mulher de idade, que logo se aproximou. Tirou as crianças da charrete e entregou-as a ela, enquanto a mãe lhes gritava alguma coisa.

— O que ela quer? — Twilight indagou.

— Está mandando a velha atravessar o rio com as crianças e não olhar para trás.

Tocada pela coragem da mulher, Twilight acariciou-lhe a testa suada.

— Diga a ela que vamos parar aqui e que vou ajudá-la no parto.

Yellow Jacket assim o fez e a mulher olhou para Twilight com um sorriso, dizendo-lhe algo.

— Ela diz que, apesar de branca, você é corajosa e tem bom coração — ele explicou, antes de instigar o cavalo a se afastar.

Twilight sentiu um aperto no peito. Ia ser deixada para trás com uma parturiente e ambas poderiam ser pegas pelas tropas confederadas que atirariam primeiro e perguntariam depois.

A distância ouviam-se alguns disparos. Pegou sua maleta médica e ajudou a mulher a se abrigar entre algumas moitas. Então viu que Yellow Jacket voltava, a cavalo.

— Por que não foi com os outros? — perguntou. — Já disse que vou cuidar dela.

— Acho que você não está entendendo a situação. Estará em grande perigo também. Já está escurecendo.

— Não vou abandoná-la aqui. Darei um jeito. Com uma imprecisão, ele desmontou.

— Então, vou ficar também.

— Oh, está com receio de perder sua refém?

— Sim. Agora, pare de falar e diga-me como posso ajudar.

Aliviada, mas querendo disfarçar o que sentia, ela pediu:

— Se puder armar uma tenda com os cobertores e acender uma fogueira...

— Os rebeldes sentirão o cheiro da fumaça.

— E está com medo?

— Se fosse um homem, eu a mataria por esse insulto.

— Então, me ajude!

A mulher, encostada num tronco de árvore, gemia de dor. Twilight seguiu até ela com sua maleta, enquanto Yellow Jacket escondia o cavalo entre as moitas.

— Talvez não nos vejam aqui. — Ouviu-o murmurar.

— Se... nos pegarem, eles vão executá-lo? Ele sorriu de leve.

— Somente se eu tiver sorte. Alguns dos Creeks rebeldes, liderados pela tribo McIntosh, prefeririam me torturar.

Twilight sentiu a boca seca.

— E mesmo assim vai ficar?

—Vou. Não quero que você caia nas mãos deles. Eles fazem bem pior do que matar mulheres inimigas.

Twilight teve a rápida impressão de um estupro coletivo e viu que os olhos da outra mulher também estavam apavorados. Pelo visto, ela entendia inglês suficiente para ter ouvido o que acabara de ser dito.

Yellow Jacket ficaria com elas, mesmo diante do perigo de ser pego e torturado pelos inimigos. Talvez fosse porque a parturiente era mulher de Smoke e este, seu amigo, ela avaliou enquanto se preparava para fazer o parto. Viu-o acender uma fogueira minúscula e estender os cobertores para amarrá-los contra o vento.

— Se dispõe de um pouco de água, coloque-a para ferver, sim? — pediu quando ele se aproximou.

A mulher mordia os lábios, evitando gritar.

— Está tudo bem, pode gritar se quiser... — Twilight instigou.

— Ela não o fará, por medo de atrair os inimigos — Yellow Jacket explicou, logo atrás.

A mulher disse algo, entre gemidos, e ele acrescentou:

— Ela diz que não entende por que estamos os três arriscando a vida. Ela para irmos embora e deixá-la aqui.

— Pois diga-lhe que vou ficar. Não posso abandoná-la.

— Eu sei. — A voz de Yellow Jacket era calma e suave agora.

— E uma pessoa melhor do que imaginei, bem diferente dos brancos que já conheci.

— Então, quando este momento de crise passar, vai me libertar?

A expressão suave desapareceu do rosto dele.

— Ah, então é isso! Pois saiba que mesmo que eu a soltasse, correria perigo à noite,

diante de tropas que esperam pelo inimigo. Agora, cuide dela. Vou vigiar.

— Avise-me se as tropas se aproximarem.

Ele assentiu e deixou o abrigo. As duas horas seguintes passaram devagar. Os tiros estavam cada vez mais próximos. Twilight estava apavorada, mas tentava não demonstrar à mulher, que agora estava em total processo de parto.

Yellow Jacket apareceu, aflito:

— Quanto tempo mais? Já posso ver batedores rebeldes chegando.

— Não vai demorar. Então poderemos voltar à charrete.

— Tenho boa pontaria. Vou subir numa árvore e tentar ganhar algum tempo.

Ele se foi e, minutos depois, a índia dava à luz uma menina. Twilight sorriu, amparando a nova vida nas mãos e, depois de dar-lhe um tapinha no traseiro, envolveu-a numa manta. Yellow Jacket se aproximou.

— Tudo bem por aqui?

A mulher disse-lhe algo, fazendo-o sorrir.

— Ela quer dar à menina o seu nome, em gratidão por tê-la ajudado.

— Oh... — Havia lágrimas nos olhos de Twilight. — Diga a ela que eu fico muito honrada.

Ele o fez, depois insistiu:

— Podemos seguir agora?

— Só mais um minuto, para terminar o que deve ser feito; depois poderá nos ajudar a voltar à charrete.

— Está bem. Vou atrasá-los o quanto puder, mas apressem-se.

Pouco depois, Yellow Jacket voltou, para carregar a mãe até o veículo, enquanto Twilight levava a criança e sua mala. Acomodaram as duas na parte de trás da charrete e logo Twilight já estava na boleia, com as rédeas em mãos.

— Os rebeldes estão a menos de uma milha — Yellow Jacket avisou.

Seguiram, então, para o rio, onde os índios atravessavam, numa verdadeira confusão. Crianças choravam, animais protestavam, mulheres chamavam os seus para que todos atravessassem juntos.

— Consegue conduzir a charrete pela água? — Yellow Jacket gritou para Twilight.

Tensa, ela via que um índio estava tentando cruzar as águas pouco à frente. Os cavalos estavam assustados e, de repente, o veículo virou, e algumas pessoas caíram na correnteza, sendo ajudadas pelos demais. O homem que dirigia a carroça tentou desvirá-la e quando os cavalos se soltaram e seguiram para a outra margem, acabou sendo levado com o veículo, pelas águas fortes do rio.

Yellow Jacket corria em seu cavalo pela margem, incitando sua gente a atravessar e não olhar para trás. Os confederados estavam cada vez mais próximos. Todos ali sabiam que não podiam ser pegos antes de atravessarem, pois isso significaria morte certa. Na confusão, muitas pessoas e animais eram levados pela correnteza e se perdiam na escuridão.

Twilight olhou para a jovem mãe a seu lado. Ela tinha os olhos arregalados de medo.

Nunca, em toda sua vida, passara tantos perigos como nos últimos dias. Avançou com a charrete até a margem e parou. Se o veículo tombasse, a mãe e a criança não teriam chance.

Yellow Jacket se juntou a elas, e tomando o cavalo pelos arreios, seguiu puxando-o rio adentro.

— Vamos! — gritou. — A carroça vai flutuar. Tudo o que tem a fazer é segurar as rédeas com firmeza!

Ela assim o fez, atenta à mão firme de Yellow Jacket, que segurava o cavalo para que este não se assustasse e avançasse sem parar. Tanto o animal de Yellow Jacket quanto o da carroça agora nadavam com vigor. Twilight sentiu a água atingir seus tornozelos e prendeu a respiração, pois ela estava gelada. Qualquer pessoa que caísse ali morreria congelada, com certeza, pensou, engolindo em seco.

A travessia pareceu durar uma eternidade, mas por fim, os cavalos pisaram em chão firme, bem como o veículo. Yellow Jacket continuou conduzindo o cavalo da charrete. Estava molhado e tremia de frio.

— Encontre abrigo — disse ele, quase sem voz. — Acho que teremos de enfrentar os rebeldes na colina. — Com movimentos rápidos, voltou o animal novamente para o rio.

— Aonde você vai? — Twilight gritou, assustada.

— Tentarei deter os rebeldes até que todos tenham atravessado, ou serão massacrados!

— Mas pode morrer! — De repente, ela se via apavorada diante da idéia de perdê-lo.

Sem responder, ele voltou para o rio, avançando pela correnteza mais uma vez. Twilight observou-o, sentindo a boca seca e o coração acelerado. Depois se voltou para a índia a seu lado e o pequeno embrulhinho em seus braços, que levava seu nome. Faria tudo, decidiu, para ajudar aquela gente miserável e injustiçada.

Na outra margem, os disparos se multiplicavam, em meio a gritos de homens. Twilight instigou o cavalo a seguir em frente. Viu índios voltando ao rio, alguns montados, outros a pé. Todos determinados a ajudar os guerreiros que lutavam contra a tropa confederada. Estavam mal vestidos, e dispunham de poucas armas, contudo, tinham muita coragem.

Com essa mesma coragem, ela seguiu pela colina que se erguia à sua frente, sabendo que a mulher e a criança na charrete eram sua responsabilidade. Muitas outras mulheres e crianças já corriam por ali, em busca da segurança da mata que se formava mais adiante.

Da outra margem do rio, Yellow Jacket voltou-se para ver a mulher branca na charrete. Tinha de parar de pensar nela e concentrar-se na batalha.

— Vocês estão em menor número e têm poucas armas! — gritou aos índios que o seguiam.

— Sabem o que devem fazer. Com emboscadas, poderemos diminuir nossa desvantagem! Estão prontos a morrer pelo bem de seu povo?

Os homens assentiram ferozes, determinados.

— Então, vamos!

E, com Yellow Jacket na liderança, o grupo de índios enfrentou a guarnição de soldados confederados que se colocava mais à frente. Após um breve apelo ao Grande Espírito, ele se lançou ao ataque, com seu grito de guerra na garganta, como seus companheiros.

Pegos de surpresa, os soldados vacilaram por alguns instantes, depois se ajoelharam e começaram a atirar. A Cavalaria os ajudava, pelos flancos. Yellow Jacket ouvia as balas

passarem próximo a seus ouvidos, mas não podia recuar. Precisavam esperar até estarem bem perto do inimigo e então forçá-lo a seguir para a emboscada. Os brancos gritavam palavras de ordem e, pouco atrás, um guerreiro índio gemeu ao ser atingido por um disparo. O cheiro de pólvora estava por toda a parte e havia fumaça no ar, o que atrapalhava a visão.

— Agora! — gritou a seus homens quando já estavam quase frente a frente com os soldados montados. — Façam com que nos sigam!

Os índios debandaram, e os brancos os seguiram, achando que estavam fugindo. Yellow Jacket viu um companheiro ser ferido e tombar sobre a sela; quis voltar para ajudá-lo, mas não havia como, sem prejudicar a manobra que estavam realizando. Continuou cavalgando, gritando a seus homens que o seguissem, que mantivessem os soldados em sua perseguição. Voltou-se e viu um soldado atirando contra seu companheiro caído. Isso o encheu de fúria, mas continuou, pensando apenas em não permitir que a Cavalaria percebesse o engodo a que estava sendo levada.

Tornou a olhar para trás e viu que o comandante da tropa era o capitão Wellsley; o rapaz era jovem e ingênuo demais para entender o que estava acontecendo. Mais algumas jardas e estariam na mata, na qual os guerreiros esperavam, a pé, para o ataque final. Um soldado branco gritou um aviso, contudo o capitão o ignorou, continuando a perseguição.

— Agora! — Yellow Jacket tornou a gritar para que seus companheiros a cavalo se voltassem diante da Cavalaria confederada a fim de enfrentá-la ali, onde os outros índios, a pé, começaram a aparecer de toda a parte.

Confuso, o capitão refreou seu cavalo. Segundos atrás, estava perseguindo aquele guerreiro que reconhecia como sendo Yellow Jacket e o bando de selvagens por ele liderados. Mas agora estava vivendo um verdadeiro inferno, com tiros de rifle ressoando por todo lado. Os índios que antes fugiam tinham se voltado contra seus soldados e havia outros, saídos da mata, que avançavam e matavam sem piedade. Gritos e gemidos estavam à sua volta, homens caíam feridos e mortos, cavalos relinchavam, assustados, e a visão da morte e da dor tomava conta de tudo.

— Emboscada! — alguém gritou.

Wellsley jamais imaginara que os selvagens fossem capazes de uma tática de guerra como aquela.

— Retroceder! — gritou a seus soldados, enquanto seu cavalo empinava, fazendo-o lutar para não cair.

O barulho o ensurdecia, seu cavalo não parava de relinchar e empinar, desobediente, enquanto apenas uma frase se repetia em sua cabeça: um homem a pé é um homem morto.

Com muito esforço agarrou-se às rédeas e levou o animal até uma árvore, à qual o amarrou. O vento gelado açoitava seu rosto. Onde estava o restante das tropas do Texas e os índios rebeldes? Contavam com um número bem maior, e, no entanto seus homens estavam sendo mortos porque tinham sido estúpidos o suficiente para caírem na mais velha armadilha do mundo! Não, não receberia uma medalha; seria, sim, rebaixado de posto e expulso do exército. E o que sua mãe diria?!

Pelo menos, não diriam que morrera covardemente. Agarrou o rifle em sua sela e ajoelhou-se, pronto para atirar. Mirou e atirou, acertando um guerreiro. Ao seu redor, a Cavalaria confederada caía, gemendo, sobre o chão coberto de sangue. À distância, conseguiu ver as tropas do Texas que vinham, mas que não chegariam a tempo.

O sargento segurou-o pelos ombros, sacudindo-o de volta à realidade.

— Senhor, estamos encrencados! Precisamos recuar!

— Recuar? Confederados galantes como nós?! O que dirão?

O velho sargento encarou-o, sem acreditar no que ouvia.

— É melhor recuar a perder todos os homens, senhor — argumentou.

— Muito bem, então, vamos nos reagrupar!

Na confusão, os soldados de uniforme cinza começaram a se unir em retirada. Alguns tinham perdido os animais e estavam a pé. Outros, muito feridos, morriam ao tentarem retroceder.

O capitão voltou a seu cavalo, ouvindo as balas que continuavam a passar perto, zunindo na noite. Estava apavorado. Quanto à sra. Dumont, fizera um brilhante esforço para resgatá-la, se é que ainda estava viva, mas falhara. Humilhado, incitou seu animal para voltar para trás, sabendo que tudo não passara de um grande fiasco. Perdera homens e parte de sua autoridade por causa de uma emboscada bem conduzida por um grupo de selvagens mal armados...

Yellow Jacket, por sua vez, observava a retirada da Cavalaria com satisfação.

O capitão devia ter vindo para resgatar a Sra. Dumont. Não a entregaria jamais.

— Estão fugindo! — gritou. — A primeira vitória contra o homem branco em território índio é nossa!

Ao seu redor, os guerreiros ergueram os braços armados e gritaram de pura euforia. Muitos deles seguiram para o campo de batalha para escalar o inimigo tombado. Não podia detê-los. As tribos civilizadas não tinham tal costume, mas as das planícies, sim. Os índios rebeldes e até mesmo os texanos o estavam fazendo também. De repente, a lembrança de Twilight fez seu coração bater mais forte. Cruzou novamente o rio, à procura dela. Encontrou-a protegida atrás de uma rocha, segurando a filhinha recém-nascida de Smoke.

— Você está bem? — perguntou, aflito. Ela estava apavorada.

— Acabou? — quis saber.

— Por enquanto, sim. Vão lamber as feridas e talvez possamos escapar com a noite por proteção.

Twilight levantou-se.

— Escapar? Está brincando? Há tantos mortos e feridos aqui!

— Eu sei. Pegue sua maleta e veja o que pode fazer. Os líderes têm de se reunir com o grande chefe para ver o que faremos a seguir.

Ela entregou o bebê à mãe e encarou-o:

— E o que quer que eu faça?

— Vou tentar encontrar Smoke. Talvez ele ache uma carroça confederada para levar sua mulher e filha.

Twilight viu-o afastar-se. Notou suas costas largas, avaliando que Yellow Jacket era como uma torre de força entre aquela gente. Tinham pouca comida, poucas armas, e todas as chances contra eles. Contudo, havia coragem em abundância. Era quase impossível que alcançassem seu destino, no Kansas, mas não desistiriam. Da menor criança, à idosa mais frágil, estavam dando-lhe uma lição de bravura e determinação que jamais vira antes.

Em algum lugar, ouviu um guerreiro ferido gemer. Pegou sua maleta, sorriu para a jovem mãe com seu bebê e começou a procurar pelos feridos. Muitos deles não podiam ser removidos, e eles pareciam saber disso. Deparou-se com um rapaz que mal saíra da ado-

lescência.

— Vou... buscar uma carroça — prometeu a ele, mas viu-o negar com a cabeça.

— Não quero atrasar minha gente... Eles devem chegar aos soldados da União...

Twilight apertou-lhe a mão e assentiu, sentindo as lágrimas turvarem-lhe a visão, pois o jovem acabava de morrer à sua frente. Por que, um dia, tivera tanto medo daqueles pobres homens? Eram seres humanos, afinal, que viviam e morriam e tinham esperanças e sonhos como qualquer outra pessoa "civilizada". Que diferença faria aos confederados se alguns índios famintos e em farrapos chegassem ou não ao Kansas? Se pudesse falar diretamente com o comandante das tropas confederadas, rogaria que deixassem os índios partirem em paz.

Via muitos deles saírem de trás dos arbustos, alguns feridos, e tinha tão poucos remédios consigo para ajudá-los! Respirou fundo, juntando sua coragem, e seguiu cuidando dos que podia.

Bem mais tarde, sentou-se num tronco caído, tremendo, e Yellow Jacket logo a encontrou.

— Comeu alguma coisa? — ele se preocupou.

— Não... Estou preocupada com a família de Smoke.

— Ele encontrou uma carroça abandonada. Vai levá-los nela.

— Que bom...

— Venha comigo.

— Mas...

Quando ela protestou, ele a tomou nos braços e carregou-a antes que ela desmaiasse de exaustão. Levou-a para perto de algumas pedras, onde acendera uma fogueira e sentou-a junto às chamas, colocando um cobertor sobre seus ombros.

— Fiz café e tenho um pouco de carne seca — informou.

Café. Ela sentia muito frio, suas mãos tremiam.

— Há outras pessoas que precisam mais do que eu.

— Cale-se e beba. — Yellow Jacket colocou a caneca entre suas mãos.

— E coma um pouco também.

— Esta comida é sua?

— E isso importa? Temos de mantê-la viva. Precisamos de sua habilidade médica.

— Oh... Achei que, talvez...

— Pare de falar e coma. — Ele se recostou a uma pedra e respirou fundo, cerrando os olhos.

Twilight sabia que não deveria se preocupar se seu seqüestrador havia ou não comido.

Tal idéia renovou seu senso de desafio, e a fez beber e comer com vontade. Não fosse por aquele selvagem, poderia estar entre os confederados agora, em segurança, num lugar aconchegante. Contudo, como poderia dormir em paz, sabendo o que os índios estavam passando?

Pela primeira vez, notou que o forte guerreiro estava tremendo.

— O que houve com seu outro cobertor?

— Eu o perdi.

— Mesmo?

Yellow Jacket a encarou e respondeu depois de ficar calado por alguns segundos:

— Eu o dei a um guerreiro que estava agonizando, para amenizar seu sofrimento até se encontrar com o Grande Espírito.

— O que vai acontecer aos que estão feridos demais para caminharem?

Uma expressão de dor passou pelo rosto dele.

— Teremos de deixá-los para trás.

— Oh, mas... isso é horrível! Os confederados vão matá-los quando os encontrarem!

— Eles sabem disso. O que importa é conseguirmos levar nossa gente até o Kansas. Nada deverá nos atrasar.

Por alguns minutos, o silêncio foi total, a não ser pelo estalar dos gravetos na fogueira. Um ferido gemeu em algum lugar e o vento levou seu lamento embora. Mais adiante, um bebê chorou.

— Uma vida se vai, outra vem — Yellow Jacket murmurou.

— E o caminho. Um homem encontra uma mulher, eles se amam e produzem a vida para que seu povo possa prosseguir vivendo. E nada mais importa.

Twilight percebeu-o tremendo novamente e sentiu-se culpada.

— Estou com seu cobertor e você está com frio.

— Já senti frio antes. — Mais alguns segundos de silêncio, e então ele observou:

— Viu seu capitão hoje, tentando resgatá-la?

Twilight pensou no jovem oficial; ele agora lhe parecia pouco mais do que um menino diante do guerreiro que tinha à sua frente.

— Não, não o vi. Você o matou?

Os olhos intensos de Yellow Jacket a encararam.

— Seu rico rebelde está bem. Fugiu da batalha como um cervo diante dos caçadores.

Ela baixou os olhos, avaliando a humilhação do rapaz diante do índio experiente.

— E Harvey estava com ele?

Uma risada irônica soou na garganta do guerreiro.

— Claro que não. Pelo menos, o capitão cumpriu seu dever. Harvey Leland deve ter ficado bem lá atrás do grupamento; isso, se ele veio. Agora, pare de falar e descanse. Vamos partir no meio da noite para ganharmos terreno.

— Por que simplesmente não se rendem? As mulheres, os idosos e as crianças não podem continuar andando na neve!

— Você gostaria disso, não? Para poder voltar ao conforto da vida civilizada.

— Estou pensando apenas na segurança de sua gente.

Ele a encarou por longos e duros momentos.

— Esta mudando, Sra. Dumont. Era delicada, assustada, quando a vi pela primeira vez. Uma perfeita dama sulista.

Também ela se lembrava de quando o vira, ao sair da diligencia.

— Foi essa a impressão que lhe dei?

A voz de Yellow Jacket era baixa, fazendo-a esforçar-se para poder ouvi-lo:

— Achei-a a mulher mais linda que já tinha visto, e a desejei.

Twilight não soube o que dizer. O que Yellow Jacket estava sugerindo não só era proibido, mas impensável. Viu-o erguer os olhos para encará-la e a expressão no rosto firme, másculo, acelerou seu coração. Aquele guerreiro viril, poderoso falava do fundo de sua alma, num tom quase gutural. Chegou a assustar-se e entendeu que bastaria fazer o mínimo dos gestos para que ele se aproximasse... e não tinha certeza se conseguiria ou não resistir a ele...

Seus olhares se cruzaram no silêncio da noite durante intermináveis momentos, até que Yellow Jacket desviou o seu para as chamas novamente.

— Vá dormir, mulher de olhos de crepúsculo — murmurou.

— Eu a acordarei quando estivermos prontos para partir.

Devagar, Twilight aninhou-se sob o cobertor, no chão, e cerrou os olhos. Segundos depois, sentiu os dedos dele, firmes, tocarem-lhe o rosto para afastar alguns fios de cabelo de sua testa. Então a mão desviou-se para seu ombro, num gesto protetor que a confortou. E foi sentindo o peso daquela mão que ela adormeceu.

Yellow Jacket a acordou durante a madrugada.

— Está na hora — avisou, tocando-a levemente no ombro.

Ao despertar, Twilight sentiu todos os nervos rígidos por ter dormido no chão frio.

— Ficou sentado perto de mim o tempo todo? — quis saber.

— E isso importa?

Ela baixou os olhos para as cinzas da fogueira, que ele automaticamente cobria com terra.

— Não sobrou café?

— Não. Mas ainda tenho um pedaço de pão de milho. Twilight aceitou o pão e, quando já mastigava o

primeiro pedaço, perguntou:

— E você, já comeu?

— Sim. Pare de se preocupar comigo.

Apesar de não acreditar, ela achou melhor não discutir, pois de nada adiantaria.

— Posso levar algumas pessoas na charrete — ofereceu.

— Então leve alguns feridos, se é que sobreviveram a esta noite.

Os mortalmente feridos seriam deixados para trás, à mercê dos soldados confederados. Quantos chegariam ao Kansas? Com o frio que dezembro traria em breve, seria difícil imaginar. Twilight decidiu ajudar os que podia. Talvez, mais cedo ou mais tarde, conseguisse uma oportunidade de negociar com os confederados; afinal, o que alguns índios a mais ou a menos poderiam significar para a causa rebelde?

Os primeiros sinais da manhã apareciam quando ela pegou sua maleta e começou a procurar quais dos feridos poderia levar. Viu uma mulher muito idosa deitada a poucos metros dali, curvada como um feto.

— Senhora... — chamou, tocando-lhe as costas frágeis. Mas não houve resposta. A mulher estava completamente imóvel. — Oh, meu Deus...

Voltou-se e viu Yellow Jacket. Fez um sinal para que ele se aproximasse.

— Acho que...

Ele se abaixou para examiná-la e negou com a cabeça.

— Ela se foi. Talvez de frio, ou talvez tenha desejado morrer para não ser um fardo para seu povo.

Twilight sentiu as lágrimas inundarem seus olhos. Observou o corpo frágil, em farrapos e murmurou:

— Não é justo, meu Deus! Essa mulher não feriu ninguém...

— Diga isso aos nobres rebeldes que nos perseguem — Yellow Jacket murmurou, amargo. Curvou-se e pegou o cobertor que estava sobre a mulher, dizendo com reverência:

— Desculpe, velha mãe.

— Mas... Não vamos nem mesmo enterrá-la?! Ele se voltou, tenso.

— Julga-me sem coração? Eu conhecia muito bem esta mulher! Em tempos melhores, comi junto ao fogo de sua cabana. Mas o Grande Espírito vai entender, como entenderão também os mortos; não temos tempo para funerais e há outros velhos precisando deste cobertor. Agora, vá buscar a charrete.

— Oh, céus! Isto é cruel e ultrajante!

— Sra. Dumont, vai buscar a charrete ou me obrigará a fazê-lo?

Com um gesto emotivo, Twilight rasgou um pedaço de sua vasta saia preta e cobriu o rosto da índia morta. Era o mínimo que podia fazer. Então se afastou, indo em direção à charrete.

— Os passageiros que irão com você estão ali adiante — Yellow Jacket avisou-a, montando em seu cavalo e seguindo adiante.

Com um suspiro de resignação, Twilight reconheceu que ele estava certo. Na vida protegida que sempre tivera, experimentara bem poucas agruras quando comparadas ao que aquela gente estava passando. Bateu as rédeas sobre o cavalo, para que este começasse a andar, sabendo que as bem alimentadas tropas sulistas logo estariam em pé e dispostas a recomençar a perseguição. Um dia longo, triste e frio os esperava e não havia mais nada a fazer a não ser ajudar uns poucos índios. Concentrou sua atenção à frente e não olhou para trás, para o cadáver da velhinha curvado sobre a neve.

No acampamento confederado, o coronel Cooper acordou de repente e agarrou sua pistola.

— Coronel! Coronel Cooper! — chamavam-no.

Reconheceu a voz e relaxou, sentando-se de lado em sua cama de campanha.

— O que houve, Rogers?

Clem Rogers, o índio mestiço Cherokee, que era seu batedor, entrou na tenda e prestou continência.

— Algo aconteceu, senhor.

— E óbvio, ou você não estaria aqui. — O oficial espreguiçou-se e começou a procurar pelas botas.

— Senhor, trata-se dos Keetoowas, o grupo montado de Cherokees do coronel Drew.

— Ah, esses encenqueiros...

O jovem batedor girava o chapéu entre os dedos.

— O senhor sabe, eles andam resmungando que não queriam perseguir os Creeks fugitivos e... acham que deveríamos deixá-los ir...

— Já sei disso tudo. Também não gosto muito dessa perseguição, mas temos ordens.

— Não são os Cherokees tradicionais, senhor, mas a tribo Keetoowa. Eles... eles debandaram.

— O quê?! — O coronel levantou-se, irritado.

— Pois então, senhor. Quase todos os Cherokees montados debandaram durante a noite.

— Malditos sejam! Para onde foram? O rapaz ergueu os ombros.

— Não se tem certeza. Alguns podem ter ido se juntar ao grupo de Opothleyahola, outros podem ter se juntado a tropas da União; também podem estar cansados da guerra e simplesmente voltaram para casa.

— Queria eu ter essa possibilidade de escolha! Os outros Injuns estão conosco ainda?

— Sim, senhor. Os McIntoshs estão doidos para ver sangue Creek jorrar. Eles são inimigos mortais de Opothleyahola que assassinou o chefe da tribo McIntosh há alguns anos por ele ter assinado o acordo de terras com os sulistas.

— E, ainda vão ter sua chance de fazê-lo. Rogers, vá alertar todos os meus oficiais que nos reuniremos em alguns minutos e diga ao cozinheiro para preparar um café bem forte.

— Sim, senhor! — O batedor Cherokee voltou-se para sair.

— Ah! O irmão da Sra. Dumont acabou não vindo?

— Veio, sim, mas está seguindo bem atrás do regimento, senhor.

— O rapaz não conseguiu esconder o desdém de sua voz.

— Pois é melhor ir dizer-lhe, e também ao capitão Wellsley, que não poderemos seguir sem reforços.

— Harvey Leland não vai gostar da idéia.

— Problema dele. Não vou avançar com todo um regimento faltando. Nossos reforços são, provavelmente, os Cherokees montados do velho general Stand Watie; eles são leais à causa.

— Sim, mas ainda levará uns dois dias para que cheguem e isso dará aos Injuns ianques mais tempo para fugir.

O coronel respirou fundo.

— Sei disso. Pegue um de nossos melhores cavalos e siga o mais rápido que puder até o general Watie. Preciso de ajuda aqui!

— Sim, senhor! — Clem Rogers fez nova continência e se foi.

— Droga... — murmurou o oficial, pegando seu chapéu.

— Malditos sejam esses guerreiros da União por não serem sensatos e se renderem.

— Bem no fundo, ele tinha certa admiração pela determinação e pela coragem dos índios, muito embora isso lhe causasse problemas. Com um suspiro, pegou seu paletó e saiu da tenda.

O dia gelado parecia não ter fim. Ventava e nevava o tempo todo. Na charrete, seguiam um guerreiro ferido, uma mulher e duas meninas. Às vezes, a roda se prendia na lama e Yellow Jacket voltava para ajudá-la a andar novamente. O guerreiro ferido a cada instante ficava mais fraco e quando pararam para que os cavalos descansassem, disse algo a Yellow Jacket, que assentiu com gravidade, desmontou e o ajudou a sair da charrete. Entregou então um rifle ao rapaz e levou-o para trás de algumas rochas, voltando depois sozinho.

Twilight o fitou com curiosidade.

— Ele não vai mais seguir comigo?

— O homem está morrendo e sabe disso. Pediu para ser deixado para trás.

— Mas ele vai morrer se...

— Já está morrendo. Pretende atrasar o avanço dos rebeldes, para termos mais tempo. Pediu para que seu lugar na charrete seja ocupado por alguém que tenha mais chances de sobreviver.

Twilight sentiu a garganta se apertar com a vontade de chorar.

Viu que a mulher que seguia consigo também tinha lágrimas nos olhos.

— Ela é irmã do guerreiro — Yellow Jacket esclareceu.

— Oh, Deus! — Sem poder conter os soluços, Twilight cobriu o rosto.

— Isto é tão terrível! Tudo é tão terrível! Por que não me deixa para trás? Alguém poderia ocupar meu lugar na charrete também!

— Precisamos de suas habilidades médicas. Vou buscar alguém que já não consegue andar para tomar lugar na charrete.

Enquanto ele se afastava, Twilight olhou para a índia a seu lado. Se aquela moça conseguia deixar um irmão agonizante para trás, quem era ela para reclamar de alguma coisa? Sacudiu as rédeas, colocando o cavalo em movimento, seguindo junto com muitos índios cansados, famintos, mas determinados. Pouco depois, Yellow Jacket reapareceu.

— Opothleyahola está muito fraco. Seu cavalo morreu e ele já não consegue cavalgar, muito menos caminhar. Não podemos perdê-lo.

Assim, o velho chefe foi trazido para a charrete. Estava fraco e tossia muito.

— Talvez esse cavalo não agüente se não diminuirmos o peso — Yellow Jacket comentou, depois de ajeitar seu chefe no veículo.

A jovem índia se levantou de imediato, oferecendo-se para caminhar, mas Twilight protestou:

— Por favor, fique. Posso caminhar. Yellow Jacket então estendeu o braço.

— Venha comigo. Opothleyahola pode segurar as rédeas.

Mesmo hesitando, Twilight aceitou, montando atrás dele. E retomaram o caminho. O

corpo do guerreiro a protegeu do vento e, aquecida, ela passou os braços por sua cintura, sentindo-se melhor.

O cheiro de couro da roupa que ele usava impregnava suas narinas. Com o rosto encostado à suas costas, podia ouvir as batidas de seu coração. Sentia-se mais do que aquecida: sentia-se protegida e em segurança. Mas tinha de se lembrar sempre de que aquele índio era seu seqüestrador e que seu irmão e o capitão estavam vindo para resgatá-la. Tal idéia não lhe pareceu tão boa quanto no dia anterior. Quisesse ou não, estava começando a gostar e a respeitar o valente guerreiro Creek.

Twilight achou que o dia não fosse mais acabar. Agarrada às costas de Yellow Jacket, na gelada travessia rumo norte, via os índios seguindo com dificuldade, tropeçando e caindo de cansaço ao seu redor. Muitos deixavam um rastro de sangue na neve branca, pois já não tinham mais os sapatos. Em certo momento, passaram por um cavalo morto e havia pessoas em torno dele, famintas, cortando pedaços de sua carne para se alimentar.

Por fim, a noite chegou e todos se agruparam, para partilhar a pouca comida que ainda restava. Yellow Jacket acendeu uma fogueira e as pessoas se juntaram a ela, cheias de frio. Twilight andou por ali, fazendo curativos, ministrando o pouco remédio que ainda dispunha a quem necessitasse. Já não via aquela gente como um bando de selvagens. Eram simplesmente pessoas, tentando fugir dos tormentos da guerra.

Smoke apareceu em seu cavalo, e tinha um sorriso nos lábios.

— Até que enfim, boas notícias! — exclamou. — Straggles nos avisou de que os índios Cherokees do coronel Drew desertaram. Alguns vieram se juntar a nós, outros seguiram para se reunir às forças da União e outros estavam cansados demais da guerra e voltaram para suas casas.

— Ótimo! — Yellow Jacket comentou. — Talvez isso atrase um pouco os rebeldes enquanto esperam por reforços. Por fim, acho que podemos descansar um pouco. — Ele seguiu até o líder, Opothleyahola, que permanecia deitado na charrete.

Twilight o observava de longe, trocando palavras com o velho chefe que tossia muito, mas sorria. Em seguida, ele se aproximou, para dar-lhe as boas novas:

— Os Keetoowas desertaram o que deixa as forças confederadas defasadas. Bom, não acha?

Para ela, não. Suas chances de escapar diminuía. Se bem que já não queria mais fugir, pois a responsabilidade para com os índios doentes a afligia.

— É, é bom — concordou mesmo a contragosto. — Poderia arranjar comida para os mais fracos e doentes?

— Vou tentar caçar alguma coisa, embora estejamos com falta de munição.

— Há falta de tudo, a não ser de doenças e fraqueza, por aqui... — Ela se ajoelhou, para reavivar as chamas da fogueira, que o vento teimava em tentar apagar.

— Também estamos ficando sem fósforos — Yellow Jacket observou. — Em breve teremos de fazer fogo com uma pedra e aço. E não vai ser fácil com o vento soprando tão forte.

— Se ao menos houvesse um pouco de café quente...

Se estivéssemos com as tropas, teríamos.

— Minha gente não negociaria sua chance de liberdade por um pouco de café. Vou derreter um pouco de neve e talvez possamos fazer uma sopa com o milho moído que ainda resta.

Twilight apenas assentiu. Olhou para os pobres índios que se juntavam em busca do calor do fogo.

— Se você conseguisse caçar uma lebre, a sopa ficaria mais nutritiva.

Ele assentiu e se afastou. Quase uma hora depois, retornou trazendo uma lebre magra, cuja pele ele tirou, limpou, e cortou em pedaços, para que a sopa ficasse mais forte.

Assim que o cheiro da comida chegou às narinas de todos, crianças começaram a se reunir em torno do caldeirão colocado sobre as chamas. Os velhos, porém, ficaram para trás, à espera. Com lágrimas nos olhos, ela lhes fez um sinal para que se aproximassem.

— Podemos dividir um pouco para cada um — explicou, mesmo sem saber se a entendiam.

E, em poucos minutos, o caldeirão estava vazio.

— Comeu um pouco? — Twilight perguntou a Yellow Jacket.

— Não estava com muita fome. Você comeu?

— Claro. — Era mentira, mas ela sabia que se dissesse que havia dado sua porção a uma mulher idosa, ele ficaria contrariado.

Sentiu as mãos dele, quentes e pesadas, sobre seus ombros.

— Tem bom coração, Twilight. Mas devia ter comido. Se voltar muito magra, seu irmão dirá que a tratamos mal.

As palavras fizeram-na lembrar-se de que, ali, não era mais do que uma refém que logo seria trocada por alguma coisa?

A noite veio pesada e fria, com o vento soprando sem parar e a neve ainda caindo. As pessoas se espalharam, buscando abrigos naturais e as foguerias não passavam de punhados de carvão em brasa. Yellow Jacket cortou alguns galhos de árvore, aparou-os com a faca e preparou uma cobertura sobre o chão gelado, onde colocou sua pele de búfalo.

— Traga seu cobertor — chamou. — Vamos ver se conseguimos não congelar esta noite.

Twilight ponderou que os brancos não precisavam saber que partilhara um leito com aquele guerreiro.

O importante era sobreviver ao frio. Deitou-se junto dele, cobrindo-se, e sentindo o cheiro dos galhos recém-cortados. O aroma a fazia se lembrar do Natal.

Yellow Jacket puxou-a para junto de seu corpo. A princípio tensa, ela se deixou envolver, porque assim partilhariam melhor o calor embaixo do cobertor. Olhando para as brasas, ela indagou, quase sem sentir:

— Quanto falta para chegarmos ao Kansas?

— Não sei. Mas vamos continuar seguindo até encontrarmos tropas da União.

— E se os confederados nos alcançarem novamente?

— Lutaremos outra vez. Agora, durma; seguiremos antes de o dia amanhecer e precisará de todas as suas forças.

— Estou tão cansada de sentir fome e frio... e de ver gente morrendo diante de meus olhos, sem que se possa fazer nada para impedir...

— Eu também. Mas não temos opção, a não ser seguir para o norte até encontrarmos um local seguro ou sermos mortos pelos rebeldes.

Sentindo o corpo quente de Yellow Jacket junto ao seu, Twilight cerrou os olhos devagar. Não havia como prever o que os esperava no dia seguinte; morte, sofrimento, fome... Ela não queria pensar. Queria apenas sentir-se aquecida nos braços de um homem que a segurava como se fosse algo muito precioso.

Twilight acordou no meio da madrugada e viu que Yellow Jacket estava apoiado em um dos cotovelos, olhando-a.

— Já... está na hora de seguirmos? — perguntou.

— Ainda não. Sinto muito. Não quis acordá-la.

Mas gosto de ficar olhando para você.

— Dedos firmes tocaram-lhe o contorno do rosto com suavidade.

— No que está pensando?

— No quanto quis fazer isto.

Antes que ela pudesse entender o sentido das palavras, Yellow Jacket baixou a cabeça e beijou-a de leve.

Surpresa, ela compreendeu que estivera esperando por aquele momento desde que o vira pela primeira vez. Deixou-o aprofundar o beijo e, colocando a mão em sua nuca, correspondeu com um ardor que, até para si própria, era novo.

Após alguns segundos, ele se afastou.

— Desculpe. Não devia ter feito isso. Twilight sentia o coração disparado.

— Sou uma prisioneira; não podia tê-lo impedido.

— Não quero você assim. — Ele a fitou profundamente, depois se afastou, sentando-se e atijando as brasas com um graveto longo.

— Vou caçar. Quem sabe terei sorte em encontrar um cervo.

Twilight enrolou-se no cobertor, avaliando quantas vidas mais, perderiam nesse dia para o frio e a fome.

De fato, ele conseguiu caçar um cervo. A sopa então foi muito melhor, mais farta, e alimentou muitos índios. No começo da manhã, a caravana estava mais uma vez em movimento rumo às colinas.

Avançaram em paz nesse dia, já que os confederados aguardavam reforços. Apesar do frio e da falta de comida, seguiram sua marcha até que Opothleyahola, ainda na charrete, ordenou que parassem.

Twilight não queria pensar na noite que viria e no que aconteceria nas próximas horas. Fez o que pôde para ajudar e comeu um pouco da carne de cervo que sobrara da última refeição.

E quando, finalmente, chegou o momento de deitar-se junto de Yellow Jacket, sob o mesmo cobertor, aceitou o abraço que ele lhe oferecia porque precisava do calor de seu corpo. A civilização parecia algo tão distante agora e tudo que queria era poder dormir em paz, aquecida e protegida.

De repente, sentiu-o acariciar seus cabelos; não reagiu, e nem saberia como; afinal, era uma prisioneira e Yellow Jacket poderia fazer com ela o que bem entendesse.

— Twilight? — ele chamou, num sussurro.

Ela fingiu dormir, pois não tinha certeza de como poderia ou queria reagir. Sentiu um

beijo suave no rosto e virou-se devagar; os seios roçando no peito forte dele. Na escuridão da noite, o desejo de Yellow Jacket revelava-se na reação de seu corpo. Twilight jamais se sentira assim em relação a um homem. Em sua mente, havia apenas a idéia de que, no dia seguinte, ou em qualquer outro, poderiam se separar, pois a morte os rondava. Seu coração bateu mais depressa, numa emoção nova.

Yellow Jacket apoiou-se no cotovelo e repetiu:

— Twilight? — ele estava pedindo e o coração dela dizia "sim".

Sem uma palavra, ela passou os braços em torno do pescoço dele e puxou-o para si. O beijo foi lento e ardente; como ela nunca fora beijada antes. Era como se Yellow Jacket tomasse sua boca por direito, invadindo-a e deliciando-se com ela. Mãos fortes puxaram-na para mais perto, e uma delas abriu o corpete de seu vestido. Ela, que jamais experimentara o prazer de um verdadeiro encontro de amor, entregou-se como se fosse a primeira vez. Seus corpos frios aqueciam-se de uma forma natural e pulsante. Com um gesto impaciente, ela terminou de abrir o corpete para que Yellow Jacket tivesse livre acesso a seus seios. E logo os lábios dele os tomaram, como se fossem propriedade sua e de mais ninguém, e a levaram a gemer de prazer.

Ela o desejava dentro de si; jamais quisera um homem daquela maneira, mas tinha certeza de que, mesmo que tivesse de morrer na manhã seguinte, levaria consigo a lembrança da noite ardente em que conhecera a verdadeira alegria de uma entrega de amor, e não aqueles encontros frios e rápidos que tivera com seu marido.

Cerrou os olhos, deixando que Yellow Jacket tomasse conta da situação. Ele a beijava com paixão, apertava-a contra seu corpo, numa antecipação deliciosa que os fazia arder de desejo. E quando ele a possuiu, num movimento firme e suave ao mesmo tempo, ouviu-a gemer outra vez, o que o incitou ainda mais a continuar. O ritmo de seus movimentos se intensificou e ele pôde sentir as unhas de Twilight em suas costas, pois ela também experimentava sensações intensas e maravilhosas. E, no ápice de seu prazer, Twilight prendeu-o com as pernas, para que não escapasse do que seu corpo mais queria naquele instante.

Por segundos, foi como se ambos estivessem morrendo, já que a luz das chamas da fogueira quase extinta, o vento assobiando ao redor, e tudo o mais que os cercava, desapareceram nas emoções envolventes que os tomavam. Suas respirações estavam alteradas, e seus corpos, abraçados, acalmavam-se devagar.

— O capitão não vai mais querer você agora — Yellow Jacket sussurrou em seu ouvido.

— É por isso que me tomou?

Ele a encarou e acariciou o rosto suave.

— Quis lhe dar meu filho. Se eu não sobreviver a esta travessia, pelo menos terei deixado minha semente, para que ela perdure.

A resposta não a agradou. Houvera amor ou apenas a vontade de perpetuar-se naquele encontro? Twilight, porém, não ousou perguntar porque não tinha certeza se queria ouvir a verdade...

Ele a beijou mais uma vez, apertou-a contra si, mas não disse sequer uma palavra de carinho. Ela afligia-se: o que acabara de fazer?! Entregara-se a seu captor no meio do nada, sabendo que poderiam morrer no dia seguinte! Estava perturbada, mas seu corpo relaxava, em busca de descanso. Estava ainda nos braços de Yellow Jacket e percebia que ele buscava dormir. Então, tratou de fazer o mesmo.

Antes de o dia amanhecer, ele a acordou; Twilight não tinha certeza de como deveria encará-lo depois de terem partilhado tamanha intimidade. O melhor seria fingir que nada acontecera. O acampamento todo estava despertando; crianças choravam, cavalos relinchavam. Ela sabia, mesmo sem precisar olhar para ver, que muitos não tinham conseguido sobreviver ao frio intenso da noite. Para ela, não fora difícil, devido ao calor que o corpo de Yellow Jacket fornecera. Calado, ele lhe ofereceu um pouco de água morna.

Ela segurou a caneca e, sem pensar, enfiou a mão no bolso do vestido. Encontrou a conta azul, que transferira do avental para lá. Havia se esquecido por completo daquilo. Ergueu a mão, observando a bolinha, e Yellow Jacket segurou-a pelo pulso de pronto, com mão firme.

— Onde conseguiu isso?

— Ei! Está me machucando! — No movimento, a conta caiu e perdeu-se na neve fofa.

— O que deu em você?!

Ele a encarava, muito sério.

— Minha sobrinha, Heruse, tinha um bracelete feito com essas contas, mas ele não estava em seu braço quando a encontraram, morta.

— Harvey vende contas de todas as cores na loja. Peguei esta no chão do quartinho dos fundos.

Os músculos do rosto de Yellow Jacket moviam-se tensos sob a pele.

— Dizem que Heruse se matou, mas tenho certeza de que foi assassinada. Seu irmão poderia virar a cabeça de uma jovem oferecendo-lhe fitas e enfeites. Heruse era ingênua e tola. Havia marcas de botas onde ela foi encontrada, mas não eram de um coxo.

Twilight lembrou-se das pedrinhas dentro da bota do irmão. Sem elas, ele não mancava...

— O que houve? Está pálida.

— Nada... — mentiu. — Duvido de que Harvey tenha coragem suficiente para matar alguém.

— Se eu tivesse certeza de que foi ele, eu o caçaria e o mataria bem devagar. Mas... agora não faz diferença, não é? Os Muskogees estão fugindo e estou com a irmã de Harvey Leland. — O tom frio de Yellow Jacket demonstrava seu desejo de vingança.

Twilight baixou os olhos, sentindo-se a última das criaturas. Não passara de um brinquedo nas mãos dele e fora uma tola por achar que poderia ser diferente.

— Vou seguir na charrete hoje — disse, seca.

— Não. Ela já está sobrecarregada. Você seguirá comigo. Agora, levante-se. Os outros já estão se aprontando e não sabemos qual a distância que separa os rebeldes de nós.

Não houve outra opção senão ela deixar-se subir no cavalo e seguir viagem na garupa. Dessa vez, contudo, o corpo dele estava rígido quando ela o enlaçou pela cintura.

A caravana seguia, enfrentando mais uma vez as intempéries, deixando para trás mortos e moribundos ao longo da trilha.

— Não olhe — Yellow Jacket avisou. — Nada podemos fazer por eles, e sabem disso.

Ela engoliu em seco, sabendo que não adiantaria protestar.

— Talvez os soldados confederados tenham piedade e cuidem deles — disse, tentando

enganar a si mesma, mas a resposta de Yellow Jacket foi uma risada baixa e descrente.

Twilight sabia que a única chance de sobrevivência seria encontrar as tropas da União, que lhes ofereceriam abrigo e comida. Se a retirada diminuísse de velocidade ou parasse, os confederados os matariam sem pensar duas vezes.

Quando apeou, Yellow Jacket não olhou para trás. Como podia olhar para a garota pela qual se afeiçoara, se ela era a irmã do possível assassino de sua sobrinha?

Um menino aparentando ter uns oito anos passou por eles, tropeçando e praticamente arrastando pela mão uma pequena garotinha, que choramingava baixinho. O menino sussurrou-lhe algo ao ouvido, ajudando-a a prosseguir.

— Onde está sua família? — Yellow Jacket indagou ao garoto.

— Todos mortos, mas posso chegar até os casacos-azuis, conseguir um rifle e lutar contra os rebeldes.

O menino, frágil, jamais chegaria ao Kansas e tanto Yellow Jacket quanto Twilight sabiam disso.

— Vou andar para que eles possam seguir no cavalo — ela ofereceu, e ia desmontar quando o guerreiro a impediu com um gesto de mão. Continuou a falar com o garoto:

— Essa é sua irmãzinha?

— Não. Eu a encontrei junto ao corpo de uma mulher, esta manhã. Nem sei de que tribo ela é.

Yellow Jacket sentiu um aperto na garganta.

— Não sabe como ela se chama também?

— Não. Sou Seminole e não conheço a tribo a que ela pertence.

Yellow Jacket voltou-se para Twilight, para explicar, já que falara com o menino em sua língua:

— Ele é da tribo Seminole. Sabe o que esse nome significa?

— Não...

— Fugitivo.

— Oh...

— Há muito tempo, os Seminoles seguiram para a Flórida, mas o governo juntou alguns deles e os enviou ao território índio.

— Meu irmão dizia que seu povo se chama Creek.

— E como os brancos nos chamam. Mas nos chamamos de Muskogees.

O menino puxou-o pela manga:

— Se tivéssemos algo para comer, poderíamos sobreviver — Os olhinhos muito pretos brilharam de esperança.

Ele se voltou para Twilight mais uma vez:

— Ainda temos alguma comida?

— Eu tenho um pedaço de pão de milho. — Twilight vasculhou no alforje e inclinou-se para dar o pão ao garoto. — Não vamos abandoná-los, vamos? Talvez possam seguir na

charrete...

— Ela já está lotada. O cavalo não vai conseguir puxar, se aumentarmos o peso.

— Yellow Jacket olhou para as crianças, que comiam o resto do pão com voracidade.

— Eles podem seguir no cavalo — decidiu. — Eu puxarei as rédeas. — E ergueu a menininha para o colo de Twilight. — Como não sabemos seu nome, iremos chamá-la de Heruse, que quer dizer "bonita".

— E um bom nome — concluiu o menino, engolindo o último naco de pão.

Yellow Jacket ergueu-o também, colocando-o diante de Twilight.

— Obrigada — ela murmurou, com um sorriso, passando a pele de búfalo em torno dos três.

O guerreiro viu-se de repente embaraçado por estar sendo considerado um sentimental por sua prisioneira.

— Não precisa agradecer. Precisamos salvar os que pudermos, principalmente as crianças.

— Está certo. Você perguntou o nome dele? Yellow Jacket tomou as rédeas e começou a caminhar na neve, puxando o animal.

— Garoto, como você se chama?

— Wasco — o menino respondeu. — Agradeço por isto, grande guerreiro.

— Não precisa. — Ele se voltou para Twilight e respondeu: — O nome dele é Wasco, que significa bicho-de-pé. — E riu.

— Bicho-de-pé... Yellow Jacket podemos ficar com eles?

Ele meneou a cabeça; a garota branca ficava bem com uma criança nos braços, mesmo sendo uma criança índia. Ótimo. Agora, tinha uma família. Mas era melhor ter cautela e não pensar em Twilight dessa maneira; afinal, era sua prisioneira e a possível irmã do assassino de sua sobrinha. Nada poderia vir de bom de uma situação assim. Mas como lidar com os ditames do coração?

O dia tinha sido longo e, quando pararam, ao entardecer, Yellow Jacket saiu para caçar e voltou com uma lebre, que alimentaria os quatro. Encontraram um riacho e ele quebrou o gelo para poder encher os cantis. Não havia café, mas a sopa que fez com os ossos da lebre, deixou-os bem aquecidos. Mais tarde, Twilight pôs as duas crianças para dormir, envolvidas pela pele de búfalo. Estava grata por Yellow Jacket ter aceitado e acolhido as duas crianças mesmo não sendo de sua tribo. Ele havia saído para conversar com o velho chefe e os outros guerreiros e, ao voltar, não parecia bem.

— O que houve?

— Ganhamos tempo quando os índios *Pin*, desertores, abandonaram os confederados, mas ao que parece, os reforços já chegaram, e eles estão novamente em nossa perseguição.

Twilight pensou por segundos.

— O que é um índio *Pin*!

— São da tribo mais tradicional. Usam penas cruzadas, que chamamos de *Pin*, para mostrar que são Keetoowas.

— Talvez eles possam ser convencidos a se juntar a nós novamente...

— Vamos ter que tentar. — Yellow Jacket parecia cansado.

— Tenho um grande amigo, chamado Jim Eagle, que está com os rebeldes. Ele poupou minha vida na última vez em que nossos caminhos se cruzaram, há algumas semanas, mas agora deve estar tentando me matar como os outros.

— Isso não faz o menor sentido... se bem que a guerra nunca faz, mesmo.

Ele olhou para as crianças adormecidas.

— Não temos muita chance de chegar ao Kansas. O caminho é longo demais...

— Não pode ser tão longo assim.

Yellow Jacket a encarou e sorriu muito suavemente.

— Com o exército rebelde, inclusive os índios Cherokees do general Watie, atrás de nós? Dez milhas já seriam muito. Acho que nos alcançarão nos próximos dias. Se... eu for morto...

— Sua voz falhou e ele não conseguiu terminar a frase.

Twilight não ousou perguntar mais nada. Notava-o diferente desde a discussão que haviam tido pela manhã. Obviamente ele estava equivocado quanto a Harvey. Seu meio-irmão podia não ter um bom caráter, mas jamais seria capaz de matar uma moça, ela avaliava. Talvez ele estivesse vindo com os soldados para resgatá-la...

Olhou para Yellow Jacket, pensando na frase inacabada. Se ele morresse... de repente, deu-se conta de que não suportava tal idéia. Talvez pelo fato de não saber o que iria lhe acontecer se ele não estivesse mais ali para protegê-la, bem como àquelas duas crianças indefesas. Porém, de nada adiantava pensar no futuro. Por enquanto, estavam todos sendo protegidos por aquele grande guerreiro e assim estava bem.

Mais uma vez olhou-o, notando que ele tremia. Aproximou-se e passou seu cobertor pelos ombros de Yellow Jacket, oferecendo:

— Vamos partilhá-lo.

Ele a encarou, calado, e Twilight insistiu:

— Pode se que não estejamos vivos amanhã e gostaria de dormir com você esta noite.

Ainda sem uma palavra, ele tomou-a nos braços e apertou-a contra si. Não havia como saber se queria estar com ela de fato ou se buscava apenas um consolo para as terríveis perspectivas que viriam com o dia seguinte, mas ela não se importava. Queria apenas viver novamente toda a paixão que experimentara nos braços do guerreiro. Se ele ia morrer em batalha no dia seguinte, ela queria estar nos braços dele nesta noite.

CAPÍTULO III

Era dezenove de dezembro. O capitão Franklin Wellsley pensava no Natal, esfregando as mãos, diante do acampamento. Qualquer idéia que pudesse ter de uma vitória rápida contra os índios ianques, com muitas medalhas e desfiles militares para agradar sua mãe, não existia mais. Também pensava em Harvey Leland, que já percebera não se importava nem um pouco com a irmã seqüestrada, mas mostrava, isso sim, ganância e interesse em sua fortuna.

O jovem batedor Cherokee, Clem Rogers, entrou no acampamento e dirigiu-se de pronto a ele:

— O coronel Cooper me mandou buscá-lo, capitão. Ele acha que os índios ianques pararam perto de Bird Creek, logo adiante. Parece que vamos atacar em breve.

— Não entendo o que os mantém seguindo adiante — Franklin comentou, mais para si mesmo do que para o rapaz. — Com mulheres, crianças e animais... Sem armas, sem provisões...

O batedor empurrou seu boné para trás, avaliando:

— É a esperança, senhor. Estão seguindo por pura esperança.

O capitão não respondeu. Esperança... Sim, e coragem também. Na verdade, era sensível para com os desafortunados. Pensava na Sra. Dumont, que podia nem mais estar viva.

— Muito bem, Rogers, vou falar com o coronel e depois dar as ordens à tropa.

Twilight estava exausta quando Yellow Jacket ergueu os braços para tirar as duas crianças de seu colo. Já havia perdido a conta de quanto tempo estavam viajando. Semanas... Provavelmente estavam no meio de dezembro. Pensou nas festas de Natal e nos bailes, na comida, na fartura, na elegância...

— Temos algo para comer? — perguntou, seguindo para onde o guerreiro acendera uma fogueira. — As crianças estão com fome.

— Talvez, se eu conseguir caçar algum animal, ou quebrar o gelo e fregar um peixe no riacho. — Yellow Jacket, porém, não parecia muito animado. Pegou um pedaço de corda, uma faca, e afastou-se. Twilight tomou a menininha nos braços para aquecê-la; o garoto acocorou-se junto ao fogo e ficou observando-a. Por fim, perguntou:

— Acha que vamos chegar ao Kansas logo? — Ele falava com forte sotaque, mas suas palavras eram compreensíveis.

Twilight já perdera a esperança de chegar, mas não podia tirá-la daquela gente, pois era tudo o que ainda possuía.

— Claro que sim. E quando chegarmos, os soldados da União vão nos dar comida e nos oferecer muitos cobertores e um lugar bom para dormirmos, com piso de madeira, e um telhado. Wasco sorriu, animado.

— E a senhora? O que vai fazer? — quis saber. — Vai ficar com os brancos?

Ela ainda não pensara naquilo. Yellow Jacket pretendia entregá-la aos oficiais ianques?

— Não sei... — murmurou, entristecida.

— Achei que a senhora fosse mulher de Yellow Jacket.

Twilight negou com a cabeça, explicando:

— Tenho um irmão que está com os rebeldes e... — Parou, sem saber ao certo se queria voltar a ficar com os brancos. Contudo era loucura pensar que poderia ficar com os índios...

A pequena Heruse adormecera em seus braços.

— E você? — devolveu. — Vai tentar achar sua gente?

Wasco deu de ombros.

— Não tenho mais família, senhora. Vou ficar com Yellow Jacket e lutar contra os rebeldes, se ele deixar.

— Mas alguém vai ter de cuidar de Heruse se eu voltar a ficar com os brancos...

O menino pareceu desapontado.

— Achei que a senhora ficaria com ela até eu e Yellow Jacket voltarmos da batalha.

O menino os estava imaginando como uma família, Twilight analisou.

— Acho que não vai ser possível. Devo retornar a meu povo.

— E a senhora quer voltar?

Ela negou com a cabeça, pensando, surpresa por ver que não sabia a resposta.

— Vamos esperar e ver o que acontece — disse, por fim. — Agora, pegue meu cobertor e fique mais perto do fogo para se aquecer. Yellow Jacket logo estará de volta com a comida.

De fato, ele voltou uma hora depois. Matara dois esquilos bem gordos e eles os assaram e comeram. Mais tarde, quando os pequenos já estavam aconchegados sob a pele de búfalo, dormindo, Yellow Jacket sentou-se junto ao fogo ao lado de Twilight.

— Os rebeldes estão cada vez mais próximos. Vamos tentar detê-los no riacho, num ataque surpresa. — Verificou sua munição extra.

— Tenha cuidado — ela pediu.

— Você sabe... Se eles vencerem, estará livre.

— Sim, eu sei. Mas o que acontecerá às crianças? Harvey não vai querê-las, então não poderei levá-las comigo.

A expressão no rosto do guerreiro se intensificou e Twilight compreendeu o que ele pensava.

— Se eu não voltar, entregue-os a uma mulher e siga com os rebeldes — disse.

— Use sua saia de baixo como bandeira de paz para que não atirem contra você. Sinto tê-la colocado nesta situação. Quanto ao que aconteceu entre nós...

— Não, não diga nada. — Fez um gesto com a mão.

— Estávamos envolvidos pelo momento, nada mais.

— Então... se arrepende? Ela desviou o olhar.

— Não sei... As coisas estão mais complicadas... Houve alguns segundos de silêncio, até que Yellow

Jacket o quebrou:

— Sempre odiei os brancos, em especial os sulistas.

E então... conheci você.

Twilight esperava que continuasse, mas ele se calou. De certa distância, Smoke o chamou.

— Tome cuidado — ela repetiu. — Rezarei ao... Grande Espírito por sua segurança.

— Se não nos virmos mais, lembre-se do que lhe falei sobre fazer uma bandeira branca e seguir para os rebeldes.

Então, ele desapareceu na mata, seguindo seu amigo. Twilight ouviu ruídos dos homens seguindo pela planície; ou seria apenas o vento soprando mais forte? Não sabia. Assim como não sabia em que ponto do riacho os guerreiros estavam preparando a

emboscada para ganhar tempo a fim de que suas mulheres, crianças e idosos pudessem fugir. Podiam não ter chance alguma... mas também não haviam tido na outra batalha junto ao rio, e conseguiram vencer. Esperou, com o coração batendo acelerado.

Com a escuridão da noite, vieram sons de cavalos galopando, gritos de homens brancos e tiros. As crianças acordaram e a pequena Heruse logo começou a chorar. Twilight aconchegou-os a si e começou a rezar, sabendo que sua preocupação toda estava com Yellow Jacket, não pelo que poderia lhe acontecer caso ele fosse morto, mas porque gostava dele. E tal idéia a perturbava.

Um cheiro acre de pólvora começou a flutuar no ar. Um cavalo cinzento, sem cavaleiro, passou correndo, ao longe, e os gritos dos homens continuaram ainda por um bom tempo. Os sons da batalha enchiam a noite e Twilight pedia incessantemente a Deus que Yellow Jacket não estivesse agonizando em algum ponto da pradaria ou junto ao riacho.

As horas foram passando e os ruídos diminuindo.

Já era madrugada quando Yellow Jacket retornou com seu cavalo malhado. Em seu rosto, havia uma expressão de triunfo.

— Nós os vencemos! Matamos dezenas deles na emboscada! Vamos conseguir chegar ao Kansas!

Sem pensar, Twilight lançou-se em seus braços assim que ele apeou.

— Oh, Yellow Jacket. Estávamos tão aflitos!

— Eu não estava! — Wasco contradisse orgulhoso. — Sabia que íamos vencer! Um dia, vou ser grande e lutar contra os rebeldes!

Yellow Jacket acariciou-lhe os cabelos, dizendo:

— Quando for grande, rapaz, talvez tudo já tenha terminado. Agora, vamos recolher tudo; temos de recomeçar a jornada antes que os rebeldes se reorganizem e venham nos atacar novamente.

Continuaram rumando para o norte, com as forças rebeldes em seus calcanhares. Era noite e Yellow Jacket sentou-se no círculo formado pelo conselho de chefes, olhando para os outros líderes de seu povo.

Opothleyahola tossia tanto que quase se dobrava em dois. Yellow Jacket e Smoke trocaram um olhar significativo. Sabiam que, se o velho chefe morresse, seus seguidores perderiam a vontade de continuar seguindo e os rebeldes os alcançariam. Por fim, ao parar de tossir, Opothleyahola olhou para seus companheiros e disse:

— Há dias vencemos os casacos-cinza no lugar que chamam de Bird Creek. Nossa gente está doente, fatigada, e faminta. Não temos munição e agora começo a duvidar de que cheguemos.

— Mas já vencemos boa parte do caminho!

— Smoke protestou.

— E, nesse caminho, deixamos centenas de mortos — comentou um dos chefes.

— Parece que o grande chefe Lincoln não vai mandar a ajuda que nos prometeu, afinal.

Houve um silêncio inquietante, pois todos ali concordavam com o que fora dito.

— Talvez estejam vindo, pouco mais à frente — Smoke insistiu.

Ainda havia esperança nos olhos de todos, menos de Opothleyahola, que olhou para Yellow Jacket e perguntou:

— O que pensa, grande guerreiro? Eles estão vindo? Ele achava que não, contudo não podia acabar coma esperança de todos.

— Talvez. Mas se entenderam mal e não estiverem vindo, que outra opção temos? Se pararmos, os rebeldes nos matarão. Precisamos continuar seguindo para o norte.

Os outros assentiram.

— Perdemos muitos guerreiros nestas duas batalhas — Alligator observou.

— Mas as vencemos — Yellow Jacket ressaltou. Mesmo um inimigo bem nutrido e armado não se mostrou à altura dos bravos homens que temos para proteger mulheres, crianças e velhos.

— É verdade — alguns dos chefes concordaram abertamente.

— Por falar em mulheres e crianças... — Opothleyahola encarava-o, sério.

— Ainda está com a mulher branca, não?

Ele deu de ombros, sentindo um calafrio percorrer seu corpo.

— Precisamos dela por seus dons médicos.

— Mas ela não tem mais remédios, então não é de muita valia — considerou um guerreiro.

— Os rebeldes parariam de nos seguir se a libertássemos?

— Não sei. — Yellow Jacket não queria soltá-la. Não conseguiria mais viver o calor, o corpo e a presença de Twilight.

— Talvez pudéssemos negociá-la com o inimigo, para conseguirmos comida e suprimentos

— Billy Bowlegs sugeriu.

— E você confia nos casacos-cinza a ponto de fazer negócios com eles? — Smoke indagou. — Vão nos trair, com certeza!

— É verdade. Não podemos confiar a ponto de fazer uma barganha assim — Yellow Jacket aproveitou para concordar.

O velho chefe tossiu novamente e, quando pôde falar, disse:

— Ainda assim, ela é nossa última esperança. Se as coisas piorarem, teremos de usá-la como parte de uma barganha.

Yellow Jacket não ousou protestar. Sabia que o capitão talvez ainda a quisesse e poderia fazer qualquer tipo de acordo para consegui-la de volta. Podia imaginá-la na cama do oficial e todo o seu ser rejeitava tal visão. Levantou-se, dizendo apenas:

— Vamos ver. Por enquanto, precisamos apenas continuar seguindo.

E seguiram. A cada dia mais exaustos e abatidos, querendo apenas sobreviver. O frio continuava, cortante, e os confederados não desistiam de persegui-los.

Yellow Jacket estava cada vez mais tenso, e seguia, quase sempre, no fim do comboio, arriscando a vida para proteger os que caminhavam por último. Às vezes caçava para alimentar a pequena família que tinham criado, mas muitas vezes havia apenas água fervente com ossos para alimentá-los. A noite, mantinham-se os quatro juntos, sob os cobertores e a pele de búfalo, para se protegerem do frio.

A cada nova manhã, havia mais mortos que não tinham suportado as agruras da noite.

Para esses, a jornada terminara. E tinham morrido livres. Semanas antes, Twilight teria chorado muito, como qualquer moça sulista, sempre protegida da crueldade do mundo; mas agora estava mudada. Importava apenas sobreviver e levar as duas crianças até o Kansas. Não mais pedia para enterrar os mortos ou ajudar os moribundos. Seguiam todos juntos, sob o comando do cada dia mais fraco chefe Opothleyahola, incansáveis, rumo a seu destino final.

No dia vinte e seis de dezembro, houve novo confronto entre rebeldes e índios fugitivos em Patriot Hills. Desta vez, porém, os Muskogees não puderam vencer. Não tinham munição suficiente, seus guerreiros estavam exaustos ou feridos e os soldados rebeldes eram em muito maior número.

Ninguém precisou dizer a Twilight que os índios ianques tinham perdido a batalha. Ouvira os canhões confederados ressoando durante todo o dia e os gritos dos que morriam ou eram despedaçados por eles.

Yellow Jacket voltou ao acampamento, onde ela e as duas crianças estavam abrigados.

— Estão atrás de nós — ele informou, aflito. — Dê-me um pedaço de seus saíotes! Pegue meu cavalo e vamos sair logo daqui!

A confusão era geral. Gente gritava por toda a parte, correndo sem saber que direção seguir. Sem fazer perguntas, Twilight rasgou parte de sua anágua branca e entregou-a a Yellow Jacket. Com certeza, ele não ia se render; mas a expressão fria no rosto impedia que ela lhe fizesse quaisquer perguntas. Montou e ajeitou as crianças que ele colocava em seu colo.

— Vou cobrir a retaguarda! — Yellow Jacket gritou.

— Leve as crianças para um lugar seguro!

Ela ia protestar, no entanto era imperioso que salvasse os pequenos. No caos que se instalara ao redor, não havia nem como pensar direito.

— Devemos estar perto da fronteira do Kansas...

— comentou, vendo que ele assentia, sério. Como os outros, já estava certo de que o grande chefe Lincoln não enviara as tropas prometidas.

— Saia daqui! — Yellow Jacket gritou, batendo com força nas ancas do cavalo malhado, e fazendo com que este saísse correndo. Olhou-os afastando-se antes de se voltar para enfrentar a batalha. Já se decidira quanto ao futuro de Twilight. Ia devolvê-la aos rebeldes porque não suportaria vê-la morta no massacre que, com certeza, viria em seguida.

Manteve sua posição quase até o anoitecer, dando aos mais lentos e feridos, um pouco de tempo para escapar; só então pegou a tira de tecido branco, amarrou-a a um graveto longo e caminhou, corajoso, em direção ao acampamento rebelde.

— Alto! Quem vem aí? — uma sentinela gritou.

— Venho sob bandeira branca! Preciso ver o capitão Wellsley!

— Jogue suas armas no chão!

Yellow Jacket ergueu as mãos limpas.

— Não tenho nenhuma!

O soldado rebelde olhou-o, desconfiado.

— Você tem muita coragem em vir assim, desarmado...

Ele não se importava se o matassem, contanto que Twilight e as crianças estivessem a salvo e pudesse retardar o ataque confederado a seu povo.

— Venho para tratar de um assunto de muita importância — anunciou.

— Aproxime-se!

Ele assim o fez, enquanto soldados curiosos reuniam-se ao seu redor.

— Vamos enforcá-lo! — gritou um deles, instigando os demais.

Mas nesse momento, Jim Eagle apareceu de entre seus companheiros e disse, erguendo a mão:

— Não! E vou atirar no primeiro que tentar! Esse homem veio sob uma bandeira de paz!

— E, virando-se para o rapaz a seu lado, ordenou: — Clem, vá chamar o capitão.

Yellow Jacket meneou a cabeça de leve para o antigo amigo enquanto o batedor saía correndo em busca do oficial. Em minutos, Franklin Wellsley apareceu seguido de perto por Harvey Leland.

— O que está havendo aqui? — indagou. A sentinela prestou continência e explicou:

— Este Injun quer vê-lo, senhor.

Os três homens se entreolharam e foi Yellow Jacket quem falou primeiro:

— Podemos conversar? Harvey franziu o cenho.

— Não confie nele, capitão. Conhece esses Injuns.

Deve ter uma faca escondida em algum lugar e vai tentar matá-lo.

Respirando fundo, para controlar a raiva, Yellow Jacket respondeu:

— Dei minha palavra de que não carrego arma alguma e não sou como os brancos; um guerreiro Muskogee cumpre com o que diz.

— Mas você... — Harvey começou, sendo logo interrompido pelo capitão:

— Cale-se, Leland! Vamos conversar! Vamos até minha tenda, Yellow Jacket.

Os três se dirigiram à tenda de campanha, enquanto os soldados permaneciam do lado de fora, curiosos, tecendo os mais variados comentários.

O capitão franziu o cenho para Harvey.

— Esta é uma conversa particular, Leland. Não preciso de civis aqui dentro.

— Mas, capitão...

— Mandarei chamá-lo, se precisar.

Leland hesitou, porém acabou saindo a contragosto. Na tenda, os dois homens olharam-se de forma direta.

— Aceita café? — o oficial ofereceu.

A idéia era tentadora. Yellow Jacket hesitou a princípio, por fim acabou dizendo:

— Se vai tomar também...

Wellsley assentiu, serviu duas canecas e ofereceu uma ao guerreiro. Depois, vendo-o envolver a caneca com dedos gelados, tomou seu primeiro gole. Aos olhos de Yellow Jacket, ele parecia ter amadurecido desde que a perseguição aos índios começara. Entretanto a guerra e a visão do sangue derramado costumavam fazer isso com os homens, realmente.

— Ela está bem? — perguntou o capitão.

Yellow Jacket tomou um gole de café antes de responder:

— Sim. Os rebeldes pretendem nos perseguir até a fronteira com o Kansas? Já não temos comida, nem munição; a jornada está se tornando um verdadeiro massacre.

O jovem oficial girou a caneca entre as mãos, sem encará-lo.

—Essa é uma decisão que não posso tomar. Gostaria, porém, de que tudo terminasse bem. A mortalidade de mulheres e crianças me enoja, ainda mais porque não significam perigo algum para os Confederados. Agora, quanto à sra. Dumont...

— Foi por isso que vim; quero trocá-la por comida e remédios. Opothleyahola está morrendo lentamente; já estamos quase na fronteira, mas acho que se ele morrer antes de chegarmos, meu povo perderá a esperança e acabará desertando.

— A sra. Dumont está bem? — Wellsley perguntou, de forma mais incisiva, deixando transparecer em seus olhos muito azuis a afeição que sentia por ela.

Yellow Jacket desviou os seus, temendo que neles também aparecesse seu sentimento por Twilight.

— Sim, ela está bem.

Houve alguns segundos de silêncio, até que o oficial afirmou:

— Também gosta dela...

Se gostava dela? Twilight significava muito mais do que sua própria vida! Compreendia agora o que viera tentando não admitir durante semanas. Seria como despedaçar seu coração entregá-la de volta aos brancos, no entanto faria isso para salvá-la... deu de ombros, tentando parecer que não se importava.

— Precisamos da comida, da munição e dos cobertores; só isso.

— Mente mal, Yellow Jacket. — Wellsley abriu a boca para fazer uma pergunta, mas deteve-se; talvez fosse melhor não ouvir a resposta. Não, não queria saber se o índio havia feito amor com Twilight. Por isso preferiu dizer: — Não posso prometer nada. Tenho de saber o que meus superiores pretendem fazer.

— Pelo menos, fala com franqueza. — Aos poucos, Yellow Jacket começava a respeitar aquele homem. Ele tinha bom coração e era rico; poderia cuidar de Twilight de forma a que ela nunca mais passasse privação alguma na vida. — Se promete tentar, já é o bastante para mim.

— Ela... quer voltar?

— Claro que sim. Por que não iria querer? Seu lugar é aqui, com o senhor; sabe disso.

— Doía-lhe pensar em Twilight nos braços do oficial, mas era melhor não pensar nisso agora. Sacrificaria seus sentimentos pela segurança dela.

— Imaginei que vocês dois pudessem... bem... Não importa. — O capitão ergueu a aba do chapéu, evitando olhar para Yellow Jacket mais uma vez.

— É, acho que meus superiores não farão objeção em pagar o resgate que pede por ela. Mas quanto à munição pedida... A comida e os cobertores, claro, não haverá problema.

O rapaz era sulista e orgulhava-se de suas origens; poderia não querer Twilight se soubesse que ela lhe pertencera. Isso o fez mentir.

— A garota branca nada significa para mim. Mantive ele conosco porque achei que seus homens não nos atacaria enquanto fosse nossa refém. O rapaz pareceu aliviado.

— Pretendo me casar com ela, mas achei que... talvez...

— Seus sentimentos por ela não me interessam. — Yellow Jacket o interrompeu.

— Vá pessoalmente fazer a troca. Há um bom local, rodeado de arbustos e pedras, bem no meio do terreno que nos separa, a algumas milhas da fronteira. Clem Rogers ou Jim Eagle sabem onde é. Eu a levarei até lá assim que amanhecer. Vá sozinho.

— Está bem. Tem minha palavra de que não faremos uma emboscada.

— Confio no senhor, capitão, mas não nos outros. Quanto à Sra. Dumont...

— Sim?

— Seja bom para ela; a moça merece ser feliz.

— Pretendo passar o resto de meus dias cuidando dela, se Twilight me aceitar. — Hesitante, o capitão ofereceu-lhe a mão direita.

O aperto de mãos foi um tanto desajeitado. Yellow Jacket sentia seu peito queimar, como se seu coração estivesse sendo arrancado do peito. Voltou-se para sair e ouviu o capitão dizer ainda:

— Quero que saiba que, se coubesse a mim decidir, deixaríamos seu povo ir sem problemas.

O guerreiro o encarou.

— Obrigado. Levarei Twilight ao local marcado no início da manhã.

— Estarei lá, não importa o que tenha de fazer para conseguir os suprimentos.

Os dois saíram, então, vendo os soldados que esperavam, ansiosos.

— Rogers! — Wellsley chamou. — Dê a este homem tanta comida quanta ele conseguir carregar e cuide para que deixe o acampamento em segurança. Ele está sob bandeira branca.

Houve comentários, mas Yellow Jacket endireitou os ombros, aceitou os suprimentos que lhe foram oferecidos e seguiu por entre a soldadesca, saindo do acampamento. Na manhã seguinte, devolveria seu amor ao homem branco para que ela tivesse uma vida boa como esposa de um oficial sulista, protegida e elegante. Era melhor assim.

Seguiu de volta ao acampamento a galope. Levava o que Clem Rogers lhe entregara para partilhar entre sua gente. Dentro de algumas horas, entregaria Twilight e sabia que nunca mais a veria novamente. Não pensaria mais nisso; apenas nos momentos em que a tivera nos braços e que teriam de viver em sua memória pelo resto de sua vida.

No acampamento dos oficiais, Harvey Leland voltou a procurar o capitão e ambos viram o guerreiro que seguia veloz, em seu cavalo malhado.

— Maldito selvagem! — murmurou. — Merecia um tiro nas costas!

— Somos homens honrados, lembra? Dei minha palavra de cavalheiro a ele.

Leland riu, com desdém; para o inferno com essa história de honra e cavalheirismo. Contudo não queria irritar o oficial; precisava dele.

— Ainda estão com Twilight? — indagou.

— Sim. Fiz um acordo com ele para trocá-la por suprimentos.

— Ah... E onde pretende achar comida extra? O oficial o encarou.

— Imagino que tenha uma carroça cheia, sr. Leland, que achou poder vender ao exército confederado a alto preço quando nossos suprimentos estivessem terminando. E eu a

estou confiscando agora.

— O quê?! E quanto vai me pagar?

— Eu disse "confiscando", se não ouviu bem. E depois, achei que ficaria feliz em contribuir na libertação de sua irmã.

Harvey vacilou; não devia se mostrar ganancioso se pretendia tornar-se cunhado do capitão.

— Claro... Claro que sim...

— Ótimo.

— Mas quero participar da troca. — Queria, ainda, vingar-se do selvagem e jamais entregaria uma carroça cheia de suprimentos àqueles Injuns.

— Não. Prometi ir sozinho e não levarei soldados. Yellow Jacket teme uma emboscada e lhe prometi que não haveria uma.

— Entendo... — Ele não dera sua palavra àquele índio; pretendia seguir o capitão sem ser visto e, talvez, até levar alguns soldados consigo. Armaria ele próprio a emboscada e acabaria com a vida daquele maldito índio.

Yellow Jacket chegou depois de ter escurecido. Apeou e logo Twilight veio ao seu encontro.

— Estava preocupada com sua demora! Aonde foi?

— Ver se conseguia roubar suprimentos dos rebeldes. — Ele começou a tirar o que trouxera de cima do cavalo. — Pegue. Dê um pouco de pão e carne às crianças. Vou levar o restante a Opothleyahola e a outros que necessitam.

— Vou tentar guardar um pouco para amanhã. — Twilight ocupou-se das rações.

Não, ela não estaria ali amanhã, Yellow Jacket avaliou calado.

— Talvez eu possa fazer uma troca com algum rebelde corrupto para conseguir mais suprimentos...

— Não gosto disso. Temo por você.

Ele a olhou longamente, notando seus belos olhos azuis. Era a última noite que passariam juntos. Levou o resto da comida a seu chefe e, ao voltar, comeu um pouco e colocou as duas crianças para dormir sob o abrigo de uma árvore. E então, à luz da fogueira, observou Twilight e jamais a achou tão linda.

— Pelo menos, ainda temos esta noite — sussurrou, sem sentir.

Ela se voltou para encará-lo.

— O que disse?

— Nada. Sinto por tê-la forçado a vir conosco e sofrer tanto.

Twilight se aproximou e tocou-o nos ombros.

— Estou feliz por ter vindo. — E deu-lhe um beijo suave no rosto.

— Não. — Yellow Jacket afastou-se. Não seria correto fazerem amor nessa noite, mesmo que a desejasse muito. Ia mandá-la no dia seguinte para o oficial que a desposaria.

— Você está preocupado...

Sim, estava. Temia pelo momento da troca, onde ele próprio receava não ter forças para honrar sua palavra.

— Precisamos descansar. — Pegou seu cobertor e cobriu-se, voltando-se para o fogo.

Twilight estava confusa. Yellow Jacket parecia-lhe mudado... Entendia que, depois da derrota para os confederados, todos os guerreiros Creeks deviam estar desmotivados, imaginando que, mesmo estando tão perto, não conseguiriam chegar ao Kansas. Isso era para esmorecer qualquer um. Haviam arriscado e esperado tanto! Mereciam chegar. E o pior era pensar que Yellow Jacket poderia ser preso pelos confederados. Queria vê-lo livre para sempre.

Deitou-se e encostou-se a ele para se aquecer. Mas Yellow Jacket se afastou, perguntando:

— Quer meu cobertor?

— O que houve? Fiz algo de errado?

— Não houve nada. Está tudo bem! — Ele se voltou, encarando-a.

— Twilight, se... se eu conseguisse fazê-la voltar a seu povo em segurança, ia querer ir, não?

Então, era isso!, ela avaliou. Yellow Jacket pensava haver outra batalha no dia seguinte, na qual poderia ser capturado ou morto. Lágrimas inundaram seus olhos.

— Por favor, não chore. Não consigo vê-la assim. — Sem conseguir evitar, ele se aproximou e beijou-lhe a face, onde uma lágrima escorria. Depois desviou seus lábios para os dela e perdeu-se num beijo apaixonado.

Twilight entregou-se àquele beijo com uma paixão fatalista. Podiam não sobreviver ao dia seguinte.

— Pelo menos, temos esta noite — sussurrou junto aos lábios dele, tornando a beijá-lo com uma paixão que, até então, desconhecia em si mesma.

Fizeram amor mais uma vez, com um desejo in-controlável, uma paixão alucinante. E Twilight sentiu pena das mulheres que jamais tinham experimentado o prazer que vivia nos braços de seu homem. Depois, cansada, adormeceu nos braços dele e sonhou que estavam num lugar lindo, onde havia muita comida, muito calor, e estavam os quatro unidos, como uma verdadeira família.

O dia já clareara quando acordou e se sentou, um tanto assustada. Viu Yellow Jacket acorrido junto à fogueira, pensativo.

— Desculpe. Acho que dormi demais. — Notou o graveto longo que ele tinha a seu lado, na ponta do qual estava uma tira feita com tecido de seu saio.

— Onde estão as crianças?

— Levei-os para que uma das mulheres idosas tomasse conta deles.

— Mas quero ficar com eles! Sinto como se fossem meus filhos agora! — Ela se levantou, passando as mãos pelos cabelos despenteados. — Acha que conseguiremos chegar ao Kansas ainda hoje?

— Você, não. — Ele também se levantou, devagar.

— Twilight, ontem, quando saí daqui, fui até o acampamento rebelde para falar com o capitão Wellsley.

— O quê?!

— E ele está disposto a fazer qualquer coisa para tê-la de volta.

— Está... dizendo que pretende me trocar? — Ela se sentia chocada e traída.

Agora, a voz de Yellow Jacket era fria:

— Sra. Dumont, ofereci trocá-la por comida e suprimentos; queria munição também, mas não aceitaram.

— Está me dizendo que não passo de uma refém, afinal? — Twilight não conseguia acreditar que aquilo estivesse acontecendo.

Ele assentiu, mas não a encarou.

— É um bom resgate. Minha gente precisa dos suprimentos e ele está disposto a pagar.

— Ora, seu... — Ela deu-lhe um tapa no rosto, que ressoou no silêncio da manhã.

— Se fosse homem, eu a mataria por isto.

— Você me seduziu, me fez pensar que se importava comigo! E tudo não passou de...

— A dor e as lágrimas impediram-na de continuar.

— De que outra forma eu a impediria de fugir?

— Odeio você! — Twilight viu-o buscar o cavalo, frio, distante.

Calmo, Yellow Jacket amarrava o graveto com a tira branca em seu animal.

— Temos de ir agora. A troca está marcada para esta manhã e é só por isso que as tropas confederadas ainda não nos atacaram.

Twilight jamais se sentira tão zangada e traída quanto agora.

— Bem, pelo menos agora sei que não são apenas os homens brancos que não têm palavra

— disse, sabendo que o atingia.

Houve alguns segundos de silêncio, até que ele instigou:

— Vamos, monte. Eles estão esperando.

Ela queria avançar contra Yellow Jacket, bater nele, arranhar seu rosto, puxar-lhe os cabelos, mas simplesmente ignorou a mão que ele lhe oferecia para montar. E, quando ele também o fez, tentou manter-se o mais afastada possível de seu corpo. Ao redor, em meio à neblina que subia aos poucos, outros índios acordavam e começavam a se preparar para continuar sua jornada. Chegara a querer estar com eles, alcançar o Kansas também...

Yellow Jacket voltou o cavalo na direção sul e incitou-o a galopar. Twilight devia estar se sentindo feliz por estar voltando à sua vida de antes. Mas agora sabia que aquela vida não fora, de fato, vida alguma. Yellow Jacket dissera que o capitão ainda a queria. Poderia ser uma dama na sociedade de Austin, com roupas finas, uma bela casa e uma carruagem à sua disposição... teria dinheiro e segurança. No entanto nada disso lhe interessava mais...

Depois de algum tempo, entraram numa clareira, onde o capitão aguardava com uma mula carregada de suprimentos.

— Sra. Dumont, está bem? — ele logo perguntou.

— Estou ótima. — Ela escorregou do cavalo e ficou no centro da clareira.

Yellow Jacket passou os olhos ao redor e indagou:

— Veio sozinho?

— Eu disse que viria. E sou um homem de palavra.

— Eu sei. Foi apenas por isso que vim.

— Espere um pouco! — A voz era de Harvey Leland, que saiu de repente de trás de uma árvore. — Decidi vir também!

O oficial estava chocado.

— Mas que droga, Leland! Não era para ter vindo! — E, voltando-se para o guerreiro, acrescentou: — Acredite Yellow Jacket, eu não...

— Eu sei. — O índio olhava para Harvey. — Conheço esse homem muito bem.

Leland aproximou-se de Twilight.

— Minha irmã querida! Fiquei tão preocupado! — Tirou o casaco e colocou-o sobre os ombros dela, mas Twilight se afastou, mostrando raiva.

— Estou bem, Harvey. Não me trataram mal.

— Esses selvagens imundos! — Harvey fez um leve sinal e, imediatamente, Clem Rogers e uns dez soldados rebeldes surgiram, armados.

— Então, fui traído... — Yellow Jacket constatou. Pálido, Wellsley tentava convencê-lo:

— Juro que não sabia! Eu...

— Fui falar com o coronel e ele me deu a escolta de que necessitava!

— Harvey explicou, orgulhoso de suas ações.

— Como oficial superior aqui, estou no comando — rebateu o capitão.

— Exijo que baixem as armas!

Mesmo confusos, os soldados obedeceram.

— Capitão, está ficando louco?! — Leland protestou. — Não pretende deixar que esse selvagem saia daqui levando esses suprimentos todos!

— Pretendo, sim. Dei minha palavra e vou mantê-la. Recebi o que queria na troca.

— Seus brilhantes olhos azuis voltaram-se para Twilight; depois entregou a corda que amarrava a mula para Yellow Jacket, dizendo: — Isto deve ser o suficiente para garantir que sua gente chegue ao Kansas.

— Mas esses suprimentos são meus! — Harvey gritou.

— Cale essa boca! — Twilight voltou-se contra o irmão. — Você já enganou os índios por tanto tempo que esses suprimentos estão mais do que pagos!

Yellow Jacket sorriu de leve diante de tal atitude; aceitou a corda que o oficial lhe dava e estava prestes a ir embora quando olhou para Twilight uma última vez. Ela, porém, desviou o olhar e enfiou as mãos nos bolsos do paletó que Harvey lhe colocara sobre os ombros. Nesse momento, detestava Yellow Jacket com todas as suas forças por ter sido enganada.

— Mas... o que é isto? — indagou surpresa e confusa, retirando de um dos bolsos um pedaço de pulseira de contas azuis, quebrada.

Os olhos de Yellow Jacket se arregalaram.

— Isso era de minha sobrinha! Desapareceu na noite em que ela morreu!

Twilight encarou o irmão e a expressão de surpresa e culpa que viu nele confirmou suas suspeitas.

— Você a matou, não foi? — acusou-o.

— Eu... eu... não queria... Foi... um acidente terrível! Ela estava grávida e... queria se casar comigo e...

— Seu amaldiçoado! — Yellow Jacket sussurrou, buscando a faca em sua cintura, mas viera desarmado.

Nesse ínterim, Harvey enfiou a mão no bolso da calça e de lá tirou uma pistola.

— Yellow Jacket, cuidado! — Twilight gritou, apavorada. Agarrou o punho do irmão e começaram a lutar pela arma; Ela sabia que não importava o que Yellow Jacket fizera. Amava-o e queria-o vivo, mesmo que tivesse que, para isso, arriscar sua própria vida.

De repente, um disparo cortou o ar. Harvey soltou a arma e levou as mãos ao abdômen, tendo os olhos muito abertos.

Twilight recuou, apavorada. Os soldados observavam, de armas em mãos, ainda sem poderem agir, pois tudo se passara muito rápido. Wellsley correu, pegando a pistola.

— Capitão, por favor, deixe-o ir! — Twilight implorou pela vida de Yellow Jacket.

— Por favor, eu suplico! Yellow Jacket merece ser livre e eu o amo! Por favor, deixe-o ir embora!

— Não lhe dê ouvidos! — o guerreiro rebateu. — Ela está fora de si por eu ter matado seu irmão! Leve-a! Wellsley olhava para Twilight, parecendo não ouvir mais nada.

— Você... o ama? — indagou, em voz baixa.

— Sim. Por favor, deixe-o ir. Irei com você, farei qualquer coisa, mas, por favor, não o prenda. Não o mate!

— Capitão, ela está dizendo bobagens. Leve-a e terá uma excelente esposa! — Yellow Jacket continuava insistindo.

Os olhos do oficial não deixavam os de Twilight.

— Está dizendo a verdade, Sra. Dumont?

— Sim! Deixe-o voltar para sua gente e farei o que quiser! Prometo ser uma boa esposa!

Wellsley baixou os olhos para a pistola em sua mão. Se levasse um dos líderes índios para o acampamento, seria visto como herói e ainda teria a mulher que queria. Se o deixasse ir, seus homens iriam comentar e, mais cedo ou mais tarde, seria condenado por ter livrado um selvagem traidor.

O tempo pareceu parar enquanto se decidia. Olhou mais uma vez para Twilight, vendo as muitas lágrimas que desciam por seu rosto. Sua expressão era de dor e desespero.

— Parece-me obvio que... seu lugar seja com ele — disse, por fim. — Agora, vocês dois peguem esses suprimentos e saiam daqui antes que eu mude de idéia!

Ela mal podia acreditar no que ouvia.

— Mas... e quanto a Harvey?

O capitão olhou para o corpo caído no chão.

— Já que matou a índia, acho que se fez justiça. E quanto à senhora... saiba que conheci seu marido, então... acho que merece um homem melhor.

Twilight encarou-o, curiosa, mas Wellsley apenas completou:

— Não ia querer saber.

Com um sorriso abrindo-se em seus lábios, ela correu na direção do guerreiro, que a puxou para junto de si, no cavalo. Twilight abraçou-o por trás, como se nunca mais pretendesse soltá-lo.

— Acho que, quando o coronel ficar sabendo disto, vou ter de enfrentar a corte marcial, mas... — começou o capitão.

— E o que o coronel pode saber? — Clem Rogers indagou, com ar ingênuo.

— Não vimos nada aqui, vimos, rapazes?

Os soldados sorriram e entreolharam-se. Um deles observou:

— Ninguém aqui gostava de Leland.

Wellsley meneou a cabeça e, com alguns passos, aproximou-se de onde Yellow Jacket e Twilight estavam.

— Talvez, um dia, ainda nos enfrentemos num campo de batalha. Sinceramente, espero que não. Agora, vá com sua mulher e leve os suprimentos para seu povo. Se for depressa, poderão alcançar a fronteira com o Kansas ainda esta tarde, antes que as tropas confederadas os alcancem.

Twilight sorriu para ele.

— Obrigada, capitão.

— Não há de quê. Não posso dizer que não queria que tudo fosse diferente, mas... todos em Austin me conhecem e... se um dia mudar de idéia e quiser aparecer por lá...

— Sinto, mas isso não vai acontecer.

Yellow Jacket ergueu a mão, numa saudação ao oficial.

— O senhor é um homem honrado. E isso renova minha esperança de que talvez, no futuro, nossos povos possam viver em paz. — Assim, ele fez seu cavalo se voltar e seguiu rumo norte, levando a mula logo atrás.

Twilight estava deixando o que de melhor a civilização branca podia lhe oferecer, mas tudo que lhe interessava era o homem com quem seguia. Sacrificaria tudo para que pudessem ficar juntos. Teriam sua própria família. A fronteira do Kansas ficava logo à frente e, com ela, a liberdade. E uma vida nova, o que era mais do que suficiente. Por isso não olhou para trás sequer uma vez.

CAPÍTULO IV

A História de Jim Eagle (Wohali)

Quartel-General do exército, junho de 1864

Pode compreender, Srta. Grant, que se for capturada poderá ser morta?

— O major afastou-se da janela e voltou-se para encará-la.

— Sim, sim, entendo. E o que geralmente fazem com os espões, não?

— April suspirou, enfiando os dedos no corpete do vestido e de lá tirando um lencinho de renda. Teria se metido numa encrenca muito grande?, avaliou. Teria como ainda se safar dela?

— Sim, é isso — confirmou o oficial, cofiando a barba. — Que bom que se mostra tão forte por nossa causa.

Causa? Ela não dava a mínima importância para a causa fosse de quem fosse.

— Disseram-me que haveria uma boa recompensa... — insinuou.

O major franziu o cenho, evidentemente desaprovando a atitude que percebia por trás das palavras.

— Claro... Se sair com vida e com as informações de que precisamos. Como já disse antes, temos tido muita má sorte em território indígena ultimamente, o que nos faz suspeitar de que haja um informante entre nossas tropas.

— Um soldado?

O som dos homens marchando lá fora, em exercícios rotineiros chegava ao gabinete.

— Não há como saber. Por isso a senhorita está aqui. Poderia ser qualquer um: soldado, batedor, comerciante... até uma pessoa não ligada ao forte. Mas alguém, com certeza, está passando informações vitais ao inimigo.

April mordeu o lábio inferior; aquilo lhe parecia a cada minuto mais perigoso. De nada adiantaria receber muito dinheiro se não estivesse viva para gastá-lo...

— Quando ouvi dizer que estavam precisando de um voluntário, não imaginei que fosse para se infiltrar entre as nações indígenas...

— Na verdade, preferíamos um homem, mas não encontramos nenhum com suas... qualificações. — Ele se sentou à escrivaninha, olhando-a de frente.

— É uma Cherokee, não? Queríamos alguém que conheça a região e fale o idioma.

April não gostava de admitir que tinha sangue índio.

— Sou mestiça — esclareceu, lembrando-se dos tempos que passara na Academia Para Mulheres da Srta. Priddy, em Boston. — Meu nome é April Grant.

— Claro, como quiser. Mas nossas fontes nos dizem que seu nome Cherokee é Kawoni Giyuga e que nasceu e foi criada em território índio até os cinco anos, quando seu pai, branco, a levou para o norte. E agora tanto ele quanto sua mãe já estão mortos.

— É verdade — ela admitiu.

— Muito bem, é alta, elegante, e tem uma voz profunda e agradável. Imagino que possa se fazer passar por um soldado. O que me diz?

— Soldado? — Ela se levantou. — Deve estar brincando!

— Não aprendeu a cavalgar e a atirar quando ainda era menina? E não fala Cherokee?

April estava com dezenove anos agora. E o tempo que passara em território indígena parecia ter acontecido havia séculos. Procurou esconder seu desconforto e, pensando apenas na recompensa, avaliou que ela lhe abriria as portas da sociedade branca e deixaria para trás sua herança índia para sempre.

— Sim, tudo isso é verdade — disse, a contragosto. Olhava atentamente para o major, avaliando se poderia confiar nele. Até poderia ser um homem bonito, não fosse pelo nariz tão grande e a verruga na bochecha direita.

Viu-o acender um charuto, com calma, para depois explicar:

— Vamos infiltrá-la nas nações e fornecer-lhe uniformes de ambos os lados. Se não conseguir nada com um deles, tente com o outro e mantenha os ouvidos bem abertos. A única pista que podemos ter é um "X".

— Oh... Um "X" — ela ironizava.

— Exatamente. Parece ter um significado especial, mas não sabemos qual possa ser. Se suspeitar de alguém, tente desenhar essa letra e ver se obtém algum resultado. Mas acima de tudo, tenha muito cuidado e não confie em ninguém.

April respirou fundo. Precisava tanto assim do dinheiro? Sim, para viver respeitavelmente como uma garota branca chamada April Grant e não mais ser ridicularizada por ser mestiça. Foi até a janela e observou as tropas treinando lá fora. Estava calor e o cheiro das rosas, logo abaixo da janela, misturava-se ao dos cavalos e da poeira do pátio.

— E se eu encontrar o espião? — quis saber.

O oficial tirou uma baforada e o cheiro misturou-se aos demais.

— Srta. Grant, quanto menos souber, melhor. No caso de...

— Sim?

Ele mastigou a ponta do charuto e observou-a, parecendo avaliar se ela receberia bem o que ia dizer.

— Há sempre a possibilidade de ficar exposta e... o inimigo poderá fazer o que quiser para descobrir o quanto sabe.

Estupro e tortura, ela avaliou, estremecendo.

— Quer dizer... antes que me matem, certo?

— Eu lhe avisei que seria perigoso. — O major evitava olhá-la diretamente, talvez por estar embaraçado em enviar uma moça para uma situação tão arriscada.

— Eu mesmo vou me infiltrar no território dentro de algumas semanas e encontrar uma forma de entrarmos em contato. Quando achar que tem informações importantes, procure-me e passe-as. Então tentaremos retirá-la de lá.

— Tentarão...

— Estamos em guerra, Srta. Grant e a única coisa que importa é vencer. O inimigo não tem tido sorte ultimamente. Já ouviu falar em Cold Harbor?

April negou com a cabeça.

— Fica na Virgínia. — Ele sorriu, com satisfação.

— Na verdade, o fato aconteceu há poucos dias; uma grande derrota de nosso inimigo. Sete mil baixas em menos de dez minutos. Mais algumas batalhas assim e ganharemos a guerra com facilidade.

Era um número impressionante, de fato. E sua morte poderia aumentá-lo para sete mil e uma... April sabia que ninguém se importaria, pois era sozinha no mundo.

— Quando começo? — quis saber.

— Imediatamente. Vamos colocá-la no forte da União primeiro. Depois de algumas semanas, vou me reunir à senhorita lá com mais instruções. Poderemos lhe pedir que deserte e passe para o lado confederado. Os Cherokees da Cavalaria do general Stand Watie estão em território índio, no sul, e não será difícil infiltrar-se, com sua ascendência.

April detestava que lhe ficassem lembrando continuamente de sua vergonhosa herança Cherokee. Quando colocasse as mãos no dinheiro da recompensa, daria as costas ao passado e viveria como uma rica e respeitável dama em Boston ou Nova York, com roupas finas e elegantes e uma carruagem só sua. As garotas que a haviam humilhado na Academia lhe implorariam por convites em seus eventos sociais depois da guerra, quando já estivesse casada com um rico homem de negócios.

— Isso tudo não me parece nenhum pouco confiável... — opinou.

— Qualquer um que aceite trabalhar como espião não por uma causa, mas por dinheiro, é também pouco confiável...

Ela o encarou, com olhos brilhantes.

— Está me insultando?!

— Digamos que duvido do caráter de qualquer um que pensa apenas em dinheiro.

April observou-o bem; o nariz grande, a verruga, o uniforme de qualidade, o charuto de marca excelente.

— Isso, meu caro major, é porque sem dúvida, nunca teve de passar sem dinheiro. Certamente sempre viveu cercado de privilégios.

— Não viverei mais se nosso lado perder a guerra. Ah, a propósito, vai ter que cortar seus belos cabelos.

— Meus cabelos?! — Instintivamente, ela ergueu as mãos para tocar os cachos que pendiam do coque.

— Um soldado não usaria esse estilo, concorda? Ah, e mais uma coisa: vou repetir: não confie em ninguém, mesmo que esteja do nosso lado, pois essa pessoa pode ser exatamente o espião que poderá levá-la à morte.

Mais uma vez, ela estremeceu.

— Entendo. — Era óbvio que não cortaria seu cabelo. Bastava prendê-lo o chapéu.

— Bem, major...

— Pode me chamar de John Smith.

— E esse é seu verdadeiro nome?

— April Grant é o seu?

— Suponho que nomes não interessem aqui.

— Ela se dirigiu à porta, onde parou e voltou-se: — Quando nos virmos novamente, esteja com o dinheiro em mãos.

— "Se" nos virmos novamente. April parou à porta.

— Como disse?

— Disse para se apressar. Outro oficial providenciará os uniformes e a papelada necessária. Dentro de alguns dias, estará em território indígena.

— Adeus, então. — April deixou o gabinete, inquieta. No que se metera, afinal? E o

dinheiro? De que adiantaria se não estivesse viva para gastá-lo?...

Leste do território índio, 15 de junho de 1864.

O tenente Jim Eagle, da Cavalaria de guerreiros Cherokees, desceu de seu cavalo castanho e entregou as rédeas a seu auxiliar.

— Tome conta dele, amigo, enquanto faço meu relatório.

Tommy assentiu, aceitando a ordem.

— Devia ter ido na patrulha com você — disse.

— Talvez na próxima vez. — Jim respirou fundo, seguindo para a tenda do general. A guerra continuava e não havia prognósticos de que fosse terminar em breve; já nem se lembrava do motivo pelo qual lutava. Anos haviam se passado desde Wilson's Creek, quando os confederados tinham tentado tomar o Missouri e fracassado. O mesmo acontecera em Pea Ridge. Então haviam planejado impedir que os ianques tomassem o Texas, mas ianques sequer fizeram tal tentativa. E agora os dois lados lutavam em território índio, queimando e destruindo tudo, inclusive plantações e fazendas, perdendo vidas de muitos civis inocentes. Franziu o cenho, imaginando se sua mãe viúva ainda estaria viva e se o rancho em que viviam fora queimado também. Os ianques estavam naquela área, por isso não podia voltar para casa e descobrir.

Tirou o chapéu, sacudiu a poeira dele e entrou na tenda do general, curvando-se para poder fazê-lo sem bater no teto.

— Tenente Jim Eagle apresentando-se, senhor.

O lendário oficial Cherokee ergueu os olhos dos papéis que lia em sua mesa de campanha. Stand Watie era um homem forte e moreno.

— Ah, Jim... fique à vontade, tenente. Conhece o capitão Big Horse?

Pela primeira vez, Jim notou a presença do outro homem, na parte mais escura da tenda, e saudou-o. Recebeu como resposta uma saudação não muito firme.

— Parece cansado, Jim.

— Estive em patrulha, senhor.

— E conseguiu algo que valha ser relatado? — desta vez foi o general quem perguntou.

Jim sorriu.

— Acredite ou não, há um barco subindo o rio.

— O quê? — Os dois oficiais estranharam.

— Eu o vi com meus próprios olhos, por isso acredito. Está a umas quatro milhas ao sul daqui.

— Deve estar seguindo para Forte Gibson, para reabastecer os ianques, com certeza. — O general pensou um pouco antes de acrescentar: — Nossos homens estão precisando de suprimentos...

Jim baixou os olhos para suas botas gastas e imaginou como seria bom provar um pouco de café novamente. Isso para não falar numa boa comida. As coisas não iam bem havia já algum tempo e pareciam piorar a cada dia.

O capitão Big Horse meneou a cabeça e deu um passo à frente, tornando-se mais visível.

— Talvez não devêssemos arriscar, senhor. O barco deve estar bem guardado.

— Se me permitem, senhores, Clem Rogers e eu conhecemos aquela região muito bem

— Jim explicou. — Há um local na margem do rio, pouco mais acima, onde ele fica mais estreito e a água não é tão funda; é um ótimo lugar para uma emboscada.

O capitão tornou a negar com a cabeça.

— Não sei... poderíamos perder muitos homens... Jim olhou-o; sempre o considerara um covarde.

Mas esperava pela deliberação do general.

— Acha que temos chance de pegar esse barco, tenente? — este lhe perguntou.

— Se os pegarmos de surpresa, senhor. Claro que, se os deixarmos chegar perto demais de Forte Gibson, os ianques virão ajudá-los e não teremos como pegar o barco e os suprimentos.

— Ah, deve valer a pena! Muito bem, vamos tentar! Jim sorriu, animado, enquanto Big Horse protestava:

— Mas, senhor... acho que não...

— Eu disse que vamos atacar o barco. — Watie enfrentou o olhar de seu subordinado, que assentiu, calando-se.

— Tenente, esse projeto foi seu, então lidere o ataque — ordenou o general, a Jim.

— Sim, senhor! — Com uma continência, ele deixou a tenda, já esquecido do cansaço. Atrás de si, ouviu o velho general sair da tenda, gritando ordens e colocando o acampamento em polvorosa.

— O que houve? — perguntou seu irmão mais novo, Tommy, ao devolver-lhe as rédeas do cavalo.

— Vamos atacar. O que acha de um novo par de botas?

— Jim montou rápido, e o cavalo, sentindo sua animação, passou a trotar em círculo.

— Acho que prefiro um bom prato de comida — Tommy respondeu.

— Pois vai tê-lo! Esta noite, a comida dos ianques virá para nossos estômagos.

— O quê? — Tommy também montava em seu cavalo cinza.

— Vamos atacar um barco com suprimentos no rio.

— Com o capitão Big Horse no comando?

— Não! Comigo no comando! Ele nem quis atacar.

— Ótimo! — O rosto do jovem era pura ansiedade.

— Quero estar bem no meio da ação para conseguir uma promoção e algumas medalhas.

— E, mas não se arrisque demais. Prometi a nossa mãe que cuidaria de você.

— Já tenho idade para me cuidar. E depois, nem sabemos se ela ainda está viva...

Jim estremeceu ao pensar nisso. O irmão estava certo. Pelo que sabia, sua mãe podia estar morta e seu rancho, devastado pelas tropas ianques. Isso seria a pior coisa que lhes poderia acontecer desde que seu irmão do meio, Will, desertara e passara para o lado dos ianques em 1861.

Ao redor de ambos, homens preparavam-se para o ataque. Com sorte, surpreenderiam

a tripulação, fariam prisioneiros ou matariam a todos e se serviriam dos suprimentos. Esporeou o cavalo e liderou a Cavalaria naquele ataque, mais animado do que nunca.

A bordo do *J.R.Williams*, o soldado Grant mantinha os olhos nas águas barrentas conforme seguiam subindo a correnteza. Até aquele momento, April conseguira levar adiante seu disfarce masculino sem problemas. Falava pouco e não se misturava aos outros soldados. Estava sempre alerta para o perigo, mas também sempre pensando na recompensa; tinha de cumprir sua missão e descobrir o traidor, se é que ele era um ianque...

O dia estava quente e o suor descia por entre seus seios, por baixo do uniforme azul-escuro. Não havia vento, mas ela puxou o chapéu mais para baixo, a fim de que os cabelos permanecessem bem presos. Devia tê-los cortado, como o major sugerira.

Olhou para a margem, observando a floresta de carvalhos e outras árvores menores. Deixara aquela região havia mais de cinco anos sem pensar em retornar, porém a morte de sua mãe a fizera voltar atrás.

E estava chocada com o que vira até agora. A guerra tinha devastado a paisagem, em especial as Cinco Tribos Civilizadas. Ao subirem o rio, notara as plantações destruídas, as fazendas queimadas, pois os dois lados travavam batalhas duras naquele território, enquanto aproveitadores seguiam explorando e destruindo quase tanto quanto os dois exércitos.

Pensou notar algo cinzento entre as árvores. O sol estava forte e incomodava-lhe a visão, mas tentou prestar atenção. Devia ser sua imaginação... À frente, o rio Arkansas se estreitava e poderia ver melhor. Inclinou-se sobre a amurada e observou mais uma vez as águas de cor marrom. Com certeza, vira demais. Estavam próximos ao Forte Gibson e não tinham sido avisados da presença de tropas confederadas por ali.

De repente, ouviu o som de cavalos correndo e viu mais tons de cinza por entre a folhagem. Seu coração bateu mais depressa. Olhou ao redor, aflita. Os outros soldados estavam reunidos em torno de um homem que tocava uma gaita, e cantavam uma velha canção do norte.

Tinha de alertar o capitão! Correu, gritando, mas antes que pudesse fazer alguma coisa um pequeno canhão, na margem do rio, lançou uma bala contra o casco do barco.

Uma fumaça preta subiu dali enquanto a carga de rifles começava, impiedosa. No barco, os soldados pegos de surpresa deixaram de cantar e tocar. A confusão se instalou no convés. O oficial em comando saiu de sua cabine, atônito.

— Mas o que, diabos?...

— Estamos sendo atacados! Rebeldes! — April gritou. Encontrou sua mochila e seu rifle e tentou decidir o que fazer.

O canhão soou outra vez, agora acertando o alvo e fazendo o barco balançar. O oficial gritava, mas era impossível ouvir o que dizia, e os soldados, em pânico, tentavam reagir como podiam.

Uma chuva de balas caía sobre todos, vinda dos dois lados do rio, enquanto o barco avançava para a parte mais estreita e começava a adernar.

— Se conseguirmos continuar mais um pouco, nossas tropas no Forte Gibson vão ouvir a batalha e nos acudir! — gritou o capitão.

Iam naufragar antes disso, April avaliou, em pânico. Foi até a abertura no centro da embarcação e olhou para a casa das máquinas, logo abaixo. A água invadia o barco. E o fogo continuava sobre suas cabeças.

Não viveria para receber a recompensa, imaginou, desesperada. Ia morrer naquela

emboscada e ser enterrada como um soldado ianque! Pior do que isso, só se fosse capturada pelos rebeldes, pois nem queria pensar no que lhe fariam quando descobrissem que era mulher. Eles certamente não viam uma havia meses!

Tal pensamento a fez sacar a pistola e verificar sua carga. Não importava de que lado estivessem. Ia atirar contra o primeiro homem que tentasse violentá-la.

Outra bala acertou o navio e agora não havia dúvidas de que este afundaria dentro de alguns minutos.

— Homens, aqui a água é rasa! Não vale a pena morrer por esta carga!

— berrou o oficial em comando.

Assim que ouviram as palavras do comandante, os soldados pularam para a água, nadando para longe da carga de balas. April hesitou. Não sabia nadar!

— Venha, meu jovem — chamou um sargento de certa idade, que já pulava para a água.

Ela parou na amurada, pensando no que fazer. Não havia muita alternativa. Ou morria afogada tentando escapar do fogo inimigo, ou era capturada e talvez violentada. Olhou para o rio, considerando a melhor opção.

Olhou para sua mochila, no chão do barco, na qual estava o uniforme confederado que viria a precisar se tivesse de passar para o outro lado. Estava quase surda com os tiros de canhão, de rifles e de homens gritando. Tossiu devido à fumaça que subia do convés em chamas. Voltou para pegar a mochila, vendo o último soldado ianque pular da embarcação.

Com a mochila nas mãos, só lhe restava pular também; se tivesse sorte, a água seria rasa e poderia flutuar até a margem.

Pensava nisso quando um tiro passou de raspão por seu braço, fazendo-a gritar e cair de joelhos. Sentia como se a pele estivesse queimando e olhou para ver o tecido da manga rasgado e o sangue aflorando. Pular já não era uma opção, pois os soldados confederados invadiam o convés, aos gritos.

Mesmo com muita dor, ela tentou manter o raciocínio lógico. Se ia ser capturada, era melhor livrar-se do uniforme cinza. Rastejou pela parte do convés que ainda não ardia em chamas, na tentativa de lançar a mochila pela amurada, para o rio.

— O que está fazendo? — Ouviu perto de si e viu um enorme tenente correndo em sua direção. — O que tem aí dentro?

Ela não respondeu. Tinha de se livrar da prova para que seus captores achassem que era apenas um soldado ianque e a tratassem como prisioneiro de guerra, e não como espião. Esforçou-se por segurar na amurada, deixando um rastro de sangue atrás de si. Mas o tenente, que agora via tratar-se de um índio, agarrou-a pelo braço ferido, gritando:

— O que, diabos, você tem aí dentro?!

Com a dor, ela soltou a mochila, que caiu sobre o convés.

— Responda, seu cão ianque! — Ele a puxava contra si, fazendo-a notar o quanto era grande e forte.

April sentia que suas forças se esvaíam, mas pensava na evidência que precisava destruir. Cerrou os dentes e soltou-se das mãos do tenente com um puxão, cambaleando em direção à mochila, mas ele a pegou primeiro.

— O que há aqui dentro de tão importante?

— Nada... — Exausta, ela se deixou escorregar para o convés.

— Está mentindo, ianque! — Ele se aproximou, ajoelhou-se e pegou uma faca da cintura.

April sabia que era seu fim. Ergueu os olhos para ele, notando os traços fortes, viris, porém nada disse, orgulhosa demais para pedir pela própria vida. O homem parecia ser Cherokee. Os Cherokees não escalpelavam suas vítimas, mas contavam-se histórias tão terríveis sobre as atrocidades da guerra...

Os tiros e os gritos foram diminuindo aos poucos.

Os rebeldes davam-se conta de que os ianques que não tinham morrido no ataque, já haviam chegado à outra margem e escapado.

April ergueu uma das mãos e murmurou, sem fôlego:

— Não... Não se mata prisioneiros... Ele afastou sua mão com brutalidade.

— Pois era o que eu devia fazer! Mas acho que tem informações importantes para nós.

— Ele virou na direção de seus homens. — Clem, veja se consegue, com os outros, fazer com que o barco chegue à margem antes de afundar para que possamos descarregá-lo!

— Ladrões! — April acusou-o.

— Cale a boca, ianque! — ele ordenou, voltando-se para o rapazola que estava a seu lado:

— Tommy, diga aos outros que se apressem. Os ianques que escaparam devem estar seguindo para o Forte Gibson e temos menos de uma hora para descarregar e levar tudo!

O rapaz olhou com curiosidade para April antes de responder:

— Jim, não temos carroças.

— Então, vamos levar o que pudermos nos cavalos. Agora, mexa-se!

— O que vai fazer com o prisioneiro? Matá-lo?

April encolheu-se no convés. Ter a garganta cortada podia ser mais misericordioso do que ser violentada pelos soldados quando descobrissem que ela era uma mulher.

— Não, claro que não vou matá-lo! Qual é o problema com você, meu irmão? Não matamos prisioneiros! Além do mais, ele pode ter informações importantes para nós.

— Claro... — Os olhos do rapaz brilharam. — Talvez tenha de torturá-lo para conseguirlas, hein?

— Vá fazer o que mandei! Eu cuido do prisioneiro. O garoto se foi. Tortura! Por isso o tal major fora tão misterioso quanto a lhe dar detalhes da missão. Os rebeldes acreditariam que não sabia muita coisa, ou achariam que estava mentindo? Sentia tanta dor que desejava desmaiar. Não, melhor manter-se firme, pois aquele tenente índio poderia matá-la... Por isso encarou-o, cerrando os dentes. Afinal, ele poderia ser o traidor que estava procurando. O major fora bem claro: não devia confiar em ninguém.

— Está sangrando muito, ianque — disse ele. — Vou usar tiras de seu uniforme para fazer um torniquete.

April apenas assentiu. Sentia a garganta seca e pediu:

— Água. Preciso de água.

— Devia deixá-lo com sede. — Mas, enquanto falava, ele lhe passava o cantil e depois cortou tiras do tecido do uniforme, examinando-lhe o braço. O pano azul estava ensopado de sangue.

Com cuidado, Jim lavou o ferimento com a água do cantil. April pulou de dor.

— Você é teimoso, rapaz. Como conseguiu ficar consciente com este corte?

Ela manteve-se calada sem saber o que fazer. A mochila estava a seu lado, temporariamente esquecida. Viu que o tenente enfiava a mão no bolso da jaqueta e dali tirava um frasco de bebida.

— Detesto gastar uísque bom numa ferida ianque, mas... Agüente firme, vai doer um pouco.

— Posso... posso tomar um gole antes? Jim encarou o soldado.

— Diabos! Tome... Não é sua culpa estar aqui, como não é minha tampouco.

— Colocou o braço sob os ombros do ferido e ajudou-o a se sentar, levando o frasco até seus lábios. April tomou dois goles e começou a tossir.

— Ora, você não passa é de um garoto. Deve ter a mesma idade de meu irmão...

— A voz do tenente era solidária.

Uma vaga esperança surgiu no coração de April. Talvez, se ele gostasse um pouco dela, poderia ajudá-la a escapar e jamais perceber que estava lidando com uma mulher. Escapar? Como, com o braço daquele jeito? Só quando melhorasse poderia roubar um cavalo e fugir para o Forte Gibson. Por outro lado, não podia infiltrar-se nas linhas confederadas se não encontrasse um espião entre os ianques.

— Bem, lá vamos nós — Jim avisou, pronto para lavar o ferimento com a bebida.

— Vai doer.

April cerrou olhos e dentes, mantendo-se firme. Era como se estivessem jogando fogo líquido sobre sua pele. Sentiu depois que, com dedos leves, ele passava uma espécie de pomada sobre o ferimento e em seguida o amarrava com as tiras do uniforme. Pelo visto, o tenente tinha muita experiência em lidar com feridos.

— Qual é seu nome, soldado? — ele quis saber. April manteve a voz baixa e grave:

— A.G. Grant. Jim teve de rir.

— Parente do general Grant?

— Se fosse, acha que eu estaria aqui?

— Oh, e tem língua afiada também! — Jim fez uma tipóia com o outro pedaço de tecido e amarrou-a ao pescoço de April.

Outros soldados já tinham começado a esvaziar o barco.

— Depressa, homens! — Jim incentivou. — Os ianques estarão aqui em breve!

— Não vamos conseguir levar tudo sem carroças, senhor — disse um dos soldados.

— Então, Clem, diga aos rapazes para pegar o que puderem e vamos queimar o resto. Não vamos deixar nada para os ianques.

O jovem soldado espichou o pescoço para espiar de perto.

— Ele já morreu? — indagou, curioso.

— Não. Estanquei a hemorragia. Vamos levá-lo, mas duvido que um soldado saiba de muita coisa.

O soldado estendeu a mão para a mochila.

— O que é isto?

— É meu! — April gritou, em pânico, estendendo o braço para pegar as tiras da mochila. Se pudesse lançá-la ao rio...

— Tommy, veja o que o ianque está tão ansioso por ocultar — Jim ordenou, tranqüilo.

— Não! — ela tornou a gritar.

O soldado sorriu, abrindo a mochila.

— Talvez tenha comida extra, ou café... — disse. — Não quer partilhar seu café, ianque? Não vemos café há meses!

April não respondeu; apenas olhou, perdendo as esperanças. Sentia o suor em sua testa.

— Traga a mochila, Tommy — Jim ordenou. — Poderá abri-la depois. Vamos sair desta banheira antes que afunde. — E ajudou April a se levantar também.

O jovem soldado não o ouviu, continuando a abrir as fivelas.

— Eu disse para esquecer disso por enquanto, meu irmão! Vamos sair daqui!

April deixou-se encostar ao peito do tenente enquanto ele a ajudava a caminhar.

Atrás de ambos, Tommy gritou, surpreso:

— Olhe só isto, Jim!

O coração de April disparou. Iam descobrir que era espiã e matá-la ali mesmo. Sentiu quando o tenente se voltou para trás e ouviu a voz do garoto:

— E um uniforme dos nossos! O que um ianque estaria fazendo com isto numa mochila?

Jim baixou os olhos para seu prisioneiro.

— Pode responder isso?

— Eu... peguei como lembrança de um prisioneiro.

— Ah, não pegou, não — Tommy insistiu. — Este uniforme está novo, Jim!

O tenente encarou-a, sério. Disse para o outro:

— Traga o uniforme e a mochila. Vamos conseguir algumas respostas depois. Diga a Ciem para incendiar todo o barco.

A embarcação tinha sido arrastada até perto da margem e Jim pulou a amurada, levando o prisioneiro consigo até seu cavalo. April estava com tanta dor que mal percebeu quando foi erguida até o dorso do animal.

— Ianque, você tem muitas explicações a dar — Jim observou, montando atrás dele. — Caso contrário... — Instigou o animal a andar.

— Caso contrário... — April repetiu, em voz bem baixa.

— Caso contrário, vamos executá-lo como espião ao alvorecer.

A tropa afastou-se rapidamente do navio incendiado. April sentia muita dor, mas sua preocupação era com o que fariam com ela agora que tinham descoberto o uniforme rebelde em sua mochila. Os reforços da União chegariam em breve, mas seria tarde demais para salvá-la.

Entraram no acampamento confederado e logo muitos soldados se reuniram ao redor.

— Trouxeram comida? — um deles perguntou ansioso.

— Comida e suprimentos, mas melhor do que isso, trouxemos um prisioneiro!

— Tommy informou, orgulhoso, ao desmontar.

Jim Eagle desmontou, puxou seu prisioneiro e avisou a um soldado:

— Diga ao general que voltamos.

O batedor chamado Clem saiu em disparada para cumprir a ordem. April quase caiu, exausta, mas o tenente a segurou nos braços.

— Não vá morrer agora, ianque! Tem muitas perguntas a responder!

E o que aconteceria quando não pudesse respondê-las? Ela indagou a si mesma. Olhou para os soldados curiosos, que mais lhe pareceram um bando de esfarrapados desnutridos. Chegou a sentir pena. Alguns nem tinham mais botas. Os suprimentos roubados já estavam sendo distribuídos e eles riam, felizes como crianças na manhã de Natal ao ganhar seus presentes. O batedor voltou, correndo como sempre:

— O general Watie pediu para levar o prisioneiro até ele.

O tenente empurrou April e ordenou ao que parecia ser seu irmão:

— Tommy, traga a mochila.

April seguia, com mil pensamentos em sua cabeça. O que ia lhe acontecer? Fora capturada antes mesmo de ter uma chance de procurar pelo espião. Talvez fosse melhor contar toda a verdade aos confederados. Não... Não acreditariam nela.

O tenente e seu irmão pararam diante de uma tenda de campanha. Jim Eagle empurrou-a para o chão, conforme um homem, alto e forte, de cabelos grisalhos, saía para o pátio, acompanhado por um capitão também índio.

O tenente e o rapaz prestaram continência de imediato.

— À vontade — disse o general. — A missão foi um sucesso?

— Sim, senhor. Voltamos com muitos suprimentos.

— Os ianques podem tentar retomá-los a qualquer momento — resmungou o capitão.

— Duvido, senhor — disse Jim. — O senhor não estava lá para vê-los fugirem como coelhos assustados.

— Sim. Eu tinha outros deveres aqui.

— Parem com isso! — interrompeu o general, percebendo que seus oficiais se hostilizavam.

— Tenente Wohali, vejo que fez um prisioneiro...

Wohali, April analisou. Águia, em Cherokee. O nome lhe caía bem, concluiu. Sentiu a ponta da bota dele em suas costelas quando a cutucou de leve.

— Sim, senhor, mas é apenas um soldado raso. Tirei-o do barco que incendiamos.

— Soldado... E por que o trouxe até mim, então?

— Ele estava com isto, senhor. — Jim inclinou-se, pegou o uniforme que estava na mochila e o apresentou ao comandante.

O general tomou o uniforme entre as mãos e franziu o cenho, olhando para o soldado a seus pés.

— Ele fez de tudo para evitar que o pegássemos senhor — Jim esclareceu.

— Sei... E sabe de alguma coisa?

— Ainda não o interroguei, senhor. Estávamos com pressa de voltar antes que os ianques aparecessem para recapturar o barco.

— E trouxeram muita comida?

— Tudo que pudemos colocar nos cavalos. Teremos suprimentos por algum tempo.

— E. Já que não conseguimos receber nada de nossas linhas... Esses malditos ianques parecem saber de todos os nossos movimentos.

O capitão também usou o pé para cutucar April, porém com bem mais violência.

— E por causa de espiões como este, aposto! — disse, com desdém.

— Devemos matá-lo, general. — Ia chutá-la novamente quando o tenente o impediu, colocando seu pé no caminho.

— Não há necessidade disso, Big Horse — protestou. — O rapaz está ferido e desarmado.

April respirou fundo. Se pudesse dizer a verdade! Se o general acreditasse.

— Ianque, o que estava fazendo com um uniforme confederado?

— perguntou o general.

— Eu... o encontrei, senhor.

— Não foi isso que ele disse antes — Tommy interferiu, obviamente querendo ganhar certa atenção do general. — Disse que tinha pegado de um prisioneiro.

— Isso não me parece tão incomum... — o general observou, sem muito interesse.

— Senhor, o uniforme está novo — Jim Eagle esclareceu. — Há quanto tempo não recebemos uniformes novos aqui?

O general passou os olhos ao redor, notando os uniformes quase em farrapos de seus soldados e estranhou:

— E, algo não se encaixa aqui. Ianque, onde conseguiu este uniforme?

Ele jamais acreditaria na verdade, April analisou, desesperada.

— Tirei-o de um rebelde morto.

— Ah, uma terceira versão! — ironizou o capitão. — Este uniforme é novo e não há marcas de sangue nele. O general olhou para o prisioneiro por algum tempo, depois para os soldados que observavam, curiosos, e então indagou ao tenente:

— Acha que se trata de um espião?

— Não sei o que mais pensar senão isso, senhor.

— Vamos executá-lo, então! — instigou o capitão Big Horse.

April estava com tanto medo que se esqueceu da dor.

— Sou... sou prisioneiro de guerra! — exclamou. — Há certas regras...

— Não, se for espião! — Jim Eagle rebateu.

O general se afastou, fazendo um sinal a seus oficiais para que se aproximassem. Ficaram os três sob a sombra de uma árvore, conversando.

Tommy logo reclamou:

— Ele podia ter me chamado também, já que fiz parte da missão...

De onde estava, April não conseguia ouvi-los, embora soubesse que não deviam estar dizendo nada de bom a seu respeito. Sentia muito calor com o uniforme escuro. E, na posição em que se encontrava tudo o que conseguia ver eram as botas velhas dos soldados que tinham se aproximado para vê-la melhor.

Em minutos, o general voltou, dizendo a seus homens:

— Muito bem, afastem-se!

— Jim, o que vamos fazer com o prisioneiro? — Tommy perguntou, ansioso.

O tenente olhou para o soldado no chão.

— Decidimos que o ianque tem razão. Tem direitos como prisioneiro de guerra, embora o capitão Big Horse esteja ansioso por matá-lo. Por enquanto, vai ficar sob meus cuidados.

— Mas e quanto ao uniforme confederado?

— Vamos esquecer esse assunto, por enquanto. April respirou aliviada. Não iam matá-la. Talvez

até a deixassem ir sem descobrirem que era mulher.

Jim Eagle deu ordem a seus homens para que se dispersassem. Ajudou April a se levantar, enquanto os soldados se afastavam, mesmo a contragosto.

— Para onde vai levá-lo, irmão? — Tommy quis saber.

— Tenho de mantê-lo longe de nossas tropas. Alguns dos homens estão loucos para se vingar das baixas que sofremos nas últimas semanas. Traga-me comida, pelo rio.

O rio. April tornou a se preocupar. Iam afogá-la? Não. Ele dissera que ia mantê-la sob seus cuidados. Talvez pensasse em trocá-la por algum outro prisioneiro... E, nesse meio tempo, quem sabe conseguisse fugir. Como pudera ser tão louca a ponto de achar que se sairia bem como espiã e que ganharia todo aquele dinheiro?

Diabos! Ele detestava bancar a ama-seca para um ianque. E tratava-se de um jovem, magro e franzino. Estava praticamente carregando o pobre-coitado para um abrigo de pedras e folhagens junto ao rio, para que ficasse fora das vistas da tropa. O general lhe ordenara que descobrisse se o rapaz era, de fato, espião, e se fosse, o que poderia saber. Dera-lhe carta-branca para tirar informações do soldado. Estava claro que havia alguém dando informações ao inimigo e tinham de descobrir de quem se tratava. Lembrava-se ainda das palavras do capitão, depois de receber as ordens do general Watie, e do diálogo que tiveram:

— Sabe muito bem o que fazer com ele depois de tirar-lhe as informações de que precisamos.

— Mas achei que houvesse regras que...

— Elas não se aplicam a espiões. Há apenas uma forma de lidar com esse tipo de gente, tenente. Assim que ele entregar o que precisamos saber, não precisará mais viver. Não podemos arriscar que escape e volte ao inimigo.

— Ele é apenas um garoto, senhor.

— Como eram os soldados que perdemos por causa das informações que vazam! Pode ser cruel, mas é necessário acabarmos com ele.

Jim assentira, fizera continência, mas não estava disposto a executar um prisioneiro seguindo ordens de Big Horse. Não sabia se o general concordaria com isso e, se assim fosse, não sabia se teria coragem de fazê-lo.

Agora sabia que teria de conseguir informações daquele rapaz custasse o que custasse. Fosse por tortura, surras, ameaças... Vidas de soldados confederados dependiam disso. Mas ele não sentia vontade de forçar aquele pobre rapaz a nada. Esperava que Tommy lhe trouxesse uma garrafa cheia de uísque; teria de se embriagar para fazer o que era necessário.

April tentou permanecer calma no percurso até o tio. Logo seria noite. A distância, ouvia as tropas confederadas comemorando. Seu braço latejava, mas conseguia agüentar a dor. O que a preocupava era não saber ao certo o que o tenente Cherokee pretendia lhe fazer.

— Por que está me levando para tão longe do acampamento?

— Não interessa. — Ele a fez sentar-se junto ao tronco de uma árvore.

— Se me falar sobre aquele uniforme, poderei dar-lhe um pouco de comida.

— Posso beber um pouco d'água? — Mesmo com as mãos atadas, ela puxou o chapéu mais para baixo, lembrando-se de que deveria ter cortado os cabelos.

Jim Eagle lhe lançou o cantil.

— Vai ser muito mais fácil para você se me disser logo o que quero saber — ameaçou.

April não conseguia tirar a tampa do cantil. Impaciente, ele se ajoelhou e a ajudou a beber, colocando um braço em suas costas.

— É apenas um menino. — Ouviu-o reclamar. — Por que sou eu quem deve fazer isto?

Ela tinha medo de perguntar o que, exatamente, significavam tais palavras, então tomou dois grandes goles d'água e limpou a boca com os punhos do uniforme. Não adiantaria contar a verdade, pois ele não acreditaria. Além do mais, e se ele fosse o espião que ela procurava? Talvez, achando que sabia de algo, ele a mantivesse viva e cuidasse de seus ferimentos. Poderia, então, esperar que anoitecesse e tentar fugir.

— Você parece jovem demais para ser soldado — Jim observou.

— Tanto quanto seu irmão...

— E... Está com dor? Tenho um pouco de láudano...

April estava tentada a aceitar, mas se ficasse entorpecida pelo remédio, poderia dizer o pouco que sabia e por tudo a perder.

— Tem receio de falar enquanto estiver drogado? — Ele pareceu ler seus pensamentos.

— Não tenho nada a dizer.

Jim umedeceu seu lenço com um pouco de água e passou-o pelo rosto de April, limpando as marcas de fuligem e suor.

— Tommy vai nos trazer comida e uísque. E só me contar o que quero saber e lhe darei um pouco dos dois.

— Não, obrigado. Não estou com fome.

— Duvido. — O tenente começou a juntar gravetos e logo acendeu uma fogueira, colocando um bule velho sobre o fogo, para ferver água.

A distância, podiam-se ouvir os ruídos típicos de um acampamento militar preparando-se para a noite. As tropas da União já deviam ter encontrado o barco queimado, mas não ousariam atacar o acampamento confederado, por isso April precisava de um plano

de fuga.

Tommy apareceu pouco depois, pela mata.

— Ei, Jim, eu trouxe os mantimentos e alguns cobertores também. Ah, e café! Café de verdade!

— Ótimo. Agora, volte para o acampamento.

O rapaz pareceu desapontado. Olhou para April com curiosidade.

— O que vai fazer com o prisioneiro?

— Alimentá-lo.

— E depois?

O tenente respirou fundo, parou de abrir os sacos de suprimentos e encarou o irmão.

— Volte para o acampamento, Tommy. E uma ordem! O garoto hesitava.

— Você acha que, por ser mais velho, pode sempre me dar ordens, não é?

— Não. Dou as ordens porque sou um oficial!

— E eu também vou ser importante, um dia! — Tommy voltou-se e saiu correndo, aborrecido.

April engoliu em seco. Observava o tenente vasculhando o que o irmão trouxera. Ele era alto, forte; seus músculos eram visíveis mesmo sob o tecido claro do uniforme. Logo, uma sopa começou a cheirar muito bem, sobre o fogo. Ela também sentia o cheiro apetitoso dos biscoitos dinamarqueses cuja lata ele abrira. O café começava a cheirar, e seu aroma era tão tentador, que April sentia a boca encher-se de água.

— Quer um pouco? — Jim perguntou, apontando para o bule.

Ela se manteve calada, tentando ignorar a fome que castigava seu estômago.

— Basta me dizer o que quero saber...

— Já disse que não tenho nada a dizer.

— Como quiser. — Ele serviu-se de um pouco de sopa e alguns biscoitos e foi comer sentado perto da árvore na qual a amarrara. Queria que ela visse cada colherada que enfiava na boca e sentisse ainda mais o cheiro da comida.

— Por que estamos tão longe dos outros? — April insistiu em saber.

O tenente não a olhou para responder:

— Queria que ficasse num lugar tranquilo, nada mais.

— Mentira!

— Tem certeza de que não quer um pouco de sopa?

— Eu poderia falar, se me desse um pouco...

Jim ergueu os olhos. Eram de um castanho esverdeado, que April admirou pelo tom incomum.

— Primeiro, você fala.

— Primeiro, você me alimenta.

— É muito teimoso, ianque. — Jim levantou-se, serviu outra terrina de sopa e pegou alguns biscoitos, trazendo tudo para seu prisioneiro.

— Não sei se vou conseguir segurar a colher por causa da dor em meu braço...

— ela se queixou.

O tenente meneou a cabeça e ajudou-a a desencostar-se do tronco, para poder dar-lhe a sopa como se fosse uma bebida. E lamentou novamente:

— Tão jovem para estar no exército...

— Tenho idade para segurar uma arma — April falou depressa, voltando a beber antes que ele desistisse.

Quando terminou, o tenente a encarou e indagou:

— Café?

Ela assentiu, recebendo a caneca entre as mãos. Mas, ao provar, viu que não tinha açúcar e fez uma careta.

— Está amargo!

— Não se vê açúcar por aqui há meses.

— Vocês, rebeldes, parecem não ter muitas coisas, mesmo...

— Mas temos coragem, rapaz.

— Não podem vencer a guerra só com isso.

— Ora, vocês, seus malditos ianques, invadem nossas terras, roubam nossos animais, matam nossa gente, violentam nossas mulheres... — A voz de Jim era amarga.

— Tem escravos, tenente?

— Não. Nunca tive dinheiro para isso, mas mesmo que tivesse, não gosto desse tipo de coisa. Agora, chega de perguntas. É sua vez de falar.

— Amanhã. — April encostou a cabeça no tronco e fechou os olhos. Ouviu a impreciação que o oficial soltou, mas ignorou-o. Precisava ganhar tempo para recuperar-se e poder escapar.

— Tenho ordens, ianque. Torne as coisas mais fáceis para você e diga-me o que quero saber!

Ela abriu os olhos e o encarou.

— Amanhã.

— Muito bem, não quero fazer isto, mas... recebi ordens. — Jim agarrou-a pelo braço e a fez se levantar, enconstando-a de frente no tronco da árvore. Com mão firme, segurou a gola de seu uniforme e, num puxão, rasgou a jaqueta de cima a baixo, expondo suas costas.

Assustada, April encostou-se mais ao tronco, para evitar que ele lhe visse os seios. Arriscou um olhar para trás e viu o tenente tirando uma corda da cintura. Arregalou os olhos. O tenente ia surrá-la!

Contrafeito, Jim ergueu o braço que segurava a corda. Não queria surrar o garoto, mas precisava descobrir o que ele sabia. Tinha ordens! O primeiro golpe foi fraco, mas suficiente para formar uma faixa cor-de-rosa na pele clara. Ouviu o prisioneiro gritar enquanto se agarrava à árvore.

— Droga, garoto, diga logo o que quero saber e poupe-se desse sofrimento!

O rapaz, no entanto, negou com a cabeça. Irritado, ele se aproximou, na intenção de arrancar-lhe o quepe. E, ao fazê-lo, os cabelos se espalharam sobre as costas do ianque, lisos,

negros e sedosos.

— Mas o que... — começou, atônito.

Então segurou o rapaz pelos ombros e o fez voltar-se. A primeira coisa que viu foi os olhos, densos, negros, assustados; e depois... os seios.

— Oh, meu Deus! E uma garota!

Jim olhava-a, sem poder acreditar. Havia lágrimas nos olhos da garota, mas ela não gritara, embora seu lábio inferior estivesse marcado pela mordida que se impusera. Notou que ia desfalecer e segurou-a contra si, sentindo os seios redondos contra seu peito.

Levou-a até os cobertores, fazendo com que se deitasse. Como ela gemesse, voltou-a de bruços, vendo a marca na pele que ele próprio fizera.

— Droga, por que não me disse? — reclamou.

A garota parecia estar lutando para não chorar e resmungou apenas:

— Não vou lhe dizer nada.

— Vamos falar sobre isso mais tarde. — Jim foi até sua sela e trouxe um lenimento, que passou sobre a marca feita pela corda. Sentiu a pele suave sob seus dedos. Havia tempos que não tinha uma mulher e a sensação o excitou. No entanto, jamais poderia pensar em aproveitar-se do fato de tê-la como prisioneira, mesmo sendo uma espiã.

— Diga-me o que estava fazendo naquele barco. Os ianques sabiam que tinham uma garota ali?

April suspirou, sentindo o toque macio dos dedos dele e o alívio que o lenimento lhe causava.

— Não. Eu ia... encontrar meu amante no forte, nada mais.

— Deve gostar muito desse sujeito para arriscar-se assim! Que coisa mais louca para se fazer!

Ele tinha acreditado, April concluiu, aliviada.

— Eu... não o vejo há muito tempo — acrescentou.

— E onde conseguiu aquele uniforme? — Jim continuava espalhando o lenimento, em círculos.

— Ah... ia levá-lo a meu namorado, como um agrado.

— Continua mentindo. — Jim a fez voltar-se e encará-lo. — O uniforme é novo!

Ele baixou os olhos para os seios expostos e, antes que ela pudesse escondê-los com os cabelos, tocou um deles.

— Afaste-se! — April tentou livrar-se daquela mão.

Acariciando o mamilo, ele murmurou:

— Vou fazer mais do que tocá-la se não me disser a verdade.

April engoliu em seco e uma idéia formou-se em sua mente.

— Se eu o deixasse fazer amor comigo, você me deixaria fugir?

A mão quente parou sobre o seio. Mesmo assim, April sentiu um estranho calor subir por seu corpo.

— Maldita vadia! Que tipo de proposta é essa?

De repente, ele a puxou para si e a beijou. April manteve-se fria e imóvel nos braços do tenente, apertada contra os botões da jaqueta. No entanto, sensações que não reconheceu em si mesma a fizeram relaxar o corpo devagar, enquanto ele tentava aprofundar o beijo.

— Quer fazer amor comigo? — murmurou, contra os lábios dele.

Jim empurrou-a.

— Você é um pequeno demônio! Faria qualquer coisa para que eu esquecesse meu dever, não é?

— Quero apenas que me liberte... — Os soluços a tomaram então, e não teve como evitá-los.

— Pois saiba que isso não vai acontecer! — Jim levantou-se, voltou para a sela, pegou uma de suas camisas extras e jogou-a contra a garota. — Vista isto!

A peça era muito grande, mas ela obedeceu, fazendo questão de que ele visse o movimento de seus seios ao vestir-se.

O tenente soltou uma imprecação e começou a enrolar um cigarro, com mãos pouco hábeis ou trêmulas.

— Maldita seja por se oferecer assim! Devia tomá-la aqui mesmo, no chão!

April olhou-o, imaginando-se agarrada por ele e lançada sobre a grama. Quase podia sentir a boca morna em seus seios, sugando-os até fazê-la gemer para depois então possuí-la sem hesitar. Um homem como o tenente devia saber como agradar a uma mulher. Sentia-se ao mesmo tempo fascinada e apavorada diante da possibilidade de perder sua virgindade para alguém como ele.

Jim passou a ponta da língua no papel e fechou o cigarro, acendendo-o em seguida. Tirou a primeira tragada antes de dizer:

— Agora, diga toda a verdade. Toda ela entendeu?

— Está bem... Sou apenas uma prostituta comum.

— Comum. Com esse corpo. Não. Eu diria que é mais um brinquedo para oficiais e homens ricos.

Ela sorriu.

— Exatamente. Pensei ganhar muito dinheiro em Forte Gibson.

— E o uniforme confederado? — Ele a encarava de um jeito que a fazia estremecer.

— Eu... o comprei no mercado negro. Pode-se comprar qualquer coisa quando se tem dinheiro.

— Inclusive você?

— Eu já lhe disse... Eu pretendia conseguir todo o dinheiro que pudesse com os oficiais ianques e depois passar para o lado confederado e fazer a mesma coisa.

— Então, não é leal com lado nenhum. April negou com a cabeça e riu.

— Minha lealdade é apenas com o dinheiro. Ouro também pode ser. E, se não me tivessem tirado daquele barco, eu estaria agora na cama de algum oficial bem garboso, tirando dele todo o dinheiro que conseguisse.

— Vadia sem vergonha! Quanto faz por noite?

— Cobro o que é possível pagar. Para você, faria até por vinte.

— Vinte dólares? Ouvi dizer que as melhores prostitutas de Nova Orleans não cobram mais do que cinco ou dez!

Ela piscou indecisa.

— Não estamos em Nova Orleans, querido.

— Suponhamos que eu tome uma... amostra grátis? April engoliu em seco. Podia estar brincando com

fogo, mas decidiu blefar. Afinal, ele não parecia ser do tipo capaz de violentar uma mulher.

— Você gostaria bem mais se eu estivesse disposta...

— Ganhou, vadia. Pena uma garota índia ter se rebaixado tanto para tornar-se um brinquedo sem valor nas mãos de homens brancos.

— Não sou índia! — ela protestou de imediato.

— Ah, e tem vergonha de sua origem também! Pior ainda. Qual é seu verdadeiro nome?

— Não interessa!

Jim a encarou e então, muito lentamente, em sua língua Cherokee, disse:

— Acho que vou cortar sua garganta e jogar você no rio.

— Nem ouse! — April estava pronta a lutar pela vida e a resposta veio no mesmo idioma.

— Oh, então é Cherokee também...

— Não sou!

— Qual é seu nome?

— April. April Grant.

— Kawoni em Cherokee... Acho que conheci uma garota mestiça com esse nome. Meu irmão do meio, Will, apaixonou-se por ela. — Jim olhava-a, atento, até que se lembrou de algo.

— Ora, ora, ora...

— Mas é claro que não sou eu! Sou de Boston! — Não conseguia encará-lo. Também sua memória estava bem viva agora. Quando ainda era muito jovem, e nem tinha alcançado a idade de se casar, Will Wohali quis tomá-la por sua esposa, mas ela tinha olhos apenas para o irmão mais velho dele, que sequer sabia de sua existência. E então seu pai a levara dali.

O tenente encolheu os ombros.

— E, eu devo estar enganado, sim. A garota da qual me lembro não se venderia por dinheiro algum. Na verdade, nenhuma garota Cherokee o faria.

— Eu já lhe disse que sou branca!

— E ela também teria orgulho de sua origem, não vergonha.

April esquivava-se. Quando começara a sentir vergonha? Decerto fora quando as garotas da escola da srta. Priddy a tinham humilhado, fazendo-a sentir-se infeliz e sem importância.

— Agora que sabe que não passo de uma prostituta, vai me deixar ir embora?

— Não, sem antes falar com o general. Muitas vezes, as mulheres que seguem os acampamentos, prostitutas comuns, servem para levar mensagens.

— Mais uma vez, ele a olhava como se quisesse possuí-la ali mesmo.

April passou a língua pelos lábios secos, olhando-o.

— Se prometer que me deixa ir, farei amor com você... — propôs mais uma vez.

Jim continuou olhando-a por um tempo, até que por fim, disse:

— Vadia sem pudor.

— Mas ainda me quer?

— Cale-se! — Ele se voltou como se sentisse vergonha do desejo que sentia. Então foi até sua sela e de lá voltou com um pedaço de corda nova.

— O que vai fazer?

— Amarrá-la em uma árvore para que não possa fugir. Vou pensar no que fazer com você pela manhã.

— Pegou-a pelo braço e passou a corda por seu pulso.

— Mas... não vai poder dormir comigo se me amarrar...

— Não vou dormir com você!

— Mas você quer...

— E verdade.

April baixou os olhos para o nó que a prendia e que, tinha certeza, não conseguiria desfazer. Só havia uma forma de escapar. Naquela noite, teria de sacrificar sua inocência para convencer o tenente a soltá-la. Não sabia ao certo como seduzir um homem como ele, já que apenas flertara com rapazolas da sua idade...

— Antes de me amarrar, preciso ir... ali atrás. — Indicou uma moita e ele logo entendeu o que ela queria dizer.

Olhando-a com irritação, Jim soltou o nó e a deixou ir. April ainda roçou um dos seios em sua mão, de propósito, fazendo-o praguejar:

— Inferno! — E quando ela já entrava atrás da moita, alertou: — Nem tente fugir. Não iria longe e não há como saber o que poderia encontrar na mata.

— E estarei em maior perigo na mata do que com você?

Jim revirou os olhos.

— Fui um guerreiro honrado a serviço da Cavalaria antes da guerra. Sabe o que um guerreiro assim faz com estupradores?

April sabia; os membros da Cavalaria Montada eram homens que formavam um grupo de controle e manutenção da lei nas cinco tribos civilizadas. O julgamento dos que consideravam criminosos era breve e a sentença, executada de forma brusca e sem piedade, em público.

— Não se preocupe, não irei longe — prometeu. De onde estava, podia vê-lo junto ao fogo, com uma caneca de café na mão.

Quando se viu bem dentro da mata, ela não pensou duas vezes. Tinha de escapar e começou a correr sem olhar para trás. Seu braço e costas doíam muito, mas não parou. A noite já havia caído, impossibilitando-a de enxergar direito. Então, de repente, tropeçou e caiu. Levantou-se em seguida e continuou a correr para, logo adiante, tornar a cair, agora por ter tropeçado numa raiz de árvore. Não sabia ao certo que direção tomar, mas o que importava

era escapar do rebelde.

— Ianque, onde você se meteu? — Ouviu, atrás de si. April continuou a correr, e o ouviu outra vez, agora

soltando uma imprecação. Não sabia o que ele faria se tornasse a pegá-la. Nem queria imaginar. Sabia, porém, que tendo sido um dos membros da Cavalaria, ele devia ser excelente rastreador e conhecedor da região. Ainda assim, ela contava com a escuridão para escapar.

Não o ouviu mais. Provavelmente havia desistido, achando que não valia a pena perder tempo com uma prostituta. E, se ela conseguisse chegar perto de Forte Gibson, podia contar com a proteção das sentinelas, que atirariam em qualquer rebelde que se aproximasse.

Correu o quanto pôde até que uma sombra apareceu à sua frente. Ela gritou e tentou desviar, mas estava seguindo rápido demais e acabou por dar de encontro com um corpo forte.

Ele a agarrou com facilidade, apesar dos chutes e socos que ela tentava lhe dar. Caíram sobre as folhas secas, ela sempre tentando se safar, mordendo e arranhando.

— Pare ou vai ferir seu braço ainda mais! — Jim ordenou, prendendo-a ao chão com o peso de seu corpo.

— Você não se importa com meu braço! — Ela lutava, consciente de que a camisa que vestia estava aberta. Expondo mais uma vez seus seios aos olhos famintos do rebelde.

— Eu devia era lhe dar uma surra por ter fugido!

— Por que não me açoita até a morte?

— Não me dê idéias! — Tocou um dos seios, o que a fez lutar ainda mais.

— Você vai me violentar! Me larga!

— Não, não vou. E, diferente de você, não estou mentindo.

Vendo-se de braços livres, ela fechou a camisa, encarando-o.

— Fiquei com medo — tentou explicar.

— Sei... Uma prostituta com medo de um homem. Duvido. — Jim levantou-se e puxou-a pela mão, para que ela fizesse o mesmo. — Por que fugiu?

— Achei que os ianques me pagariam melhor do que um bando de esfarrapados que não têm dinheiro nem para comprar botas novas!

— Ah, nisso eu acredito, sua gananciosa. Nossas tropas não recebem já há algum tempo. Venha! — Ele lhe estendia a mão novamente.

— Para quê?

Antes que ela percebesse o que acontecia, Jim ergueu-a nos braços, começando a voltar por onde viera. April estava exausta e sabia que ele deveria estar também, mas deixou-se ficar no colo dele, aproveitando o conforto de ser carregada.

Jim evitava baixar os olhos para a garota. Sentia a pele macia em seus braços e o aroma que vinha de seus cabelos era agradável demais. Não, ela não era dessas mulheres que seguiam as tropas, avaliou. Talvez fosse uma dessas prostitutas de luxo das quais já ouvira falar. Precisava descobrir se ela sabia de algo importante e, de uma coisa tinha certeza: ia levá-la para a cama e ver se ela era tão habilidosa quanto bonita. Afinal, estava mais do que na hora dos confederados experimentarem um pouco dos luxos que os oficiais ianques desfrutavam.

Em silêncio, levou-a de volta, sentando-a junto à fogueira. Nada se ouvia na mata, a não

ser um cavalo relinchando à distância, ou um cachorro latindo de vez em quando.

April estudava o homem à sua frente, tentando imaginar o que fazer. Talvez pudesse fazer amizade com ele e ganhar sua confiança. E, em último caso, poderia seduzi-lo.

— Estou com frio — queixou-se. — Sobrou algum café?

— Sirva-se. — O tenente evitava olhá-la, já que ela deixara os botões da camisa abertos, para provocá-lo.

Ao colocar café na caneca, ela pensou em jogá-lo no rosto do oficial e tentar fugir novamente, mas não o fez. Preferiu oferecer:

— Quer um pouco?

— Não. Trabalhei o dia inteiro e preciso dormir, não beber café.

— Sinto se lhe causei tantos problemas. Obrigada por cuidar de meu braço.

— Eu o teria feito por qualquer prisioneiro. Alguns segundos de silêncio se passaram. April estava sentada sobre num tronco caído e pensava.

— Você me odeia, não é? — indagou, por fim.

— Pensar que uma garota Cherokee possa trabalhar como prostituta...

— Cherokee ou não... Aposto que nunca pensou nas muitas mulheres que se vendem no meio da guerra.

— Os Cherokees são um povo orgulhoso de suas tradições. Sinto vergonha por você.

April piscou várias vezes a fim de evitar as lágrimas.

— Detesto ter sangue índio — confessou. — No norte, as garotas brancas riram de mim e me humilharam. Diziam que eu era uma selvagem de pele vermelha.

— Os Cherokees pertencem às cinco tribos civilizadas e tivemos bons lares até que os brancos gananciosos encontrassem ouro em nossas terras, na Geórgia.

— Então, por que está do lado dos rebeldes?

— Apoio o sul porque acho que, dos males, é o menor.

Nunca confiei na União, ainda mais depois que o presidente Jackson forçou nossa gente a fazer a Trilha das Lágrimas em meio a um inverno rigoroso. Perdi muitos parentes naquela jornada de morte. E aposto que o mesmo aconteceu com sua mãe também. Ela não respondeu, porém. Deixou-o continuar:

— Fomos traídos pela União depois de sermos seus amigos e aliados, de termos lutado a seu lado contra os britânicos na guerra de 1812.

April continuava calada, bebendo seu café. Sabia que a tribo dos Creeks tinha lutado ao lado dos britânicos naquela guerra até serem derrotados na sangrenta batalha de Horseshoe Bend. Os Cherokees então foram tratados como se fossem inimigos da União. Não era de admirar que Jim Eagle estivesse tão amargo ao falar a respeito.

— Além do mais — ele acrescentou, após alguns segundos de reflexão —, os confederados prometeram que, se vencerem, deixarão os índios ter seu próprio estado, sem brancos invasores.

April deu de ombros ao comentar:

— Talvez estejam mentindo também...

— Talvez. Mas já sabemos que a União mente para nós, então vou arriscar. — Ele pegou um graveto e começou a riscar a terra.

April notou-lhe as botas gastas e o uniforme velho.

— A situação não parece estar muito boa... — observou.

— Não preciso que uma prostituta ianque me diga o óbvio.

April suspirou; quase sentia pena daquele valente guerreiro Cherokee, tão amargo, tão necessitado. Então sua atenção se voltou para o que ele desenhava no chão: uma fileira de letras "X". O major lhe dissera algo sobre essa ser uma pista! Respirou fundo e continuou olhando. Jim Eagle estaria lhe enviando um sinal ou apenas jogando para ver se ela sabia de alguma coisa? Não havia dúvidas de que ela acabara de encontrar ou seu contato, ou o espião pelo qual procurava.

CAPÍTULO V

Mas qual é o problema com você? — Jim olhava-a diretamente.

— Nenhum... —April temia comentar sobre as marcas na terra. Não podia confiar em ninguém; recomendações do major e ele devia saber o que dizia... Fingiu um bocejo. — Estou cansada também. Se lhe der minha palavra de que não vou fugir, você não me amarra?

— A palavra de uma prostituta? — Ele ergueu as sobrancelhas.

— Bem... que tal a palavra de uma mestiça Cherokee? Desta vez, Jim teve de rir.

— Mas acabou de negar ser mestiça!

— Está bem, então. Posso ver que jamais acreditaria em mim... —April ofereceu os punhos e, enquanto o tenente a amarrava, passou a língua pelos lábios, dizendo: — Não vou achar ruim se me beijar.

— Você se tem em alta conta, não?

— Os homens sempre me dizem que sou... Habilidade no que faço.

Antes que ele pudesse reagir, April passou os braços por seu pescoço e beijou-o. Não sabia muito bem como beijar, mas seguiu suas emoções, abrindo os lábios e tocando os dele com a ponta da língua. Jim, então, tomou o controle do beijo, puxando-a para si.

April nunca fora beijada antes e o que sentia naquele momento a fazia desejar que o beijo nunca acabasse. Por isso colocou nele toda sua paixão.

O tenente se afastou com dificuldade e sua respiração estava acelerada.

— Ora, quem diria... você é habilidosa, mesmo... Se sabe beijar desse jeito, não é de admirar que lhe paguem tão bem pelo resto!

April sorriu, satisfeita.

— E foi só uma amostra. Talvez, quando nos conhecermos melhor, possa haver mais...

— Esta noite?

Se ficasse com ele naquela noite, April o deixaria perceber que toda a história que inventara era mentira e então poderia ser presa como verdadeira espiã. Por outro lado, se ele fosse o agente que procurava...

— Não... Uma outra hora. Sabe que esperar por uma coisa pode ser muito divertido?

— Talvez para você. Consegue que os homens paguem mais assim?

— Eu lhe dei apenas uma amostra, já disse. Não acho que possa pagar o que cobro.

— Os vinte dólares? Está brincando. Sabe muito bem que eu poderia forçá-la e pronto.

April esboçou um sorriso.

— Mas só seria bom se eu quisesse... E quanto mais recebo, mais quero...

Jim praguejou em voz baixa, depois acrescentou:

— E pensar que, no passado, cheguei a achar que...

— Achou o quê?

— Nada. Não sobrou muito da garota que conheci. As palavras machucavam, mas April não podia

deixar-se magoar. Um dia, no passado, amara aquele homem, sim. Amara com seu coração de adolescente. Mas era jovem demais então, e fora prometida ao irmão dele.

— Está me fazendo perder tempo, tenente. Vamos dormir um pouco, está bem?

Ele meneou a cabeça e abriu o bolso da camisa.

— Nunca pensei que faria algo assim, mas... acontece que tenho o dinheiro.

— E tirou algumas moedas.

April entreabriu os lábios, surpresa e temerosa. O tenente estava pagando para ver.

— Talvez fosse melhor reconsiderar, tenente. Aposto que deve ter melhor uso para suas poucas notas...

— É... pretendia comprar umas coisas para meu rancho, mas posso não viver até o fim da guerra, então vou sentir um pouco de prazer enquanto posso. — Com um gesto desdenhoso, jogou as moedas no colo dela.

Oh, céus! E agora o que fazer?

— Eu... Estou realmente muito cansada. Por que não deixamos isso para amanhã?

— Uma prostituta recusando dinheiro?

— A ironia do tom vinha misturada a um olhar de desejo.

April tinha de fazê-lo acreditar que era uma prostituta, para seu próprio bem.

— Está bem, então, mas primeiro, gostaria de me lavar.

— Claro. Tenho sabão e o rio está próximo.

Ela guardou o dinheiro no bolso da camisa e levantou-se. Talvez conseguisse escapar, quando estivesse no rio.

— Pode me esperar aqui então e...

— Acha que sou algum idiota? Vou com você para garantir sua volta.

— Não vou permitir que me veja tomando banho!

— As prostitutas deixam que os homens as vejam nuas o tempo todo. Por que a modéstia agora?

April pensou por segundos. Como sair daquela situação?

— Está bem. Traga o sabão e uma toalha. — Seu coração estava batendo forte quando começou a caminhar para o rio, sentindo o tenente logo atrás dela. E, quando chegaram à margem começou a desabotoar a camisa, sem outra opção.

— Se for demorar assim, ainda vamos estar aqui, em pé, amanhã — o tenente reclamou.

— A antecipação é o aperitivo do prazer... — April respondeu, sem olhá-lo.

— Achei que prostitutas fossem como qualquer outro negociante, para quem tempo é dinheiro.

Ela esperava que algo acontecesse para interrompê-los. Despia-se de costas para ele e ouviu, apreensiva:

— Não vou poder olhar o que estou comprando?

— Não se apresse. — April sentou-se numa pedra, tirou as botinas e tornou a se levantar. Abriu o cinto, imaginando que se metera num enorme problema. A recompensa valeria a perda de sua virgindade?

— Ande logo! Se houver alguma coisa no acampamento, vão me chamar e perderei o espetáculo!

Era com o que ela contava, mas ao que parecia, a sorte não estava do seu lado. Tirou a calça, ainda de costas, e o ouviu respirar fundo.

— Você vale cada centavo...

— Jogue-me o sabão e a toalha.

— Venha buscá-los.

April cerrou os punhos e voltou-se, indo até o tenente, sentindo olhos dele em todo seu corpo. Forçou-se a sorrir.

— Então, está gostando do que vê...

— Sabe que sim. Esqueça o banho. Vamos nos deitar aqui mesmo. — Jim tentou segurar-lhe o braço, mas April pegou o sabão e a toalha e, sorrindo, voltou para a água.

— Eu escolho onde e quando, tenente. Agora, por que não volta e me dá um pouco de privacidade?

— Não. Você é linda demais. Eu poderia ficar aqui a noite toda, olhando-a.

— Assim, não chegaríamos à melhor parte, tenente. — April entrou na água, passando a se lavar. Mantinha o braço ferido acima do nível da água, enquanto o tenente se encostava a

um tronco de árvore, para observá-la.

O banho se prolongou, até que Jim Eagle impacientou-se:

— Já se lavou mais de duas vezes! Vamos, saia logo!

Não havia mais o que fazer a não ser obedecer e pegar a toalha que deixara pendurada num galho. Jim observou-a sair nua e molhada. Jamais desejara uma mulher assim. Sem uma palavra, afastou-se da árvore e tomou-a nos braços, porém sentiu que ela estava tensa ao tentar beijá-la.

— Aqui, não — April protestou. — Vamos voltar. Mesmo a contragosto, ele cedeu:

— Não é de admirar que exija tanto dinheiro. Sabe como deixar um homem louco.

Um sorriso veio aos lábios dela enquanto se enrolava na toalha.

— Faz parte do serviço, tenente.

— E pensar que duvidei que fosse uma prostituta... Vou levá-la nos braços. Está descalça e poderá ferir os pés.

Ela hesitou, mas por fim, deixou-o pegar suas roupas e botinas e erguê-la nos braços. Quando a depositou no chão, de volta ao acampamento, beijou-lhe o pescoço, sussurrando:

— Você é, mesmo, um tesouro.

— Que você logo vai encontrar...

Jim sentiu que ela estava tremendo. Devia fazer parte do jogo de sedução, avaliou. Empurrou-a de leve para o cobertor aberto junto ao fogo e começou a se despir.

— Tire a toalha — pediu.

— Você... não prefere tirá-la?

Sem pestanejar, ele se ajoelhou e arrancou-lhe a toalha, jogando-a de lado. E, sem deixar de olhar para April tirou a camisa e a calça. Não estava usando nada por baixo.

April sentiu o coração disparar. Nunca se sentira tão vulnerável. Notava as várias cicatrizes de batalha que havia no corpo dele e os músculos que se moviam em seus movimentos ansiosos.

— Eu... estou prestes a lhe provar que sou a melhor prostituta que já conheceu — murmurou, sem saber o que mais fazer para conter seu embaraço.

— O prazer será todo meu, beleza. Resta saber se o seu desempenho será mesmo tão bom.

April engoliu em seco. Nada sabia sobre sexo, muito menos sobre os truques que as prostitutas usavam para agradar aos homens. Se não conseguisse enganá-lo, o tenente começaria a fazer perguntas que ela não podia responder!

— Vou mostrar o quanto sou boa. E depois você poderá dizer aos outros. Alguns deles poderiam estar dispostos a pagar bem mais para desfrutarem de meu corpo.

Uma expressão de desagrado passou pelo rosto do tenente, enquanto a tomava pelos ombros, para aproximá-la mais de si. Beijou-a com uma intensidade diferente, faminta, que a fez estremecer. Uma de suas mãos acariciou-lhe os seios e, apesar de tudo, April sentiu o corpo reagir de pronto, entregando-se.

Colocou as mãos nos ombros dele, sentindo-o baixar a boca para um de seus seios, fazendo-a gemer de prazer.

Estavam ambos deitados no cobertor, nus, e as mãos de Jim a acariciavam com desejo. Ela sentia medo, imaginava o momento em que ele a possuiria, mas não podia voltar atrás agora, ou estaria perdida.

— Você realmente sabe como excitar um homem.

— Jim gemeu. — Não devia ter duvidado de que fosse prostituta.

April cerrou os olhos, dividida entre o medo e a paixão. Sentiu que ele baixava a mão e a tocava entre as pernas e gemeu, reagindo à deliciosa sensação de prazer que sentiu.

— Nunca quis uma mulher deste jeito — Jim continuava a sussurrar, beijando e mordiscando-a de leve.

— Pode ficar com meu pagamento todo, se quiser... Ela quase não o ouvia, envolta numa nevoa de desejo e prazer que desconhecia até então.

— Agora vou fazer o que sempre desejei, desde o dia em que meu irmão a trouxe para conhecer o rancho...

April abriu os olhos de repente. Ele a quisera naquela época? Quanto tempo haviam perdido por não admitirem a paixão que faiscava entre ambos? E agora, Jim a considerava uma prostituta e não havia como desmentir tal idéia...

Os passos apressados e a voz os interromperam:

— Jim, o general quer que... Ei, o que está havendo aqui? — Tommy parou, a poucos passos deles.

April cobriu-se depressa com a toalha enquanto Jim se erguia nos cotovelos, irritado.

— O que lhe parece?!

O garoto deu-lhes as costas, embaraçado.

— Uma garota... Desculpe Jim, eu não sabia que estava interrompendo...

— O que você quer? — Jim levantou-se e começou a vestir a calça.

— Então, nossa prisioneira é uma garota... — Tommy murmurava, como se em transe.

— E uma longa história. — Frustrado e aborrecido, Jim seguiu até o irmão. — O que veio dizer?

— O general quer um oficial numa patrulha que vai sair, mas não se sabe onde o capitão Big Horse está...

— Ah, ele sempre some quando lhe é conveniente. Para que querem a patrulha?

Tommy deu de ombros.

— Parece que alguém viu um movimento estranho ao redor do acampamento e o general deve estar com medo de alguma emboscada ianque.

Jim acabou de abotoar a camisa.

— Ele vê espiões por toda parte — comentou, irritado.

— Chegou a achar que ela fosse uma.

— Pois é, e sou apenas uma prostituta... — April comentou, para garantir que fosse isso que se pensasse a seu respeito.

— Isso é vergonhoso para uma garota Cherokee

— Tommy murmurou, voltando-se para vê-la.

— Bem, não vou deixar que fique por aí enquanto estou fora — observou o tenente.

E pegou-a por um braço.

— O que vai fazer? — April se alarmou.

— Amarrá-la até que eu volte. Está me devendo um pouco de prazer, esqueceu?

— Acontece que não estou mais com vontade. Vou lhe devolver o dinheiro.

— Ah, não vai, não. Negócio é negócio e vou cobrar quando voltar.

— Pelo menos, deixe que eu me vista! — Ela passou a mão nas roupas, enquanto era levada para junto de uma árvore.

— Jim, isso não é necessário — Tommy interferiu.

— Ela não vai fugir.

— Estou apenas garantindo isso, Tommy. Quanto a você, fique longe dela, entendeu?

— Por quê?

— Porque é o que estou mandando!

Jim terminou de amarrá-la e depois, passando a mão no ombro do irmão, afastou-se com ele. O rapaz, porém, voltou-se algumas vezes para trás, para ver April.

Foi difícil vestir-se, com uma das mãos atadas à árvore, mas ela conseguiu. O que faria agora? Se Jim Eagle retornasse e fizesse amor com ela, saberia que era virgem e então poderia matá-la ou tentar tirar dela as informações que queria, já que descobriria ser uma espiã. Fora uma grande tola em se meter numa encrenca como essa e agora não sabia como escapar dela.

Perdeu a conta de quanto tempo ficou ali pensando. De repente, ouviu que alguém se aproximava e seu corpo estremeceu. Mas tratava-se de Tommy.

— Não saiu na patrulha com seu irmão?

— Não. Estou de guarda esta noite. E verdade... o que Jim disse sobre você ser... bem... você sabe.

April percebeu pela expressão faminta no rosto do rapaz o que ele devia estar pensando.

— Tommy, tenho certeza de que você não tem tanto dinheiro...

— Mas um dia vou ter, ouviu? E vou ser importante também e ninguém mais vai mandar em mim!

— Claro... Creio que seja terrível ser irmão mais novo e ter de obedecer sempre o que o tenente diz...

— Estou farto disso! Ele me trata como criança, mas já sou um homem!

E se pudesse persuadi-lo a soltá-la?, April analisou.

— Tem toda a razão. O que houve com seu outro irmão?

— Jim falou sobre ele para você?! Ele nunca fala de Will, embora eu ache que deve pensar muito nele.

— Sente-se aqui, junto ao fogo. O que houve com Will?

— Bem, ele é um Keetoowa. Sua unidade de Cherokees desertou em 1861 e passou para o lado da União. Acho que Jim se sentiu traído.

— Mas Will deve ter tido seus motivos... O garoto deu de ombros ao responder:

— Não sei muito sobre isso, a não ser que os Keetoowas são muito tradicionais e acham que a tribo estará melhor ao lado dos casacos-azuis.

— E o que você acha? — Ela lhe sorria, mostrando-se benevolente.

— Ora, ninguém nunca pergunta o que acho... nem sei se faz diferença. Já estive numa cidade grande?

— Sim, e vou voltar para lá assim que tiver uma chance.

— Esse é meu sonho, sabia? Will e Jim podem querer voltar a suar no trabalho duro do rancho, mas eu... eu quero ir para o norte e viver numa cidade bem grande! Quero uma casa bonita e uma carruagem e talvez um emprego num bom escritório.

Ela o tocou no braço.

— Todos têm direito a seguir seus sonhos. Foi isso o que fiz. Estava farta de ser uma garota Cherokee como as outras.

— Talvez acabemos na mesma cidade, hein? — Ele parecia animado. — Eu queria muito que a guerra acabasse logo.

— Também eu, Tommy. Jim pensa que sou espiã e, quando voltar, vai querer tirar informações de mim, não importa o que tenha de fazer...

— Ah, Jim não faria nada de ruim...

— Mas acho que ele pensa que o fim justifica os meios, entende: E vai fazer o que achar necessário...

O rapaz encarou-a.

— Will também disse isso. Você é, mesmo, espiã? April soltou uma risada.

— Mas é claro que não! Sou apenas uma garota perdida no meio desta guerra!

— Que pena, moça.

Ela sabia que tinha de convencê-lo, mas não via como. Decidiu fingir que chorava e exclamou:

— Tenho tanto medo do que seu irmão possa me fazer!

— Não tenha. Não vou deixar que ele a machuque.

— Não sei como poderá detê-lo, a não ser... bem, talvez se me soltar...

Tommy mostrou-se chocado com a proposta.

— Não posso fazer isso! Jim ficaria furioso!

— Eu sei... Então, vou ter que esperar e aceitar meu destino... Você viu o que ele estava prestes a fazer quando chegou, não viu?

Houve um longo momento de silêncio, no qual o garoto pareceu analisar a situação.

— Jim não faria algo assim... — comentou, por fim, sem muita certeza.

— A guerra faz coisas estranhas às pessoas, Tommy. Mas sei que, como irmão menor, você deve obedecê-lo.

— Estou cansado de ser o irmão menor. Já está na hora de começarem a me tratar como homem. Já estou com quase dezenove, sabia?

— Mesmo? Tommy, tenho muito, muito medo do que os rebeldes possam fazer para tirar informações de mim.

— Eu sei, mas... se a soltasse, eu estaria me metendo numa encrenca das grandes!

April percebia que ele estava amolecendo.

— Entendo... mas... por favor! Poderia fazer com que parecesse que escapei sozinha!

— Não sei...

— Se não me ajudar, só deus sabe o que poderá me acontecer!

O garoto sentia-se confuso e desconfortável. Olhou ao redor, avaliando o que podia fazer.

— Está bem.

— Oh, graças a deus! Obrigada! —April abraçou-o, aliviada.

Sem pensar, Tommy correspondeu ao abraço e deu-lhe um beijo desajeitado, prometendo:

— Um dia, vou ser rico. Tenho planos e vou precisar de uma esposa. Talvez nos encontremos em Boston, depois da guerra...

— Não... não posso prometer, Tommy...

— Eu sei, mas vou arriscar. — Ele tirou uma faca da cintura e cortou a corda.

— Vou dar alguns suprimentos para você levar. — E saiu correndo.

April massageou os pulsos, aliviada. Suspeitava de que Jim Eagle fosse o informante, mas não sabia se devia contar ao major quando este a procurasse. Ele decerto achava que ela estava no forte, então era para lá que devia seguir quando conseguisse escapar. Ou então, seria melhor esquecer tudo e ir embora, deixar a recompensa para trás.

Tommy voltou minutos depois com uma mochila cheia.

— O capitão Big Horse voltou ao acampamento e está perguntando por você.

April estremeceu, lembrando-se da brutalidade do oficial.

— E onde ele esteve? — quis saber.

— Ninguém sabe. Mas ele gosta de jogar, então deve ter ido fazer algum joguinho com os soldados por aí. Jim diz que ele não é um bom oficial.

Talvez o capitão fosse o informante que estava procurando, April avaliou. Não havia como descobrir, a não ser que ficasse, e isso era por demais perigoso. A recompensa definitivamente não valia sua vida.

— Muito obrigada, Tommy. Espero que isto não venha a lhe causar problemas.

Ele sorriu.

— A guerra não vai durar muito mais tempo e, quando tiver muito dinheiro, vou procurar por você em Boston.

Eram sonhos loucos, ela sabia; Tommy provavelmente acabaria suando no trabalho do rancho que tanto detestava.

Não havia como pegar um cavalo sem que dessem por falta do animal, por isso acenou para o garoto e enfiou-se na floresta, com a mochila nas costas. Quando Jim Eagle descobrisse que tinha fugido, ela já estaria muito distante dali.

Jim entrou a cavalo no acampamento e parou diante da tenda do general, onde desmontou. Logo viu o capitão Big Horse, que saía, e prestou continência:

— Tenente Jim Eagle apresentando-se, senhor!

— À vontade. Entre, tenente. O general está à sua espera.

Jim assim o fez, inclinando-se ao passar na abertura na lona, ansioso por perguntar onde o capitão estivera quando precisaram dele, mas não ousando fazê-lo. Lembrou-se de que, em certo sentido, o capitão era um tanto parecido com Tommy: ambos sumiam quando havia trabalho a fazer.

O velho general sorriu assim que o viu:

— Wohali... Aceita um gole?

Jim aceitou o copo de uísque que ele lhe oferecia.

— Sinto, senhor, mas não encontramos nada. Deve ter sido alarme falso, ou então, se havia algum ianque pelas redondezas, nós o afugentamos.

— Ótimo. E como vai em sua busca de informações quanto à misteriosa... dama?

Jim olhou-o, surpreso:

— Como soube?

— Seu irmão contou à metade dos homens.

Irritado, Jim avaliou que, agora, todos iam quereir estar com ela.

— Ainda não consegui nada, senhor.

Big Horse soltou uma risada desagradável.

— Talvez ela seja o que todos dizem: uma prostituta que estava tentando chegar ao Forte Gibson. Mas nosso dinheiro deve ser igual ao dos ianques.

A postura lasciva do oficial irritou Jim ainda mais.

— Acho que ela não seja nada disso, senhor.

O general recostou-se em sua cadeira de lona e analisou:

— Bem, se ela é apenas uma prostituta, devemos soltá-la. Uma mulher aqui poderá causar muita confusão entre os homens.

Jim, porém, não queria deixá-la ir. Talvez, depois de ter feito amor com ela...

— Senhor, desculpe, mas acho que ela tem informações importantes e que estava tentando levar ao Forte Gibson — argumentou. — Talvez, se ficar com ela alguns dias, poderei conseguir que baixe a guarda e me diga algo.

O general Watie não pareceu convencido:

— Tenente, parece-me que há mais chances de ela ser apenas uma prostituta e não uma espiã.

Não, ela não era apenas uma prostituta... Era linda, era especial...

— Eu gostaria de ter uma chance de ficar com ela mais um tempo e tentar tirar as informações que tem.

— Está dizendo que pretende fazê-la apaixonar-se por você e depois traí-la?

— Bem... no amor e na guerra... vale tudo, não?

— Sou voluntário para essa missão, então — interferiu o capitão Big Horse, sorrindo mais uma vez.

Jim cerrou os dentes, sem conseguir imaginar April aquele índio juntos. No entanto, ele era seu oficial superior... Houve silêncio por alguns segundos, até que o general observou:

— Não quero mais esse problema, tenente, ainda mais se ela é uma prostituta comum.

— Bem, ela não me pareceu nada comum — Big Horse comentou. — Mas como ainda não a experimentei...

Ainda mais tenso, Jim evitou olhá-lo. Se April não fosse prostituta, devia ser espiã, e isso poderia levá-la à morte.

— Acho que devemos entregá-la aos oficiais e depois nos livrarmos dela — continuou o capitão, parecendo provocar seu subordinado de propósito, pois o olhava fixamente.

— Capitão, eu pensaria melhor antes de dizer isso

— Jim aconselhou.

O general levantou-se, notando, uma vez mais, que seus dois subordinados realmente não se suportavam.

— Já chega! Eu disse, não? Essa mulher já está causando problemas entre meus oficiais! Gostaria que nunca a tivéssemos capturado.

— Dê-me uma chance, senhor — Big Horse pediu.

— Se ela souber de algo, saberei como extrair...

— Eu disse que já chega, capitão! De alguma forma, os ianques parecem saber de todos os nossos movimentos e estou desesperado para conter esse vazamento de informações.

— Voltou-se para o tenente:

— Tente, Wohali. Veja se consegue descobrir algo com ela. Os dois estão dispensados agora.

Jim bateu continência e já tinha se voltado quando as palavras do capitão o detiveram:

— Só mais uma coisa, tenente.

— Sim, senhor?

— Se ela for uma espiã, sabe o que terá de fazer, não? Não podemos arriscar que continue enviando informações a nosso inimigo.

— Com todo o respeito, senhor, acho que não conseguirei matar uma mulher.

— Entendo... lembre-se de que muitas vidas confederadas podem estar em risco se essa vadia bonitinha conseguir transmitir qualquer tipo de informação às tropas da União.

— Perfeitamente, senhor.

— E, acho que nos entendemos, então.

Jim tornou a bater continência e se foi, irritado consigo mesmo por ter se metido naquela confusão. Não fazia a menor idéia se a garota era espiã ou prostituta; ou ambas as coisas. Queria apenas matar a fome que ela lhe provocava.

Sozinho em sua tenda, o general Watie pensava. Havia tempos seus dois oficiais não se entendiam e agora lhe parecia óbvio que os dois queriam a garota, o que viria a ser outro problema. Esse tipo de encrenca era a última coisa de que precisava num momento em que os confederados estavam já com tantos outros problemas para resolver.

Deu passos vagos pela tenda, pensando na má sorte que os rondava. Havia sempre emboscadas, surpresas... Era como se houvesse um informante bem ali, no acampamento. Não

queria nem imaginar que um de seus homens pudesse ser um traidor.

Mas lembrou-se de que, quatro anos antes, quando suas tropas estavam atrás da tribo Creek, que fugia para o Kansas, um regimento inteiro dos Keetoowas tradicionais tinha se passado para o lado ianque. E um desses homens era irmão do tenente Jim Eagle. Uma idéia ruim veio-lhe à mente e procurou afastá-la. Apostaria sua própria vida na lealdade e na coragem do tenente. Mas...

Não, não. Meneou a cabeça; estava velho e cansado e não sabia mais no que acreditar. Além do mais, metade de seus homens tinha parentes que eram membros dos assim chamados índios *Pin*, agora lutando pela União.

Havia muitos deles indo e vindo o tempo todo: tropeiros, comerciantes, batedores e até prostitutas ocasionais que seguiam o regimento em tempos de guerra. Qualquer um poderia ser um informante. Qualquer um.

Deu mais alguns passos, pensando. A captura do barco fora a única coisa boa que lhes acontecera em semanas. Talvez os Cherokees estivessem apenas com má sorte... Ou talvez estivessem sendo vergonhosamente traídos. E se a tal garota pudesse esclarecer alguma coisa? Se houvesse um traidor entre seus homens, cuidaria pessoalmente de dar a ordem de comando ao pelotão de fuzilamento contra ele.

Jim Eagle seguiu para sua tenda, com a imagem da bela Cherokee em sua mente. Sim, ia tentar tirar informações dela, mas também tinha outros planos. Ardia por terminar o que havia começado horas antes. Pensou em Tommy e onde ele poderia estar agora. O garoto era ingênuo e, se tivesse ficado perto da Cherokee, ela poderia ter tentado enganá-lo de algum forma.

Seguiu para a tenda do irmão, com certa preocupação. Lá, viu que os cobertores do jovem nem tinham sido mexidos, e isso o afligiu ainda mais. E se Tommy tivesse tentado dormir com April? Apressou-se a voltar para sua própria tenda, ansioso.

— Tommy? — chamou, assim que entrou na clareira próxima ao rio. Não houve resposta.

— Tommy! — repetiu, mais alto.

A garota se fora e ele encontrou Tommy que acabava de se sentar, parecendo sonolento.

— Tommy, o que aconteceu?

O garoto levou a mão à cabeça.

— Ela... estava com medo de você e me pediu para soltá-la...

— E aproveitou-se quando você não estava olhando para golpeá-lo na cabeça e fugir!

— Jim tentou adivinhar.

— Ah... sim, sim, foi isso. Jim soltou uma imprecação.

— É mais esperta do que imaginei! Por que, afinal, estaria com tanta pressa para escapar?

— Ela disse que temia o que você poderia lhe fazer...

— Pois vai ter muito mais medo quando eu a encontrar. Você está bem?

Tommy assentiu.

— Há quanto tempo ela se foi?

— Ah... deve ter sido logo depois que escureceu.

— Isso significa que está longe agora. Preciso encontrá-la antes que a notícia de que perdi minha prisioneira se espalhe. Tommy baixou a cabeça, envergonhado.

— Sinto muito, Jim. Não quis lhe causar problemas.

— Não faz mal, meu irmão. Ela era capaz de fazer qualquer um esquecer do dever.

— Nunca... nunca o vi assim por causa de uma mulher...

Jim assentiu, irritado consigo mesmo.

— Algumas mulheres conseguem fazer os homens agir como idiotas. Agora... não há como saber para que lado ela foi...

— Ela falou sobre o Forte Gibson e fez muitas perguntas sobre Will.

Jim voltou-se, tentando não prestar atenção à ponta de ciúme que o incomodou.

— Will? Acha que ele pode estar em Forte Gibson e que ela quer alcançá-lo?

— Não sei. O que pretende fazer?

— O que posso fazer? Tentar encontrá-la e trazê-la de volta!

— Ela deve estar muito longe. Se a seguir, poderá dar de encontro com patrulhas inimigas.

— E acha que não sei disso?

— Vou com você! — Tommy tentou se levantar.

— Não, você não está em condições de cavalgar.

— Eu gostaria que você parasse de me tratar como criança. Já sou um homem e posso cuidar de mim mesmo! Um dia, ainda vai ver! Serei rico e importante!

— Claro... — Sem mostrar grande interesse, Jim bateu-lhe amigavelmente no ombro.

— Por que não a deixa ir? O general realmente se importa se ela fugir ou não?

Jim avaliou a questão. Não sabia se faria grande diferença para os confederados, mas para ele, fazia.

Queria a garota. Desejava-a com uma urgência que quase lhe dava medo.

— Tente evitar que saibam que fui atrás dela, certo?

— E se não a encontrar?

Jim começou a pegar suprimentos para levar.

— Vou pensar nisso depois. — Seguiu até seu cavalo. Ela devia ter seguido o rio se estava tentando chegar ao Forte Gibson. Ela estaria tentando se encontrar com Will por serem amantes? Seria algo assim simples, como o amor, ou haveria alguma coisa mais, perigosa? Não sabia qual idéia era-lhe mais desagradável. Montou e afastou-se do acampamento, evitando as sentinelas enquanto seguia pela margem.

Era noite de lua cheia e não seria difícil rastrear April. Parava de vez em quando, desmontava, atento às marcas no chão e aos galhos das árvores. Sim, ela estava seguindo ao longo do rio. Talvez esperasse encontrar uma canoa ou algo parecido.

Jim seguiu noite adentro, lembrando-se das palavras de seu irmão, tão ingênuo e tolo. Talvez April não fosse espiã, mas apenas uma prostituta que pretendia trabalhar tanto para ianques quanto para confederados. Mas tal idéia o deixava enojado. Distanciava-se cada vez

mais de suas tropas. Se tivesse juízo, daria meia-volta para buscar uma patrulha que o ajudasse a persegui-la. Não... Ficaria com um grande problema nas mãos por tê-la deixado escapar; Tommy, em especial, seria acusado de negligência.

Depois de horas em cima do cavalo, ele decidiu desmontar para o animal descansar. Puxando-o pelas rédeas, caminhou como uma sombra silenciosa por entre as árvores à margem do rio.

April havia parado para pensar no que fazer e aproveitou para descansar um pouco. Usava uma calça velha da União e uma camisa confederada, enorme. Assim, seria impossível esgueirar-se para dentro de Forte Gibson como se fosse um soldado comum. Metera-se numa grande confusão sem ainda conseguir uma só notícia que valesse a informação ao major Smith. Talvez fosse melhor tentar atravessar o rio e caminhar até encontrar uma cidade, e então esquecer de toda aquela aventura. Olhou para a mochila que Tommy lhe preparara e abriu-a, servindo-se da comida que ele ali pusera.

De repente, ouviu um ruído na mata e imobilizou-se. Naquele território havia ursos, cobras e aproveitadores. Não dispunha de uma arma e teria de ser extremamente cuidadosa.

— Quem... quem está aí? — perguntou, assustada.

Silêncio. Talvez tivesse apenas imaginado o barulho. Depois de alguns segundos, continuou comendo, achando agora que se tratava de alguma ave noturna. Ao terminar, tomou alguns goles d'água. Gostaria de tomar um café, mas mesmo que tivesse o pó, não ou- saria acender uma fogueira para prepará-lo.

Levantou-se e pensou ter ouvido outro ruído quando, repentinamente, uma sombra saiu de entre as árvores, batendo contra ela. Sua reação foi a de lutar e ambos rolaram pela margem; April usava unhas e dentes para tentar defender-se do estranho. Mas ele era tão grande!...

Ao luar, deu-se conta de que estava sendo atacada por um dos aproveitadores que costumavam agir naquela região. Gritou, apavorada, e o homem atingiu-a em cheio no rosto, com o punho fechado. Ela sentiu gosto de sangue na boca ao cair, tonta. Percebeu que ele tentava abrir suas roupas. Deus do céu!, ele ia violentá-la. O pavor deu-lhe novas forças, mas não era páreo para lutar contra um homem tão forte.

— Pare com isso! — ele ordenou. — Ou eu a mato aqui mesmo! Vou tomá-la, então pare de se debater!

April tornou a gritar e mais uma vez foi atingida por um murro. Ele poderia violentá-la, mas teria de matá-la primeiro! Nunca estivera tão apavorada em sua vida.

Nesse momento, outro vulto enorme apareceu da mata. April arregalou os olhos. O sujeito tinha um comparsa! Não teria chance alguma, mas continuou lutando. Então, reconheceu o segundo homem e gritou:

— Jim! Oh, Jim!...

Ele não respondeu ao atacar o agressor. Havia fúria em seu olhar conforme esmurrava o sujeito e o fazia desmoronar por cima de um tronco caído. Com um rosnado que não parecia humano, o estranho tornou a avançar contra ele, erguendo-o do chão, como se fosse um urso prendendo sua presa num abraço de morte.

De onde estava, April via a luta, horrorizada. Precisava fazer alguma coisa! Viu uma pedra a pouca distância dali e pegou-a, atingindo o sujeito na cabeça. Ele praguejou e largou Jim, voltando-se para ela.

— Vagabunda! Vai morrer por isso! Jim tentava manter o equilíbrio.

— Só se me matar primeiro! — gritou, avançando contra o brutamontes.

— Cuidado, ele está com uma faca! — April avisou, vendo o brilho da lâmina na mão do estranho.

Jim, então, sacou sua pistola e disparou. O homem tocou a barriga enorme com uma das mãos e avançou contra Jim, segurando a faca na outra. Mas seu golpe ficou no ar quando o tenente pulou, ágil, para o lado. April arregalou os olhos, achando que o pesadelo não teria fim, quando viu o gigante tombar.

— Você está bem? — A voz de Jim era suave, mas preocupada.

Com um soluço, ela se lançou nos braços de seu salvador, gritando:

— Oh, Deus! Ele ia me violentar!

— Eu sei, eu sei... Não pense mais nisso. Acabou. Ela ergueu o rosto e Jim beijou as lágrimas que

o molhavam. Logo, April correspondia a seus beijos, aliviada.

— Calma, April. Não vou deixar ninguém lhe fazer mal.

Nada mais importava agora. Nem a guerra, nem a espionagem, nem o dinheiro da recompensa. O que importava apenas era estar nos braços de Jim e ser amparada daquela forma e receber seus beijos...

Abriu os lábios para o beijo demorado e intenso que se seguiu, deixando-se levar por uma sensação deliciosa.

— Oh, Jim... — sussurrou, nos lábios dele.

Ele se ajoelhou e, vendo a camisa que ela usava aberta, beijou-a nos seios, atormentado por um desejo febril.

— Tenho sonhado com isto por tantas vezes desde que a vi — gemeu.

April enlaçou-o pelo pescoço, querendo mais. Queria apenas unir-se ao homem que amara desde sua adolescência.

— Faça amor comigo — pediu num fio de voz. -Faça amor comigo, Jim...

Sem precisar de maior incentivo, ele a levou para um local onde a grama era macia e ali a deitou.

April já não se importava com o que ele poderia pensar quando descobrisse que ainda era virgem. Sua pulsação parecia atordoá-la e empurrá-la para o que lhe parecia ser sua única razão de existir: amar e ser amada por Jim Eagle. Não soube ao certo como, mas logo haviam se livrado de suas roupas e seus corpos se fundiam com voracidade ao luar.

E quando sentiu que ele estava entre suas pernas, que logo a possuiria, cerrou os olhos e entregou-se com abandono. A dor que sentiu foi intensa, porém rápida; quis gritar, mas Jim tomou-lhe a boca num beijo desesperado, profundo. Tudo o que queria era senti-lo dentro de seu corpo, preenchendo-a, satisfazendo-a. E deliciou-se com a sensação.

Estavam ambos cobertos de gotículas de suor, intensamente ligados no eterno ritual de uma união mais do que carnal; era espiritual.

April sentia-o respirar com dificuldade. As emoções pareciam crescer em todo seu corpo, mas não sabia o que esperar; sabia apenas que não queria que aquele momento terminasse.

E naquele instante, tudo pareceu parar. Jim gemeu num espasmo de êxtase. Ela o segurou, querendo mantê-lo dentro de seu corpo para sempre, arfando por ela, e então suas próprias emoções explodiram como jamais imaginara ser possível. Estava vivendo um momento de prazer indescritível.

Um estranho silêncio invadiu seus ouvidos. Relaxados um contra o outro, esperavam que suas

respirações se acalmassem para poderem falar outra vez.

Na verdade, não tinham forças para mais nada.

— Meu Deus! — ele sussurrou por fim. — Não admira que cobre tanto... Nunca estive com uma mulher assim antes...

Pelo visto, ele ainda pensava que era uma prostituta, April avaliou. Uma súbita sensação de raiva e mágoa a tomou, mesmo sabendo que devia sentir-se aliviada por isso. Queria poder arranhar-lhe o rosto, bater contra seu peito, gritar, dar-lhe nomes terríveis. Detestava-o por imaginar que ela poderia fazer aquilo com qualquer um por dinheiro.

Então compreendeu. Acabara de entregar sua pureza ali, no meio da mata. Ao luar, ele logo veria a evidência de sua virgindade perdida e então começaria a fazer perguntas...

— Fique quieta — Jim murmurou, ainda sobre seu corpo.

— O que foi?

— Escute. Acho que estou ouvindo cavalos. Temos de sair daqui. Pode ser uma patrulha ianque se aproximando.

April não sabia se aquilo seria bom ou ruim para ela. Então se apavorou por Jim, porque ele poderia ser morto e não capturado.

Agora podia ouvir os cavalos se aproximando. Agarrou suas roupas, e indagou:

— O que vamos fazer?

— Não há como fugir. Jogue suas roupas nas sombras e vamos para o rio. Talvez não encontrem o corpo daquele sujeito.

Os cavalos pareciam mais próximos agora.

— E seu cavalo? — April se apavorou.

— Deixei-o na mata. Com sorte, não vão vê-lo. Venha, vamos nos esconder na água.

Enquanto seguiam, nus, para o rio, April analisou:

— Pode ser uma patrulha confederada.

— Logo vamos descobrir. Agora, venha. Mantiveram-se submersos até os olhos. A corrente

era forte, mas Jim a segurava com força junto a si. Logo, a patrulha tornou-se visível na margem. Eram soldados da União.

— Sargento! — chamou um dos homens. — Tem certeza de que ouviu um disparo?

— Poderia jurar que sim. Mas talvez tenha vindo de outra direção.

April prendeu a respiração, imóvel. Tudo que precisava fazer era levantar-se e gritar. Os ianques capturariam Jim e ambos seriam levados ao Forte Gibson, onde ela poderia continuar seu trabalho de espionagem. O major estaria lá... No entanto não conseguiria trair o homem a quem acabara de se entregar...

Após alguns minutos e mais comentários, a patrulha se foi.

— Essa foi por pouco — April comentou, respirando fundo.

— Mais do que imagina. Reconheci dois antigos amigos naquela patrulha: Yellow Jacket e Smoke. Costumávamos cavalgar juntos antes da guerra. — Ele a olhou profundamente.

— Obrigado por não me entregar.

— Eu lhe disse que não sou espiã, mas apenas uma prostituta tentando ganhar a vida.

Jim sorriu.

— E é muito boa nisso. — Puxou-a para perto e deu-lhe um beijo ardente. Seus corpos se enroscaram na água, e mais uma vez ele sorriu, dizendo: — Sinto por ter duvidado de você.

Pelo menos, a evidência de sua virgindade agora estava lavada e ele nunca descobriria, April avaliou.

— Então, vai me deixar seguir para o Forte Gibson? Acho que aqueles ianques têm mais dinheiro que os rebeldes...

— Ainda não tive tudo o que quero de você. Como acha que posso deixá-la para aqueles ianques? Quero me divertir mais.

Diversão. Então fora apenas isso para ele. Dera-lhe sua virgindade e ele queria... se divertir. Bem, o que mais esperar? Ele jamais acreditaria na verdade, caso ela decidisse contar. Se saísse daquela aventura com vida, seguiria para o norte e nunca mais pensaria em espionagem.

— Vamos nos vestir. — Jim puxou-a consigo para fora da água.

Ao se vestir, April pensava. Não estava descobrindo nada no acampamento confederado e, se não seguisse para o forte, não poderia se encontrar com o major. E, sem instruções, não saberia o que fazer a seguir.

Uma idéia lhe ocorreu, então. Jim estava de costas, calçando as botas. Ainda tinha as moedas que ele lhe dera. Precisava apenas de um cavalo e Jim Eagle tinha um. E sua pistola estava no coldre, bem ali, nas sombras... Teria coragem? Pensou no dinheiro que lhe traria respeitabilidade. Valia a pena, sim.

Sem fazer barulho, aproximou-se do cinturão e pegou a arma. Jim se voltou, mas não teve tempo de reagir, pois April o fez desmaiar com uma batida certa da coronha da pistola em sua cabeça.

Preocupada, verificou se o tinha machucado muito.

Não. Quando acordasse, ele a seguiria, furioso. Se fosse esperta, o mataria. Não, jamais! Gostava demais de Jim para isso.

Ao pensar no que ele faria quando acordasse a fez sair correndo dali. Enfiou a arma na cintura e logo encontrou o cavalo amarrado a uma árvore. O animal a estranhou a princípio, e não a deixou montar. Ela o acariciou e conversou com ele, e por fim conseguiu seu intento, saindo então, rapidamente do local. Sabia que se continuasse seguindo o rio chegaria ao forte, mas com um cavalo um uniforme confederado, logo seria pega e as perguntas choveriam sobre sua cabeça. Lembrou-se das moedas em seu bolso. Em território índio, dinheiro vivo comprava praticamente tudo.

Depois pensaria no que fazer. Sua prioridade agora era escapar antes que Jim Eagle despertasse. Preocupou-se com ele; mas tinha de seguir; e dispunha de algumas horas para fazê-lo, até que ele conseguisse retornar ao acampamento para contar o que lhe acontecera.

Animada, instigou o cavalo a seguir.

Quando voltou à consciência, Jim sentiu a cabeça latejar. Levou apenas alguns segundos para lembrar-se de onde estava e do que havia acontecido. Levantou-se, cambaleando, e, na escuridão, passou os olhos a sua volta. April se fora e levava sua pistola e seu cavalo. Atingira-o na cabeça e fora embora! Tivera sorte por uma patrulha inimiga não tê-lo encontrado. Nada mais lhe restava fazer, senão voltar ao acampamento e esperar que nada lhe acontecesse no meio do caminho.

Andara pouco quando ouviu o ruído de cavalos se aproximando. Poderia ser uma patrulha enviada por

Tommy para ajudá-lo, mas também poderia ser um grupo de ianques. Escondeu-se depressa, jogando-se no chão, para ser confundido com as sombras da noite. Seu coração batia acelerado, enquanto tentava divisar quem poderia ser. O luar incidiu sobre os botões dourados dos casacos; era uma patrulha da União, com seus garbosos uniformes azuis.

Não queria passar o resto da guerra numa prisão ianque. Prendeu a respiração, vendo as patas dos cavalos passarem tão perto que, se esticasse o braço poderia tocá-las.

— Tenente, eu poderia jurar que vi algo lá atrás — disse um soldado.

— Vamos nos separar e dar uma olhada. Tomem cuidado, homens.

Jim reconheceu a voz; era Yellow Jacket. Não o via e nem ouvia falar dele desde aquele dia gelado em 1861.

— Smoke — continuou a voz familiar. — Leve os homens e espalhe-os ao longo do rio. Veja se consegue ver alguma coisa.

Os cavalos se foram, então, restando apenas um. Yellow Jacket apeou e olhou ao redor. Estava tão próximo, que Jim poderia tocá-lo se quisesse. Mas tudo o que fez foi prender a respiração novamente e observar o antigo amigo, enquanto este verificava o local com olhos sagazes.

Viu-o parar de repente e voltar-se, olhando-o de frente. Jim sentiu os músculos se retesarem, pronto para lutar ou correr se Yellow Jacket chamasse pela patrulha. Por uma fração de segundo, o único som foi o de suas respirações. Yellow Jacket o reconheceu. Hesitou e então sorriu muito de leve.

À distância, um dos ianques gritou:

— Tenente, não há nada aqui! Está vendo algum, i coisa?

O oficial Muskogee olhou para o amigo e o saudou com um meneio de cabeça. Atônito, Jim respondeu ao gesto.

— Não! — Yellow Jacket gritou, em resposta a seu soldado. — Não vejo nada! E melhor voltarmos ao for te agora! — Tornou a sorrir, montou e saiu dali par;i juntar-se a sua patrulha.

Jim ainda ficou deitado por algum tempo, enquanto sua respiração voltava ao normal. Estava suando muito. Ouviu os cavalos se afastando e os homens falando alguma coisa que não compreendeu. Ainda esperou alguns minutos, depois se levantou e retomou seu caminho de volta ao acampamento. Se voltasse a encontrar aquela prostituta Cherokee novamente, faria com que ela se arrependesse de ter nascido. O pior era que sabia estar atraído por ela como nunca se sentira antes por mulher alguma. Por isso amaldiçoava-a a cada passo.

April seguia cavalgando para o Forte Gibson sem ousar olhar para trás. Temia que de alguma forma Jim Eagle tivesse conseguido outro cavalo e a estivesse perseguindo. Não sabia que horas eram, mas a madrugada estava bem adiantada.

Não ousaria entrar no forte vestida como estava e levando um cavalo confederado.

Pouco adiante, avistou o telhado de uma cabana; talvez conseguisse alguma ajuda ali. Automaticamente, levou a mão ao bolso, sentindo as moedas que Jim lhe dera. Sentiu lágrimas nos olhos também. Dividia-se entre a raiva e a atração, pois ele lhe tirara a virgindade e nem mesmo se dera conta da importância disso. Desejava que uma patrulha ianque o encontrasse e o lançasse numa prisão. Deixara-o desarmado. Ele estaria indefeso se uma patrulha da União o encontrasse na mata. Não se importava; ele merecia.

Ouviu um cachorro latir perto da cabana. Uma luz muito fraca acendeu-se no interior dela. April aproximou-se e desmontou. Se quem morava ali fosse ianque, não queria que a vissem com um cavalo dos confederados. Por isso soltou-o e murmurou-lhe:

— Vá, garoto. Vá encontrar Jim!

O animal partiu, galopando. April o viu desaparecer nas sombras e então subiu os dois degraus que levavam à porta da cabana. Bateu, tensa.

— Quem está aí? — perguntou uma voz de mulher, assustada. — Vá embora. Tenho uma arma aqui.

— Estou sozinha, perdida e com fome. Poderia me ajudar? — April respirou fundo, ansiosa.

A porta se abriu devagar e uma índia miúda apareceu, segurando uma espingarda.

— Quem é você? — indagou, desconfiada.

— Perdi meu cavalo. Estou perdida e com medo dos aproveitadores que andam por esta região.

— Também eu — concordou a velha senhora, sorrindo e abrindo mais a porta.

— Entre. Não tenho muito, mas posso partilhar com você.

Aliviada, April entrou, vendo que a índia logo fechava a porta.

— Por que está vestida assim? — ela quis saber.

— É uma longa história. Estou perdida, fui capturada e este uniforme velho é tudo que me deram para usar. A senhora tem comida? Tenho dinheiro...

— Dinheiro de verdade ou dólares confederai *UM*, sem valor algum?

— Moedas de prata, veja! — April enfiou a mão no bolso e mostrou o dinheiro.

— E se tiver roupas que caibam em mim, pagarei por elas também.

A velha índia baixou a arma.

— Não vejo dinheiro de verdade há muito tempo. K ando pensando numa forma de poder comprar mantimentos. Minha farinha e meu sal já quase acabaram.

— Tem café?

— Só um pouquinho, mas sei economizar.

— A mulher começou a se movimentar na cozinha.

April sentou-se num banquinho de madeira junto à lareira, dando-se conta do quanto estava cansada.

— A senhora apoia o norte ou o sul? — Iniciou conversa.

A índia parou com o que fazia, voltou-se, e riu.

— E que diferença faz para mim quem vencer? Meus filhos morreram na guerra, um de cada lado. Espero apenas sobreviver até que ela acabe.

Tranqüila, a mulher preparou um mingau de milho e fez um café fraco. Mas para April tudo estava delicioso.

— Não quer saber o que estou fazendo aqui, no meio da mata?

— indagou, quando já estava terminando de comer.

— Quanto menos eu souber, melhor. Quando acabar, vou preparar-lhe um banho. E acho que tenho um vestido velho, de chita, que posso arranjar.

— Oh, muito obrigada. E, se eu puder dormir um pouco também...

— Colocou as moedas sobre a mesa e os olhos da índia brilharam.

— Vou poder comprar muitas coisas na loja do ■ forte, com esse dinheiro.

April olhou para a janela. Os primeiros sinais do dia já apareciam. Se descansasse, poderia seguir até o forte sem problemas. Jim Eagle provavelmente estava vindo em seu encalço, mas tudo o que queria agora, na descansar. Estava exausta demais para se preocupar com qualquer outra coisa.

O sol começava a nascer quando Will Eagle montou seu cavalo e ordenou:

— Sargento, prepare sua patrulha.

— Sim, senhor! — O homem baixo, cabeludo, prestou-lhe uma continência de forma quase arrogante. Era evidente que, por ser branco, achava-se bom demais para servir sob as ordens de um oficial índio.

A patrulha saiu do forte no exato momento em que a outra, da noite, retornava liderada por Yellow Jacket. Will parou e o saudou, perguntando:

— Encontraram alguma coisa?

O Muskogee não gostava do irmão mais jovem tanto quanto gostava do mais velho. Will era mais baixo e não tão bem-apessoado quanto Jim e tinha algo de rude em si, como se não se importasse o que tivesse de fazer para conseguir seus objetivos. Na mente de Yellow Jacket, ainda estava o episódio, naquele duro inverno de 1861, em que Jim o deixara livre; Devolvera-lhe o favor nessa noite e não se arrependia disso. Por isso negou com a cabeça, explicando:

— Se há rebeldes na mata, todos devem ter voltado para dormir em seus acampamentos, o que é, precisamente, o que pretendo fazer agora.

Will assentiu, com um breve sorriso.

— Não tenho tido chance de falar com você desde que chegou, na semana passada. Como estão as coisas no Kansas?

— As tropas da União não nos trataram tão bem assim quando chegamos aqui em 1861. Muitos refugiados acabaram sendo um fardo para eles.

Smoke, que vinha logo ao lado, interferiu:

— Receio que a União não se importe tanto conosco, como os rebeldes.

Will deu de ombros.

— Somos índios. Espero apenas que a União nos trate melhor a longo prazo, do que os confederados, porque sabemos muito bem o que fizeram com nossas tribos quando nos

expulsaram do sul.

Yellow Jacket assentiu, secando o suor da testa. Os uniformes azuis eram quentes no clima ameno de junho.

— Vamos esperar que mantenham sua palavra — comentou.

— Eu gostaria de poder convencer meus irmãos sobre isso; mas são teimosos demais. Jim ainda está agarrado à tola esperança de que os confederados darão aos índios seu próprio estado. Eu e ele tivemos uma discussão sobre este assunto.

Yellow Jacket observou a expressão dura de Will, pensando em seu velho amigo, que agora estava do lado inimigo.

— Não vê Jim desde que os Keetoowas passaram para o lado da União?

— Não. Mas sei que ele e Tommy estão vivos.

— Como pode ter certeza?

— Eu... espero que estejam.

Smoke tornou a interferir na conversa:

— Talvez seus irmãos consigam se juntar a nós quando a guerra terminar. Will riu com ironia.

— Duvido. Jim pensa que sou um desertor porque mudei de lado. Mas eu faria qualquer coisa para encurtar essa guerra, a fim de evitar que tanta gente continue a morrer. O sul não tem chances de vencer, e acho que é tolice continuarem lutando.

— Também quero que a guerra termine para poder voltar para minha mulher e minha família

— Yellow Jacket observou saudoso. — Twilight está no Kansas, esperando por minha volta. Temos um menino e mais duas crianças que salvamos na travessia até lá.

Will Eagle guardou silêncio por algum tempo, como se pensasse. Então disse:

— Houve uma garota, certa vez, por quem me apaixonei, mas ela tinha vergonha de ser índia e foi para o norte, para estudar numa escola de brancos. Nunca mais voltou. Nem sei se ainda está viva. Na verdade, não sei nem se minha mãe está, com todas essas batalhas... Também há esses aproveitadores que ficam vagando por aí, pilhando tudo...

Yellow Jacket percebia a dor nos olhos do rapaz.

— Tudo vai acabar bem para seus irmãos. — Tentou consolá-lo.

— Não sei... Jim foi seu amigo também, mas agora poderia matá-lo só porque está usando um uniforme azul.

— Não acredito nisso. Bem no começo da guerra, ele me surpreendeu desarmado e encurralado.

— E?...

— Fingiu não me ver e foi embora.

— Jim sempre teve os princípios acima de tudo. Eu, já acho que o fim justifica os meios; seja o que for que tenha de fazer para ajudar a terminar esta guerra, eu o farei.

Yellow Jacket estudou-o com atenção antes de comentar:

— Não me parece uma opção moral...

— Não me venha falar em moralidade e guerra ao mesmo tempo.

— Você mudou muito, Will.

— Mesmo? Esta guerra muda a todos. E tudo o que importa agora é acabar com ela.

— Sim, mas de forma honrada.

Will encarou-o, afirmando, muito sério:

— De qualquer forma possível. Fazendo o que for necessário.

— Parou, percebendo que, nos olhares dos dois outros homens, havia desaprovação. Falara demais.

— Bem, tenho uma missão agora. — Despediu-se e continuou seguindo, enquanto a patrulha de Yellow Jacket e Smoke entrava no forte.

Junto de Will, o sargento Henley arriscou:

— Se quer minha opinião, senhor...

— Não, não quero. — Will não gostava do homem porque sabia que ele não era afeito ao trabalho, além de beber e jogar demais. Sabia também que ele detestava servir junto aos índios.

Seguiram por várias horas, nada vendo de inco-mum. Will ordenou que seus homens se espalhassem junto ao rio enquanto ele e Henley seguiam por um vale pequeno.

Durante um bom tempo nada observaram de anormal, mas então um disparo passou zunindo por suas orelhas.

— Droga! Vamos, sargento!

Seguiram, galopando, até o local de onde Will achava ter vindo o tiro e desmontaram enquanto as balas continuavam a passar bem próximas.

— Veja se consegue ir por trás deles! — ordenou, pegando o rifle.

— Senhor, a patrulha já deve estar a caminho, pois é obvio que ouviram os disparos.

Não devíamos esperar até que...

— E deixar esses sujeitos escaparem?

— Mas nem sabemos quantos eles são!

— Sargento, está me desobedecendo?

— Não, senhor!

O sargento o obedeceu, embora a contragosto. Pouco depois, o cheiro de fumaça chegou até Will.

— Mas o que... — começou. O rebelde estaria colocando fogo na mata? Avançou, rastejando, e ouviu, ao longe, Henley dizer que estava atrás dos inimigos.

Os rebeldes logo perceberiam que estavam cercados e se renderiam. Mas o fato era que eles continuavam atirando de vez em quando. Por fim, Will notou tratar-se de um homem apenas. Poderia esperar que ele acabasse com sua munição ou se cansasse, mas era agitado e não tinha muita paciência, por isso decidiu arriscar:

— Saia com as mãos para cima! — ordenou.

Houve novos disparos e ele teve de se proteger melhor. Podia ouvir sua patrulha chegando a certa distância. Podia também ver parte da cabeça do inimigo e, apesar de poder dar-lhe voz de comando novamente, estava irritado por não ter sido atendido da primeira vez. Mirou e atirou. O homem caiu. Esperou alguns segundos, para ter certeza de que não haveria

mais perigo, então se levantou e fez um sinal ao sargento.

— Eu o peguei! Venha!

Os dois correram pela clareira. Henley parou, porém, arregalando os olhos.

— Oh, tenente, o senhor cometeu um grande erro! Will engoliu em seco ao ver o homem curvado junto

a uma pequena fogueira. Era um oficial vestido num uniforme azul! Praguejou baixinho, murmurando em seguida:

— Matamos um dos nossos...

— Eu, não. O senhor!

Com uma imprecação, Will puxou o homem pelo ombro, fazendo-o voltar-se para cima. As insígnias eram as de um major.

— Droga! Mas por que, diabos, ele estava atirando contra nós?!

— Talvez não tenha visto que somos ianques e entrou em pânico, começando a atirar...

Will olhou a sua volta.

— Vai ser um pandemônio quando voltarmos ao forte. Estranho... não conheço este homem e achei que conhecesse todos os oficiais...

O sargento inclinou-se, pegando um pedaço de papel que fora largado sobre o fogo.

— O que é isto? Parece que ele estava tentando queimar algo quando o surpreendemos.

Will pegou o papel e leu-o. Mas pouco sobrara.

— Talvez tenha achado que éramos rebeldes e tentou destruir algum documento importante

— analisou. A patrulha se aproximava. Com mais uma careta, Henley alertou:

— Parece que o senhor está numa encrenca.

O corpo estava largado num local próximo a uma inclinação do terreno. Will sentia as gotas de suor em suas têmporas. Matara um oficial da União e o sargento sabia. Haveria uma investigação, pelo menos. E, como índio, não podia contar com um julgamento justo se fosse levado à corte marcial.

— Talvez possamos jogá-lo ali embaixo e esquecer que o vimos — sugeriu.

— Bem, índio, acho que posso ajudá-lo, claro, mas vai ter um preço. — O tom do sargento agora além de arrogante era desafiador.

— Isso não é jeito de falar com um superior — Will protestou. — Vou mandar que lhe tirem as divisas por isso!

— Como quiser, tenente. E eu vou testemunhar em sua corte marcial. No entanto, se pagar o que quero...

— Está bem. — Wil bufou contrafeito. — Tenho umas economias. Agora, ajude-me a jogá-lo...

— Sabia que concordaria, Injun. — O sargento o ajudou a rolar o corpo e atirá-lo na ravina. Como a vegetação era alta, ninguém jamais o encontraria.

Ao voltarem para perto da fogueira, Henley e disse:

— Veja só! O major deixou uma mochila! — E foi pegá-la.

Will o observou. O sargento poderia transformar sua vida num inferno, numa seqüência de chantagens. Não podia permitir que isso acontecesse.

— O que há aí dentro? — quis saber.

Henley estava de joelhos, abrindo a mochila. Will sacou sua pistola e, com muito cuidado, engatilhou-a. O som fez com que o homem branco se voltasse, apavorado. Contudo não houve tempo para reagir. Uma única bala o matou.

Will se aproximou do corpo, agarrou a mochila e vasculhou dentro dela. Um uniforme confederado... o que um oficial ianque estaria fazendo com um uniforme inimigo dentro da mochila? O major seria ianque ou espião confederado? Não havia mais como saber...

— Eu podia ser condecorado como um herói por ter capturado um espião e não ser levado à corte marcial por ter matado um companheiro de armas por engano...

Contudo, agora era tarde demais, pois havia matado o sargento. Caminhou até a beirada da ravina e jogou a mochila também. Em seguida voltou para onde estava o corpo do sargento, no exato momento em que sua patrulha chegava.

— O que houve, tenente? — perguntou um cabo, desmontando de seu cavalo.

— Más notícias — ele disse sombriamente. — O rebelde fugiu, mas antes conseguiu matar o sargento Henley.

Os soldados desmontaram todos, comentando sobre a pouca sorte de seu superior e a deslealdade dos rebeldes.

— Bem, essas coisas acontecem — Will concluiu. — Vamos levá-lo de volta ao acampamento e cuidar para que tenha um enterro de herói.

Colocaram o sargento sobre um cavalo e voltaram para Forte Gibson. Aliviado, Will pensava no major que levava os dois uniformes. Veria o rosto dele em sua mente para sempre: o nariz longo, a verruga numa das faces... Se fosse oficial da União, com o tempo dariam por sua falta, porém jamais o encontrariam.

O fim justifica os meios, ele repetia a si mesmo. Faria qualquer coisa para terminar logo com aquela maldita guerra. Pensou em sua casa, em sua mãe. Nunca fora o filho favorito. A mãe sempre havia preferido Jim e Tommy, mas mostraria a ela que também tinha seu valor e que poderia ser o mais bem sucedido dos três. Tudo o que queria era ter uma brilhante carreira no exército. Talvez um dia fosse trabalhar na própria Casa Branca. Não sentia vergonha pelo que vinha fazendo para acabar logo com a guerra. Faria qualquer coisa para atingir seus objetivos.

Já montado em seu cavalo, levou os dedos à gola da jaqueta, tocando os dois pinos cruzados que havia ali. Eram a marca dos Keetoowas, grupo tradicional de índios Cherokees, leais à União. O sol forte refletia o "X" de aço que os dois pinos formavam em seu uniforme azul.

April dormiu até a tarde na cabana da velha índia. Depois de receber informações sobre como chegar até o forte, comprou a mula da velha índia e retomou seu caminho. Tinha de chegar antes que Jim Eagle a alcançasse e fosse obrigada a lhe contar tudo. Pensar nele deixava-a triste e enraivecida, pois sabia que não passara de um passatempo em suas mãos.

Já quase anoitecia quando avistou as cabanas de madeira do forte.

— Olá! — Acenou.

— Alto! Quem vem lá? — perguntou a sentinela, apontando-lhe o rifle.

— Não atire! Meu nome é April Grant!

— Aproxime-se para ser reconhecida!

Alguns soldados que por ali estavam reuniram-se, surpresos com sua chegada. April seguiu até o meio do pátio e ali fez a mula parar. Os soldados, curiosos, aproximaram-se.

— Alguém pode me conduzir ao oficial em comando? — ela pediu, sorrindo para os homens. Talvez o major já estivesse ali, ponderou, e pudesse dar-lhe novas instruções.

— Venha, moça — disse um dos soldados. — Vou levá-la ao coronel. E vocês, homens, afastem-se para dar passagem à moça!

Ciente dos olhos famintos que a observavam, April seguiu o rapaz até uma das cabanas.

Ele se prontificou a cuidar de sua mula enquanto falasse com o coronel. Assim que entrou, ela se deparou com o oficial em comando, que se inclinava sobre um mapa com um tenente.

— Sim? — O coronel pareceu não gostar de ser interrompido. — Em que posso ajudá-la, moça?

— Ah... bem, meu nome é April Grant e... vim...

— April? — Estranhou o tenente, arregalando os olhos.

— Ora! Will Eagle! Que bom revê-lo! Sorrindo, ele se aproximou, tomando-lhe as mãos.

— Achei que nunca mais a veria! O que está fazendo por aqui?

— Na verdade... vim para enterrar minha mãe. — Não era, de todo, mentira. April notou que Will continuava bonito, mas não tinha a virilidade e nem a força que emanavam de seu irmão mais velho.

— Oh, sinto muito, eu não sabia — ele lastimou. O coronel se levantou e chegou a sorrir.

— Tenente, eu não sabia que tinha uma namorada... April ia corrigi-lo, mas achou melhor que ele pensasse assim. Por isso explicou:

— Ouvi dizer que Will estava no forte, então não pude deixar o território sem vê-lo.

O Cherokee sorriu ainda mais enquanto ela retirava as mãos das suas.

— Não sei se poderia deixar o território sem correr riscos, April — disse. — Os rebeldes estão ficando tão ousados que capturaram nosso barco de suprimentos, outro dia.

— Mesmo? — Ela fingiu surpresa.

— Tenho certeza de que têm muito a conversar — comentou o coronel, condescendente.

— Por isso o dispenso, tenente. Falaremos mais tarde.

— Obrigado, senhor. — Will prestou continência e saiu com April para a varanda da cabana. — Não sabe como estou feliz em vê-la! Quando foi para o norte, achei que nunca mais nos veríamos.

— Will, sinto muito, mas não pretendo ficar. Vou seguir para Boston assim que as hostilidades não estiverem tão fortes e eu possa seguir com certa segurança.

Ele tornou-se sério.

— Achei que... bem, esqueça. — Falava agora em Cherokee, o que a desagradava.

— Will, dei as costas à minha antiga vida como mestiça. Sou outra pessoa agora.

— Entendo. É quase um fardo ser índio hoje em dia. Eu mesmo já pensei em deixar minhas origens para trás também.

— Seu irmão mais velho achava que devíamos ter orgulho de sermos o que somos...

— Jim sempre foi um tolo.

— Se conseguir bastante dinheiro, poderei voltar para o leste e viver sem que as garotas brancas zombem de mim.

— Eu sei. Também quero fazer carreira, talvez servir num gabinete de general e esquecer minha origem.

— Meu pai disse que foi exatamente por isso que me levou para o norte.

— Jim nunca viu as coisas como nós. — Pararam à sombra de uma árvore. Will tinha o rosto contraído, como se o assunto lhe doesse. — Talvez não saiba, mas ele e Tommy estão lutando do lado confederado. Ela desviou o olhar.

— Espero que não tenham se tornado inimigos por causa disso.

— A família ficou dividida, mas há centenas de famílias assim hoje em dia. Deve se lembrar de que eu e Tommy jamais nos demos bem. Jim e eu éramos mais chegados, mas ele sempre foi tão teimoso...

April pensou em Jim, sentindo um aperto no peito.

— Era, sim...

— Sempre querendo ser o líder só porque era o mais velho... Tentei movê-lo da idéia de que os Cherokees ficariam melhor ao lado da União, mas ele não quis me ouvir.

April inclinou-se, arrancando uma florzinha do chão e girou-a entre os dedos.

— Acha que continuarão inimigos quando a guerra terminar?

— Gostaria de saber. A União vai vencer. Se não fosse tão teimoso, Jim já teria visto isso.

Vai querer voltar ao rancho, mas nem sei se ele ainda estará no lugar onde o deixamos...

— Fica a leste de Tahlequash, não é mesmo?

— Exatamente. Todos por ali conhecem os Eagle. Não sei o que será de Jim e Tommy quando a União vencer.

Ela continuava girando a flor entre os dedos, buscando informações.

— Tem tanta certeza assim de que vencerão?

— Eles têm o dinheiro, as fábricas e tudo o mais que é necessário para se vencer numa guerra. Tudo o que eu puder fazer para ajudar a colocar um ponto final nesta guerra, estarei pronto a fazer. April encarou-o:

— Tudo?

— Claro! Quanto antes os rebeldes forem derrotados, melhor. Mas vamos deixar a guerra de lado, e me fale de você. Deve ter se arriscado muito vindo até aqui.

— Um pouco. Por isso quis parar aqui. Jim sabe que você está neste forte?

Will negou com a cabeça e explicou:

— Chego a ter pesadelos com a possibilidade de enfrentá-lo numa batalha. Não poderia matá-lo, April.

— Ele certamente tem o mesmo receio que você.

— Não estou tão certo. Jim ficou furioso quando desertei. Mas eu queria estar do lado vencedor! Ele só pensa em fazer o que é nobre, mesmo que já não haja esperança...

— Ora, você não se dá o devido valor — April o confortou, tocando-lhe o braço.

— April, em tempos de guerra, os homens fazem coisas que depois lamentarão. Cometem erros...

Havia algo por trás das palavras dele e April esperou ansiosa que ele se abrisse. Entretanto Will nada acrescentou. Preferiu mudar de assunto:

— Poderá ficar um pouco mais, agora que nos reencontramos?

Ela teria de ficar até que o major entrasse em contato.

— Estou com pouco dinheiro — explicou. — Vou ter de arranjar um pouco mais para poder comprar uma passagem na diligência quando as coisas no território índio se acalmarem e eu puder viajar.

— Por que não disse logo que está precisando de dinheiro? Ficarei feliz em...

— Não. Nem pense nisso. — Não queria dever-lhe favores.

— Ouvi dizer que estão precisando de alguém para atender no balcão do entreposto. Aposto que os negócios aumentariam com os soldados indo até lá só para vê-la.

— Oh, Will. Obrigada. Isso é ótimo.

— Então, vamos. Vou levá-la até a loja. A propósito — ele lhe ofereceu o braço —, vai haver um baile, na comemoração do Dia da Independência. Eu adoraria acompanhá-la.

April aceitou o convite, aliviada por saber que poderia ficar ali por algum tempo até que o major a localizasse. Ergueu os olhos para ele e, pela primeira vez, notou os dois pinos de metal cruzados na gola de seu casaco.

— O que é isso? — indagou, apontando-os.

Will sorriu orgulhoso e esclareceu, conforme caminhavam até o entreposto comercial:

— É o símbolo da tribo Keetoowa. Todos os meus soldados Cherokees levam esta marca na gola.

April assentiu, lembrando-se do que o major lhe dissera sobre o "X". Jim Eagle também o desenhara no chão... Os dois irmãos estariam em algum tipo de rede de espionagem juntos? Não, isso seria loucura. De qualquer maneira, diria ao major quando ele aparecesse e deixaria que tirasse suas próprias conclusões.

O mês de julho passava e a cada dia April aprendia a gostar mais do trabalho na loja. O forte era seguro e seu quarto era mais confortável do que o acampamento confederado. Aproveitou para colher informações tanto de soldados quanto de viajantes que estavam de passagem, mas nada soube sobre um provável espião no forte.

Will ia com frequência à loja e vinha lhe fazendo a corte, mas ela mantinha-se sempre distante, a não ser que a conversa fosse de conteúdo militar. Em muitas ocasiões ele era escalado em patrulhas e demorava dias para voltar. Aos olhos de April, a guerra chegara a um ponto morno, pelo menos, ali.

Economizava seu dinheiro para poder comprar uma passagem na diligência. E ainda esperava pela chegada do major.

Já quase no fim do mês, certa noite, estava sentada na balança de ferro, nos fundos do

entreposto, quando Will apareceu.

— Você está bem? Parece-me cansada, April.

— Tenho trabalhado bastante na loja.

— Poderia se casar comigo e largar o emprego...

— Ele sentou ao dela e tomou-lhe uma das mãos.

— Oh, Will, você é incorrigível. Mas lembre-se de que precisamos nos concentrar na guerra, por ora.

— Bem, nesse caso, tudo o que estiver a meu alcance para por um fim nela, eu o farei bem depressa.

April riu e meneou a cabeça.

— Ah, se você pudesse!... Estou ficando cansada de tanta destruição e mortes.

— Vou levá-la para longe como você sempre quis. April apenas sorriu. Não poderia se casar com Will;

não tendo o irmão dele no pensamento o tempo todo.

— Precisa parar de trabalhar tanto, sabia? — ele sugeriu.

— Acho que tem razão. Não venho me sentindo muito bem ultimamente...

— No verão, sempre há surtos de malária e febre amarela por aqui. Você precisa tomar cuidado.

— Não se preocupe. Tomarei cuidado.

— April, você precisa de alguém que cuide de tudo em sua vida. A guerra vai terminar e então...

— Já começo a duvidar de que ela acabe um dia.

— Não pense assim. A União vai vencer em breve. Prometo fazer algo importante e conseguir uma promoção para que possamos ir viver num lugar elegante e...

— Will... por favor, não quero encorajá-lo.

— Então, vou ficar insistindo até que mude de idéia. April sentiu-se embaraçada por ver que Will era

tão sincero, e ela só conseguia ter sentimentos por Jim. Houve alguns minutos de silêncio, até que ele anunciou, acariciando-lhe os dedos:

— Consegui informações de que os rebeldes foram chamados ao Arkansas para lutar, mas acho que as coisas não vão ser boas para eles por lá. Ainda mais quando nossas tropas em Forte Smith já foram avisadas de que eles estarão a caminho.

— Como sabe disso?

Will hesitou antes de responder:

— E o que todos dizem. Quando capturamos soldados rebeldes, eles sempre estão famintos e maltrapilhos. Não estão recebendo suprimentos do leste porque tudo está seguindo para locais mais necessitados como a Virgínia e a Geórgia. E apenas uma questão de tempo para que eles se rendam.

April suspirou, pensando em Jim.

— Alguns soldados jamais se renderão se acreditarem que ainda têm uma chance —

murmurou.

— Mas não têm. Talvez eu consiga uma boa promoção. E com um salário de major ou coronel, nós poderemos ter uma vida muito boa juntos.

Ela nada respondeu, pensando em Jim Eagle e Tommy.

— E quanto a seus irmãos? — indagou, triste.

— Mais cedo ou mais tarde, eles verão que não há esperanças de vitória. Voltarão para o rancho a fim de criar gado. Jim adora aquele lugar! Tommy nunca se importou, e se puder conseguir dinheiro suficiente, vai provavelmente se mudar para uma cidade grande e trabalhar.

Sim, era isso que Tommy lhe dissera, April avaliou.

— Por que não me fala sobre o que está prestes a acontecer?

— Eu já lhe disse que não sei muito. Estamos esperando para descobrir quais serão os movimentos dos rebeldes e agirmos.

— E como poderiam saber disso?

Will deu de ombros e beijou-a na ponta do nariz.

— Não se preocupe com isso, querida. Quanto menos souber, melhor para você.

CAPÍTULO VI

Já fazia quase um mês que a garota Cherokee o nocauteara e fugira pela mata. Seu cavalo havia retornado e Jim imaginava se ele teria sido libertado ou se tinha derrubado April em algum lugar. Ficava quase louco ao imaginá-la caída, sofrendo, à mercê de animais... Porém logo se lembrava de que ela o traía, e desaparecera por vontade própria. Tentava detestá-la, mas à noite pensava em tê-la entre seus braços e amá-la com loucura...

As coisas não iam bem para o exército confederado. As tropas estavam famintas e maltrapilhas, muitos homens desertavam. Jim sabia que alguns deles passavam para o lado da União só para poderem ter um pouco de alimento. Outros voltavam para seus lares destruídos... Ele próprio continuava fiel por acreditar que os rebeldes tratariam melhor os índios do que a União fizera. Seria bom se tivessem sua própria terra. Alguns já chamavam esse novo estado de Sequoya, o nome do herói que criara o alfabeto Cherokee.

Certo dia, chegou a notícia de que os cavaleiros Cherokees seriam mandados para o Arkansas, numa missão.

Um outro capitão trouxera a notícia, mas não se conformava com ela.

— Por que estão fazendo isso? — protestou. Jim meneou a cabeça, tentando compreender.

— Forte Smith, logo depois da fronteira, é um ponto estratégico — analisou. — Deve haver suprimentos e cavalos por lá, se conseguirmos tomá-lo. Mas... quem trouxe essa

novidade?

— Clem Rogers. Ele sempre sabe o que está havendo, desde que se tornou batedor.

Jim pensou nos outros oficiais, em especial no capitão Big Horse. Ele não era confiável; vivia desaparecendo sem que ninguém soubesse de seu paradeiro.

— O que está havendo? — Tommy apareceu, tirando-o de seus pensamentos.

— Onde esteve, garoto? Procurei-o por toda parte.

— Você sabe... ganhamos pouco e alguns dos soldados quiseram fazer um jogo de dados...

— Não é de admirar que você sempre tenha dinheiro. — Jim não gostava nada de saber que seu irmão andava jogando. — Podia ser melhor soldado do que jogador, não acha?

— Detesto o exército! Nem estaria aqui se nossa mãe não tivesse insistido que me alistasse com você!

— Já discutimos muito sobre isso.

— Quando a guerra terminar, não vou voltar para aquele rancho! Vou para uma cidade grande, trabalhar e me casar com uma garota que não olhe para mim como se eu fosse um pobre rancheiro.

Jim nada disse. Pensava na garota pela qual se apaixonara. Que futuro poderia haver com uma prostituta que podia também ser espiã?

— Jim, não se deu conta ainda de que o sul está perdendo a guerra?

— As palavras de Tommy trouxeram-no mais uma vez à realidade. — Temos de desertar e ir para o lado da União, como Will fez!

Pensando no irmão querido, Jim pegou um graveto e começou a desenhar o símbolo dos Keetoowas na terra.

— Ele deve ter feito isso por princípios — murmurou.

— Claro — Tommy ironizou. — Will jamais faria algo ruim, certo? Mesmo se acabarem atirando um contra o outro, você vai continuar pensando o melhor sobre ele! Só porque você se guia por seus princípios, não significa que todo mundo o faça! O mundo gira em torno do dinheiro e do poder, meu irmão!

— Graças a Deus! — emendou o capitão Big Horse, que se aproximava.

O garoto prestou continência de imediato, mas foi logo colocado à vontade.

— O rapaz pode ter razão, Jim. — Big Horse voltou-se para Jim. — Não temos escravos, então nada temos a fazer nesta guerra. Já pensou em passar para o lado dos ianques?

— Nunca. Acredito no general Lee e em seus assessores. Se não acreditarmos que eles formarão um estado para os índios, as tribos estarão todas perdidas.

Nesse momento, Clem Rogers apareceu, e depois de prestar continência, perguntou:

— Quem está perdido, senhor? O capitão respondeu por Jim:

— Qualquer um que não apoiar a União, me parece.

— Pode ser... — O batedor cocava a cabeça, pensativo.

— Não concordo — Jim se opôs. — Meu irmão Will é um tolo por confiar nos ianques. Mas isso não importa agora. Temos de nos preparar para partirmos.

Clem assentiu, acrescentando:

— Temos ordens para partirmos assim que o dia raiar.

O general Stand Watie e o general Douglas Cooper lideravam suas tropas em direção ao Forte Smith, no Arkansas. No dia 27 de julho, um pequeno grupo de Choctaws e de texanos sob o comando do coronel Gano avançaram e atacaram um regimento ianque na planície Massard, a poucas milhas do forte.

Observando de longe, enquanto os ianques surpreendidos voltavam em retirada para o forte, Jim Eagle mostrava-se impaciente.

— Devíamos ter atacado com toda nossa carga. Agora vão saber que estamos aqui.

— Já deviam saber — Tommy, a seu lado, comentou. Jim encarou-o.

— Por que diz isso?

— O capitão Big Horse acha que eles podem ter sido avisados.

Jim olhou para o irmão, pensativo. Por fim, aconselhou:

— Tome cuidado quando avançarmos, Tommy. Nunca estive numa batalha antes e...

— Já sei! Posso cuidar de mim mesmo sem sua ajuda!

— Vou fazer de conta que não ouvi sua arrogância para com um superior. Trata-se de uma ofensa, rapaz. É passível de punição.

— Não vamos estar sempre no exército e, um dia, você e Will vão me tratar com mais respeito.

— Está bem. Agora, volte para as linhas. Infelizmente, os ianques que fugiram vão dar o alarme.

— Então, por que nos preocuparmos em atacar?

— Pela comida e os cavalos que eles têm, e dos quais precisamos desesperadamente.

Quando as forças cominadas dos rebeldes atacaram o forte em 30 de julho, as tropas da União estavam bem preparadas. Foi uma batalha terrível. Nela, muitas vezes, Jim nem soube ao certo onde o inimigo estava, tamanha era a confusão. Tentou manter Tommy junto a si, mas o garoto estava apavorado demais para lutar. Como alguns outros, fugiu assim que o calor da luta se intensificou.

Estava claro que as forças do sul estavam sendo massacradas ali. Jim deu a ordem de recuar e aguardou enquanto seus homens se reagrupavam para obedecer. Mesmo lutando valorosamente, deixaram para trás uma trilha de mortos e feridos. E voltaram para território índio.

Jim saiu com um corte na testa, que sangrava profusamente, e mesmo sendo forte, sentia-se vencido por ver seu belo cavalo abatido, exausto, na retirada.

— Perdemos — murmurou para Tommy, que encontrou a meio caminho de volta. — Foi nossa última chance de pôr as mãos nos suprimentos ianques. Não sei o que faremos agora.

— Eles vão vir atrás de nós? — O garoto estava apavorado.

— Acho que não. Já há ianques demais aqui e devem saber disso.

— Acha que, então, a guerra vai acabar e poderemos voltar para casa?

— Vamos fazer o que os bravos fazem, meu irmão. Lutar até o fim.

— Isso é estupidez!

O capitão se aproximou em seu cavalo.

— Concordo com o garoto — opinou. — Não há mais esperança.

Jim encarou a ambos.

— Vamos fingir que esta conversa nunca aconteceu — disse, sério. — Lutaremos até o fim. Só Deus sabe o que acontecerá às cinco nações civilizadas se a União vencer a guerra.

Os derrotados seguiram rumo oeste, para dentro do território índio. Estavam todos abatidos e desanimados. O que ainda mantinha Jim em pé eram as lembranças da noite em que possuía sua garota Cherokee. Imaginou-a usando roupas típicas, cozinhando... devia estar ficando louco, avaliou. Nunca mais a veria, pois April devia ter voltado para o leste. Não, ela nunca seria uma esposa, nunca viveria num rancho. Queria a riqueza e o luxo da vida dos brancos. Esperta como era, bonita, habilidosa na cama, logo encontraria um homem rico que lhe daria tudo... tudo que ele, Jim Eagle, nunca poderia lhe dar.

Voltaram ao acampamento e agora a guerra se limitava a ataques rápidos, guerrilhas, enquanto o mês de agosto passava. Jim continuava liderando suas patrulhas e tentava não mais pensar no grande amor de sua vida, que se fora para sempre.

Com o calor do mês de agosto, April entrou em desespero. O major não aparecia, e ela não sabia mais o que fazer. Um passo em falso e podia ser pega como espiã. Pior do que tudo era o fato de não se sentir bem de saúde. Foi o que confidenciou a Will, certa noite, na balança nos fundos do entreposto.

— Muitos dizem que as doenças vêm da água parada — comentou ele, preocupado.

— Vou ficar bem.

— April, quando a guerra terminar, case-se comigo e vamos embora! Vou fazê-la feliz, prometo!

Ela meneou a cabeça.

— Will, não pense que não me sinto tentada, mas... tenho de ser sincera com você: não estou apaixonada.

— Não tem importância. Serei bom para você e virá a me amar, tenho certeza!

Com um suspiro, April indagou:

— Tem idéia de quando a guerra vai acabar?

— Não deve demorar muito, embora os rebeldes estejam sendo mais teimosos do que imaginávamos. Atacaram o Forte Smith, mas foram derrotados. — Will percebeu o alarme no rosto dela e apressou-se a esclarecer: — Não se preocupe, meus irmãos estão bem. As tropas confederadas estão entrando em desespero por falta de comida e suprimentos. Até mesmo Jim já deve ter percebido que o melhor é se renderem.

— Ele nunca me pareceu ser do tipo que se rende...

— Jim é teimoso, mas não é estúpido. O que houve, minha querida? Parece tensa?

— Não é nada. Estou pensando em você apenas. Há algumas semanas eu venho achando você preocupado...

— Não foi nada. Tenho estado nervoso com a guerra.

— Mas tem agido como se algo muito importante o está aborrecendo...

Will hesitou. Pensava se valia a pena contar-lhe a verdade ou não.

— April, uma coisa horrível aconteceu — disse, por fim, enchendo-a de interesse.

— Eu... matei um homem por engano.

— O quê?!

— Não era minha intenção. — Ele olhou em volta e baixou o tom de voz para explicar:

— O sujeito atirou contra mim, atrás de umas pedras, e eu me defendi, atirando nele. E depois do confronto, descobri que era um major da União.

— Oh, meu Deus! — April sentiu o sangue gelar em suas veias.

— Mas não tenho certeza se era, de fato, um de nós, porque ele levava um uniforme dos confederados entre seus pertences.

Ela engoliu sem eco.

— E quem... quem acha que ele era?

— Francamente, não sei se era um espião ianque infiltrado entre os rebeldes, ou vice-versa.

— Mas quando você contou ao coronel, ele não...

— April, pelo amor de Deus! Não contei isso a ninguém! Fiquei apavorado com a ideia de me meter numa encrenca sem tamanho. Joguei o corpo numa ravina e fingi que nada aconteceu. — Ele fez uma pausa e a fitou. — April, você está bem? Parece que vai desmaiar!

E ela sentia que ia, de fato. Sabia agora o motivo de o major John Smith não ter feito contato. Esperara tanto e o pobre homem estava apodrecendo numa ravina!

— Como... como esse major era?

— Mas que diferença faz?!

— E... apenas uma curiosidade...

— Não me lembro bem. Aconteceu tudo tão rápido. Devia ser de meia-idade e tinha uma verruga no rosto. O nariz era bem grande...

Um silêncio terrível caiu entre ambos.

— April, por favor, diga algo.

— Não sei... o que dizer, Will. Suponho que devesse ter contado a seus superiores.

— Fiquei com receio de ser mandado a corte marcial. Se isso acontecesse, eu não teria chances por ser um índio. Mas, como até agora ninguém sentiu falta do tal major, acho que ele era um espião rebelde.

— Só pode estar brincando! Por que um espião rebelde estaria querendo entrar em Forte Gibson?

— Não sabemos se ele vinha para cá. Devia estar levando papéis importantes a algum lugar. Depois do confronto, percebemos que ele estava queimando alguns papéis numa fogueira.

— Você e quem? Will ficou pálido.

— N-Não... somente eu.

April desconfiou de que ele mentia; devia haver alguém mais metido naquela confusão.

— April, pelo amor de Deus, não conte a ninguém ou estarei perdido. Preciso muito ser

promovido!

— Está me dizendo que sua promoção vale manter essa morte em segredo?

— Jamais pensei em matar alguém! Tenho uma carreira para seguir. Jure que não dirá nada!

— Está bem, prometo não metê-lo em confusão.

— Ótimo. Sei que teremos uma vida maravilhosa juntos, April. Eu prometo!

April estava tensa demais para perceber o que ele ia fazer; quando se deu conta, já estava envolvida por seus braços, sendo beijada com paixão. E de imediato, seus pensamentos voltaram a Jim Eagle.

Afastou-se como pôde e tentou sorrir. Os documentos que o major havia queimado provavelmente eram suas instruções. Agora estava sozinha, sem saber como agir...

— Sinto-me melhor agora que lhe contei — Will confessou. — Quase fiquei louco pensando nisso, sem ter com quem dividir.

April sabia que não se tratava de uma questão de consciência ou de pesar pelo homem morto, mas apenas de preocupação com a própria carreira militar.

— Está tudo bem, Will. Estamos em guerra — consolou-o. — E depois, você disse que não sabia em quem estava atirando. Foi um terrível engano.

— Oh, sinto se lhe dei um choque. Não foi minha intenção.

— Não se preocupe com isso — ele murmurou. — Agora se não se importa vou entrar. Acho que devo ter comido algo que já não estava bom. Meu estômago anda sensível demais ultimamente, em especial de manhã.

— O bacon que recebemos não é muito bom, mesmo. E os ovos podem não ser frescos. Tome cuidado com o que come, querida. — Ele se levantou, na intenção de ir embora, mas voltou-se: — Ah, já ia me esquecendo: estarei de partida para uma missão no Forte Scott dentro de alguns dias.

— Forte Scott, no Kansas?

— Não se preocupe, voltarei em breve.

— E o que vai fazer lá? — A informação podia ser valiosa.

— Não sei ao certo ainda, mas não é nada que possa interessar essa sua cabecinha linda.

— Will inclinou-se e beijou-lhe a testa. — Agora, entre. Você está pálida. Vá descansar.

— Boa noite, Will.

— Boa noite, querida.

Mas April não conseguiu dormir. A missão no Forte Scott devia ser importante. Precisava descobrir do que se tratava, mas sabia que os soldados da União executariam um espião com a mesma facilidade com que os confederados o fariam. Tinha de ter extremo cuidado.

Na manhã seguinte, após ter aberto a loja, April estava ajoelhada atrás do balcão, arrumando as prateleiras, quando ouviu a porta se abrir e alguém entrar.

— April, querida, você está aqui?

Will. Ela já ia se levantar, quando ouviu a porta ser aberta novamente.

— Tenente, precisamos conversar. — Era a voz do coronel.

— Pois não, senhor. Mas... aqui?

— E por que não? Não há ninguém aqui, embora seja sempre bom tomarmos cuidado, já que há tantos espiões ultimamente. Quero dar-lhe detalhes sobre sua ida ao Forte Scott. Tenho mapas que gostaria de lhe mostrar, em meu escritório.

— Posso saber do que se trata, afinal, senhor?

— Boas novas. Há um trem de cem vagões carregado de suprimentos em Forte Scott. Nele, virão também cavalos e mulas. Suprimentos que vão garantir nossa estadia aqui durante todo o inverno! E o melhor de tudo é que os rebeldes não sabem nada a respeito. Os pobres diabos precisam de suprimentos tanto quanto nós. E é por isso, que estou enviando você para escoltar o trem.

— Oh, muito obrigado pela honra, senhor!

— Você merece. E, se essa missão for bem sucedida, você receberá as insígnias de capitão e, depois disso... quem sabe?

— Não vou desapontá-lo, coronel!

— Ótimo. Vamos, então ao meu escritório, para ver os mapas.

April ouviu-os sair e sentou-se no chão. Então estava chegando munição, comida, animais, cobertores... Coisas que os confederados necessitavam desesperadamente! Se, ao menos, eles soubessem desse carregamento, poderiam interceptá-lo!

Uma idéia passou por sua mente. Ela podia avisar Jim. Não, ele não acreditaria. Mas pensou nos homens dele, sem suprimentos, em farrapos... Talvez fosse a última chance de conseguir algo que os abastecesse durante o inverno; podia ser a diferença entre ganhar e perder a guerra. Ela mesma não se importava com quem vencesse ou não. Seu único interesse fora a recompensa que receberia por seu trabalho, mas agora o major estava morto.

E se nos papéis que ele havia queimado estivesse justamente a notícia desse carregamento tão grande de suprimentos e animais?

O que fazer? Ela pensava. A coisa mais segura era não fazer nada. Por que se arriscar, afinal? Jim nunca acreditaria em sua palavra. Poderia, inclusive, mandar prendê-la ou fuzilá-la como espiã.

E assim ela passou a noite toda pensando, bem como o dia seguinte, quando as mulheres do forte se reuniram para se despedir dos soldados que saíam em missão. Ficou entre elas e acenou para Will, que se voltou na sela e jogou-lhe um beijo de despedida.

Quando, por fim, a noite chegou, ela já havia tomado sua decisão, mesmo que esta lhe custasse a liberdade ou a própria vida.

Esperou até que todos tivessem se recolhido, então saiu da loja, roubou um cavalo e saiu dali rumo ao acampamento confederado.

Já era tarde da noite quando April chegou aos limites do acampamento e refreou o cavalo.

— Alto! Quem vem lá? — perguntou a sentinela. Ela reconheceu de imediato a voz.

— Tommy, é você?

— April?...

— Sim, e estou desarmada. Ele se aproximou, desconfiado.

— Você tem muita coragem de voltar aqui, depois do que fez.

— Eu sei, mas é muito importante. Leve-me até Jim.

— Jim? Não vai gostar de vê-lo. Ele está furioso com você! Acha que é uma espiã e não sei o que poderá lhe fazer!

Jim podia ser um espião também, April avaliou. E se fosse, ela estaria em sério perigo. Mas ela o amava e havia tomado sua decisão baseada nesse amor. E amar alguém significava confiar. E ela confiava em Jim.

— Mesmo assim, leve-me até ele.

— Está certo, mas não diga que não avisei.

— Tommy pegou as rédeas do cavalo e conduziu-a pelo acampamento até a tenda de Jim.

Quando chegaram, ele estava saindo e Tommy foi logo avisando:

Ela insistiu em vê-lo e...

Jim fez um gesto com a mão para que o irmão se calasse. Olhou friamente para April.

— Jim, vou protegê-la se você... — Tommy começou.

— Volte a seu posto — ele ordenou. Tommy hesitou por um instante.

— Pode ir — April instigou. — Vou ficar bem.

— Tem certeza? Se caso precisar de mim...

— Tommy! — Jim gritou. — Volte para seu posto! O garoto girou nos calcanhares e saiu dali, olhando

de vez em quando para trás.

Jim fitou April por alguns segundos, depois comentou:

— Vejo que meu irmão está tão caído por você que até se esqueceu do que você fez. O que, afinal, está fazendo aqui?!

April tentou sorrir.

— Não o culpo por estar bravo...

— Que gentil de sua parte! Você me agride, agride meu irmão, rouba meu cavalo e minha arma e me deixa na mata para ser encontrado e morto por soldados da União! E não me culpa por estar bravo!

Tommy! Ela não agredira o rapaz, mas entendeu logo que aquela fora a história que o garoto havia contado ao irmão, com medo de dizer que deixara ela escapar.

— Bem, vocês dois parecem bem agora...

— Não, graças a você!

— Está certo. Pode ficar furioso comigo, mas tenho algo a contar ao general Watie.

— Ah, claro. Então, por que não foi direto falar com ele?

— Porque achei que ele não ouviria uma garota, mas ouviria você.

— Vá em frente. Fale! Você tem cinco minutos — ele disse, secamente.

— Não podemos conversar num lugar menos... Aberto?

— Muito bem, venha.

— Não vai me ajudar a apear?

Ele a olhou, irritado, e mesmo a contragosto, se aproximou. Quando April escorregou da sela para os braços dele, ficaram imóveis, olhando um para o outro.

— Oh, Jim, senti tanto sua falta! —April sussurrou. Sem conseguir controlar-se, ele a apertou

contra si e beijou-a com paixão. Não importava se ela era espiã, se o havia enganado. Ele a amava!

— Maldita seja por ter este domínio sobre mim, April — murmurou contra os lábios dela, arfando. Afastou-se e deslizou os dedos pelos cabelos sedosos. — Você está bem?

— Sim. E... vi Will.

— Will?!

— Ele está em Forte Gibson.

Jim afastou-a, bruscamente.

— Esteve com ele? Quantas informações sobre nós lhe passou?

— Por favor, Jim. Vamos entrar em sua tenda e conversar.

— Ora, sua...

— Por favor! Vou lhe contar tudo, apesar de achar que não vai acreditar.

— April tomou-o pela mão, levando-o para dentro da tenda, onde um lampião mal iluminava o ambiente.

— Se tentar me enganar outra vez, vou entregá-la ao general e...

— Ouça primeiro. — Ela respirou fundo, encarando-o. — Muito bem, sou uma espiã como você suspeitava.

— Maldição! Sabia! Mas fiquei cego por você...

— Sou espiã, mas pelos confederados.

— O quê?!

— Conheci um certo major que me disse que o alto comando acreditava haver um espião aqui, em território índio, e me contrataram para descobrir quem poderia ser esta pessoa.

— Ah, claro — Jim zombou. — E qual seria o nome desse major?

— Não sei seu nome verdadeiro. Ele me disse ser John Smith.

— Lógico. Um nome bastante raro... deve haver milhares de homens com esse nome nas fileiras confederadas e da União!

— Já não importa, uma vez que ele está morto.

— O que é muito conveniente para você. Então, devo acreditar que um misterioso major, com nome fictício, e convenientemente morto, a enviou como espiã para descobrir um traidor.

— Pode parecer absurdo, mas é a pura verdade. Peço que acredite em mim!

Ele soltou uma risada de escárnio.

— E bom rir um pouco depois de tantas perdas.

— Jim, por favor, continue ouvindo: tenho informações valiosas para os confederados! E quero que elas cheguem ao general Watie!

Ele a observou em silêncio, por segundos, depois disse, muito sério:

— Sabe que arriscou sua vida vindo até aqui, não?

— O que tenho a dizer vale o risco. Os ianques têm um carregamento de provisões vindo de Forte Scott, no Kansas, e seguindo para Forte Gibson. É um carregamento muito grande. Se puder convencer o general Watie a interceptá-lo, seus homens estarão alimentados, vestidos e calçados por todo o inverno! E terão animais de transporte e carga, além de munição!

Jim continuou olhando-a, calado, depois tornou a rir.

— Sabe que quase acreditei? Os ianques a mandaram aqui para nos enganar mais uma vez. Devem esperar que acreditemos para poderem nos emboscar e acabar com todos nós. Diga, quanto estão lhe pagando?

— Juro que vim pelo alto comando confederado. Claro que os ianques poderiam me pagar melhor, mas agora o dinheiro já não importa.

— Não? Precisava tanto dele para ter sua vida de luxo no leste...

Frustrada, April começou a chorar.

— Jim, eu mudei! Quero apenas dizer a verdade para que você não me odeie. Quero ajudar os confederados para que os homens não morram de fome e frio! Jim, amo você! Por favor, acredite!

Ele a observava. Estava dividido entre a vontade de acreditar na mulher que amava e o receio de levar seus homens para uma emboscada preparada por ela. E então tomou sua decisão, baseado no amor que sentia:

— Venha. Vou levá-la até o general, para que conte sua história.

Ela secou as lágrimas.

— Obrigada.

— Não agradeça. Ele pode querer colocá-la diante de um pelotão de fuzilamento.

Seguiram até a tenda do general, onde, com poucas palavras, Jim o colocou a par da história toda. O velho Cherokee olhou para April com atenção extrema.

— Um carregamento enorme, você disse... April assentiu.

— O suficiente para abastecer suas tropas durante todo o inverno.

Seguiram-se momentos de total silêncio, até que Stand Watie voltou-se para Jim:

— O que pensa disso, tenente?

Com todo o amor que sentia por April, Jim percebeu que não poderia deixar de confiar nela.

— Estou inclinado a acreditar que ela diz a verdade, senhor.

— Estaríamos arriscando muito, você sabe... Pode ser uma emboscada fatal.

— Senhor, juro estar dizendo a verdade! — April interferiu.

O oficial encarou-a com seriedade ao perguntar:

— E como obteve tal informação?

April estremeceu. Não queria que Jim soubesse que desconfiava do provável envolvimento de seu irmão numa operação de espionagem.

— Ouvi oficiais comentando, senhor. Will, o irmão de Jim, foi designado para escoltar o trem que trará os suprimentos.

Jim encarou-a, surpreso.

— Sei que isso complica as coisas para você, mas é a verdade — ela explicou.

O general pigarreou, chamando-lhes a atenção.

— Tenente, se prefere não ir nessa missão... — começou.

— Não, obrigado, senhor. Meus homens precisam das provisões e quero estar lá para buscá-las.

— Vou falar com o general Gano antes de tomar qualquer decisão. Por enquanto, vocês dois podem ir.

Jim prestou continência e saiu da tenda escoltando April.

— Bem, mocinha, estou arriscando minha carreira e a vida de muitos homens ao acreditar no que você disse.

April assentiu. Avaliava se deveria contar a ele que Will acreditava haver um espião no acampamento confederado. Afinal, o espião poderia ser qualquer um, inclusive o próprio Jim...

— Estou dizendo a verdade, Jim. Você poderá checar isso mais tarde junto ao alto comando dos confederados.

Ele parou em frente à própria tenda e pegou as mãos dela nas suas.

— Levaria semanas até eu receber uma mensagem de volta confirmando sua história. E você sabe disso. Por ora, só posso confiar na sua palavra.

— Oh, Jim... — Ela lançou-se nos braços dele. Ele a puxou para perto, beijando seus olhos gentilmente.

— Não devia desejá-la desse jeito, mas não consigo me controlar... Porém se estiver nos enganado...

— Eu não faria tal coisa. Amo você, Jim! Quando lhe disse que era uma prostituta, estava mentindo. Você é o único homem que já tive na vida!

Jim encarou-a, acariciando-lhe o rosto com suavidade.

— De alguma forma, eu já sabia. E tive essa certeza quando fizemos amor.

— Beijou-lhe a mão e sussurrou: — O general vai demorar um pouco até decidir o que fazer... Fique aqui comigo.

Na penumbra da tenda, afastados do mundo real, fizeram amor de uma forma suave, sincera, sabendo que, devido à perigosa missão que Jim teria de enfrentar, aquela poderia ser sua última noite juntos. E, enquanto se deliciava mais uma vez em estar nos braços dele, April avaliava se deveria ou não lhe contar seu outro segredo. Não, acabou por decidir. Isso só complicaria as coisas ainda mais, pelo menos por enquanto.

Estavam deitados um nos braços do outro quando o movimento lá fora começou. Jim levantou-se rapidamente.

— O general já deve ter dado ordens para que façamos o ataque.

Pouco depois, um soldado veio avisar que Stand Watie queria ver Jim. Ele saiu e voltou pouco depois, anunciando:

— O general quer que você vá conosco, para o caso de ser uma armadilha. Tentei argumentar que poderia ser perigoso, mas não houve jeito.

April assentiu. No fundo, queria ir para poder ficar junto de Jim.

O movimento no acampamento era intenso. Jim preparou seu cavalo, ajeitou o de April, e deu uma olhada ao redor.

— Onde estará Tommy?

O rapaz apareceu minutos depois.

— Onde esteve? Estamos de saída para uma missão!

— Bem, estou aqui agora!

— Vá se aprontar — Jim ordenou ao irmão. — Vamos atacar um trem de provisões.

O garoto pareceu vacilar.

— Baseados no que ela veio contar? — duvidou.

— Tommy, já tem suas ordens. — Jim foi duro ao falar, olhando-o com severidade.

— Ainda acho que devia falar com o general e pedir-lhe que pense por alguns dias.

Ela pode estar mentindo!

— Não temos tempo para pensar, garoto! Os ianques só estarão vulneráveis enquanto o trem não chegar ao Forte Gibson!

Tommy fez uma careta de desgosto e prestou continência, afastando-se.

— Teimoso! — Jim reclamou, apertando os arreios de sua sela.

— Não pode culpá-lo — April analisou. — Você acreditou em mim e ele deve achar que é um tolo por isso.

— E posso ser, mesmo. Se estiver errado em acreditar em você, amanhã haverá um pelotão de fuzilamento para executá-la e um vergonhoso rebaixamento de posto para mim.

Os soldados aprontaram-se com presteza. Atrasaram-se um pouco, à espera do capitão Big Horse e de Clem. Tommy apareceu pouco depois, já montado em seu cavalo.

April observava tudo, imaginando se o capitão ou o batedor poderiam ser o espião que procurava. Fosse como fosse, o espião não teria tempo de avisar o inimigo já que estavam tomando a decisão de atacar com tanta rapidez.

No dia 16 de setembro, a derrota foi terrível para as tropas da União em Fiat Rock Creek. Os confederados queimaram ali milhares de toneladas de feno que os ianques pretendiam estocar para alimentar seus cavalos durante os meses de inverno. Depois disso, as tropas rebeldes seguiram para a velha estrada do Texas, através do vale do Rio Grande, na intenção de interceptar o trem que trazia as provisões.

Will Eagle estava satisfeito, acompanhando o major Henry Hopkins na missão de escoltar o trem até o Forte Gibson. Nada acontecera de anormal até aquele momento. Sabia, através de seu espião, que os confederados e seus animais morreriam de fome quando o clima

ficasse mais frio.

— Tenente, acabo de receber um despacho dizendo que os rebeldes estão vindo pela estrada do Texas, com índios e tropas extras — disse o major, aproximando seu cavalo do de Will.

— Acha que tais informações podem ser corretas?

— Bem, senhor... tenho um informante entre eles e ele não me alertou sobre nada...

— E se seu informante não estiver em condições de lhe passar o aviso?

— Pode ser... Mas não sei como os rebeldes poderiam saber sobre o trem. Não avisei meu informante; só lhe disse para ter cuidado.

— Acho melhor pararmos naquele pequeno posto que temos em Cabin Creek até que outras tropas se juntem a nós. Assim, estaremos com melhores chances de defesa.

— Sim, senhor — Will concordou, mas não achava que tal medida fosse necessária, já que seu informante não o alertara sobre nada. O major, porém, estava certo em ter excesso de cuidado. O carregamento era por demais importante.

No dia 18 de setembro, tropas extras da União juntaram-se à escolta do trem de provisões, para o caso de os rebeldes decidirem atacá-lo. Contavam agora com seiscentos soldados para defender o trem e o informante de Will ainda não lhe enviara aviso algum. Por isso ele se sentiu inteiramente seguro ao enfiar-se entre seus cobertores, quando acamparam ao anoitecer.

Jim estava tenso diante da missão. Não fosse por April, duvidaria de que pudesse existir um trem tão grande, com tantos suprimentos. Anoitecia e a brisa fria de outono soprava, fazendo cair algumas folhas amareladas das árvores. Olhou para a garota, a seu lado, mas não conseguiu sorrir. Por que tinha de amá-la tanto? E se fosse, de fato, uma emboscada à qual ela os levava?

Tommy aproximou seu cavalo, então.

— Ela não sabe o que está dizendo — afirmou, incrédulo quanto ao que tinham ido fazer ali.

— E você vai perder suas divisas de oficial por causa dessa missão fracassada. Devia convencer o general a voltar.

— Tommy, fique por perto. Não quero que sirva de mira a algum ianque que esteja por aí.

— Jim ignorou as palavras do irmão.

April mantinha-se calada. Procurava observar onde o capitão Big Horse e o batedor Rogers estavam. Eles poderiam ser os espiões. Ou Jim... mas não queria acreditar nisso.

— Fiquem aqui. Vou falar com o general — disse ele, desviando o cavalo.

— Posso ir com você? Sempre perco o melhor da ação — Tommy reclamou.

— Não. Fique com April.

— Tem medo que eu fuja e vá para o lado dos ianques? — ela indagou, ofendida com a desconfiança.

— Nem tente. E lembre-se: estarei metido numa encrenca das grandes se você desaparecer.

— Não se preocupe. Vou estar aqui quando voltar.

— Pode deixar, Jim. Eu cuido dela — o garoto arrematou, com orgulho de si mesmo.

Quando Jim já se aproximava dos dois generais, Clem Rogers surgiu cavalcando com ar agitado.

— Senhor, a moça estava certa! Deve haver mais de cem vagões lá adiante, na ferrovia. E um grande número de ianques também! Estão parados em Cabin Creek, senhor!

Os dois oficiais sorriram. E Stand Watie voltou-se para Jim:

— É a melhor notícia dos últimos tempos, não tenente?

— Pode apostar que sim, senhor. — Ele sorria, aliviado. Agira certo ao seguir seu coração e confiar na mulher amada.

O general Gano cofiou a barba e avaliou:

— O fato de estarem parados, não seria sinal de uma provável emboscada?

— Bem, nós mesmos poderíamos tomá-los de surpresa se atacássemos logo — ponderou Stand Watie.

— Parece uma boa idéia! — Clem Rogers exclamou, com seu jeito de se meter em tudo.

— E como temos lua cheia esta noite, poderemos nos aproximar dos ianques com facilidade e só saberão que estamos lá quando já não tiverem como escapar — Jim sugeriu.

— Parece-me um bom plano — Stand Watie aprovou. — Muito bem, tenente, avise os homens de que vamos atacar, então. Clem vá dar outra olhada e depois volte com mais detalhes.

Onde está o capitão Big Horse?

Clem e Jim entreolharam-se em silêncio.

— Aposto que está jogando outra vez — disse o general, com raiva. Vou rebaixá-lo e jogá-lo na prisão quando voltarmos, por ser tão irresponsável! Nunca está por perto quando precisamos dele!

— Vou procurá-lo, senhor — Clem ofereceu e depois se afastou, acompanhado por Jim.

A preocupação com o irmão menor e com April deixava Jim taciturno. Se pudesse encontrar um lugar onde ambos pudessem se refugiar durante a batalha. Mas Tommy era um soldado e precisava enfrentar o perigo de vez em quando, lembrou-se.

— Vamos atacar os ianques daqui a pouco — avisou, quando voltou para junto deles.

— Esta noite?! — Tommy pareceu horrorizado. E, sem vacilar, deu meia-volta no cavalo.

Jim, porém, segurou-lhe as rédeas.

— Onde pensa que está indo?

— Achei que poderia dormir um pouco enquanto não vamos...

— Certo, mas não se afaste demais ou acabará levando um tiro.

— Sei me cuidar! E pare de ficar me tratando como menino, especialmente diante dela!

— Desculpe, meu irmão, mas prometi a nossa mãe que cuidaria de você.

— Estou farto disso. Sou bem mais esperto do que imagina! — O rapaz se afastou, irritado.

— Você o deixou embaraçado — April comentou quando ficou a sós com Jim.

— Eu sei, mas para mim, Tommy sempre será um garotinho.

— Preocupa-se com seus dois irmãos, não é?

Ele olhou na direção em que o trem provavelmente estaria.

— Gostaria que Will não estivesse lá. Prometi a minha mãe levá-los de volta para casa, são e salvos e agora estou levando um numa batalha contra o outro.

— Jim, por que não descansa um pouco antes de saírem?

— Não há tempo. Tenho de conversar com os outros oficiais, preparar nossa estratégia de ataque. Quanto a você, por que não fica num local abrigado enquanto lutamos?

Ele virou o cavalo, para se afastar.

— Jim...

— Sim?

Havia tanto que April queria lhe dizer; desistiria de todos os seus sonhos para ficar se ele simplesmente lhe pedisse! Mas completou apenas:

— Tome cuidado, está bem?

Ele a olhou, pensativo. Queria dizer-lhe muito, mas não havia como se comprometer com nada agora. Podia não sobreviver ao ataque.

Se morresse e Will não, ela estaria amparada, avaliou. Mas não queria pensar muito em seu irmão junto dela...

— Fique abrigada — aconselhou.

— Vou rezar por você.

— Obrigado. Faça-me um favor: procure manter Tommy perto de você, para que não se arrisque. Ele é irresponsável.

April meneou a cabeça, vendo-o afastar-se. Ainda se preocupava com o irmão... Voltou seu cavalo e saiu à procura do garoto. E, no caminho, viu Clem Rogers.

— Viu Tommy Eagle? — perguntou-lhe.

— Vi, sim, moça. Estava seguindo para lá. — Ele apontou para o norte. — Gritei para ele, porque achei que estava se afastando muito, mas o garoto nem me respondeu. Achei que talvez estivesse levando despachos do irmão. Por quê? Algo errado?

— Não, claro que não. — April começou a seguir na direção que ele apontara e ainda o ouviu:

— Moça, não é da minha conta, mas não deve ir para o norte. A batalha vai ser feroz por lá.

— Eu sei, mas prometi ao tenente Eagle que ficaria perto de Tommy.

— Mas que moça tola — Clem murmurou ao vê-la se afastar. Tornou a colocar o boné e seguiu em busca do tenente Eagle. Esperava que o garoto não estivesse desertando, por medo da batalha. Ou, talvez, ele e a moça estivessem fugindo juntos! Fosse como fosse, tinha de avisar seu superior.

Minutos depois já havia informado tudo a Jim e continuou seguindo na missão que o general lhe dera.

— Mas que diabo! — Jim exclamou, sem saber o que pensar. Uma idéia terrível passou por sua cabeça: e se April estivesse, de fato, levando os confederados a uma armadilha e

tivesse aproveitado o momento para fugir? Pior do que isso, só se ela e seu irmãozinho tivessem fugindo juntos. Tinha de encontrá-los antes que a batalha começasse. Instigou seu cavalo rumo norte e partiu em disparada. Estava deixando seu posto e poderia ser morto como desertor por isso, mas não se importava. Queria apenas proteger as duas pessoas que mais amava na vida.

Will foi acordado por uma sentinela:

— Desculpe, tenente, mas estamos com um rebelde que insiste em vê-lo.

— O quê? Não há rebeldes por aqui e...

— Há este que capturamos, senhor. E ele insiste em lhe falar.

Antes mesmo que Will tivesse colocado as botas, Tommy entrou, afobado, em sua barraca.

— Will, o general Watie está prestes a lançar um ataque surpresa ao trem!

— Aqui?! Mas que droga, moleque! Pagamos para que nos avise com antecedência!

— Eu sei, mas não tive chance de fazer isso antes.

— Mas como os rebeldes descobriram? — Will tentava entender.

— A garota os avisou.

— Que garota?

— April. Ela está com Jim.

Will pareceu ter sido atingido por um soco.

— Eles estão juntos?

— Estão.

O fim justificava os meios e agora seu bordão voltava-se contra ele.

— Ora, ora... Eu tinha um espião entre eles e eles fizeram o mesmo! Droga, fiquei louco por ela!

— Jim também.

Tudo estava claro agora para Will: a hesitação de April em aceitar seus avanços... Ela era espiã e amava seu irmão! Como sua mãe, ela preferia o outro... Não importava que subisse de posto, que chegasse a ser general. As duas mulheres mais importantes em sua vida sempre o veriam em segundo lugar...

— Obrigado por nos alertar, Tommy. Agora, é melhor ficar em segurança antes que a batalha comece.

— Posso continuar seguindo para o norte e *não* participar da luta?

Will ergueu as sobrancelhas; o garoto era um covarde, mas não era de admirar; sempre fora protegido demais por todos da família. Mesmo assim, explicou;

— Você não conseguiria passar por nossas linhas com esse uniforme.

— Então, vou esperar para ser pago.

— Idiota! Esqueça o dinheiro por enquanto e saia daqui. Nós o pagaremos depois.

— Está bem, mas vou cobrar!

— Nunca deixamos de lhe pagar em dia. Agora, volte para junto de Jim!

— Estou com medo, Will. Posso levar um tiro por engano...

— Vou com você até onde estão nossas linhas. — Will ordenou que lhe trouxessem um cavalo. Sua obrigação seria ir de imediato ao major Hopkins e alertá-lo sobre o que o irmão lhe dissera; mas estava mais preocupado com a segurança do garoto. Levaria Tommy primeiro até as linhas de frente e depois cumpriria com seu dever.

April parou no meio de uma clareira, sem saber onde estava. Sua vontade era de voltar e deixar que o garoto irresponsável enfrentasse as consequências de seus atos estúpidos. Mas se o deixasse à mercê da própria sorte, ele poderia ser morto e Jim ficaria arrasado.

No silêncio da noite, o ruído forte dos canhões confederados que abriam fogo contra os ianques, começou. Seu cavalo se assustou, começando a empinar. Tentou controlá-lo, mas não podia culpar o animal, pois o som dos gritos e dos disparos era terrível.

De repente, ela perdeu o equilíbrio e foi lançada ao chão com violência. O cavalo se afastou, correndo, assustado. April sabia que estava correndo grande risco ali, onde poderia ser morta pelos soldados de ambos os lados.

Levantou-se com dificuldade, pensando em se abrigar em algum lugar quando viu os dois cavaleiros vindo em sua direção. Estava perdida! Iam matá-la!

— April! — Will gritou.

Atônita, ela o reconheceu, bem como a Tommy, que vinha a seu lado, com expressão de medo no rosto.

— Mas o que você está fazendo aqui? — Will ralhou, parando junto dela.

— Eu... estava seguindo Tommy...

— Suspeitou de mim desde o começo, não? — indagou o garoto, encarando-a.

Ela o fitou confusa. Não fazia a menor idéia do que ele estava falando.

— Venha. Estará a salvo comigo. — Will estendeu o braço, para puxá-la para sua sela.

— Mas...

— Não discuta. Vamos sair daqui antes de sermos mortos!

De repente, tudo ficou muito claro em sua mente, e April encarou Tommy, incrédula. Estava diante do espião que vinha procurando. Sua surpresa e decepção, porém, não duraram muito, pois uma granada explodiu bem próxima e ela levou as mãos aos ouvidos, aterrorizada.

Jim puxou as rédeas, ao ouvir um grito de mulher. Era April. Esqueceu-se de seu dever e de sua própria segurança e avançou para o local de onde supunha tê-la ouvido. Não demorou a avistar os dois cavalos, e um deles, carregava duas pessoas.

— April! — chamou.

— Jim, volte! — ela avisou, desesperada por sua segurança. — Will, ponha-me no chão!

— Não! — Ele a mantinha presa a si com braço forte. — Não faz sentido você ficar com ele, não vê? Fique com os vencedores! Fique, comigo, April!

Sem pensar em mais nada, ela começou a se debater para se desvencilhar dele. O cavalo se assustou e Jim aproveitou o momento para se aproximar e tomá-la dos braços de irmão. Conseguiu soltá-la e atracou-se com Will, numa luta corpo a corpo.

De onde caíra, April os via lutando e Tommy, ao lado, murmurando palavrões e tentando controlar seu cavalo assustado. O que viu em seguida, então, gelou seu sangue.

— Jim, cuidado! — gritou.

Os dois irmãos que lutavam pararam para ver do que se tratava. Incrédulo, Jim arregalou os olhos e tentou tirar Will da frente. Mas Tommy foi mais rápido e apertou o gatilho da arma que tinha nas mãos.

Com um grito, Will levou a mão ao peito e caiu, arfando.

— Tommy, você enlouqueceu?! — Jim gritou, correndo na direção do garoto e puxou-o de cima do cavalo.

Os dois caíram, rolando pelo chão. April correu até Will e colocou a cabeça dele em seu colo. Ele estava imóvel e gemia.

— Eu estava enganado... — disse ele, lutando para respirar.

— Fique quieto, Will. Poupe suas forças. Você vai ficar bem.

— Não... Não... mereço você, April. Jim merece... Desesperada, ela se levantou, vendo a luta entre

Tommy e Jim. Mais forte, o tenente o dominava, mas o garoto ergueu a mão na qual segurava uma pedra e o acertou em cheio na cabeça. Zonzo, Jim caiu de joelhos, enquanto Tommy recuperava a arma e apontava contra seu peito.

— Não! — April gritou, avançando contra ele sem pensar em mais nada.

Tommy virou-se para ela, apontou a arma em sua direção e, nesse instante, um estrondo soou entre os muitos outros naquela noite terrível.

O garoto soltou a arma e olhou para April com olhos muito abertos. Levou a mão ao peito, onde uma mancha de sangue se formou devagar.

April voltou-se a tempo de ver Will apoiado num dos cotovelos, largando sua pistola no chão.

— Sinto muito, irmãozinho — murmurou ele, cerrando os olhos num último suspiro.

— Não pude deixar que matasse nenhum deles...

Jim levantou-se atordoado e correu para junto de Tommy.

— Meu irmão! Não, não morra! Vou buscar um médico! — gritou, tomando o corpo do garoto nos braços.

Mas não houve resposta. Jim levou alguns segundos para entender o que acontecera ali, tão chocada estava. Ergueu os olhos para April e sussurrou, descrente:

— Mortos... Estão ambos mortos...

Alucinado de dor, ele chorava. Falhara para com sua mãe, falhara para com a Confederação.

O que tinha feito? Então, sua agonia transformou-se em raiva.

— Saia daqui! Vá embora! — disse, olhando para April.

— Jim... Escute...

— Vá, embora! Vá! Já não me causou dor o suficiente?! Não vê que tenho uma batalha a lutar?! Saia daqui!

April o fitou. Não havia como conversar com ele naquele momento. Podia ver em seus olhos sofridos que ele a acusava pelo que acabara de acontecer. Ouvia a Cavalaria se aproximando e sem vacilar correu até o cavalo de Will e montou.

— Jim... Por favor, deixe-me falar....

— Vá embora! Meus irmãos morreram! Volte para o norte, de onde nunca deveria ter saído!

— Está bem, eu vou, mas antes preciso lhe dizer uma coisa. Eu... eu estou....

— Não quero ouvir! Vá embora! — Ele já soluçava. — Vá e deixe-me com minha dor!

April queria tomá-lo em seus braços e consolá-lo, mas sabia que Jim a culpava pela morte dos irmãos. Nada mais disse, e nem se permitiu chorar. Voltou o cavalo, ainda ouvindo o lamento de Jim e os gritos de vitória dos rebeldes. Os confederados haviam tomado o trem de provisões.

Sua visão se turvou enquanto cavalgava noite adentro. Não sabia para onde seguir e nem o que fazer. O dinheiro da recompensa já não importava; nada importava quando o homem de sua vida a odiava e a queria longe de si.

Não. Uma coisa importava mais do que tudo. Ergueu o queixo, determinada. Havia algo que fazia tudo valer a pena, mesmo que não tornasse a ver Jim novamente. Só lamentava que ele jamais soubesse que estava levando no ventre um filho seu...

O ataque ao trem de provisões foi a maior vitória dos confederados em território índio. No entanto, depois da grande batalha, nove meses se seguiram de imobilidade que anunciavam o fim da guerra com o lento avanço dos ianques até a vitória final. Jim Eagle sabia que não seria fácil para os derrotados. Não que isso fizesse alguma diferença agora. Nada mais era importante desde os tristes fatos ocorridos no começo do outono anterior e do desaparecimento de sua amada. Jamais pudera imaginar que sentiria tanta falta de April. Estava desesperado demais diante das mortes dos irmãos quando dissera para ela ir embora. Agora era tarde demais.

E, finalmente, um dia, um cavaleiro trouxe a notícia de que a guerra havia acabado dois meses antes, num local chamado Appomattox, na Virginia. No dia 9 de abril, o general Robert E. Lee assinara o documento de rendição do sul. E tudo o que restava ao general Watie, último general confederado, era render-se aos ianques perto da pequena cidade de Doaksville.

— Bem, nada mais resta a fazer. Lutamos com bravura — disse o velho Cherokee a Jim Eagle, em sua tenda. — Junte os oficiais e mande os soldados polirem os botões de seus uniformes e apresentarem-se da melhor forma possível. Os Cherokees da Cavalaria sairão da guerra com orgulho. Não sairemos como derrotados, de cabeça baixa.

Assim, no dia 23 de junho, os soldados Cherokees fizeram o melhor possível para que seus uniformes velhos e gastos parecessem bons e elegantes e seguiram para a antiga capital Choctaw para se renderem.

Quando tudo terminou, o general fez questão de apertar a mão de cada um de seus homens e dizer-lhes que podiam voltar para suas casas.

Jim nem mesmo sabia se ainda tinha uma casa para onde voltar. Restava-lhe rezar para que sua mãe ainda estivesse viva e morando no rancho. Se estivesse morta, seria poupada da dor de saber que seus dois filhos mais novos estavam mortos e que tinham sido traidores, vendendo sua lealdade por dinheiro. Não, ela não precisaria saber dessa terrível verdade mesmo que estivesse viva.

Aproximando-se do velho general, Jim indagou:

— O que pretende fazer agora, senhor?

— Não precisa mais me chamar assim, Jim. — Watie sorriu de leve. Sou apenas um homem velho e cansado, não um oficial confederado.

— Para mim, o senhor sempre será um oficial.

— Vou voltar para casa, se é que minha fazenda ainda existe. E você, filho?

— Talvez faça o mesmo.

— Somos Cherokee, Jim Eagle. Um povo orgulhoso; sobrevivemos à Trilha das Lágrimas e agora sobreviveremos ao que a União decidir fazer com os derrotados.

Jim assentiu; para ele, o futuro parecia sombrio. Teria muito a reconstruir em sua fazenda, mas estaria sozinho. Afinal, ali não havia todo o luxo que sua amada sempre desejara.

Acompanhou Stand Watie rumo ao norte, passando por lugares devastados pela guerra.

— O que aconteceu com a garota de quem gostava? — indagou Watie depois de algum tempo de silêncio absoluto.

— Deve estar em Boston agora, casada com algum ricoço.

— Uma boa moça Cherokee precisa de um bravo guerreiro Cherokee.

— Fui um tolo e não tinha nada a oferecer a ela, senhor.

— Chegou a dizer a ela o quanto a amava e a queria a seu lado?

— Não, senhor. Mandeí-a embora. Mas ela não iria querer viver num rancho destruído num território devastado pela guerra.

— Talvez, se o amasse de verdade... — O velho índio sorriu com bondade e experiência de vida.

Chegaram a um cruzamento, onde pararam seus animais.

— Vou para o leste, daqui — Watie anunciou.

— E eu vou seguir para além de Tahlequah.

— Boa sorte, filho. — O índio estendeu a mão, que Jim apertou com reconhecimento e admiração.

E então se separaram, seguindo seus caminhos. Jim rumou para seu rancho como se a vida já não tivesse encanto algum. Uma coisa, porém, estava definida em sua mente: dali em diante, seria um verdadeiro Cherokee. Não usaria mais o nome branco que adotara.

Dois dias depois, quando a noite já caía, Jim subiu a colina da qual podia avistar seu rancho. Respirou, aliviado, ao ver a casa e o celeiro ainda em pé. Havia também algumas cabeças de gado no pasto. Uma mulher de vestido de chita trabalhava no jardim, com um ancinho.

Sorriu, reconhecendo sua mãe. Seus olhos encheram-se de lágrimas quando instigou o cavalo a se aproximar.

Quando percebeu sua presença, a mulher parou com o que fazia, voltou-se e prestou atenção.

— Mãe! — Jim avançou galopando. — Pensei que tivesse morrido, mãe!

— Jim! Jim, meu filho! Oh, meu Jim querido!

Os dois se abraçaram assim que ele pulou do cavalo. A mulher soluçava de alegria.

— Achei que nunca mais voltaria a vê-lo, meu filho!

— Estou aqui, mãe. Estou em casa e não vou partir novamente. Nunca mais. — O momento que tanto temera finalmente havia chegado. Olhou-a diretamente e disse:

— Mãe, quanto a Tommy e Will...

— Eu já sei meu filho. Sua mulher veio e me deu a notícia de que eles dois tombaram, como verdadeiros heróis de guerra.

— Minha mulher?

A mãe apontou para a varanda da casa e pela primeira vez Jim viu a moça de longas tranças negras sentada numa cadeira de balanço. Tinha a cabeça baixa, mas estava usando um vestido típico Cherokee e ninava uma criança nos braços. Viu-a levantar-se a ajeitar o bebê num bercinho próximo para depois caminhar devagar em sua direção, como se temesse qual seria sua reação.

Incrédulo, Jim engoliu em seco.

—April?... — Ergueu os braços para recebê-la, como tinha feito tantas e tantas vezes em seus sonhos.

A visão era inacreditável. O homem forte, cavalgando em direção ao rancho, com a silhueta recortada no fim de tarde banhado de sol. April sonhara tanto com esse momento e agora que ele havia chegado estava incerta quanto ao que iria acontecer. Jim ainda poderia não perdoá-la pelo que acontecera a seus irmãos. Mas viu-o abrir os braços para recebê-la e então saiu correndo, cruzando o espaço do terreno que lhe pareceu aumentar quilômetros...

— Jim! Oh, meu Jim!...

— Eu jamais esperei reencontrá-la, muito menos aqui, April!

— Meu nome é Kawoni, esqueceu? E sou sua esposa... se me quiser, é claro.

— Querer? Fui tão idiota por duvidar de você! E mais ainda por mandá-la embora!

— Já não importa. — Ela sorria e chorava ao mesmo tempo.

Encheu-lhe o rosto de beijos e disse, feliz:

— Eu e sua mãe estávamos à sua espera para tocar o rancho. Não conseguimos fazê-lo direito... Uma sombra de dor passou pelo rosto Jim.

— Não sei o que espera os índios derrotados.

— Temos um ao outro e vamos dar um jeito.

O bebê começou a chorar, fazendo-o olhar para a varanda. Logo atrás, sua mãe indagou:

— íamos entrar para jantar. Não quer partilhar nossa comida e conhecer seu filho, Wohali?

O nome o fez sorrir. Sim, era novamente Wohali, o grande guerreiro Cherokee.

— Meu filho... — repetiu, olhando para Kawoni.

— Eu já sabia naquela noite — ela explicou. — Mas você não me deixou contar.

— Meu filho... E pensar que minutos atrás achei que era apenas um soldado derrotado, sem família... e agora tenho tudo que sempre desejei!

— Somos uma família Cherokee muito rica.

— April sorriu.

E os três caminharam para a casa, onde o pequeno Jim aguardava, inquieto, no bercinho. Assim que Wohali o ergueu nos braços, feliz e orgulhoso, Kawoni tocou-lhe o braço, sussurrando:

— Eu amo você.

Ele passou o braço por seus ombros e murmurou, enquanto entravam em casa:
— Também eu, minha garota Cherokee. E temos toda uma vida a nossa frente.